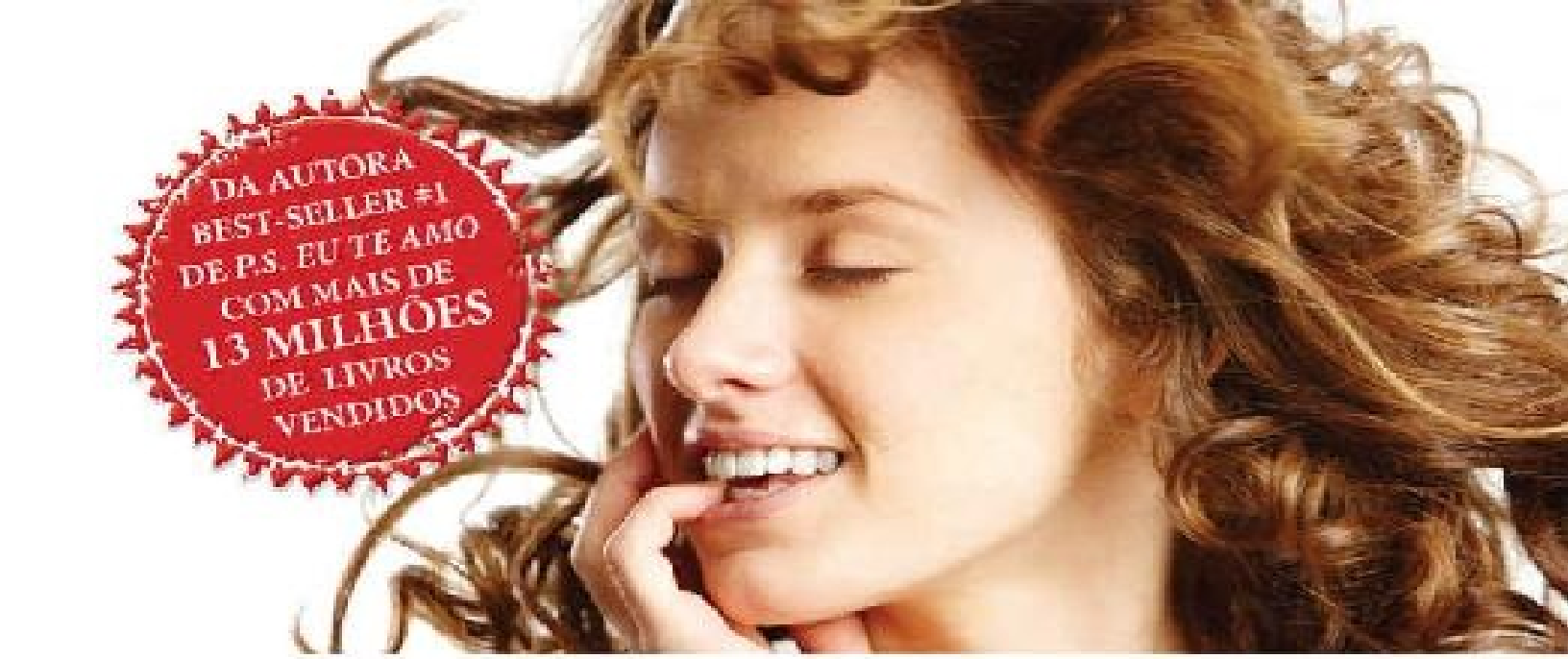

CECELIA AHERN

A vez da minha Vida

E se você tivesse a chance de mudar a sua vida?



Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Epílogo

Agradecimentos

Notas

Cecelia Ahern

A vez da minha Vida

E se você tivesse a chance de mudar a sua vida?

Tradução:
Ronaldo Luis da Silva



Copyright © 2011 Cecelia Ahern
Copyright © 2012 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão Digital — 2012

Produção Editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ahern, Cecelia

A vez da minha vida : E se você tivesse a chance de mudar a sua vida? / Cecelia Ahern ; [traduzido por Ronaldo Luis da Silva]. -- Ribeirão Preto, SP :

Novo Conceito Editora, 2012.
Título original: The time of my life.
ISBN 978-85-8163-012-0
eISBN 978-85-8163-164-6
1. Ficção irlandesa I. Título.

12-06063 CDD-ir823.9

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura irlandesa ir823.9



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br

Para minha menina preciosa, Robin.



Você costumava ser muito mais... grandiosa.
Você perdeu sua grandiosidade.

O Chapeleiro Louco para Alice, no filme
Alice no país das maravilhas (2010)

Capítulo 1



Prezada Lucy Silchester,

Você tem um compromisso na segunda-feira, 30 de maio.

Não li o resto. Não precisava, sabia de quem era. Desde que cheguei em casa e vi aquilo no chão, entre a porta da frente e a cozinha, na parte queimada do carpete onde a árvore de Natal tinha caído (há dois anos, e as luzes chamuscaram os fios do carpete). O carpete era o que podemos chamar de algo velho e barato, escolhido pelo meu mesquinho senhorio, de um fio sintético cinza desbotado que parecia ter sido pisado por mais pés que os supostos testículos "da sorte" do touro do mosaico da Galeria Vittorio Emmanuele II, em Milão. Você poderia encontrar um tipo similar de carpete no meu escritório (um local mais apropriado, já que não seria pisado por alguém descalço), feito apenas para o tráfego constante de pés calçados por sapatos de couro brilhante se movendo do cubículo para a copiadora, da copiadora para a máquina de café, da máquina de café até a escada da saída de emergência para um cigarro sorrateiro, ironicamente o único local em que o alarme de incêndio falhava. Eu fazia parte da expedição para encontrar um lugar para fumar e, cada vez que o inimigo nos localizava, nós a recomeçávamos e íamos em busca de um novo abrigo seguro. O local atual era fácil de se achar: centenas de bitucas amontoadas no chão marcando o território; suas almas sugadas por seus usuários com ansiedade, suas vidas flutuando pelos pulmões, enquanto seus corpos eram jogados, pisoteados e abandonados no chão. Era o lugar mais adorado do prédio: mais do que a máquina de café, mais do que as portas de saída às 6 da tarde e, para a maioria, mais do que a cadeira por trás da mesa de Edna Larson (a chefe), que absorvia boas intenções como uma máquina de guloseimas quebrada, que engole suas moedas, mas falha em cuspir a barra de chocolate.

A carta estava lá, naquele chão desbotado e chamuscado. Um envelope de tecido creme com uma estupenda fonte George Street estampando meu nome com uma tinta preta *perfeitae*; ao lado dele, um selo de ouro em relevo com três espirais unidas.



A tripla espiral da vida. Eu sabia o que era porque já tinha recebido duas cartas semelhantes e fui procurar o símbolo no Google. Não consegui agendar nenhum dos pedidos de encontro. Também não consegui ligar para o número fornecido para reorganizar ou cancelar. Ignorei o convite, o varri para debaixo do carpete ou o teria varrido se as luzes da árvore de Natal não tivessem colocado fogo no monte de pelo que costumava estar lá; esqueci tudo aquilo. Mas na verdade eu não tinha me esquecido de nada. Você nunca se esquece das coisas que fez e que sabe que não deveria ter feito. Elas ficam vagueando por sua mente, como um ladrão avaliando o local para um trabalho futuro. Você as vê ali, nas proximidades, espreitando de preto e branco listrado, saltando para trás das caixas de correio logo que sua cabeça vira para encará-las. Ou então é um rosto familiar, em meio a uma multidão que você vislumbra, mas então perde de vista. Um irritante *Onde está Wally?* sempre escondido em cada pensamento, em sua consciência. O que você fez de ruim sempre está lá, para que você não se esqueça.

Um mês após ignorar a segunda delas, chegou esta carta com outro compromisso remarcado e nenhuma menção às minhas faltas de resposta. Era como minha mãe, sua recusa educada em reconhecer meus defeitos fazia eu me sentir ainda pior.

Segurei aquele papel chique entre a ponta do polegar e do indicador, e me inclinei para lê-lo. O gato havia urinado nele de novo. Realmente irônico. Não o culpei. Minha posse ilegal de um animal de estimação em um apartamento no

centro da cidade e um trabalho em tempo integral significavam que o gato não tinha oportunidade de ir para fora para se aliviar. Em uma tentativa de me livrar da culpa, eu havia disposto fotografias emolduradas do mundo exterior pelo apartamento: a grama, o mar, uma caixa postal, pedrinhas, o tráfego, um parque, uma coleção de outros gatos e Gene Kelly. A última, obviamente, para servir às minhas necessidades, mas eu esperava que as outras pudessem dissipar qualquer desejo que ele tivesse de ir lá fora. Ou de respirar ar fresco, fazer amigos, se apaixonar. Ou de cantar e dançar.

Como estava fora cinco dias por semana desde as 8 horas da manhã, muitas vezes até as 8 horas da noite e, às vezes, sem voltar para casa, eu o havia treinado a “eliminar”, como o treinador de gatos dissera, no papel, para que ele pudesse se acostumar a usar sua caixinha de areia. E aquela carta, o único pedaço de papel deixado no chão, certamente o confundiu. Eu o vi passar, consciente do que tinha feito, pelo canto da sala. Ele sabia que tinha feito coisa errada. A culpa estava rondando em sua mente, o que ele fizera e sabia que não deveria ter feito.

Odeio gatos, mas gostei daquele. Eu o chamei de Senhor Pan, como Peter, o garoto voador. Senhor Pan não é um garoto que nunca envelhece nem, por incrível que pareça, possui a habilidade de voar, mas há uma estranha semelhança e me pareceu um nome apropriado naquele momento. Certa noite, ao descer por uma travessa, o encontrei ronronando como se em profunda angústia. Ou talvez fosse eu. O que eu fazia lá permanecerá em segredo, mas estava chovendo muito, eu estava usando um casaco bege e, depois do luto pela perda de um namorado perfeito, sob o efeito de muitas tequilas, fazia o meu melhor para encarnar Audrey Hepburn ao perseguir o animal e chamá-lo “Gato!”, em um tom claro e único, ainda que aflito. Era um gatinho de poucos dias de vida, que havia nascido hermafrodita. Sua mãe, ou seu dono, ou os dois, o rejeitaram. Embora o veterinário tivesse me informado que o gatinho tinha uma anatomia mais masculina que feminina, nomeá-lo me fez sentir como se assumisse a responsabilidade de escolher o sexo dele. Pensei em meu coração partido e na perda de uma promoção, pois minha chefe tinha o pressentimento de

que eu estava grávida (foi logo depois das festas de fim de ano e eu consumira um pequeno javali em um banquete estilo Tudor) e, além disso, eu passara por um mês particularmente horrível de dores de estômago; um mendigo havia me tocado tarde da noite no trem; e, quando tinha feito cumprir minha opinião no trabalho, fui chamada de vaca por meus colegas do sexo masculino. Portanto, decidi que a vida seria mais fácil para o gato se ele fosse um macho. Mas acho que tomei a decisão errada. Ocasionalmente, eu o chamo de Samantha ou Mary, ou de algum nome feminino, e ele me olha como se me agradecesse, antes de se sentar em um dos meus sapatos e olhar melancolicamente para o salto e para o mundo de que fora privado. Mas só estou divagando. Voltando à carta...

Eu teria que responder ao compromisso dessa vez. Não havia outra saída. Não podia ignorá-lo; não queria irritar ainda mais o remetente.

Então, quem era o remetente?

Segurei o papel pelo canto e novamente me inclinei para lê-lo.

Prezada Lucy Silchester,

Você tem um compromisso na segunda-feira, 30 de maio.

Com os melhores cumprimentos,

Vida

A Vida. Ora, era óbvio.

Minha vida precisava de mim. Ela estava passando por um momento difícil e eu não estava prestando atenção suficiente nela. Tinha tirado os olhos da bola, me ocupei com outras coisas: vida de amigos, questões de trabalho, meu carro se deteriorando e sempre quebrando, esse tipo de coisa. Havia completa e totalmente ignorado minha vida. E agora ela tinha escrito para mim, me convocando, e havia apenas uma coisa a fazer. Tinha que me encontrar com ela, cara a cara.

Capítulo 2



Já tinha ouvido falar sobre esse tipo de coisa, por isso não fiz um grande drama. De qualquer maneira, geralmente eu não fico muito animada com as coisas, não sou assim. Não sou facilmente surpreendida também. Acho que é porque acredito que tudo pode acontecer. Isso me faz soar como uma religiosa, o que não sou. Deixa eu me expressar melhor: aceito as coisas que acontecem. Todas as coisas. Assim, minha vida escrevendo para mim, embora fosse incomum, não era surpreendente. Era mais uma inconveniência. Eu sabia que isso demandaria muito da minha atenção em um futuro próximo e, se fosse algo simples para mim, provavelmente não teria recebido as cartas.

Bati com uma faca no gelo do congelador e recuperei uma torta de queijo cottage com minha mão já azul. Enquanto esperava que o micro-ondas soasse, comi uma torrada. Em seguida, tomei um iogurte. Ela ainda não estava pronta, então lambi a tampa. Decidi que a chegada da carta me dera permissão para abrir uma garrafa de Pinot Grigio. Esfaqueei o restante do gelo do congelador, enquanto o Senhor Pan corria para se esconder em uma bota de borracha cor-de-rosa, decorada com corações e ainda coberta da lama seca de um festival de música de verão que ocorrera há três anos. Tirei uma garrafa de vinho que havia me esquecido de retirar do congelador e que, agora, era um bloco sólido congelado de álcool, e a substituí por uma nova garrafa. Não queria me esquecer dessa. Não devia. Era a última garrafa deixada na adega de vinho do armário, sob a prateleira com o pote de biscoitos. O que me lembrou biscoitos. Também comi um biscoito de chocolate com recheio duplo enquanto esperava. Em seguida, o micro-ondas apitou. Despejei a torta em um prato: uma grande pilha bagunçada e nada apetitosa de mingau, ainda fria no meio, mas não tive paciência de colocá-la de volta e esperar trinta segundos a mais. Comi em pé

diante do balcão e dei uma cutucada nas partes quentes ao redor das bordas.

Eu costumava cozinhar. Costumava cozinhar quase todas as noites. Nas noites em que não o fazia, meu então namorado cozinhava. Nós gostávamos disso. Morávamos em um apartamento grande em uma fábrica de pão convertida, com janelas do teto ao chão, com grades de aço e a alvenaria original exposta na maioria das paredes. Nós tínhamos uma "cozinha-e-sala-de-jantar" em plano aberto e, quase todo fim de semana, recebíamos nossos amigos. Blake amava cozinhar, amava entreter, adorava a ideia de todos os nossos amigos, e até mesmo a família, se juntarem a nós. Ele adorava o som de dez a quinze pessoas rindo, conversando, comendo, debatendo. Amava os cheiros, o vapor, os "oohs" e "aahs" de prazer. Ficava na cozinha e contava histórias com perfeita entonação enquanto cortava uma cebola, derramando o vinho tinto em um *buf bourguignon* ou flambando um *baked alaska*. Nunca media os ingredientes e sempre conseguia o equilíbrio perfeito. Ele conseguia o equilíbrio perfeito de tudo. Era um escritor de gastronomia e de viagens, e adorava ir a todos os lugares e degustar cada coisa. Era um aventureiro. Nos fins de semana, nós nunca ficávamos parados, subíamos essa e aquela montanha. Durante o verão, viajávamos para países dos quais eu nunca tinha ouvido falar. Pulamos de paraquedas duas vezes e já havíamos pulado de *bungee-jump* três vezes. Ele era perfeito.

E ele morreu.

Não, estou só brincando, ele está perfeitamente bem. Vivo e bem. Piada cruel, eu sei, mas eu ri. Não, ele não está morto. Ele ainda está vivo. Ainda é perfeito.

Mas eu o deixei.

Ele tem um programa de televisão agora. Assinou o contrato quando ainda estávamos juntos. Passa em um canal de viagens a que nós dois costumávamos assistir o tempo todo e no qual, agora, eu sintonizo sempre e o vejo caminhando na Grande Muralha da China ou sentado em um barco na Tailândia comendo *pad thai*. E sempre, após seu resumo com linguajar perfeito, em sua roupa perfeita, mesmo após uma semana escalando montanhas, defecando no mato e sem tomar

banho, ele olha para a câmera com seu rosto perfeito e diz: “Queria que você estivesse aqui”. Esse é o nome do programa. Ele me disse, nas semanas e meses que se seguiram à nossa separação traumática, enquanto chorava ao telefone, que o nomeou para mim; que a cada vez que ele dissesse aquilo, estaria falando comigo, somente comigo, jamais com outra pessoa. Ele me queria de volta. Ligou todos os dias. Depois, a cada dois dias. Finalmente, uma vez por semana, e eu sabia que ele estivera lutando com o telefone por dias, tentando esperar por aquele momento para falar comigo. Finalmente, ele parou de ligar e passou a me mandar e-mails. Longos e-mails que detalhavam onde estava, como se sentia sem mim, tão deprimidos e solitários que não os li mais, nem os respondi. Então, seus e-mails ficaram mais curtos. Menos sentimentais, menos detalhados, mas sempre me pedindo para encontrá-lo, sempre me pedindo para que ficássemos juntos novamente. Fiquei tentada, não me interpretem mal, ele era um homem perfeito, e ter um homem belo e perfeito desejando você às vezes é suficiente para querer tê-lo de volta, mas só senti isso nos momentos de fraqueza da minha própria solidão. Eu não o queria. Não era porque conhecera outra pessoa, eu disse a ele várias vezes, mas acho que, talvez, tivesse sido mais fácil se eu fingisse ter outro namorado, pois, então, ele seguiria em frente. Eu não queria mais ninguém. Realmente não queria mais nenhum outro. Queria parar por um tempo. Queria parar de fazer as coisas e parar de me mover. Só queria ficar na minha.

Larguei meu emprego e consegui um novo, em uma empresa de aparelhos domésticos, com a metade do salário. Nós vendemos o apartamento. Aluguei esse apartamento-estúdio, com um quarto do tamanho de qualquer outra casa que já tive. Encontrei um gato. Alguns diriam que eu o roubei, no entanto, ele(a) me pertence agora. Visito minha família quando estou sob a mira de um revólver, saio com os mesmos amigos nas noites em que ele não estará junto (meu ex-namorado, não o gato), o que ocorre na maioria das vezes, agora que ele está viajando muito. Quase não sinto a falta dele, mas, quando sinto, ligo a TV e tomo uma dose suficiente dele para me sentir contente novamente. Não sinto falta do meu trabalho. Sinto um pouco a falta do dinheiro quando vejo algo que

eu quero nas lojas ou em uma revista, mas, então, saio da loja ou viro a página e consigo superar a vontade. Não perco o programa de viagens. Não perco os jantares.

E não sou infeliz.

Eu não sou.

OK, eu menti.

Ele me deixou.

Capítulo 3



Eu estava no meio da garrafa de vinho no momento em que consegui (não coragem, não precisava de coragem, não tinha medo) me importar com a carta. Tive que tomar meia garrafa de vinho para me importar e retornar uma chamada para minha vida; então, disquei o número indicado na carta. Dei uma mordida em uma barra de chocolate enquanto esperava que a telefonista completasse a ligação, que foi atendida ao primeiro toque. Isso não me deu tempo para mastigar, muito menos para engolir meu chocolate.

— Ah, me desculpe — disse com a boca cheia. — Estou com chocolate na boca.

— Tudo bem querida, tome seu tempo — uma mulher idosa, com uma voz otimista e um suave sotaque sulista de torta americana, disse alegremente. Mastiguei, engoli rapidamente e levei tudo para dentro com um gole de vinho. Terminei com uma ânsia de vômito. Limpei a garganta.

— Terminei.

— Qual era?

— Galaxy.

— Aerado ou normal?

— Aerado.

— Hummm, meu favorito. Como posso ajudá-la?

— Recebi uma carta sobre um compromisso na segunda-feira. Meu nome é Lucy Silchester.

— Sim, Srta. Silchester, tenho você no sistema. Que tal 9 horas da manhã?

— Ah, bem, na verdade não é por isso que estou ligando. Veja, não posso ir a um compromisso, estarei trabalhando nesse dia.

Esperei que ela dissesse: “Ah, que tolice a nossa pedir que você venha em um dia de trabalho! Vamos cancelar tudo!”, mas ela não o fez.

— Bem, acho que podemos trabalhar de acordo com você. A que horas você sai?

— Seis.

— E que tal às 7 horas da noite?

— Eu não posso porque é aniversário do meu amigo e nós vamos sair para jantar.

— E quanto a seu intervalo para o almoço? Um encontro no almoço lhe agradaria?

— Tenho que levar meu carro para a oficina.

— Então, resumindo: você não pode ir ao compromisso porque trabalha durante o dia, leva seu carro para a oficina no intervalo do almoço e tem um jantar com amigos à noite.

— Sim — disse e fiz uma careta. — Você está escrevendo isso? — Ouvi alguém digitando ao fundo. Aquilo me incomodou, pois *eles* tinham me convocado e não o contrário. *Eles* teriam que encontrar uma hora adequada *para mim*.

— Sabe, querida — ela disse com seu sotaque sulista arrastado e eu quase podia ver a torta de maçã deslizando de seus lábios e caindo em seu teclado, o qual pegaria fogo e minha convocação seria apagada para sempre de toda memória —, obviamente, você não está familiarizada com este sistema. — Respirou fundo e eu a cortei antes que as maçãs gotejassem novamente.

— As pessoas costumam estar?

Eu a tirei de sua linha de pensamento.

— Desculpe?

— Ao entrar em contato com as pessoas, quando “a vida as convoca para se encontrar com ela” — enfatizei —, as pessoas geralmente estão familiarizadas com o procedimento?

— Bem — pronunciou de maneira cantada, “be-eem” —, alguns estão e outros não, eu suponho, mas é por isso que estou aqui. E que tal tornar mais fácil para você: agendaremos para ele ir até você? Ele poderia fazer isso, se eu pedisse.

Eu pensei sobre aquilo e soltei:

— Ele?

Ela riu.

— É, isso pega as pessoas também.

— Sempre são *eles*?

— Não, nem sempre, às vezes são elas.

— Em que circunstâncias são homens?

— Ah, é uma questão de acerto ou erro, querida, não há lógica. Exatamente como você e eu nascendo como somos. Isso será um problema para você?

Fiquei pensando. Não consegui ver problemas naquilo.

— Não.

— Então, em que momento você gostaria que ele a visitasse? — perguntou e digitou um pouco mais.

— Que ele me visitasse? Não! — gritei ao telefone. Senhor Pan pulou para longe, abriu os olhos, olhou ao redor e os fechou novamente. — Me desculpe por gritar — disse e me recompus. — Ele não pode vir aqui.

— Mas pensei ter ouvido que não seria um problema para você.

— Eu quis dizer que não é um problema que ele seja homem. Pensei que você

estava perguntando se isso seria um problema.

Ela riu.

— Mas por que eu lhe perguntaria isso?

— Não sei. Às vezes os spas perguntam isso também, sabe, no caso de você não querer um massagista masculino...

Ela riu.

— Bem, posso garantir que ele não vai massagear qualquer parte de sua anatomia.

Ela fez a palavra “anatomia” soar suja. Estremeci.

— Bem, diga a ele que sinto muito, mas ele não pode vir aqui. — Olhei para meu estúdio sombrio, onde sempre me senti bastante confortável. Era um lugar para mim, meu barraco pessoal; não era para entreter convidados, amantes, vizinhos, membros da família ou até mesmo serviços de emergência, como quando o carpete pegou fogo. Ele era só para mim. E para o Senhor Pan.

Estava encolhida no braço do sofá e, alguns passos atrás, estava a extremidade da minha cama de casal. À minha direita ficava a bancada da cozinha; à minha esquerda, as janelas; ao lado da cama, o banheiro. Esta era a dimensão do estúdio. Não que o tamanho me incomodasse ou me envergonhasse. O pior era o estado dele. Meu chão tinha se tornado o guarda-roupa. Gostava de pensar em meus pertences espalhados como minha estrada de tijolos amarelos, esse tipo de coisa... O conteúdo do meu guarda-roupa anterior era maior que o próprio estúdio e, por isso, muitos de meus pares de sapatos tinham encontrado seu lar ao longo do parapeito da janela. Meus casacos e vestidos longos estavam pendurados em cabides nas extremidades direita e esquerda do varão da cortina e eu os mantinha abertos ou fechados conforme o Sol e a Lua solicitavam, como cortinas comuns. Você já sabe como era o carpete, o sofá monopolizava a pequena sala de estar e se estendia do parapeito da janela ao balcão da cozinha, o que significava que não dava para andar em torno dele e, sim, que era preciso passar por cima do encosto para se sentar nele. Minha vida não podia me visitar

nessa confusão. Eu estava ciente da ironia.

— Meu carpete precisa ser limpo — disse e então suspirei como se isso fosse um incômodo sobre o qual eu não suportava nem pensar. Não era mentira. Meu carpete precisava muito ser limpo.

— Bem, posso recomendar os Magic Carpet Cleaners — disse ela, como se, de repente, saltasse para o horário comercial. — Meu marido é um horror, engraxa suas botas na sala de estar, e os Magic Carpet Cleaners conseguem tirar toda aquela graxa preta, você nem acredita! Ele ronca também. Se eu não dormir antes dele, não prego o olho o resto da noite. Por isso, fico assistindo àqueles informes comerciais e, certa noite, vi um homem engraxando seus sapatos sobre um carpete branco, como meu marido faz, e isso me chamou a atenção. Era como se a empresa tivesse sido feita só para mim. Eles retiraram a mancha completamente! Então, tive que ir atrás deles. Magic Carpet Cleaners, anote esse nome!

Ela era tão intensa que eu me peguei desejando investir em graxa preta para sapatos só para testar as limpezas mágicas dessa empresa que anunciou em informes comerciais. E fui atrás de uma caneta, que, de acordo com o Ato Legislativo da Caneta Desde o Princípio dos Tempos, não estava em nenhum lugar à vista. Com o marcador na mão, olhei em volta procurando algo em que escrever. Não encontrei papel algum e escrevi sobre o carpete, o que me pareceu apropriado.

— Por que você não me diz quando pode vir vê-lo e assim ajuda a nós duas?

Minha mãe tinha marcado uma reunião especial de família no sábado.

— Veja, eu sei que isso é muito importante; ser convocada por minha vida e tudo mais... Apesar de ter uma reunião de família importante no sábado, adoraria me reunir com ele nesse dia.

— Oh — ouuuu —, querida, farei uma nota especial dizendo que está disposta a perder um dia especial com seus entes queridos para se encontrar com ele, mas acho que deve ir se encontrar com sua família. Só Deus sabe por quanto tempo

você os terá e nós podemos vê-la no dia seguinte. Domingo. O que acha?

Gemi. Mas não em voz alta, foi por dentro, um longo e agonizante som vindo de um doloroso lugar agonizante lá no fundo. E, assim, a data foi definida. Domingo nos encontraríamos, nossos caminhos se colidiriam e tudo o que eu havia considerado seguro e ancorado poderia, de repente, escorregar, deslizar e mudar mais do que poderia imaginar. Era o que eu havia lido em uma entrevista com uma mulher que se encontrara com sua vida. Eles forneceram fotos dela de antes e de depois, para o benefício do leitor ignorante que não podia formar as imagens em sua mente. Curiosamente, antes que ela conhecesse sua vida, seu cabelo não era secado com um secador, mas depois sim; ela não usava maquiagem ou spray de bronzeamento, depois, usou ambos; antes, usava leggings e uma camiseta do Mickey Mouse, e fora fotografada com iluminação grosseira; mas, depois, usava um vestido assimétrico, suavemente drapeado, em uma cozinha de estúdio perfeitamente iluminada, onde um vaso alto de limas e limões artisticamente colocados mostrava como a vida, aparentemente, a deixara mais atraída por sabores cítricos. Ela usava óculos antes da reunião com a vida e lentes de contato depois. Fiquei imaginando o que a mudara mais: a revista ou sua vida.

Em pouco menos de uma semana, eu me encontraria com minha vida. E minha vida era um homem. Mas por que eu? Achava que minha vida estava indo muito bem. Eu me sentia bem. Tudo na minha vida era, absolutamente, excelente. Então, me deitei no sofá para decidir o que vestir.

Capítulo 4



No sábado fatídico, que eu temera desde sempre, entrei pelos portões elétricos da casa dos meus pais no meu Fusca 1984 sob os sons de tiro do escapamento, que me acompanharam por todo o caminho até o condomínio, atraindo alguns olhares tortos das pessoas ricas e sensíveis. Eu não tinha crescido naquela casa e, por isso, não senti como um retorno ao lar. Nem sequer senti como se estivesse no lar dos meus pais. Era uma casa onde eles ficavam quando não estavam na casa de férias ou na casa doméstica. O fato de estar esperando do lado de fora, aguardando que a permissão fosse concedida, me isolava disso tudo ainda mais. Eu tinha amigos que dirigiam direto para a entrada da garagem, sabiam as senhas e os códigos de alarme ou usavam as próprias chaves para visitar os pais. Eu nem sequer sabia onde as canecas de café eram guardadas. Os grandes portões alcançavam o efeito desejado: eram projetados para impedir a entrada de vagabundos, desajustados e filhas, embora o impedimento para mim viesse lá de dentro. Um assaltante escalaria os portões para entrar na casa, eu os escalaria para sair. Como se percebesse meu humor, meu carro (que eu nomeei Sebastian em homenagem ao meu avô, que nunca ficava sem um charuto na mão e que, como resultado, desenvolvera uma tosse seca que, finalmente, o levara para o túmulo) pareceu perder toda a força tão logo percebeu para onde estávamos indo. O caminho para a casa dos meus pais, em Glendalough, era um sistema complicado de estradas estreitas, com muito vento, que mergulhavam e subiam, se retorciam e viravam em torno de uma mansão gigante após a outra. Sebastian parou e lançou uma série de sons incoerentes. Baixei minha janela e apertei o interfone.

— Olá, você chegou ao lar dos Silchester para indivíduos sexualmente desajustados. Como podemos satisfazer suas necessidades? — veio uma voz

masculina sussurrada pela linha.

— Nossa, para com isso!

Uma explosão de riso atravessou o alto-falante, fazendo com que duas louras *botocadas*, praticantes de marcha atlética, parassem com seu bate-papo de segredinhos e chicoteassem o ar com seus rabos de cavalo altos para observar. Sorri para elas, mas, assim que me viram dentro de uma sucata de metal marrom insignificante, desviaram o olhar e se puseram em movimento novamante, levando seus traseiros empinados, apertados, levemente cobertos de lycra e sem marcas de calcinha para longe de mim.

Os portões fizeram um som ensurdecedor, se descolando um do outro, e se abriram completamente.

— OK, Sebastian, vamos.

O carro saltou para frente, sabendo qual era seu destino naquele dia: uma espera de duas horas ao lado de um monte de automóveis pretensiosos com quem não tinha nada em comum. Como nossas vidas eram similares! A longa entrada de cascalho deu lugar a um estacionamento, com uma fonte com um leão de boca aberta expelindo água turva. Estacionei longe do Jaguar XJ verde-garrafa do meu pai e de seu Morgan 1960, que ele chamava de seu "carro fim de semana", e que dirigia vestindo seu traje de fim de semana, com luvas de couro vintage e óculos, como se fosse Dick Van Dyke em *O calhambeque mágico*. Ele também usava roupas além desses acessórios, caso a imagem tenha ficado mais perturbadora do que o pretendido. Ao lado dos carros de meu pai, estava a SUV preta de minha mãe. Ela pediu, especificamente, um carro que exigisse um esforço mínimo de direção por parte dela, e a SUV tinha sensores de estacionamento cobrindo tantos ângulos que, se um carro passasse a três faixas de distância em uma autoestrada, eles soariam para sinalizar sua proximidade. Do outro lado da área de cascalho, estava o Aston Martin de meu irmão mais velho, Riley, e o Range Rover familiar de meu irmão Philip (o filho do meio), que tinha todos os tipos de acessórios, incluindo televisão na parte de trás dos encostos de cabeça, para as crianças assistirem em seus dez minutos de carro do

balé até a aula de basquete.

— Recupere as forças do motor, sairemos em duas horas, no máximo — eu disse e dei um tapinha na “cabeça” do Sebastian.

Olhei para a casa. Não sei de que época ela era, mas não era “Georgewardiana” como eu havia brincado na festa de Natal dos Schubert, para a diversão de meus irmãos, desgosto de meu pai e orgulho de minha mãe. A casa era impressionante. Fora, originalmente, construída como uma mansão por lorde Alguém, que depois jogou fora sua fortuna, e foi vendida para outra pessoa que escreveu um livro famoso. E, por isso, por lei, foi obrigatório colocar uma placa de bronze com o nome do escritor fora dos portões, para os nerds literários, mas, principalmente, para que as praticantes de marcha atlética, de passagem com traseiros empinados, pudessem olhar e franzir as sobrancelhas, pois não tinham uma placa de bronze do lado de fora de suas casas. O famoso escritor teve um relacionamento ilícito com um poeta deprimido, que construiu uma ala leste, para escapar quando quisesse. A casa tinha uma impressionante biblioteca, contendo comunicações de lorde Alguém para lady Qualquer, e comunicações mais doces de lorde Alguém para lady Segredo, enquanto ele estava casado com lady Qualquer, e os escritos originais do famoso escritor, que foram emoldurados e pendurados nas paredes. As obras do poeta deprimido ficavam desprotegidas na prateleira, ao lado de um atlas do mundo e da biografia de Coco Chanel. Ele não vendeu muitos livros, nem mesmo depois que morreu. Depois de um caso tumultuado e bem documentado, o famoso escritor bebeu todo seu dinheiro e a casa foi vendida para uma próspera família alemã, que fabricava cerveja na Baviera e que a utilizava como casa de férias. Enquanto estiveram ali, os alemães adicionaram uma ala oeste muito impressionante e uma quadra de tênis, que, pela evidência de suas fotografias desbotadas em preto e branco, seu filho, marinheiro padrão com excesso de peso e, aparentemente, infeliz, Bernhard, não gostava de aproveitar. Também foi encontrada uma garrafa original da cerveja da família em um armário de imbuia, que estava, agora, no bar Silchester. As memórias e os vestígios dessas outras vidas eram palpáveis na casa e eu sempre quis saber o que, exatamente, mamãe e pai deixariam para trás, além dos

interiores Ralph Lauren mais recentes.

Dois animais, que eu ainda não havia conseguido identificar, me receberam, com caras amarradas, na base dos degraus de pedra que levavam até a porta da frente. Pareciam leões, mas tinham chifres e duas pernas trançadas no que só poderia ser descrito como uma postura debilitante, o que me fez pensar que as centenas de anos olhando para a fonte haviam lhes deixado desesperados por um banheiro. A menos que Ralph Lauren estivesse passando por uma fase sombria, minha aposta era a de que o escritor bêbado ou o poeta deprimido os haviam escolhido.

A porta se abriu e meu irmão Riley sorriu forçadamente para mim, como um gato de Cheshire.

— Você está atrasada.

— E você é nojento — me referi à conversa pelo interfone.

Ele riu.

Eu me arrastei escada acima e cruzei o limiar do corredor com piso de mármore preto e branco, pé-direito duplo, de onde pendia um candelabro do tamanho do meu apartamento.

— O que, nenhum presente? — disse ele, me dando um abraço mais demorado do que eu desejava somente para me irritar.

Ele estava brincando, mas eu sabia que ele queria dizer exatamente aquilo. Minha família fazia parte de uma religião muito séria, chamada Igreja da Etiqueta Social. Os chefes de sua igreja eram as Pessoas. Como tal, cada ação executada e cada palavra dita eram feitas com base no que as “Pessoas” iriam pensar. Parte dessa etiqueta requeria que você trouxesse um presente ao visitar a casa de uma Pessoa, mesmo que esta Pessoa fosse da família e você tivesse sido chamada por ela. Mas não éramos apenas chamados pela família. Organizávamos visitas, agendávamos compromissos, passávamos semanas, e até meses, tentando motivar as tropas.

— O que você trouxe? — perguntei a ele.

— Uma garrafa do vinho tinto favorito do pai.

— Puxa-saco!

— Só porque eu quero beber.

— Ele não vai abrir. Ele prefere esperar até que todos que ele ama estejam mortos e enterrados há tempos para se sentar em uma sala trancada e abrir o vinho para saboreá-lo. Aposto 10 com você, na verdade, 20 — precisava de dinheiro para a gasolina —, que ele não vai abrir.

— Seu conhecimento sobre ele é quase tocante, mas tenho fé nele. Apostado. — Me estendeu a mão.

— O que você trouxe para a mamãe? — disse, e olhei ao redor do hall de entrada para ver o que eu poderia roubar e dar de presente a ela.

— Uma vela e óleo de banho. Mas antes que você diga alguma coisa sobre isso, eu achei no meu apartamento.

— Porque fui eu quem comprou ambos para não-sei-o-nome-dela, aquela garota em quem você deu o fora e que ria como um golfinho.

— Você deu um presente para Vanessa?

Nós estávamos andando nos espaços infinitos da casa, sala após sala de estar e lareiras; sofás nos quais nunca fomos autorizados a sentar, mesas de café em que não podíamos colocar nossas bebidas.

— Como prêmio de consolação por sair com você.

— Acho que ela não gostou muito.

— Vaca.

— Sim, vaca com risada de golfinho — ele concordou e sorrimos.

Chegamos à sala na parte de trás da casa. Uma vez, sala de desenhos de lady Alguém; depois, sala de rima do poeta deprimido; agora, sala de entretenimento

do senhor e da senhora Silchester: um bar embutido de imbuia com torneira de cerveja e um espelho fumê na parede atrás do bar. Na caixa de vidro, sobre o balcão, ficava a cerveja original alemã de 1800, com uma foto em preto e branco da família Altenhofen posando nos degraus da frente da casa. A sala tinha tapetes felpudos, em tons salmão, em que seus pés afundavam, cadeiras de encosto alto, estofado em couro, no bar de coquetéis, e cadeiras de couro menores espalhadas ao redor das mesas de imbuia. Sua principal característica era uma porta-sacada que dava para o vale e para as colinas distantes. O jardim tinha três hectares, com rosas, um jardim de inverno e uma piscina com água do rio. As portas duplas do bar estavam abertas e um caminho com pedras gigantescas levava a um espelho-d'água no centro do gramado. Para o lado da fonte, e ao lado da corredeira do ribeirão balbuciante, havia sido disposta uma mesa com toalha branca, cristais e talheres de prata. Na minha família, não havia informalidade. Eles gostavam das aparências, da etiqueta. Eu teria vergonha de acabar com tudo isso.

Minha mãe estava flutuando ao redor da mesa em um tweed branco Chanel até o joelho e sapatilhas monocromáticas, espantando para longe as vespas que ameaçavam invadir sua festa no jardim. Não havia um fio de cabelo fora do lugar em sua cabeça loura; ela mantinha o mesmo sorriso pequeno nos lábios rosados, independentemente do que estava acontecendo no mundo, em sua vida ou na sala. O proprietário do Range Rover (bombado cirurgião plástico, cirurgião particular de reconstrução de mamas e filho do meio), Philip, já estava sentado à mesa conversando com minha avó, que também estava sentada, harmoniosa como de costume, com um vestido floral para festas de jardim, cabelos presos firmemente em um coque, lábios e bochechas com o blush apropriado, pérolas no pescoço, mãos entrelaçadas no colo e os tornozelos se tocando, sem dúvida, como aprendido ao término da escola. Ela se sentava calmamente, sem olhar para Philip e, provavelmente, sem ouvi-lo também, enquanto observava o trabalho de minha mãe com seu olhar sempre desaprovador. Olhei para meu vestido e o alisei.

— Você está ótima — disse Riley, e ele não estava apenas tentando me encher

de confiança. — Creio que ela tem algo a nos dizer.

— Que ela não é nossa mãe verdadeira?

— Ah, você não quis dizer isso. — Ouvi uma voz atrás de mim.

— Edith — disse, antes que me virasse. Edith havia sido a governanta de mamãe e pai por trinta anos. Ela estivera ali por todo o tempo que eu poderia lembrar e nos educara melhor do que qualquer uma das catorze babás que foram contratadas para cuidar de nós ao longo de nossa vida. Tinha um vaso em uma mão e um buquê de flores gigante na outra. Apoiou o vaso e estendeu os braços para me abraçar.

— Ah, Edith, são flores lindas!

— Sim, elas são, não são? Eu só as comprei hoje, fui a esse novo mercado descendo pela... — Ela parou, me olhando desconfiada. — Ah, não. Não, você não. — E colocou as flores longe de mim. — Não, Lucy. Você não pode pegá-las. Da última vez, você pegou o bolo que eu tinha feito para a sobremesa.

— Eu sei, isso foi um erro que nunca mais vou cometer — disse sombriamente e, então, acrescentei: — Mas ela continua me pedindo para fazê-lo novamente. Ah, vamos lá, Edith, apenas quero ver como são bonitas, muito bonitas. — Pisquei demoradamente. Edith se resignou a seu destino e eu retirei as flores de seus braços.

— Mamãe vai amá-las. Obrigada! — Sorrio descaradamente. Ela lutou para dar um sorriso; mesmo quando éramos crianças, ela achava difícil sorrir para nós.

— Você merece o que virá para você, isso é tudo que posso dizer.

Em seguida, se voltou na direção da cozinha enquanto o terror crescia dentro de mim a ponto de explodir. Riley abria o caminho e eu me esforçava para caminhar a passos amplos, com o buquê, o que significava duas de minhas passadas comparáveis a uma de Riley. Ele estava na minha frente e mamãe quase se acendia como um fogo de artifício com a visão de seu filho precioso

caminhando em sua direção.

— Lucy, querida, elas são lindas, você não devia ter se incomodado — disse mamãe, tirando as flores de mim e superexagerando seus agradecimentos, como se tivesse acabado de lhe ser entregue o título de Miss Universo.

Beijei minha avó na bochecha. Ela agradeceu ligeiramente, com um pequeno aceno de cabeça, mas não se moveu.

— Oi, Lucy. — Philip se levantou para me beijar na bochecha.

— Nós temos de parar de nos reunirmos desse modo — disse a ele calmamente, e ele riu.

Queria perguntar a Philip sobre as crianças, sabia que deveria, mas Philip era uma daquelas pessoas que realmente levava suas respostas muito longe e mergulharia em uma diarreia verbal sobre cada coisa que seus filhos tinham dito e feito, desde que eu os vira pela última vez. Eu amava seus filhos, realmente os amava, mas não ligava muito para o que comeram no café da manhã daquele dia, embora tivesse certeza de que tinha algo a ver com mangas orgânicas e tâmaras desidratadas.

— Eu deveria colocá-las na água — mamãe disse, ainda admirando as flores, para meu alívio, embora o momento houvesse passado.

— Vou fazer isso por você. — Agarrei a chance. — Vi um vaso perfeito para elas lá dentro.

Riley balançou a cabeça incredulamente atrás dela.

— Obrigada — mamãe disse, como se tivesse acabado de me oferecer para pagar suas contas por toda sua vida. Olhou para mim com adoração. — Você está diferente, fez alguma coisa com seu cabelo?

Minha mão foi imediatamente para minha juba castanha.

— Ah! Dormi com o cabelo molhado na noite passada.

Riley riu.

— Ah... Bem, ele está adorável — disse ela.

— Isso vai lhe trazer um resfriado — minha avó disse.

— Não trouxe.

— Pode trazer.

— Mas não trouxe.

Silêncio.

Saí de lá e cambaleei sobre a grama com meus saltos altos para chegar aos degraus de pedra. Desisti e chutei meus sapatos; a pedra debaixo dos meus pés estava quente por causa do Sol. Edith tinha retirado o vaso do bar, mas fiquei feliz com isso; essa tarefa ia me fazer perder mais tempo. Calculei mentalmente que, desde minha chegada tardia até o trabalho flor/vaso, havia se passado vinte minutos das temidas duas horas de permanência.

— Edith — chamei sem entusiasmo para prorrogar o tempo, passando de sala em sala, me movendo para mais longe da cozinha, onde eu sabia que ela estaria. Havia cinco grandes salas de frente para o jardim dos fundos. Uma do período dos escritores bêbados, duas da parte principal original da casa e, depois, mais duas da família da cerveja alemã. Uma vez que andara por todas as salas, que eram ligadas por enormes portas duplas, saí no corredor e tomei meu caminho de volta. Do outro lado do corredor, pude ver que as portas duplas maciças de imbuia, do escritório de meu pai, estavam abertas. Ele ocupava o lugar onde o famoso escritor escrevera seu famoso romance. Era onde meu pai se aventurava por um sem-fim de papelada. Às vezes, eu me perguntava se havia algo impresso no papel ou se ele só gostava daquela sensação, se não era alguma disposição nervosa que indicava que ele deveria olhar, tocar e virar o papel.

Pai e eu nos relacionamos muito bem. Às vezes, nossos pensamentos são tão semelhantes que é quase como se fôssemos a mesma pessoa. Quando as pessoas nos veem, se encantam com o nosso vínculo, com o respeito que ele tem por mim, com a admiração que tenho por ele. Muitas vezes, ele passava alguns dias fora do trabalho só para me pegar no meu apartamento e me levar para uma

aventura. Era a mesma coisa quando eu era criança, a única filha da família; ele realmente me estragou. “Menininha do papai”, todo mundo me chamava assim. Ele me telefonava durante o dia só para saber como eu estava, mandava flores e cartões no Dia dos Namorados e, assim, eu não me sentia solitária. Realmente, é um cara especial. Nós certamente tínhamos uma ligação especial. Às vezes, ele me levava a um campo de cevada em um dia com muito vento, eu colocava um vestido esvoaçante, nós corríamos em câmera lenta, ele se tornava o monstro das cócegas e tentava me pegar, me perseguindo e me cercando até eu cair sobre a cevada, que estava em toda a minha volta, ondulando para frente e para trás. Como nós ríamos!

OK, eu menti.

O que provavelmente ficou óbvio desde a imagem em câmera lenta no campo de cevada. Forcei a barra. Na verdade, ele mal me suportava ou eu a ele. Mas nos suportávamos apenas o suficiente, em algum lugar, no limite da tolerância, para o bem da paz mundial. Ele deve ter percebido que eu estava do lado de fora de seu escritório, mas não levantou os olhos, apenas virou outra página misteriosa. Manteve essas páginas longe de nosso alcance por toda nossa vida, tanto que eu havia me tornado obcecada em descobrir o que havia nelas. Quando eu tinha 10 anos, finalmente consegui entrar em seu escritório numa noite em que ele se esqueceu de trancar a porta, e, quando vi os papéis, com meu coração batendo loucamente no peito, não consegui entender uma palavra escrita. Conversa de lei. Ele é um juiz da Alta Corte e, quanto mais velha eu fico, mais compreendo por que ele é considerado um dos principais especialistas em direito penal irlandês. Ele presidiu inúmeros julgamentos de assassinatos e de estupro desde sua nomeação para a Suprema Corte, vinte anos atrás. Suas opiniões da velha escola, sobre muitas coisas, foram nada menos do que controversas; por causa delas, e se ele não fosse meu pai, eu teria tido motivo para sair às ruas em protesto, ou talvez porque ele fosse meu pai. Seus pais eram acadêmicos, seu pai fora professor universitário, sua mãe (a velha trajando vestido floral no quintal) fora cientista. Além de criar tensão em cada ambiente em que entrava, não sei exatamente o que ela fazia. Algo a ver com vermes de solo em certos climas. Pai

é um campeão de debates das universidades europeias, graduado pelo Trinity College de Dublin e pela Honourable Society of King's Inns, cujo lema é *Nolumus Mutari*, o que significa: "Nós não devemos ser mudados", e esta máxima diz muito sobre ele. Tudo o que sei sobre meu pai é o que as placas nas paredes de seu escritório declaram para o mundo. Eu costumava pensar que tudo o mais sobre ele era um incrível grande mistério que, um dia, eu descobriria, que destrancaria um segredo e, de repente, ele faria sentido e que, no fim de seus dias, ele, um velho, e eu, uma mulher de carreira, responsável e bonita, com um marido deslumbrante, pernas mais longas do que eu jamais tivera e com o mundo aos meus pés, tentaríamos compensar o tempo perdido. Agora eu percebo que não há mistério: ele é da maneira como ele é, e não gostamos um do outro porque não há uma parte de qualquer um de nós que possa sequer começar a entender o outro.

Observei-o da porta de seu escritório: de cabeça baixa, óculos caídos em seu nariz, lendo papéis. Paredes de livros enchiam a sala e o cheiro de pó, couro e fumaça de charuto era pesado, muito embora ele tivesse parado de fumar há dez anos. Senti uma pequena onda de compaixão por ele, porque, de repente, ele me pareceu velho. Ou, pelo menos, mais velho. E os idosos eram como bebês; algo sobre seu comportamento fazia você amá-los, a despeito de suas personalidades ignorantes e egoístas. Fiquei ali por um tempo, parada no lugar e ponderando sobre esse sentimento súbito de compaixão, e não me pareceu natural simplesmente ir embora sem dizer nada. Então, limpei a garganta e dei uma batidinha desajeitada em sua porta aberta, uma manobra que fez com que o celofane que embalava as flores farfalhasse alto. Ele não olhou para cima. Dei um passo para dentro. Esperei pacientemente. Depois, impacientemente. Então, queria jogar as flores na cabeça dele. Queria pegar cada flor, pétala por pétala, e esfregá-las em seu rosto. O que começou como uma felicidade leve e natural por ver meu pai se transformou no sentimento habitual de frustração e raiva. Ele realmente tornava as coisas muito difíceis, sempre uma barreira, sempre era desconfortável.

— Oi — disse e soei como uma criança de 7 anos. Ele não levantou os olhos.

Ao contrário, terminou de ler a página, a virou e terminou de ler a página seguinte também. Pode ter sido apenas um minuto, mas pareceram cinco. Ele finalmente olhou para cima, tirou os óculos e olhou para os meus pés descalços.

— Trouxe estas flores para você e mamãe. Estava procurando por um vaso.

Silêncio.

— Não há um aqui. — Em minha cabeça, eu o ouvi dizer: “Sua tola do caralho”, embora ele nunca xingasse realmente, ele era uma daquelas pessoas que diziam “abominável”, o que me irritava além do limite.

— Eu sei disso, apenas pensei que poderia dizer oi enquanto passava por aqui.

— Você vai ficar para o almoço?

Tentei descobrir como entender aquilo. Ou ele queria que eu ficasse para o almoço ou não. Ele quis dizer alguma coisa, todas as suas frases eram codificadas e, geralmente, tinham conotações que sugeriam que eu era uma imbecil. Procurei o significado e, em seguida, qual poderia ser o possível desdobramento. Não descobri. Então, disse:

— Sim.

— Verei você no almoço.

O que significava: “Por que você me perturba em meu escritório com um ridículo oi e seus pés descalços, quando devo vê-la na hora do almoço, em alguns minutos, sua tola abominável?”. Colocou os óculos de volta e continuou a ler seus artigos. Mais uma vez queria esfregar as flores na cara dele, uma por uma, mas, por respeito ao buquê de Edith, me virei e saí de lá, meus pés fazendo um som estridente conforme grudavam no chão. Quando cheguei à cozinha, larguei as flores na pia, peguei uma comida e voltei para fora. Pai já estava lá, cumprimentando seus filhos. Apertos de mão firmes, vozes graves, algumas interpretações de “nós somos homens”; então, eles se fartaram com um par de coxas de faisão, retiniram em jarras de estanho, arriscaram uma besteira ou duas, limparam suas bocas babadas e arrotaram; eu os imaginava fazendo isso, mas

eles só se sentaram.

— Você não cumprimentou Lucy, querido. Ela estava procurando um vaso para as flores que nos deu. — Mamãe sorriu para mim outra vez como se eu, sozinha, fosse tudo o que havia de bom no mundo. Ela era boa em fazer isso.

— Eu a vi na casa.

— Ah, isso é adorável — disse mamãe, me estudando novamente. — Você encontrou um vaso?

Olhei para Edith, que estava colocando pão sobre a mesa.

— Sim, encontrei. Aquele na cozinha, ao lado do lixo. — Sorri para ela docemente, sabendo que entenderia que isso significava que eu as havia colocado no lixo, o que eu não tinha feito, mas gostava de brincar com ela.

— Onde está seu jantar? — Edith sorriu docemente e mamãe ficou confusa. — Vinho? — Edith olhou para cada um, exceto para mim.

— Não, não posso, estou dirigindo — respondi —, mas Riley quer um copo do tinto que ele trouxe para o pai.

— Riley está dirigindo — pai disse.

— Ele poderia beber uma taça.

— As pessoas que bebem e dirigem devem ser trancafiadas — disparou.

— Você não se importou por ele tomar uma taça na semana passada. — Tentei não ser confrontadora, mas não, isso não estava funcionando.

— Na semana passada, um jovem rapaz não foi lançado através do para-brisa de um carro porque um motorista abominável bebeu em excesso.

— Riley — ofeguei —, me diga que você não fez isso?

Foi de mau gosto, eu sei, mas acho que eu queria que fosse, por causa de meu pai. Então ele começou uma conversa com minha mãe como se eu nunca tivesse falado. Riley balançou a cabeça, incrédulo, fosse por meu humor impróprio ou porque fracassara em molhar os lábios com o vinho precioso de meu pai, não

tinha certeza, mas, de qualquer forma, ele perdera a aposta. Riley fuçou em seu bolso e me entregou uma nota de 20 euros. Pai olhou para a transação com desaprovação.

— Eu devia dinheiro para ela — explicou Riley.

Ninguém na mesa acreditava que eu poderia ter emprestado dinheiro a alguém, porque tudo dera errado comigo. Novamente.

— Pois bem — mamãe começou, assim que Edith terminou de organizar tudo e estávamos todos sentados. Ela olhou para mim. — Aoife McMorrow se casou com Will Wilson semana passada.

— Ah, estou tão feliz por ela! — disse com entusiasmo, enchendo minha boca com uma fatia de pão. — Quem é Aoife McMorrow?

Riley riu.

— Ela estava em sua classe de sapateado. — Mamãe olhou para mim, absolutamente surpresa por eu ter esquecido uma conhecida da época em que eu tinha 6 anos. — E Laura McDonald teve uma menininha.

— Ia-ia-ai-ou! — disse.

Riley e Philip riram. Ninguém mais riu. Mamãe tentou, mas não conseguiu.

— Eu conheci a mãe dela na feira orgânica ontem e ela me mostrou uma foto do bebê. Liiiiiiindo bebê! Você teria vontade de mordê-la. Casar e ser mãe, tudo em um ano, imagine isso.

Sorri apertado. Senti o olhar intenso de Riley me pedindo para manter a calma.

— O bebê nasceu com 3 quilos e 700 gramas, Lucy. Três quilos e 700, vocês acreditam nisso?!

— Jackson nasceu com 3 quilos e 420 gramas — disse Philip. — Lucas nasceu com 3 quilos e 100, e Jemima, com 3 e 180.

Todos nós olhamos para ele e fingimos estar interessados, e então ele voltou a

comer seu pão.

— É uma coisa linda — mamãe disse, olhando para mim, esticando seu rosto para cima e curvando os ombros — a maternidade.

Ela ficou me olhando tempo demais.

— Eu já era casada quando tinha 20 anos — minha avó disse, como se fosse algum grande feito. Então, ela parou de passar manteiga em seu pão e me olhou de forma cruel. — Terminei a universidade quando tinha 24 anos e tinha três filhos com 27 anos.

Assenti, como se em reverência. Já havia ouvido tudo isso antes.

— Espero que lhe enviem uma medalha.

— Medalha?

— É apenas uma expressão. Por fazer algo... incrível. Tentei segurar o tom sarcástico que estava morrendo de vontade de sair. Ele estava se aquecendo na lateral, me pedindo para deixá-lo entrar como um substituto para a educação e a tolerância.

— Não é incrível, é apenas o certo a se fazer, Lucy.

Mamãe veio em minha defesa.

— Atualmente, as meninas têm bebês em seus 20 e tantos anos.

— Mas ela tem 30.

— Não até algumas semanas — respondi, colando um sorriso na cara. O sarcasmo terminou seu treino avançado, estava pronto para correr para o campo.

— Bem, se você acha que pode ter um bebê em uma quinzena, você tem muito a aprender — disse vovó, mordendo seu pão.

— Às vezes, elas têm ainda mais velhas, hoje em dia — mamãe disse.

Minha avó fez som de desaprovação.

— Vejam, agora elas têm carreiras — mamãe continuou.

— Ela não tem. E o que exatamente você imagina que eu ficava fazendo no laboratório? Fermento de pão?

Mamãe ficou chateada. Ela havia assado o pão que estava sobre a mesa. Ela sempre assava o pão, todos sabiam disso, especialmente a minha avó.

— Não era amamentando, de qualquer maneira — murmurei; mas murmurar não adiantou, todo mundo me ouviu e estavam todos olhando para mim com reprovação. Não podia fazer nada, os substitutos estavam em campo. Senti a necessidade de explicar meu comentário. — É só que papai não me parece um homem que foi amamentado. — Se os olhos de Riley pudessem se arregalar mais, teriam pulado de sua cabeça. Ele não podia fazer nada, nem rir, e estava tentando desaparecer, como depois de soltar um *pum* bizarro. Pai pegou o jornal e se retirou da conversa desagradável. Ele o agitava aberto, no mesmo movimento trêmulo que, tenho certeza, sua coluna estava fazendo. Nós o perdemos, ele tinha ido embora. Foi se esconder atrás de mais papel.

— Vou verificar as entradas — mamãe disse calmamente e, graciosamente, se levantou da mesa.

Não herdei a graciosidade de mamãe. Na verdade, Riley herdou. Suave e sofisticado, derramava charme e, ainda que fosse meu irmão, sabia que ele era um verdadeiro pegador de 35 anos. Ele havia seguido pai no Direito, como profissão, e, aparentemente, era um dos nossos melhores advogados criminais. Eu só ouvia o que diziam sobre ele, não havia experimentado seu talento em primeira mão, ainda não, mas, mesmo assim, não excluía a possibilidade. Isso me dava uma sensação de calor e formigamento, pensar que meu irmão era como um cartão-sai-da-prisão para mim. Ele era visto frequentemente no noticiário, entrando e saindo do tribunal com homens com gorros escondendo suas cabeças, algemados a oficiais de polícia. Foi um momento muito embaraçoso quando eu silenciei locais públicos para gritar orgulhosamente para a TV: “Esse é meu irmão!” e, quando recebi olhares de raiva, tive que indicar que não era o homem com o gorro na cabeça, acusado de fazer coisas desumanas, mas o homem arrojado, de terno chique ao lado dele. Mesmo assim, ninguém se importou. Eu

achava que Riley tinha o mundo a seus pés e ele não estava sendo pressionado a se casar, em parte porque ele é homem e há dois padrões bizarros na minha casa e, em parte, porque mamãe tem uma paixão incomum por ele, o que significa que nenhuma mulher é boa o suficiente. Ela nunca se incomodava ou se lamentava, mas tinha uma maneira muito distinta de apontar as falhas de uma mulher, na esperança de plantar a semente da dúvida na mente de Riley. Ela teria tido mais sucesso se tivesse, simplesmente, usado um cartão de exibição rápida de uma vagina quando ele era criança e, depois, balançado a cabeça em sinal negativo e resmungado. Mamãe está animada porque ele vive em um apartamento de solteiro requintado na cidade e ela o visita nos fins de semana ímpares, quando tem a oportunidade de cumprir algum tipo de emoção ímpar. Acho que, se ele fosse gay, ela o amaria ainda mais, sem ter mulheres com quem competir e porque "os homossexuais são tão legais hoje em dia". Eu a ouvi dizer isso uma vez.

Mamãe voltou com uma bandeja de coquetéis de lagosta e, após um episódio com mariscos em um almoço na casa dos Horgan, em Kinsale, que envolveu a mim, um camarão tigre e uma brigada de incêndio, ela também carregava um coquetel de melão para mim.

Olhei para o relógio. Riley me pegou.

— Não nos deixe tão curiosos, mamãe. O que você tem a nos dizer? — ele perguntou, em seu tom perfeito, que nos fez levantar a cabeça do prato. Ele tinha essa capacidade de unir as pessoas.

— Eu não quero, não gosto de lagosta — vovó disse, empurrando o prato no ar antes mesmo que ele chegasse à mesa.

Mamãe parecia um pouco desanimada, então se lembrou de por que estávamos todos lá e, depois, olhou para o pai. Ele continuou lendo seu jornal, sem saber que sua lagosta estava plantada diante dele. Mamãe se sentou, animada.

— OK, eu vou dizer a eles — disse ela, como se o assunto tivesse sido discutido. — Bem, como todos sabem, será nosso trigésimo quinto aniversário

de casamento nesse mês de julho. — Ela nos lançou um olhar do tipo “como o tempo passou”. — E como uma forma de comemorar, eu e o pai de vocês — olhou em torno para todos nós, com os olhos piscando — decidimos renovar nossos votos! — Sua empolgação ultrapassou sua voz nas três últimas palavras e terminou em um guincho agudo e histérico. Até mesmo meu pai baixou o jornal para olhar para ela, e então notou a lagosta e começou a comê-la.

— Uau! — eu disse.

Muitos dos meus amigos tinham se casado nos últimos dois anos. Parecia haver uma varredura epidêmica: tão logo um se casava, toda uma leva ficava noiva e desfilava, corredor adiante, como pavões inchados. Eu já tinha visto mulheres modernas e razoáveis serem reduzidas a maníacas obsessivas infernais, curvadas sob tradições e estereótipos contra os quais passaram toda sua vida produtiva lutando. Eu mesma tomara parte de muitos desses rituais pouco lisonjeiros, mas isso era diferente. Esta era mamãe, o que significava que seria monumentalmente cataclísmico.

— Querido Philip, pai adoraria que você fosse seu padrinho. — O rosto de Philip enrubesceu e ele pareceu crescer alguns centímetros em sua cadeira. Inclinou a cabeça em silêncio, a honra era tão grande que não conseguia falar.

— Querido Riley, você me levaria até seu pai?

Riley sorriu.

— Tenho tentado me livrar de você por anos.

Todos riram, incluindo minha avó, que adorava uma piada à custa de mamãe. Engoli em seco, pois sabia o que estava por vir. Sabia. Então, ela olhou para mim e tudo que eu podia ver era uma boca, uma grande boca sorridente tomando todo seu rosto, como se seus lábios houvessem comido os olhos e o nariz.

— Querida, você seria minha dama de honra? Talvez pudéssemos fazer isso com seu cabelo novamente, ficou tão adorável!

— Ela vai pegar um resfriado — minha avó disse.

— Mas ela não pegou na noite passada.

— Mas você quer correr o risco de ela ter um?

— Nós poderíamos ter lenços elegantes, feitos do mesmo tecido do vestido, apenas para o caso.

— Não se for algo parecido com o tecido de seu primeiro vestido de casamento.

E lá estava ele: o fim da minha vida como eu a conhecia.

Olhei para o relógio.

— É uma pena você ter de ir logo, temos muito a planejar. Você acha que poderia voltar amanhã para organizarmos tudo? — mamãe perguntou, animada e desesperada ao mesmo tempo.

E veio o dilema. Vida ou minha família? Uma era tão ruim quanto a outra.

— Eu não posso — disse, o que foi saudado com um longo silêncio. Os Silchester nunca diziam não a convites, era considerado rude. Você se movia em torno dos compromissos e ia ao inferno e voltava, a fim de atender tudo para que fora convidada; você contratava sósias e embarcava em viagens no tempo para manter cada promessa singular que fora feita por você e até mesmo por outra pessoa sem seu conhecimento.

— Por que não, querida? — O olhar de mamãe tentou parecer preocupado, mas guinchava: “Você me traiu”.

— Bem, talvez eu possa vir, mas tenho um compromisso ao meio-dia e não sei quanto tempo vai durar.

— Um compromisso com quem? — mamãe perguntou.

Bem, eu teria que dizer a eles, mais cedo ou mais tarde.

— Tenho um compromisso com minha vida — disse isso diretamente e sem emoção, esperando que eles não tivessem a menor ideia do que eu estava falando. Esperei que questionassem e julgassem, e planejei como explicar que

era apenas uma coisa aleatória que acontecia com as pessoas, como o serviço do júri, e que eles não precisavam se preocupar, que minha vida estava bem, absolutamente bem.

— Ah! — mamãe disse em um ganido agudo. — Ah, meu Deus, bem, não posso acreditar nisso! — Ela olhou para o restante da mesa. — Bem, é uma surpresa, não é? Estamos todos tão surpresos! Meu Deus, que surpresa!

Olhei para Riley primeiro. Ele estava estranho, os olhos sobre a mesa, enquanto passava o dedo sobre os dentes de um garfo e, suavemente, se espetava com cada um deles, em um estado meditativo. Então, olhei para Philip, seu rosto tinha se tornado discretamente rosado. Minha avó olhava para longe como se houvesse um mau cheiro no ar, culpa da mamãe, mas não havia nada de novo nisso. Não conseguia olhar para meu pai.

— Vocês já sabiam.

A cara de mamãe ficou vermelha.

— Eu?

— Vocês todos sabem.

Mamãe desmontou em sua cadeira, devastada.

— Como todos vocês sabem? — Minha voz se levantou. Os Silchester não levantavam sua voz.

Ninguém respondia.

— Riley?

Riley finalmente elevou os olhou e deu um pequeno sorriso.

— Tivemos que assinar, Lucy, isso é tudo, só para dar nossa aprovação para ele ir em frente.

— Vocês o quê? Você sabia disso?

— Não é culpa dele, querida, ele não tinha nada a ver com isso, eu o convidei a se envolver. Tinha que haver um mínimo de duas assinaturas.

— Quem mais assinou? — perguntei olhando para eles. — Vocês todos assinaram?

— Não levante a voz, mocinha — minha avó disse.

Queria jogar o pão de mamãe em sua cabeça ou enfiar um coquetel de papa de lagosta pela sua garganta, e talvez meu desejo fosse óbvio, pois Philip apelou a todos para termos calma. Não ouvi como a conversa terminou porque estava correndo até o jardim (andando rápido, não correndo, os Silchester não corriam fugidios) para ficar tão longe deles quanto possível. Claro que não tinha saído da mesa sem me desculpar, não lembro exatamente o que disse, murmurei algo sobre estar atrasada para um compromisso e, educadamente, os abandonei. Só quando fechei a porta atrás de mim, corri escada abaixo e pisei sobre o cascalho que percebi que tinha deixado meus sapatos no gramado dos fundos. Saltitei sobre as pedras, mordendo o interior da minha boca para segurar minha necessidade de gritar, e dirigi Sebastian em sua velocidade máxima, descendo rumo ao portão. Sebastian deu seus tiros de escapamento ao longo do caminho como uma espécie de “bons ventos os levem”, contudo, minha grande fuga terminou, porque cheguei aos portões elétricos e fiquei presa. Baixei a janela e apertei o interfone.

— Lucy — Riley disse —, puxa, não fique com raiva.

— Deixa eu sair — respondi, me recusando a olhar diretamente para o interfone.

— Ela fez isso por você.

— Não finja que você não teve nada a ver com isso.

— Tudo bem, legal. Nós. Nós fizemos isso por você.

— Por quê? Estou legal. Está tudo legal.

— Isso é o que você sempre diz.

— Porque é isso que eu continuo querendo dizer — rosnei de volta. — Agora, abra o portão!

Capítulo 5



Domingo. Ele havia pairado sobre mim todo o fim de semana como o King Kong no edifício e, finalmente, havia me tomado em suas garras do mal. Tive uma noite repleta de cenas do meu “encontro com a vida”. Alguns correram bem, outros não tão bem; um era praticamente um musical. Tive todas as conversas com a vida que se possa imaginar, nesse tipo de sonho que não faz absolutamente nenhum sentido quando você acorda e, agora, estava exausta. Pressionei minhas pálpebras novamente, as apertei firmemente e me forcei a ter um sonho erótico com o cara bonito no trem. Claro que não consegui, a Vida continuou me pressionando, como um pai rígido com seu filho adolescente rebelde. O sono não viria, minha cabeça já tinha acordado e estava fazendo planos: coisas inteligentes para dizer, respostas rápidas, réplicas espirituosas, sacadas espertas, maneiras de cancelar o encontro sem parecer ofensiva, mas, na maior parte do tempo, estava pensando no meu guarda-roupa. Nesse mesmo clima, abri meus olhos e me sentei. Senhor Pan se mexeu em sua cama e ficou me olhando.

— Bom dia, Hilary — eu disse, e ele ronronou.

O que poderia dizer sobre mim? Que eu era uma mulher esperta, inteligente, espirituosa, charmosa, desejável e muito estilosa. Queria que minha vida soubesse que eu era tudo isso, que tudo estava sob controle. Examinei meus vestidos no varão da cortina. Havia puxado todos de um lado até o outro para bloquear a luz do Sol. Olhei para meus sapatos abaixo deles, no peitoril da janela. Em seguida, olhei pela janela para verificar o tempo, voltei para os sapatos e para os vestidos. Não estava me sentindo bem com nenhum deles; este era um trabalho para o guarda-roupa. Inclinei-me e abri a porta do guarda-roupa

e, antes que ela estivesse totalmente aberta, bateu na cama. Tudo bem, eu conseguia ver o que havia lá dentro. A lâmpada dentro do guarda-roupa tinha explodido cerca de um ano atrás e, então, peguei a lanterna que ficava ao lado da minha cama para iluminá-lo lá dentro. Estava pensando: conjuntinho social, caimento justo, jaqueta de smoking preto, ombreiras como um toque de anos 1980, colete preto, saltos de 8 centímetros. O conjuntinho me disse: Jennifer Aniston foi capa da *Grazia* recentemente, porém diria à Vida que eu era tranquila, descontraída, mas levava minha vida a sério, pois vestia um terno sério. Essa roupa também poderia dizer que alguém morrera e eu estava indo ao funeral, mas esperava que a Vida não estivesse pensando em morte. Deixei Senhor Pan sentado em um *peep-toe* de plataforma dupla, assistindo ao Gene Kelly em um terno de marinheiro em *Um dia em Nova York*, com a promessa de levá-lo para fora em poucos dias. Do elevador, ouvi minha vizinha se aproximando. Pressionei com força o botão para fechar a porta, mas fui pega. Olhei pela fresta das portas que se fechavam e lá estava ela.

— Quase que ele foi embora. — Ela sorriu. As portas se abriram e o carrinho de bebê foi revelado. Ela o manobrou no espaço confinado e eu estava quase sendo empurrada para o corredor pela bolsa sobrecarregada do bebê em seu ombro. — Juro que levo mais e mais tempo para sair do apartamento a cada dia — disse, enxugando a testa brilhante.

Sorri para ela, confusa quanto à razão de ela estar falando comigo (nunca havíamos nos falado), então, olhei acima dela para observar os números se acenderem à medida que descíamos.

— Ele a perturbou na noite passada?

Olhei em seu carrinho.

— Não.

Ela parecia chocada.

— Fiquei até de madrugada com ele gritando e colocando a casa abaixo. Tinha certeza de que teria o prédio inteiro batendo em minha porta. Estão nascendo os

dentes, coitado, suas gengivas estão vermelhas, pegando fogo.

Olhei para baixo novamente. Não disse nada.

Ela bocejou.

— Ainda bem que, pelo menos, o clima está agradável nesse verão; nada pior do que ficar confinada com um bebê.

— Sim — disse quando as portas finalmente se abriram. — Tenha um bom dia. — E corri para fora, na sua frente, antes que ela continuasse a conversa.

Eu, provavelmente, poderia ter caminhado para o escritório onde deveria encontrar Vida, mas tomei um táxi porque o cara bonito não estaria no trem àquela hora e eu não podia contar com Sebastian para me levar a qualquer lugar depois da viagem de ontem até as montanhas. Além disso, não sabia muito bem para onde estava indo e não havia nada pior do que encontrar sua vida com os pés cheios de bolhas e as axilas suadas. O edifício era visível a distância, uma construção horrenda, um arranha-céu quadrado, marrom, opressivo, sobre colunas e com janelas, o que poderia ser considerado uma dádiva para a idade do edifício, quando a arquitetura Lego, da década de 1960, era aceitável. Como era domingo, o edifício estava vazio e o estacionamento abaixo do bloco estava vazio, exceto por um carro solitário com um pneu furado. Aquele que não pôde fugir. A cabine de segurança estava desocupada, a cancela estava levantada. Ninguém se importaria se o prédio todo fosse erguido pelos ares e levado para outro planeta; era muito feio e até triste. Lá dentro, cheirava a umidade e baunilha. A recepção dominava o pequeno saguão com uma mesa tão alta que eu podia ver apenas o topo de uma cabeça, com um penteado alto cheio de laquê. Ao me aproximar, descobri que o cheiro de baunilha vinha da recepcionista. Ela colocara unhas postiças espessas, pintadas com esmalte vermelho-sangue. Estava assistindo a *Columbo* em uma TV que ficava sobre a mesa.

— Só mais uma coisa — pude ouvir Columbo dizer.

— Vamos lá. — Ela riu, sem olhar para mim, mas me identificando. — Ele sabe que já fez isso, não é? — Era a mulher da torta americana com quem eu

tinha falado ao telefone. Enquanto Columbo pedia o autógrafo do assassino para sua esposa, ela finalmente se virou para mim. — Então, o que posso fazer por você?

— Nós nos falamos ao telefone esta semana, meu nome é Lucy Silchester e tenho um compromisso com Vida — falei e dei uma risada aguda.

— Ah, sim, eu me lembro. Lucy Silchester. Você já chamou a empresa de limpeza de carpetes?

— Ah, não, ainda não.

— Bem, não posso recomendá-la mais do que já fiz — ela disse. Colocou o cartão de visita sobre a mesa e o deslizou sobre o balcão. Não sabia se ela o trouxera especialmente para entregar para mim ou se estava tão entusiasmada com a empresa, que carregava com ela uma mala cheia de cartões para entregar aos transeuntes. — Você me promete que vai ligar, não é?

Estava me divertindo com sua persistência e concordei.

— Vou comunicá-lo que você já está aqui. — Pegou o telefone. — Lucy está aqui para vê-lo. — Tentei ouvir sua voz, mas não escutei nada. — Sim, certamente, vou mandá-la subir. — Então, ela disse para mim: — Pegue o elevador e vá até o décimo andar. Vire à direita, depois à esquerda, e você o verá.

Fiz um movimento em direção ao elevador e, então, parei.

— Como ele é?

— Ah, não se preocupe! Você não está com medo, está?

— Não. — Balancei minha mão com desdém. — Por que eu estaria com medo? — Então, dei aquela mesma risada que dizia a todos, em um raio de cinco quilômetros, que eu estava com medo, com muito medo, e fui até o elevador.

Tive dez andares para preparar minha entrada triunfal. Arrumei meu cabelo, meus lábios estavam pintados de uma maneira sexy “mas-eu-não-sabia-disso”, minha postura estava perfeita, coloquei a mão esquerda no bolso. Tudo dizia exatamente o que queria dizer sobre mim, mas, então, as portas se abriram e eu

fiquei diante de uma cadeira de couro rasgado, uma revista feminina esfarrapada com a capa faltando, uma porta de madeira e uma parede de vidro com cortinas romanas tortas. Quando passei pela porta, estava diante de uma sala do tamanho de um campo de futebol preenchida com um labirinto de cubículos separados por divisórias cinza. Mesas pequenas, computadores antigos, cadeiras rasgadas, fotos dos filhos das pessoas, mouses personalizados, canetas com penduricalhos cor-de-rosa presos nas pontas, fotos de férias como protetores de tela, cartões de aniversário, brinquedos de pelúcia e canecas multicoloridas ordinárias com frases nem um pouco engraçadas. Todas essas coisas que as pessoas fazem para que seu pequeno e esquálido meio metro quadrado pareça acolhedor. Era exatamente como meu próprio escritório e, imediatamente, me lembrei de inventar algo para tirar cópia e gastar um pouco de tempo.

Caminhei pelo labirinto de mesas, olhando para a esquerda e para a direita, me perguntando quem diabos encontraria, tentando manter a mesma aparência amigável enquanto, por dentro, estava frustrada por meu grande encontro com a Vida acontecer naquele buraco de merda. E, de repente, lá estava ele. Minha vida. Escondido atrás de uma mesa horrorosa, rabiscando em um bloco de notas roto, de cabeça baixa, com uma caneta que, pelos rabiscos constantes sobre uma almofada, não estava funcionando. Ele usava um terno cinza amassado, uma camisa cinza e uma gravata cinza com a tripla espiral da vida em relevo sobre ela. Seu cabelo era preto, manchado com um pouco de cinza e desgrenhado, seu rosto mostrava a barba de alguns dias. Levantou os olhos da mesa, me viu, deitou a caneta, se levantou e, em seguida, esfregou as mãos em seu terno, deixando marcas úmidas e enrugadas. Tinha anéis pretos ao redor dos olhos, que estavam vermelhos, fungava e parecia que não dormia há anos.

— Você é...? — Fiz um movimento lúdico com as mãos e sorri.

— Sim — ele disse suavemente — e você é Lucy. — Estendeu a mão. — Oi.

Fui empolgada em sua direção, a passos largos, fingindo estar muito animada com o momento. Apertei sua mão, dei o maior sorriso que poderia exibir, querendo agradá-lo muito, querendo provar a ele que estava bem, que tudo

estava absolutamente bem. Seu aperto de mão foi frouxo. Sua pele estava pegajosa. Sua mão deslizou, rapidamente, para longe da minha, como uma cobra rastejando para longe do meu alcance.

— Então — disse, superentusiasmada, me sentando —, finalmente nos encontramos — falei com um ar de mistério, tentando captar seu olhar. — Como vai você? — Poderia dizer que falei mais alto do que devia. A sala era muito grande, muito vazia, muito deprimente para meu tom, mas eu não conseguia parar de falar.

Ele olhou para mim.

— Como você acha que estou? — ele disse isso rudemente. Ele foi muito rude, na verdade. Fui pega de surpresa. Não sabia o que dizer. Esta não era a maneira que as pessoas falavam umas com as outras. Onde estava o fingimento de gostarmos um do outro, de estarmos felizes por estar lá, de nos encontrarmos novamente? Olhei em volta na esperança de que ninguém estivesse ouvindo.

— Não há ninguém aqui — ele disse. — Ninguém trabalha aos domingos. Eles têm vidas.

Lutei contra meu instinto de agarrar e rosnar de volta.

— Mas as vidas de outras pessoas não trabalham neste edifício também?

— Não — ele olhou para mim como se eu fosse estúpida. — Só alugo este espaço. Eu não sei o que eles fazem. — Referiu-se às mesas vazias.

Mais uma vez, fiquei surpresa. Não era assim que eu supunha que as coisas se desenvolveriam. Ele esfregou o rosto cansado.

— Não queria que você me visse como uma pessoa rude.

— Bom, mas parece que você é.

— Bem, sinto muito — disse isso sem nem um pouco de sinceridade.

— Não, você não sente.

Silêncio.

— Olhe... — Ele se inclinou para frente e eu não queria, mas me inclinei para trás. Ele tinha mau hálito. Aquele foi um momento um pouco estranho. Ele suspirou e continuou: — Suponha que você tivesse um amigo que sempre a apoiasse e você sempre o apoiasse, mas ele não está mais tão presente na sua vida quanto costumava estar, o que você até entende, porque as pessoas têm coisas a fazer; mas, então, ele se afasta de você cada vez mais, não importa o quanto você tente alcançá-lo. De repente, um dia, do nada, ele some. Você escreve para ele e é ignorada; então, escreve para ele novamente e é ignorada; finalmente, você escreve para ele pela terceira vez e ele não quer muito ver você. Ele anda tão ocupado com seu trabalho, com seus amigos e com seu carro! Como você se sentiria?

— Veja, suponho que você esteja se referindo a mim nessa hipótese, mas isso é ridículo — disse rindo, de nervoso. — Claramente não é a mesma coisa. Eu nunca trataria um amigo assim.

Ele deu um sorriso irônico.

— Mas você faria isso com a sua vida.

Abri minha boca, mas nada saiu.

— Então, vamos começar — disse ele, apertando o botão de energia no computador.

Nada aconteceu. Permanecemos em uma atmosfera tensa, terrível e incômoda enquanto ele se frustrava com o computador. Ele apertou o botão de energia uma e outra vez, testou o soquete, desconectou, conectou novamente.

— Basta verificar o...

— Eu não preciso de sua ajuda, obrigado! Por favor, tire as mãos do...

— Eu só vou...

— Tire suas mãos do...

— ... Mexer nessa conexão aqui...

— Eu apreciaria se você pudesse apenas...

— Aí.

Sentei-me de volta. O computador fez um zumbido. Ele respirou lentamente.

— Obrigado.

Ele não quis dizer isso.

— Onde você conseguiu este computador, nos anos 1980?

— Sim, mais ou menos na mesma época em que você conseguiu essa jaqueta — disse ele, olhos no monitor.

— Nossa, você é birrento! — disse isso e puxei meu casaco para perto de mim. Cruzei os braços, cruzei as pernas, olhei para longe. Essa situação era um pesadelo, era pior do que eu jamais poderia ter imaginado. Minha vida era um absoluto idiota com um chip em seu ombro.

— O que você imaginou que seria? — perguntou ele, finalmente, quebrando o silêncio.

— Não tinha a menor ideia — disse, tendo um acesso de raiva.

— Mas você deve ter imaginado algo.

Dei de ombros e então me lembrei de uma das imagens que tive de mim e Vida em uma canoa em algum lugar pitoresco, ele remando, eu lendo um livro de poesia, com um lindo chapéu de sol e um vestido Cavalli que eu vira em uma revista, mas que não poderia pagar: tanto a revista como o vestido. Pensei em mim em uma revista, dando minha entrevista sobre Vida, com os cabelos secos, um rosto cheio de maquiagem, lentes de contato, um vestido assimétrico drapeado, boa iluminação. Talvez até mesmo um vaso de limas e limões a meu lado. Suspirei e, finalmente, olhei para ele de novo.

— Eu pensei que seria como uma sessão de terapia. Você me perguntaria sobre meu trabalho, minha família, se estou feliz, esse tipo de coisa.

— Alguma vez você já foi a uma sessão de terapia?

— Não.

Ele me olhou intensamente. Eu suspirei.

— Sim. Uma vez. Quando deixei meu emprego. Foi na época em que larguei meu namorado e comprei um novo apartamento.

Ele não piscou.

— Você foi demitida. Seu namorado deixou você e você está morando de aluguel em um estúdio.

Eu respondi a ele com um sorriso fraco e disse:

— Apenas testando você.

— Ajudaria todo o processo se você não mentisse para mim.

— Não são mentiras se o resultado final é o mesmo.

Ele se iluminou um pouco, se isso era possível, mas não esmoreceu.

— Diz para mim como isso funciona.

— Certo, então, por exemplo... Se digo a você que ganhei na loteria, isso seria uma mentira descarada porque eu, claramente, não tenho dinheiro e teria que viver minha vida como se fosse milionária, o que seria complicado, para dizer o mínimo. Mas, se digo que larguei meu emprego, isso não importa porque eu não trabalho mais lá, então não tenho de manter as aparências e ir lá todos os dias. Se disser que comprei um apartamento novo, não é uma mentira, porque o fato é que eu não vivo mais no antigo e estou vivendo em um novo.

— E a última coisa que você disse?

— Que coisa?

— Sobre seu namorado.

— É a mesma coisa. — Para minha surpresa, lutei ao falar isso porque sabia aonde ele queria me levar. — Dizer que eu o larguei é a mesma coisa que dizer, você sabe, o contrário...

— Que ele a deixou.

— Bem, sim.

— Porque...

— Porque o resultado ainda é o mesmo.

— E o resultado é...

— Que nós não estamos juntos — assim que disse isso, meus olhos se encheram de lágrimas. Odiava meus olhos, estes bastardos ardilosos. Mortificada não é a palavra. Não me lembro da última vez em que chorei por Blake. Estava tão ligada a ele! É como quando alguém pergunta se há algo errado várias vezes e, geralmente, depois de um tempo, você começa a achar que algo está errado e tem vontade de bater em quem ficou perguntando. A mesma coisa estava acontecendo agora, porque ele estava me fazendo dizer tudo aquilo, me fazendo pronunciar todas aquelas palavras em voz alta como uma estratégia para tentar me enganar e me levar a admitir algo com que, ele pensava, eu não tinha lidado. Eu estava me sentindo triste pela pessoa que ele pensava que eu era. Mas eu não era aquela pessoa. Eu estava bem. Tudo estava bem.

Enxuguei meus olhos antes que qualquer lágrima caísse.

— Eu não estou triste — disse com raiva.

— OK.

— Eu não estou.

— OK! — Ele encolheu os ombros. — Então me fale sobre seu trabalho.

— Eu amo meu trabalho — comecei. — Ele me dá uma enorme sensação de satisfação. Adoro trabalhar com pessoas, a comunicação com o público, o ambiente de negócios inovadores. Sinto que estou fazendo algo de valor, ajudando as pessoas, me conectando com elas. Acho que posso direcioná-las para o caminho certo e me certifico de que elas tenham quem as guie. É claro que o enorme benefício...

— Desculpe, preciso interromper seu discurso. Podemos apenas esclarecer uma coisa? O que é que você faz?

— Sim.

Ele olhou para baixo e leu.

— Você traduz manuais de instrução para sua empresa?

— Sim.

— E esta empresa faz geladeiras, fogões, fornos, esse tipo de coisa.

— Sim, eles são os maiores fabricantes de aparelhos domésticos da Europa.

— OK, siga em frente.

— Obrigada! Onde eu estava? É claro, o enorme benefício de meu trabalho são as pessoas com quem trabalho. São pessoas que me inspiram e me motivam a chegar mais longe e mais alto, não apenas na minha área de trabalho, mas na minha vida.

— OK. — Ele esfregou sua testa. Foi esquisito. — Essas pessoas que trabalham com você são as pessoas a quem você se refere, em particular, como Graham, o Pinto; Quentin, também conhecido como Cacoete; Louise, a Vaca Intrometida; Mary, a Rata; Steve, o Salsicha; e Edna, a Cara de Peixe?

Mantive uma expressão séria. Fiquei bastante impressionada com meus criativos apelidos.

— Sim.

Ele suspirou.

— Lucy, você está mentindo de novo, não é?

— Na verdade, não. Eles me fazem querer ser uma pessoa melhor, melhor do que eles. Eles me fazem querer chegar mais longe e mais alto, no meu escritório, para que eu possa ficar longe deles. Vê? Não é uma mentira. Mesmo resultado.

Ele se reclinou para trás e me estudou, correu a mão pela barba por fazer e

pude ouvir o som produzido.

— Tudo bem, você quer ouvir a verdade absoluta sobre esse trabalho ou sobre qualquer trabalho? — falei. — Tudo bem. Aqui está. Não sou uma daquelas pessoas que vivem e respiram o trabalho, não levo isso tão a sério a ponto de querer ficar além do período pelo qual sou paga ou querer me socializar com as pessoas com as quais passo a maior parte das minhas horas de vigília, e a quem nunca escolheria para dizer mais do que duas palavras no mundo real. Fiquei naquele trabalho por dois anos e porque gostava de ter a matrícula da academia incluída, mesmo que o equipamento de ginástica fosse uma porcaria e a sala cheirasse a suor e chulé; poupava dinheiro. Gostei de começar a usar línguas com as quais passei anos lidando de forma irresponsável. Não tenho muitos amigos que falam alemão, italiano, francês, holandês e espanhol comigo. — Tentei impressioná-lo com isso.

— Você não fala espanhol.

— Sim, sei disso, desmancha-prazeres, mas meus patrões não — rosnei.

— O que acontecerá quando eles descobrirem? Você será demitida, de novo, de uma forma espetacularmente similar?

Eu o ignorei e continuei meu discurso.

— Não uso a palavra “paixão” que ouço tantas pessoas vomitarem quando falam sobre o trabalho, como se apenas isso fosse sustentá-las ao longo do dia. Faço o trabalho pelo qual sou paga para fazer. Não sou viciada em trabalho.

— Você não é dedicada.

— Você está advogando a favor do vício no trabalho?

— Só estou dizendo que é preciso ter alguma consistência, você sabe, capacidade de se atirar totalmente em algo.

— E sobre os alcoólatras? Você os admira também? Que tal me tornar um deles? Assim, você vai poder se orgulhar da minha consistência.

— Nós nos distanciamos da analogia agora — ele disse, irritado. — Que tal

apenas dizermos, diretamente, que lhe faltam consistência, foco e dedicação?

Isso doeu.

— Quero que você me dê um exemplo — cruzei os braços.

Ele digitou algumas palavras no teclado, leu um pouco.

— Alguém no trabalho sofreu um ataque cardíaco e, então, você fingiu, para os paramédicos, que era da família para que pudesse entrar na ambulância e sair do trabalho mais cedo.

— Foi uma suspeita de ataque cardíaco e eu estava preocupada com ele.

— Você disse ao motorista da ambulância para deixá-la sair no final do quarteirão.

— O homem teve só um ataque de ansiedade, ele estava bem cinco minutos depois.

— Você é relaxada, perde tempo, nunca termina qualquer coisa que não seja uma garrafa de vinho ou uma barra de chocolate. Muda de ideia o tempo todo. Você não consegue se comprometer.

OK, aquilo realmente me atingiu. Ele estava completamente correto.

— Estive em um relacionamento por cinco anos, como posso ter um problema com compromisso?

— Ele a deixou há três anos.

— Então, estou tirando um tempo para estar comigo mesma. Para me conhecer melhor e toda essa baboseira.

— Você já se conhece?

— Claro. Gosto tanto de mim mesma que estou planejando passar o resto da minha vida comigo.

Ele sorriu.

— Ou, pelo menos, quinze minutos mais.

Olhei para o relógio.

— Temos ainda 45 minutos.

— Você vai sair mais cedo. Você sempre faz isso.

Engoli em seco.

— E daí?

— E daí, nada. Só estava pontuando o fato. Gostaria de alguns exemplos? — Ele digitou no teclado antes que eu tivesse tempo para responder. — Jantar de Natal na casa de seus pais. Você foi embora antes da sobremesa. Nem sequer ficou para o prato principal no ano anterior, um novo recorde.

— Eu tinha uma festa para ir.

— Da qual você saiu mais cedo.

Meu queixo caiu.

— Ninguém nem sequer notou.

— Bem, é aí que você se engana. Novamente. Isso foi notado.

— Por qual?

— Por quem — ele me corrigiu, e foi escrevendo sem parar. Queria me mover para a beirada de meu assento, mas não queria lhe dar a satisfação de mostrar que eu estava curiosa. Permaneci em silêncio, olhando em volta do escritório, fingindo que não me importara. E por que estava fingindo que não havia me importado, percebi que aquilo significava que me importara. Finalmente, ele parou de digitar. Minha cabeça virou para encará-lo. Ele sorriu. Então, recomeçou a escrever sem parar.

— Isso é ridículo.

— Sinto muito, estou chateando você?

— Na verdade, sim.

— Bem, agora você sabe como me sinto. — Parou de digitar. — Melanie.

Minha melhor amiga.

— O que tem ela?

— Ela foi a menina que ficou enervada por você sair mais cedo.

— Ninguém diz “enervada”.

— Abre aspas: Eu gostaria de que, ao menos uma vez, ela ficasse até o fim. Fecha aspas.

Fiquei um pouco chateada com aquilo.

— Tenho certeza de que posso pensar nas inúmeras vezes em que fiquei até o fim.

— Na festa do vigésimo primeiro aniversário dela — disse ele.

— O que tem isso?

— A última vez em que ficou até o fim de uma festa. Na verdade, eles não podiam se livrar de você, podiam? Você dormiu toda a noite.

Tec, tec, tec!

— Com o primo dela.

Tec!

— Bobby. Ela não se importou com isso.

Tec, tec, tec!

— Abre aspas: Como ela pôde fazer isso comigo no meu aniversário? Meus avós estão aqui, todo mundo sabe o que aconteceu. Estou mortificada. Fecha aspas.

— Ela não me disse isso.

Ele apenas deu de ombros.

— Por que isso é algo importante? Por que estamos falando sobre isso?

— Porque é.

Tec, tec, tec!

— “Sinto muito que ela saiu, mamãe, quer que eu vá falar com ela?” Esse é Riley, seu irmão.

— Sim, percebi.

— Não, querido, tenho certeza de que ela tem algum lugar mais importante para ir. Fecha aspas. Você deixou seu almoço de família, ontem, 32 minutos antes do horário, de uma forma bastante dramática.

— Ontem foi diferente.

— Por que foi diferente?

— Porque eles me traíram.

— Como eles fizeram isso?

— Ao assinar a permissão de auditoria da minha vida.

Ele sorriu.

— Essa foi uma boa analogia. Mas se eles não o tivessem feito, você não estaria aqui comigo.

— Sim e veja como está sendo bacana.

Silêncio.

— Então, vamos direto ao assunto. Esta reunião é sobre eu deixar jantares e festas mais cedo. — Isso não foi tão ruim, poderia lidar com isso, gostaria apenas de explicar por que deixei cada evento, para onde estava indo depois.

Ele começou a rir.

— Inferno, não! Eu desviei o assunto. — Ele olhou para o relógio. — Nós não temos muito tempo para resolver tudo. Vamos marcar outro encontro?

— Nós ainda temos trinta minutos.

— Não mais de cinco, de acordo com sua estratégia de saída de costume.

— Vamos em frente com isso — eu disse.

— OK. — Ele se inclinou para frente. — Então, o que você está fazendo?

— Como assim, o que estou fazendo? Estou sentada aqui, perdendo meu tempo falando com você, isso é o que estou fazendo.

Para a parte seguinte, ele não precisava de anotações, apenas olhou diretamente para mim.

— Você se levanta às 7 horas da manhã todos os dias, exceto sábados e domingos, quando se levanta à 1 hora da tarde.

— E?

— Você pega uma barrinha de cereal no seu armário de canto, um cappuccino da Starbucks no final de seu quarteirão, compra o jornal, às vezes dirige, às vezes toma o trem para o trabalho, faz as palavras cruzadas. Chega ao trabalho entre 9 e 9h30 da manhã, mas não começa a fazer coisa alguma até às 10. Você faz uma pausa para o café e o cigarro às 11, mesmo que não fume, mas acha injusto que os fumantes recebam pausas extras. Faz uma pausa para o almoço à 1 hora da tarde. Senta sozinha, faz as palavras cruzadas. Sempre se atrasa ao retornar para sua mesa. Só começa a trabalhar novamente às 2h30, mas, durante a tarde, é aplicada e completa seu trabalho. Termina tudo às 6 horas da tarde.

— Por que você está dizendo coisas que eu já sei? — falei como se não me importasse, mas, na verdade, era perturbador ouvir tudo aquilo. Foi perturbador saber que todas as pequenas coisas que fiz em segredo estavam sendo observadas por alguém e sendo registradas em um computador, para algum nerd estressado de escritório ler como se fosse algum tipo de jogo de paciência.

— Você vai à academia todos os dias depois do trabalho. Deveria correr por vinte minutos, mas sempre sai mais cedo. Você vai para a cama fazer as palavras cruzadas. Você se levanta às 7 horas da manhã.

Ele deixou um silêncio.

— Vê um tema emergente?

— Estou propensa a resolver palavras cruzadas? E daí? Aonde você quer chegar?

Ele se reclinou em seguida, me estudou de novo com seus olhos cansados, que não piscavam.

— Aonde *você* quer chegar?

Engoli em seco.

— Bem, isso é muito profundo.

— Na verdade, não. É apenas uma pergunta. OK, por que não falo de uma maneira que você entenda? Aqui está o que vai acontecer: você vai sair daqui a trinta minutos, exatamente no tempo final do nosso encontro, então tentará esquecer tudo o que falamos. Você terá sucesso. Vou ser reduzido a um homenzinho chato e frustrante que a fez perder algumas horas de seu domingo, e você vai voltar a viver sua vida exatamente do jeito que tem feito.

Ele parou. Esperei por mais, mas não havia mais nada. Provavelmente ele não acreditaria que eu estava confusa. Então, entendi.

— Isso é mentira.

— Não é mentira se o resultado é exatamente o mesmo.

Não queria perguntar, mas precisava fazê-lo.

— E qual é o resultado?

— Você continuará tão só, tão entediada e tão infeliz quanto estava antes de me conhecer. Mas será pior porque você vai ter consciência disso. Você pensará nisso a cada segundo de cada dia.

Quando chegou a esse ponto, peguei minha bolsa e saí. Faltando exatamente meia hora para acabar, justamente como ele tinha dito.

Capítulo 6



Os Silchester não choram. Foi o que meu pai me disse quando eu tinha 5 anos de idade e caí da bicicleta, depois de tirar as rodinhas pela primeira vez. Ele estivera ao meu lado, me guiando ao longo da calçada da nossa casa, ainda que mais distante do que eu teria desejado, mas não queria dizer isso a ele porque sabia que se decepcionaria comigo. Mesmo com 5 anos, eu sabia disso. Não me machuquei, estava mais em estado de choque pela sensação do asfalto duro contra meu joelho e pela bicicleta que ficara destruída entre minhas pernas. Estendi os braços em sua direção buscando ajuda, mas acabei me levantando sozinha sob suas instruções. Ainda me lembro de sua voz: “Mova a bicicleta para longe de sua perna. Agora, se levante, não faça esse barulho. Lucy, levante!”. Eu me levantei, curvada, como se minha perna precisasse de uma amputação, até que ele me disse para ficar ereta. Queria um abraço, mas não disse isso, mesmo que meu coração dissesse; sabia que pedi-lo e querê-lo seria errado aos seus olhos. Era apenas o modo dele de ser e foi com isso que me conformei. Mesmo com 5 anos de idade. Portanto, desconsiderando o dia em que Blake me deixou e quando Vida me lembrou do fato, eu raramente chorava e raramente sentia essa necessidade.

No fim das contas, tudo havia terminado muito rapidamente. Nós ficamos juntos por cinco anos, tivemos uma vida divertida e ocupada juntos. Tínhamos conversado sobre casamento e todas essas coisas, e, enquanto não estávamos minimamente prontos para uma decisão, o subentendido era que nós nos casaríamos uma hora. Um com o outro. Quando crescêssemos no relacionamento. Mas, no processo de crescimento, eu o perdi. Em algum lugar ao longo do caminho. Não o perdi em um dia, isso aconteceu de forma gradual; ele desaparecia um pouco mais e mais a cada dia. Não a presença dele,

estávamos sempre juntos, mas sentia como se ele estivesse indo para algum lugar, mesmo quando estávamos na mesma sala. Então, ele me pediu para sentar e tivemos um bate-papo. E foi isso. Bem, o final veio após uma conversa importante.

Na época, ele tinha acabado de assinar o contrato para fazer seu novo programa de viagens, de modo que começou a viajar sozinho. Acho que foi um tipo de treinamento, ou isso foi o que pensei que havia sido naquela época, mas talvez fosse algo mais. Talvez ele estivesse procurando algo que simplesmente não conseguia encontrar em nosso fábrica de pão convertida em apartamento. Algumas vezes, hoje em dia, acho que ele estava vendo outra pessoa, mas não tenho absolutamente nenhum motivo para pensar isso, a não ser a paranoia que suporta essa desconfiança. Ele partira para uma viagem à Finlândia e, quando voltou, você poderia jurar que ele havia realmente andado na Lua ou que tivera uma experiência religiosa. Não parava de falar sobre a calma, o sossego, a paz, e sobre como ele estava de acordo com quem dizia que o calor era diabólico. Ele ficava me dizendo que eu não tinha ideia, que não conseguiria entender o que ele estava falando. Eu disse a ele que entendia. Entendia a calma, a clareza, o contentamento na vida quando você vivenciava um momento perfeito. Sim, eu conseguia, eu entendia. Não usei as mesmas palavras de quando ele estava descrevendo sua experiência. Realmente, meus olhos não se iluminaram com a ideia de um puro azul gelado como se eu estivesse vendo as portas do céu, mas sim, entendia seus sentimentos.

— Lucy, você não entende, acredite em mim, você não entende.

— O que quer dizer com “você” não entende? O que é tão diferente em mim, em relação às outras pessoas, que eu não poderia, possivelmente, entender que isso era como ter a merda de um momento de contentamento? Você não tem que ir a Katmandu para encontrar a paz interior, sabe, alguns de nós a conseguem aqui mesmo, na cidade. Em um banho de espuma. Com um livro ou com uma taça de vinho.

E depois aconteceu a conversa. Não imediatamente depois, pode ter sido

poucos dias ou algumas semanas depois. Mas, quando quer que tenha sido, foi depois. Isso me deu tempo suficiente para entender que ele achava que eu era um tipo de pessoa diferente dele, alguém que não entendia sua profundidade. Nunca tinha sentido isso antes. Sempre soube que éramos diferentes, mas não sabia que ele sabia disso. Parecia um pequeno detalhe, mas, na verdade, quando penso sobre isso, o detalhe se tornou tudo. Quando eu viajava, saía para conhecer novos lugares; quando ele viajou, foi para encontrar peças novas de si mesmo. Acho que quando você está tentando encontrar todas as partes de si mesmo, é difícil estar com alguém que já está totalmente completo.

Então, foi aqui que nós fizemos uma coisa estúpida: ele me acompanhou em uma situação que gostaria de poder mudar todos os dias da minha vida. Era óbvio que eu estava chateada. Fiquei *muito* chateada, estava *tão* chateada que me voltei para a religião, a religião Silchester de se preocupar com o que as *Pessoas* poderiam pensar. Ele me disse que, se eu fosse me sentir melhor, poderíamos dizer às pessoas que eu o tinha deixado. Agora, no meu atual estado de "ser racional", não sei por que concordei com isso. Mas concordei. Foi o que me ajudou após a separação, o que me deu a força que eu precisava ter enquanto mantinha aquelas conversas com amigos e familiares, e a coragem para que pudesse dizer "Apenas não estava funcionando, tive que deixá-lo". Quando eu dizia isso, havia menos perguntas. Se lhes dissesse que ele tinha me deixado, haveria pilhas infinitas de piedade, tentativas em vão de descobrir o porquê, o que eu fizera de errado, o quanto fora minha culpa, o quanto fora culpa dele, então eles teriam medo de falar sobre isso quando se encontrassem comigo ou o vissem com uma nova namorada. Meu descarte dele foi para tornar tudo mais fácil. Só que não era fácil, pois ele tinha me deixado e tive que ouvir cada coisa sobre ele fingindo que não doía e, depois, tive que vê-lo em seu programa de TV e fingir que não doía, e, sempre que tinha raiva dele, tinha que ouvir como não tinha razão para estar irritada e o quanto ele poderia estar magoado, o pobre coitado. Assim, fiquei presa nesta grande mentira.

Acabei carregando comigo, sem planejar, este grande segredo, esta grande bola de dor que se transformou em raiva e, muitas vezes, se voltou para a

piedade e, depois, para a solidão. Nunca tive uma daquelas conversas necessárias para me ajudar a superar essa perda corretamente, me sentia sozinha em minha realidade secreta. Assim, nos estágios iniciais, eu carregava mágoa, raiva e pena comigo, e, devido às circunstâncias, fui demitida de meu emprego respeitável, que pagava bem. Mas, para ser capaz de dizer às pessoas que eu tinha sido demitida, precisaria lhes dizer por que fui demitida e ao mesmo tempo não podia fazer isso, seria estranho, então disse a todos que saí. Depois, o resto da minha vida se assentou em seu novo lugar; mas só depois de ter falado montanhas de mentiras. E eram mentiras enormes, não importa o quanto o resultado ainda fosse o mesmo.

Só vou admitir que menti porque, conforme a situação abrandava, fiquei feliz com o modo como minha vida tinha se arranjado. Se Vida tinha tentado se encontrar comigo há dois anos, eu até teria entendido, porque parecia que estava em queda livre; mas agora não, não mais. Havia caído de uma grande altura e ficado presa no que alguns poderiam classificar de um lugar bastante precário, que poderia facilmente estalar, quebrar e me levar a cair novamente, mas estava muito feliz, confortável mesmo, e estava tudo bem, absolutamente bem.

Quando cheguei ao saguão do deprimente edifício Lego, torta americana tinha ido embora. Deixei a barra de chocolate que trouxera para ela no balcão, aquela que ela dissera que gostava quando nos falamos ao telefone, saí do prédio e tentei me esquecer do homenzinho frustrante que desperdiçou algumas horas do meu domingo. Mas eu não podia. Aquele homenzinho frustrante representava minha vida e, pela primeira vez, eu simplesmente não podia esquecê-la. Exatamente naquele momento, não tinha distrações para tirar meu pensamento dela, nenhum carro para consertar, sem e-mail para enviar, sem papelada para fax, nenhum membro da família para ligar, nenhum problema de amigo para mergulhar, mas estava experimentando uma leve sensação de ansiedade. Minha vida tinha acabado de me dizer que eu ficaria sozinha e miserável. Não sabia o que fazer com essa informação, realmente não sabia. Ele não me disse como eu poderia não ficar sozinha e miserável, e tudo o que queria fazer era lutar contra a realidade, como um paciente que recebeu a notícia de uma doença grave e se vê

negando o diagnóstico, pois você pode ter sido diagnosticado, mas ainda não sente os sintomas. Vi um café na esquina seguinte e encontrei a solução. Gosto de café, me faz feliz em pequenas medidas, na medida das coisas que você gosta e que podem levantá-lo, então eu imaginei que um café poderia significar que eu estava na empresa, fazendo algo que me fazia feliz. Não mais só e miserável. O café estava cheio, mas havia uma pequena mesa vazia. Passei por entre as mesas, a conversa alta pairava no ar. Eu fiquei feliz com isso, outras vozes tirariam meu pensamento de mim mesma. Pedi um café e me sentei, satisfeita de que poderia escutar, discretamente, as conversas de outras pessoas. Precisava parar de pensar naquilo. Minha vida estava bem, absolutamente bem. Era uma mulher solteira, com um trabalho que me deixava feliz, e precisava de uma distração. Qualquer tipo de distração. A porta do café se abriu, o sininho tocou e metade do café automaticamente olhou para cima. Em seguida, os machos héteros voltaram às suas conversas e o restante continuou olhando com cara de bobo, porque o homem mais bonito que eu já vira entrara, em carne e osso. Ele examinou o café e depois seguiu em minha direção.

— Oi. — O homem lindo sorriu, descansando as mãos na cadeira à minha frente. — Você está sozinha?

— Como?

— Tem alguém sentado aqui? O café está cheio, você se importaria se eu me sentasse com você?

Havia, na verdade, um assento livre atrás de mim, mas eu é que não iria avisá-lo! O homem tinha um belo rosto, nariz, lábios e olhos com proporções perfeitas, e um queixo onde você poderia ralar queijo. Pensei na minha família assinando a intervenção de Vida, eu simplesmente não conseguia compreender isso; por que diabos Vida tinha vindo até mim? Havia milhares de pessoas que estavam descontentes depois de terminarem relações, certamente esse não era um caso de emergência. Eu tinha mudado, estava vivendo minha vida. Não estava com medo de conhecer pessoas novas. Não estava presa ao passado. O que eles pensavam que havia de errado comigo?

— Claro — disse, drenando meu copo conforme ele se sentava. — Na verdade, você pode ficar com a mesa para si, já estou saindo para ver meu namorado.

Ele pareceu desapontado, mas acenou em agradecimento.

OK, eu menti.

Mas o resultado seria o mesmo em apenas algumas horas.

Capítulo 7



“Ficamos acordados até às 4h30, esta manhã”, ele ofegou, gotas de suor escorrendo pelos lados de seu rosto e se perdendo no contorno de sua barba por fazer, em sua mandíbula bronzeada. “A trilha do albergue para Machu Picchu levou cerca de uma hora e meia. Nos disseram para acordar cedo, para que pudéssemos deixar Wiñay Wayna por volta das 5h30, a fim de chegar a Machu Picchu antes de o Sol nascer.” Ele estava vestindo uma camiseta azul-marinho, as mangas estavam apertadas em torno de seu bíceps, havia marcas de suor em seu tórax, suas costas, sob seus braços. Usava bermuda bege e botas de combate para caminhada, suas pernas estavam bronzeadas e musculosas, como o resto de seu corpo. Houve uma longa tomada dele andando pela trilha e eu pausei a TV.

Senhor Pan pulou no sofá ao meu lado.

— Oi, Mary.

Ele ronronou.

— Ele está fazendo a Trilha Inca, hoje. Nós queríamos fazê-la juntos. Vamos ver com quem mais ele está...

Estudei as meninas na longa tomada. Ela não estava lá. Apertei o reproduzir novamente: “Como você pode ver, a trilha contorna este lado da montanha e mergulha em uma floresta de nuvens antes de chegar a uma subida quase vertical de cinquenta degraus, que levam até a passagem final em Intipunku, o que significa ‘porta do Sol’.” Um monte de tomadas dele ofegante, tomadas da paisagem, *closes* sobre ele, seu tênis, sua mochila, a parte de trás de sua cabeça e a vista diante dele, o reflexo em seus óculos de sol. Tudo era novo, não usava nada do que eu comprara para ele. “E aqui estamos nós”, disse e sorriu para a

câmera, dentes grandes, brancos e perfeitos. Ele olhou para longe, tirou os óculos para revelar seus belos olhos e seu rosto mudou: “Uau!”.

Pausei em seu rosto, fiquei estudando sua expressão e sorri. Sabia que era para valer, que aquilo não havia sido filmado 20 vezes para captar seu melhor olhar. Sabia que ele estava no céu exatamente ali, exatamente naquele momento, e de um modo engraçado senti como se estivesse experimentando aquilo com ele. Assim como nós costumávamos estar um com o outro, anos atrás. A câmera exibiu uma panorâmica e, então, pude ver o que ele podia ver, toda Machu Picchu se estendendo diante de nós.

“Aí está, Machu Picchu em toda sua glória. Uma vista fantástica. Linda”, ele disse, absorvendo tudo aquilo. Houve uma tomada mais ampla dele avaliando a vista. Pausei a TV novamente e estudei as meninas a seu redor. Ela não estava lá. Pressionei *play* de novo. Cortaram para mais tarde, ele havia limpado o suor do rosto, mudado sua camiseta para uma versão mais fresca, estava sentado e parecia descansado. Tomara fôlego para a última cena. Fez um pequeno resumo de sua jornada e disse em seguida: “Lembre-se de que a felicidade é uma forma de viajar, não um destino”. Então sorriu, aqueles dentes, aqueles olhos, aquele cabelo, aqueles braços e mãos, eu me lembrava de todos eles em torno de mim, dormindo ao meu lado, tomando banho comigo, cozinhando para mim, me tocando, me beijando. Dando o fora em mim. “Queria que você estivesse aqui”, disse com uma piscadela e foi embora, e os créditos tomaram o lugar de seu rosto.

— Eu também — sussurrei. Engoli um caroço duro e seco de nada que havia ficado preso na minha garganta. Tive aquela sensação horrível no estômago, aquela dor em meu coração que vinha quando os créditos terminavam e a ideia de que ele havia ido embora me acertava como um soco. Esperei que a dor inicial se dissipasse, e então pausei os créditos e procurei. O nome dela ainda estava lá. Usei meu laptop para ir ao Facebook e verificar seu *status*. Solteira.

Eu era psicótica e sabia disso, mas também sabia que, na maioria das vezes, minha paranoia estava correta; e que, na maioria das vezes, não era paranoia, e

sim um instinto visceral. Na maioria das vezes, estava correta. Mas isso fora há quase três anos e eles não estavam mais juntos, pelo que parecia. Eu nem mesmo sabia quão presente ela estaria na vida dele como assistente de produção. Não sabia como funcionavam os programas de TV, mas quando ele assinou, pela primeira vez, o contrato, nós nos encontramos com a equipe. Eu a conheci e tive uma sensação a respeito dela. E foi só isso, uma dessas sensações de namorada que você tem sobre outras garotas. Então, quando terminamos, tive uma sensação forte sobre ela, e outras sensações se manifestaram em algo tão grande que beirou a obsessão. Mas não podia fazer nada. Seu nome era Jenna. Jenna era uma vaca. E cada vez que ouvia o nome "Jenna", pensava nela e, imediatamente, odiava a pobre pessoa desvinculada da história chamada Jenna. Ela era australiana e eu odiava qualquer australiano. Era algo muito estranho que havia tomado conta de mim: nem mesmo a conhecia. Antes dela sempre gostei da Austrália, mas criei essa coisa, essa antipatia por ela, por seu país e por qualquer coisa, por mais minúscula que fosse, que soubesse sobre ela.

Apenas para insultar a mim mesma, eu os imaginava fazendo sexo no alto da montanha logo que a câmera era desligada e me perguntava com quem ele tinha acampado todas aquelas noites naquela barraca minúscula, naqueles pequenos albergues íntimos e superlotados. Todos os ambientes em que ele estava eram muito íntimos para compartilhar com outra mulher, especialmente com Jenna, especialmente com a personagem que tinha crescido em minha mente. Ela rastejaria até sua tenda na calada da noite e revelaria sua nudez para ele, que tentaria lutar contra seus impulsos, mas não conseguiria, pois era um homem e estava totalmente esgotado devido à subida da montanha. Além de tudo, estar em contato com a natureza deixava essa história ainda mais excitante. Toda vez que eu assistia a um episódio, imaginava-os juntos. Eu nem sabia o que uma assistente de produção fazia, mas procurei no Google para descobrir. Não sabia se ela era uma auxiliar de produção, de cenário ou uma auxiliar de produção executiva; uma grande diferença porque cada tipo significava, respectivamente, ou que ela estava com ele o tempo todo ou que seus caminhos raramente se cruzavam. Ocasionalmente, olhava para os outros nomes nos créditos para me

certificar de que alguém mais pudesse estar dormindo com ele. Mas eu os havia investigado no oráculo do Google e deduzi que Jenna, a vaca australiana, era a única mulher que ele poderia escolher.

Meu celular tocou e me tirou desse último devaneio. Era Riley novamente. Desde o almoço do dia anterior, tive nove chamadas não atendidas de Riley e duas da mamãe. Os Silchester não ignoravam as pessoas, ou faziam um drama ou um escândalo; então, escrevi para eles dizendo que não estava disponível para falar e que ligaria de volta o quanto antes. Não era mentira. Só não sabia como me sentia em relação a eles. Não poderia sentir raiva porque, como membros preocupados da família, estavam apenas tentando me ajudar; mas também não podia travar bate-papos irracionais porque eu estava realmente ferida, chocada mesmo, e eles sentiram que eu precisava muito de ajuda e não poderiam falar isso diretamente comigo. Sempre fizera meu melhor para não revelar nada sobre mim mesma para minha família, até mesmo para Riley. Apesar de ele ser meu cúmplice durante reuniões de família, não era meu melhor amigo, era meu irmão e havia coisas que os irmãos não precisam ou não querem saber.

Ignorei a chamada e, assim que ela parou, enviei, imediatamente, um texto educado dizendo que, naquele momento, havia saído com amigos. Ele mandou uma mensagem de volta logo em seguida.

“Então vc deixou a TV ligada pq estou na frente de sua casa.”

Pulei. Senhor Pan o fez também, mas não me seguiu. Sua coragem sempre acabava quando chegávamos à porta do banheiro. Ele a mordiscava por trás da cesta do lixo para sugerir que me defenderia.

— Riley? — chamei pela porta.

— Sim.

Eu suspirei.

— Você não pode entrar.

— OK. Você pode sair?

Destranquei a porta e saí rapidinho, para ele não ver minha casa. Ele tentou olhar, mas fechei a porta.

— Você tem companhia?

— Sim. Um homem nu e gostoso com uma grande ereção está deitado em minha cama esperando por mim. Se você quiser entrar...

— Lucy. — Ele tinha uma expressão de dor.

— Eu só estou brincando.

— Portanto, não há ninguém aí?

— Não, há. — Não era mentira. Senhor Pan estava esperando por mim.

— Desculpe. É... Você sabe?

— Vida? Não. Eu me encontrei com ele em seu escritório hoje cedo.

— Com ele?

— Sim.

— Estranho.

— Sim.

— Como foi?

— Sim, bom. Ele era agradável, só queria se apresentar e bater um papo, esse tipo de coisa, eu provavelmente não terei de encontrá-lo novamente.

— Sério?

— Não pareça tão surpreso — rosnei.

— OK. — Ele mudou o peso para o outro pé. — Então, está tudo bem?

— Sim, ele estava um pouco confuso. Não sabia por que tinha marcado aquele encontro, afinal.

— Mesmo?

— Sim, é como um daqueles testes de bafômetro aleatórios, exceto que esse

era um teste de vida aleatório. Eles me escolheram completamente ao acaso, infelizmente para mim.

— Ah. OK...

Eu deixei que o silêncio pairasse.

— Bem, estou aqui porque achei esses. — Ele tirou um par de sapatos de trás de suas costas. — Estou verificando em todo o reino para ver em quem eles se adequam.

Sorri.

— Eu poderia? — Ele ficou de joelhos, levantou meu pé, viu que eu estava com meias esquisitas e, claramente, se esforçou para não comentar nada. Tirou minha meia e deslizou o pé no sapato. Olhou para mim com uma surpresa simulada.

— Agora viveremos incestuosamente para sempre? — perguntei.

Ele franziu a testa, se encostou no batente da porta e me fitou.

— Que foi?

— Nada.

— Que foi, Riley? Você não veio aqui apenas para me dar esses sapatos.

— Nada — repetiu ele. — É só que... — Parecia que ia dizer algo sério. — É só que encontrei alguém que costumava trabalhar com você há alguns anos na Quinn e Downing, e ele me disse algumas coisas... — Parou de falar e ficou me estudando. Tentei parecer confusa, não com medo como de fato estava, e ele mudou o rumo da conversa. — De qualquer forma, ele provavelmente estava errado — Riley disse e limpou a garganta.

— Quem era ele? — perguntei friamente.

— Gavin Lisadel. — Ficou me olhando um pouco mais intensamente.

Revirei os olhos.

— O maior rei do drama para quem já trabalhei. — Na verdade, um cara perfeitamente respeitável. — Ouvi dizer que ele vem contando histórias estranhas sobre mim. Não se preocupe, seja ela qual for, é mentira. Soube que ele está traindo sua esposa com um homem há anos, assim, você sabe... — Ele era um homem de família feliz no casamento, até onde eu sabia. Tinha acabado de destruir a imagem perfeita de Gavin em menos de um minuto, mas não me importava, ele tinha destruído a minha também, não que ela fosse perfeita e, mesmo que fosse, ele não estava mentindo. Então, me senti mal sobre o que disse, e acrescentei rapidamente: — Mas todo mundo gosta muito dele e ele é realmente bom em seu trabalho.

Riley assentiu, ainda sem se convencer, mas mudou seu humor.

— Eu ainda não acredito que você disse que pai não parecia ter sido amamentado. — Começou a rir, depois jogou a cabeça para trás e riu ainda mais alto. Finalmente, me uni a ele.

— Sério? Você acha que ela teria se preocupado com isso? Tetas velhas enrugadas?

Ele assentiu, enojado pelo pensamento.

A porta diante da minha se abriu e um rosto constrangido e amigável surgiu.

— Oi, Lucy, realmente sinto muito, você se importaria em manter o volume um pouco mais baixo? Eu acabei... Ah, oi! — ela disse ao notar Riley.

— Sinto muito — Riley se desculpou. — Eu já estou de saída.

— Não, sei que é grosseiro de minha parte pedir, é só que eu consegui... — Ela apontou o polegar para o interior do apartamento, mas não disse nada. — Vocês são muito parecidos. Você é irmão de Lucy? — perguntou ela, analisando-o.

— Sou... Riley. — Estendeu a mão e eles se cumprimentaram. O que era estranho, porque eu não conseguia sequer lembrar o nome da minha vizinha; me esqueci de seu nome no momento em que nos conhecemos e, com o passar do

tempo, pareceu grosseiro lhe perguntar. Então, simplesmente nunca me dirigi a ela; houve um monte de “ei” e “oi” e “olá”, e tinha uma forte suspeita de que fosse Ruth, mas nunca tive plena confiança para utilizá-lo.

— Sou Claire.

É mesmo, Claire!

— Oi, Claire.

Riley estava dando a ela seu olhar de flerte “você-pode-confiar-em-mim” mais fofo, mais doce, mas forte e masculino, o que me assustou. Só que Claire não foi completamente hipnotizada, se desembaraçou da sua teia de promessas silenciosas e rapidamente deu seu adeus.

— Deve estar perdendo a mão, Riley.

Ele olhou para mim, novamente sério.

— Não se preocupe, isso acontece com todos nós.

— Não, não é isso...

— O quê, Riley?

— Nada. — Abortou a ideia e se dirigiu até o elevador.

— Obrigada pelos sapatos — disse, mais gentilmente.

Ele não se virou, apenas levantou o braço em uma saudação e desapareceu no elevador. Pouco antes que eu fechasse a porta, ouvi minha vizinha, cujo nome já me esquecera, abrir a porta e dizer:

— Se você quiser entrar para um café ou qualquer coisa, apenas cruze o corredor e venha direto. Não precisa avisar, estou sempre aqui.

— Ah, certo. — Me senti estranha. Havia se passado pelo menos um ano desde que eu a conhecera e, além da conversa no elevador, fora a sentença mais longa que qualquer uma de nós já dissera uma a outra. Ela costumava não falar quando eu a via. Provavelmente, passar todo o tempo enclausurada a tornara desesperada para falar com alguém, até comigo.

— Obrigada. Ah... Igualmente. — Daí não consegui pensar em mais nada para dizer e fechei a porta.

Só que nunca quis chamá-la para um café e nunca quis que Riley entrasse em meu apartamento. Ele nunca entrara, ninguém da minha família tinha me visitado aqui. Nem mesmo meus amigos. Era o meu espaço. Mas ele estava se tornando uma monstruosidade, até para mim. O carpete tinha que ser limpo. Gostaria de limpá-lo eu mesma, sem informar ao proprietário, pois não queria que ele viesse verificá-lo, visse o carpete queimado e me cobrasse pelos danos. Procurei no carpete o local onde havia escrito o nome da empresa, agarrei o telefone e rapidamente disquei para o auxílio à lista telefônica antes que mudasse de ideia. Sabia que alguma coisa monumental estava acontecendo. Eu estava fazendo algo que precisava ser feito e senti o peso disso em cada passo do caminho. Conforme eles me conectaram e o telefone tocou, comecei a pensar em desligar. Não era apenas a chamada, era ter que seguir adiante que me incomodava. Teria que ficar em casa por um dia em vez de ir ao trabalho, teria que esperar por algum estranho chegar horas depois do que prometera e, então, teria que mostrar a ele todas as manchas privadas e pessoais que queria remover. Como era humilhante! O telefone tocou e tocou, e então pareceu que eu estava prestes a ser atendida ou encaminhada para um atendimento automático quando ele passou por mais uma rodada de toques. Estava pronta para desligar e abortar a situação quando um homem respondeu.

— Alô?

Estava barulhento. Um bar barulhento. Tive que levar o fone para longe de minha orelha.

— Desculpe, será apenas um minuto — a voz gritou e eu queria gritar de volta que estava tudo bem, que eu discara o número errado, em parte porque mudara de ideia e não queria o aborrecimento de um estranho em minha casa, e em parte porque estava começando a pensar que realmente havia ligado para o número errado. Mas o telefone não estava em seu ouvido para ouvir a minha explicação; estava sendo esfregado contra seu corpo ou dezenas de outros corpos enquanto

ele caminhava para algum lugar mais calmo. Procurei o cartão que me fora dado pela torta americana para ver se correspondia ao número em minha tela.

— Só um minuto — ele gritou de novo.

— Tudo bem! — gritei, apesar de estar em uma sala silenciosa. Mas ele se fora novamente.

Finalmente, fez-se silêncio. Eu podia ouvir passos, uma gargalhada distante e, então:

— Alô? Você ainda está aí?

Eu caí para trás no sofá.

— Sim, oi.

— Desculpe por isso, quem fala?

— Bem, na verdade, isso vai chateá-lo por tudo o que teve que fazer para sair do barulho, mas acho que disquei o número errado.

— Depois de todo esse percurso! — ele riu.

— Pois é, me desculpe. — Passei por cima do encosto do sofá e fui para a cozinha. Olhei na geladeira. Nada para comer, como de costume.

Ele ficou quieto, então ouvi um fósforo sendo riscado e ele inalando.

— Me desculpe, mau hábito. Minha irmã disse que, se eu começasse a fumar, eu conheceria alguém.

— Finjo que sou fumante no local de trabalho para poder ter mais pausas. — Fiquei surpresa por ter dito isso em voz alta.

— E se descobrirem que você não fuma?

— Se alguém estiver lá, então eu fumo.

Ele riu.

— Esse é um longo caminho a percorrer por causa de uma pausa.

— Eu faço de tudo por uma pausa.

— Como discar para números errados?

— Algo assim.

— Quer me dizer seu nome ou isso a fará quebrar o código de ética do número errado?

— Não tenho nenhum problema em dizer meu nome a um completo estranho. É Gertrude.

— É um nome adorável, Gertrude — podia ouvir o sorriso na voz dele.

— Muito obrigada!

— Sou Gepeto.

— Prazer em conhecê-lo, Gepeto. Como vai Pinóquio?

— Ah, você sabe, dizendo mentiras e se gabando por não ter responsabilidade com ninguém.

— Ele está sempre fazendo isso. — Então percebi que, apesar de estar fluindo de forma mais confortável do que uma conversa telefônica com meu próprio pai, aquilo era estranho. — Bem, é melhor eu deixar você voltar para o bar.

— Na verdade, estou em um show do Aslan.

— Eu amo Aslan.

— Nós estamos no Vicar Street, você deveria vir.

— Quem é “nós”?

— Eu e Tom.

— Bem, eu iria, mas Tom e eu tivemos um desentendimento e ficaria estranho se eu aparecesse.

— Mesmo se ele pedisse desculpas a você?

— Acredite em mim, ele nunca vai pedir desculpas.

— Tom está sempre falando mais do que deve, basta ignorá-lo. Tenho uma entrada a mais, posso deixá-la para você no balcão.

Sua familiaridade me intrigou.

— Eu poderia ser uma mulher desdentada e casada, com dez filhos e um tapa-olho.

— Cristo, você é uma mulher?

Eu ri.

— Então, você está vindo?

— Você sempre convida números errados para sair?

— Às vezes.

— Será que eles sempre dizem sim?

— Uma vez, e eu consegui uma mulher desdentada casada, com dez filhos e um tapa-olho.

— Eles já cantaram “Down on Me”?

— Eles ainda não começaram. É sua favorita?

— É. — Abri o congelador: curry de frango ou torta de queijo cottage. O curry de frango estava vencido há uma semana; a torta de queijo cottage venceria no dia seguinte. Estendi a mão para o curry de frango e esfaqueei o papel filme com um garfo.

— Você já os ouviu ao vivo?

— Não, mas está na minha lista de coisas para fazer.

— O que mais está na sua lista?

— Jantar.

— Você sonha alto, eu gosto. Quer me dizer seu nome real agora?

— Não. Quer me dizer o seu?

— Don.

— Don o quê?

— Lockwood.

Meu coração fez uma coisa engraçada. Eu congelei. Senhor Pan notou minha mudança de humor, saltou para cima e olhou ao redor para saber do que ele precisava me defender ou do que precisava se esconder.

— Olá? — ele disse. — Você ainda está aí?

— Você disse Don Lockwood? — perguntei lentamente.

— Sim, por quê?

Eu engasguei.

— Você está brincando?

— Não. Nascido e criado. Na verdade, é mentira. Me chamaram Jacinta e então descobriram que eu era um menino. É muito mais fácil dizer a diferença agora, eu lhe garanto. Mas por que a surpresa? Esse não é um número errado, afinal?

Eu estava andando na cozinha e não estava mais interessada no meu curry de frango. Não acredito em sinais, nem lia o horóscopo, mas esta era, simplesmente, uma coincidência incrivelmente emocionante.

— Don Lockwood... Esperava por isso... É o nome do personagem de Gene Kelly em *Cantando na chuva.*

— Eu vi.

— Sim.

— E você é uma fã de Gene Kelly e/ou desse filme e, por isso, essa é uma notícia muito emocionante para você.

— Só a maior — eu ri.— Não me diga que ninguém nunca falou isso com você.

— Eu posso dizer, com segurança, que ninguém com menos de 85 anos me disse isso antes.

— Nem mesmo qualquer um dos seus números errados?

— Nem mesmo eles.

— Quantos anos você tem? — perguntei, com medo de estar tendo uma conversa com um garoto de 15 anos de idade e que a polícia estivesse a caminho para me prender.

— Tenho 35 e três quartos.

— Eu não posso acreditar que em todos seus 35 anos e três quartos nunca ninguém lhe disse isso.

— Porque a maioria das pessoas que conheço não tem 100 anos de idade como você.

— Eu não terei 100 por, pelo menos, duas semanas.

— Entendo. 30? 40? 50?

— Trinta.

— É só descida daí em diante, acredite em mim.

Ele ficou em silêncio, eu fiquei em silêncio, e então aquilo não era mais natural e nós éramos apenas dois estranhos em uma chamada de número errado que ambos queriam desligar.

Fui a primeira a chegar lá.

— Foi muito agradável conversar com você, Don. Obrigada pela oferta do ingresso!

— Adeus, mulher desdentada casada — ele disse e nós dois rimos. Desliguei e captei um vislumbre de mim mesma no espelho do banheiro. Eu parecia com mamãe, apenas um rosto cheio de um sorriso. Ele desapareceu rapidamente quando compreendi que tinha acabado de conversar com um absoluto estranho ao telefone. Talvez estivessem certos, talvez eu estivesse perdendo uma

oportunidade. Fui para a cama cedo e à meia-noite e meia meu telefone tocou. Acordei assustada. Olhei para o número piscando e não o reconheci, então o ignorei e esperei que o telefone parasse de tocar para que eu pudesse voltar a dormir. Poucos segundos depois, o telefone tocou novamente. Eu atendi dessa vez, esperando que não fosse má notícia. Tudo o que podia ouvir era barulho, gritos e berros. Afastei o fone do ouvido e ouvi a melodia, o canto, e reconheci a música. Ele estava me ligando, Don Lockwood estava me ligando, então eu pude ouvir minha música favorita.

“Se você acha que sua vida é um desperdício de tempo, se você acha que seu tempo é um desperdício de vida, venha a esta terra, dê uma olhada ao redor. Esta é uma situação trágica ou uma demonstração maciça, onde vamos esconder?”

Deitei na cama e escutei a música e, quando ela terminou, fiquei na linha para falar com ele. Assim que a próxima música começou, ele desligou.

Eu sorri. Em seguida, mandei uma mensagem para ele: “Obrigada!”.

Ele mandou uma mensagem de volta imediatamente:

“Uma coisa a menos na sua lista. Noite.”

Olhei para essas palavras por um longo tempo. Em seguida, salvei o número no meu telefone. Don Lockwood. Só de ver seu nome gravado no celular já quis sorrir.

Capítulo 8



Uma semana depois, acordei às 7 horas da manhã com um instinto maligno. Não vinha dormindo bem havia uma semana; esse é o tempo da minha vida que tinha passado sem que nada digno de nota acontecesse. Sabia que estava de mau humor logo que abri os olhos e percebi que o apartamento exalava o coquetel de camarão que eu tinha deixado sobre o balcão. Fiquei irritada no mais profundo âmago do meu ser, como quando sinto aquele frio úmido que vai até os ossos e de que é impossível me livrar. Também acho que meu corpo tinha percebido que um novo envelope estava deitado no carpete queimado, antes mesmo que eu o encontrasse. Poderia dizer que fora deixado ali fazia pouco tempo, pois não estava urinado e havia pousado em cima das pequenas pegadas, parecidas com uma rosa inglesa, de quando o Senhor Pan derrubara o coquetel de camarão e andara pelo carpete.

Eu tinha recebido uma carta todos os dias, desde que conhecera Vida no domingo anterior. Tinha ignorado todas e nada mudaria nesta segunda-feira. Pisei em cima do envelope como uma criança cujo único poder é exercer autoridade sobre uma boneca. Senhor Pan devia saber o que tinha feito, sentiu meu humor e permaneceu longe de mim. Tomei banho, tirei um vestido do varão da cortina e fiquei pronta em minutos.

Dei o café da manhã ao Senhor Pan, ignorei a carta e saí do apartamento.

— Bom dia, Lucy — minha vizinha disse, abrindo a porta tão logo pisei fora do apartamento. Estava desconfiada de sua precisão; se não soubesse o que se passava, poderia imaginar que ela havia estado parada atrás da porta esperando por mim.

— Bom dia — disse e pesquisei no meu cérebro por seu nome, mas não havia

espaço para informação, apenas para frustração. Virei as costas e tranquei a porta.

— Você se importaria se eu lhe pedisse um favor? — Sua voz soou trêmula e eu imediatamente me virei. Seus olhos estavam vermelhos e inchados como se tivesse chorado a noite toda. Amoleci e o meu mau humor perdeu sua vez. — Você se importaria de deixar isso com o segurança para mim? Agendei um mensageiro para pegá-lo, mas disseram que não viriam até aqui em cima. Ele está dormindo e não poderia deixá-lo...

— Claro, não há problema. — Peguei sua bolsa. Ela enxugou os olhos e disse "obrigada", mas sua voz a havia abandonado e a frase saiu como um sussurro.

— Você está bem?

— Sim, obrigada, eu apenas. Ahn... — Aquela voz trêmula novamente, enquanto ela tentava se recompor. Endireitou as costas e limpou a garganta, tentou manter algum tipo de dignidade, mas seus olhos continuavam se enchendo de lágrimas e ela lutou muito para controlá-los. — Mamãe foi levada ao hospital ontem. Ela parece não estar muito bem.

— Sinto muito.

Ela acenou desdenhosamente com a mão para esconder seu constrangimento, tentando se recompor.

— São apenas algumas coisas que eu pensei que ela pudesse precisar lá. Quero dizer, o que é que você dá a uma pessoa que... — ela terminou a frase em sua cabeça.

— Não vão deixar que você a visite?

— Ah, vão. Eu só não consigo visitá-la porque... — E olhou para o interior do apartamento, para seu bebê.

— Ah... — Eu sabia o que deveria dizer a seguir, mas não tinha certeza de que queria fazê-lo, não tinha certeza de que fosse certo. Falei relutantemente: — Eu poderia tomar conta do bebê, se você quiser. — Não sabia se dizia do seu ou da

sua.

— Sim. Conor. — Ela limpou a garganta novamente. — É muito gentil de sua parte se oferecer, mas eu realmente não gosto de deixá-lo...

— Compreendo. — Dei pulos de alegria por dentro, aliviada. — Vou deixar sobre a mesa para você.

Ela sussurrou um agradecimento novamente. Estava no elevador quando ela gritou:

— Lucy, se eu mudar de ideia e precisar de você, se for, você sabe, uma emergência, como é que entro em contato com você?

— Ah, bem. Você poderia esperar até eu voltar, por volta das 7 ou... — Não queria dar a ela o número do meu celular. Sabia que isso levaria minha irritação geral a cruzar o limite. — Você poderia me enviar um e-mail... — Olhei para o rosto dela, tão perturbado, mas esperançoso. Sua mãe estava morrendo, provavelmente, e eu estava dizendo a ela para me enviar um e-mail. — Ou você pode me ligar. — Seus ombros pareceram relaxar. Dei meu número a ela e saí de lá. Peguei um *cappuccino* da Starbucks no final do quarteirão, comprei um jornal e tive que deixar de ver o cara fofo no trem e conduzir Sebastian até o trabalho. Precisei levá-lo para a oficina naquele dia e já estava temendo a conta. Usei meu cartão de identificação para passar pela catraca, na entrada de meu prédio de escritórios. A Mantic ficava fora da cidade, em um novo centro comercial cuja arquitetura parecia uma nave extraterrestre. Dez anos atrás, eles haviam mudado a fábrica para a Irlanda e concentrado todos os escritórios em um só lugar para aumentar a produtividade, mas, desde que se mudaram para cá e passaram a pagar aluguéis exorbitantes, seus lucros diminuíram e foram obrigados a demitir 100 dos seus 1.200 funcionários. “Mantic” vem do grego e significa “ter poderes proféticos e divinos”, o que era realmente engraçado, vendo todos os problemas que a empresa tinha, mas ninguém estava rindo da piada. Parecia que, por enquanto, as coisas tinham se estabilizado e estávamos certos de que estávamos seguros, mas a maioria se sentia fragilizada após o choque da perda de tantos colegas. Nós ainda estávamos rodeados pelas mesas e cadeiras dos que já

haviam ido embora e simpatizávamos com as pessoas que perderam seus empregos, mas também gostávamos de encontrar mesas melhores e cadeiras mais confortáveis.

Eu me surpreendi por não ser uma das primeiras pessoas a ser demitida. Trabalhava como tradutora no departamento de manuais de instruções, que, agora, era uma equipe de seis pessoas. Traduzir manuais de instruções para os aparelhos da empresa em alemão, francês, espanhol, holandês e italiano pode parecer uma tarefa fácil, e seria, só que eu não falava espanhol, ou falava, mas não muito bem, e assim eu terceirizava parte do trabalho a um contato que falava espanhol muito bem, perfeitamente, na verdade, porque, de fato, ela era de Madri. Ela não se importava de fazê-lo e não era nada que uma garrafa de poitín[1], como presente de Natal, não resolvesse. Ela havia trabalhado para mim até agora, mas meu contato era, muitas vezes, preguiçoso e lento, e me deixava em xeque, entregando as traduções na última hora. Havia me graduado em Negócios e Idiomas, e concluído o mestrado em Comércio Exterior. Passei um ano trabalhando em Milão, um ano na Alemanha, e havia feito meu mestrado em uma escola de negócios de Paris; tive aulas à noite para aprender holandês, como uma espécie de projeto pessoal, mas foi na despedida de solteira de uma amiga, em Madri, que conheci a mulher que viria a ser meu álibi espanhol. Apesar de não ter estudado Direito, como meu pai e Riley, ou Medicina, como Philip, acho que meu pai estava discretamente orgulhoso de minhas realizações universitárias e de meu conhecimento de línguas, até que me mudei para este trabalho e a pequena admiração que ele tinha por mim pulou pela janela.

A primeira pessoa no escritório com quem me encontrava todas as manhãs era com a Vaca Intrometida, mas que fora batizada como Louise por seus pais. Vou chamá-la Intrometida para preservar o bom gosto. Ela era a administradora, estava para se casar dentro de um ano e planejava seu grande dia desde seu primeiro dia no útero. Quando Cara de Peixe, a chefe, não estava por perto, ela folheava revistas e arrancava as fotos para criar quadros de emoções de seu dia perfeito. Não que eu fosse uma mulher de absoluta substância, mas gostava de pensar que tinha, pelo menos, alguma, e estava cansada de sua incessante

conversa sobre estética. Suas perguntas sobre o “dia especial” de outras pessoas eram intermináveis. Ela era uma colecionadora de informações, pois devorava cada palavra tão logo fosse pronunciada. Conversas com ela se tornavam entrevistas e cada pergunta era elaborada para auxiliá-la a tomar uma decisão sobre a própria vida. Ela erguia o nariz para as coisas de que não gostava e, quando ouvia algo que achava agradável, mal ouvia o final da frase e já corria de volta para sua mesa, para documentar as novas descobertas. Não gostava dela e o fato de ela usar camisetas apertadas com estampas ridículas que não cobriam seus pneuzinhos me irritava mais e mais a cada dia. Eram as minúcias de qualquer pessoa que regavam as sementes de desagrado, mas, no caso de Blake, fora o contrário: as coisas que mais odiava nele, como seu ranger de dentes durante o sono, acabaram sendo as mesmas de que eu mais sentia falta. Gostaria de saber o que Jenna, a vaca, pensava sobre o ranger dos dentes dele.

Hoje, Intrometida vestia um blazer sobre uma camiseta preta, que trazia uma imagem de Shakespeare e, abaixo, os dizeres: “Prosa antes de Piranhas”. Às vezes eu me perguntava se ela entendia o que estava escrito nas suas camisetas.

— Bom dia, Lucy.

— Bom dia, Louise. — Sorri para ela e esperei pela questão aleatória número um do dia.

— Você já foi para o Egito?

Eu estive lá com Blake. Tínhamos feito tudo que era importante: montado camelos no deserto do Saara, sentado com os faraós, mergulhado no Mar Vermelho, cruzado o Nilo. No entanto, Intrometida estava perguntando para fins puramente egoístas, não para que ela pudesse flutuar comigo nas minhas maravilhosas memórias.

— Não, me desculpe — eu disse, e a esperança no rosto dela diminuiu. Fui diretamente para minha mesa, joguei meu copo de *cappuccino* no lixo, pendurei meu casaco e fui fazer um café fresco. O resto da equipe estava esmagado dentro da cozinha.

— O que é isso? Uma reunião secreta?

— Bom dia, princesa — Graham, o Pinto, me cumprimentou. — Café?

— Obrigada, vou passar um pouco agora. — Me espremi ao passar por ele para chegar à chaleira. Ele se afastou um pouco do balcão, e então tive que me esfregar contra sua virilha. Considerei seriamente dar uma joelhada nele. Graham era o Pinto de escritório, que tinha visto episódios de *Mad Men* em demasia e estava à procura de um caso no trabalho. Casado e com filhos, é claro, penteava seu cabelo para trás com um topete gorduroso, em um esforço para imitar seus aliados da publicidade da Madison Avenue, e usava tanta loção pós-barba que você poderia dizer que ele chegara pelo doce fedor que pairava no ar. Não me senti nem um pouco elogiada por seus avanços bajuladores; poderia ter me sentido, se eu quisesse passar uma noite com Pepe, o Gambá, e se seus avanços não fossem dirigidos a todas as mulheres em um raio de um quilômetro. Para lhe dar algum crédito, ele até pode ter sido atraente algum dia, no passado, se seu empreendimento de uma vida de compromisso com o mesmo ser humano que compartilharia tudo com ele, incluindo sua alma, ainda que nunca entendesse seu verdadeiro eu, não tivesse matado sua faísca interna.

Enchi o bule com água.

— Você ouviu? — Mary, a Rata, perguntou em sua voz que sempre pareceu estar um decibel abaixo do tom da fala normal. Os olhos de Mary eram quase duas vezes o tamanho de sua cabeça, um maravilhoso milagre da natureza. Seu nariz e seus lábios eram pontos em seu rosto, daí o apelido de Rata.

— Ouvi o quê?

— Agora, agora, nós não queremos assustar Lucy, ela acabou de entrar. — Esse foi Quentin, chamado de Cacoete por causa de seu hábito de piscar os dois olhos duas vezes em intervalos de 20 segundos. Os mesmos olhos que diminuíam em reuniões ou quando ele estava se dirigindo a uma multidão. Era um homem bom, talvez um pouco chato, mas eu não tive nenhum problema com ele. Ele fazia os gráficos para os manuais e, por isso, trabalhávamos juntos.

— Está acontecendo uma reunião no escritório da Edna, agora — disse Rata, seu pequeno rosto parado e seus grandes olhos se movendo como os de um roedor assustado.

— Quem disse isso para você?

— Louise ouviu de Brian, no marketing. Todo mundo do departamento está em reunião.

— Brian Murphy ou Bryan Kelly? — Steve, o Salsicha, perguntou. Explicar o apelido de Steve era simples. Steve, abençoado seja, parecia uma salsicha.

— Qual é a diferença? — Rata perguntou com os olhos arregalados.

— O Brian de Brian Murphy se soletra com *I* e o Bryan de Bryan Kelly se soletra com *Y* — disse, sabendo muito bem que não era o que ela queria dizer. Senti a respiração de Pinto na minha nuca enquanto ele ria para si mesmo e eu ficava satisfeita. Eu era uma prostituta sorridente, não herdei isso de ninguém.

— Não, eu quero dizer: por que é importante saber quem nos disse? — ela perguntou timidamente.

— Porque Brian Murphy é cheio de merda e Bryan Kelly não é — explicou Pinto.

— Eu sempre achei que os dois são homens de boa reputação — Cacoete disse respeitosamente.

Rata abriu a porta.

— Louise?

Intrometida se juntou a nós na cozinha já abarrotada.

— O que está acontecendo?

— Foi Brian Murphy ou Bryan Kelly que lhe disse sobre a reunião?

— Por que isso importa?

— Porque Bryan Kelly é cheio de merda — disse, deliberadamente trocando

as bolas. Pinto sorriu de novo, o único que notou.

— E, aparentemente, Brian Murphy não é — Rata disse. — Então, quem lhe disse isso?

— Qual é o Brian Murphy? — Intrometida perguntou. — Ele é o ruivo ou aquele com falhas no cabelo?

Revirei os olhos, fiz meu café o mais rápido possível e fui saindo de lá.

— De qualquer forma, essa reunião deve significar mais cortes, não é? — eu disse para ninguém em particular. E ninguém em particular respondeu. Todo mundo só olhou o vazio e se retirou para sua mente, pensando sobre os perigos pessoais que teriam que enfrentar.

— Tenho certeza de que tudo vai ficar bem — Cacoete disse. — Não vamos nos preocupar.

Mas eles já estavam preocupados, então voltei para minha mesa para fazer minhas palavras cruzadas e os deixei ali, com a pulga atrás da orelha.

“Lugar-comum, falta de originalidade ou de sagacidade.”

Olhei em volta.

“Banal.”

Quando ouvi a porta do escritório se abrir, escondi as palavras cruzadas sob alguns papéis e fingi me concentrar em novos manuais. Conforme Cara de Peixe cambaleava, o cheiro de couro e o perfume a seguiam. Edna Larson era a chefe do nosso departamento e se parecia muito com um peixe. Sua testa era alta, a linha dos cabelos começava bem no alto da cabeça, os olhos eram estalados e as maçãs de seu rosto eram sugadas, enfatizando ainda mais o bronzeamento que ela aplicava para destacar sua altura já bastante evidente. Cara de Peixe entrou em seu escritório e eu esperei que as venezianas se abrissem. Elas não se abriram. Olhei em volta e notei que todos estavam fazendo o mesmo. Depois de um tempo de espera para a chamada para a reunião, percebemos que eram negócios, como de costume, e que o rumor havia sido apenas rumor, o que

desencadeou um pequeno debate sobre a força da palavra de Bryan Kelly contra a de Brian Murphy.

E a manhã passou. Fiz uma pausa para o cigarro na saída de incêndio, para que eu não tivesse que descer todas as escadas até o exterior, mas, mesmo não fumando, tive que fumar realmente porque Graham veio comigo. Recusei ambas as suas ofertas, de almoço e jantar, e como se compreendesse que essas duas ofertas eram compromisso demais para mim, voltou com uma contraoferta, então rejeitei sua sugestão de sexo sem compromisso. Depois, sentei com Cacoete por uma hora, sobre o novo manual superenganador do forno a vapor que nenhum de nós poderia pagar, mesmo que enviássemos todos os nossos aparelhos domésticos para uma casa de penhores. Edna ainda não tinha aberto as cortinas de seu escritório e Louise não tinha tirado os olhos da janela, mesmo quando estava ao telefone.

— Deve ser pessoal — disse Louise para ninguém em particular. — O que deve ser?

— Edna. Ela deve estar passando por algum problema pessoal.

— Ou então ela está dançando nua e dublando *Footloose* ao redor do seu iPod — sugeri, e Graham mirou as janelas com esperança, visualizando novas fantasias em sua cabeça.

O telefone de Louise tocou e sua voz alegre substituiu os tons maçantes, mas ela rapidamente perdeu o entusiasmo e, imediatamente, percebemos que havia algo errado. Todos nós paramos de trabalhar e olhamos para ela. Ela colocou o telefone no gancho lentamente, os olhos arregalados, e olhou para nós.

— Todos os departamentos acabaram suas reuniões. Bryan Kelly se foi.

Houve um longo silêncio abafado.

— Isso é o que você recebe por ser cheio de merda — disse calmamente.

Graham foi o único que entendeu a piada. Mesmo que eu não fosse dormir com ele, gostei que ele tivesse tempo para rir das minhas piadas e, por isso,

merecia meu respeito.

— É Brian Murphy que é cheio de merda — disse Louise, frustrada. Fiz beicinho.

— Quem era ao telefone? — Salsicha perguntou.

— Brian Murphy — respondeu Louise.

Era isso, nenhum de nós podia fazer nada. Mas podíamos rir e nos unimos pela primeira vez em um momento de gargalhada em um terrível período da vida deles. Eu digo “deles” porque não sentia aquilo, não estava preocupada, ansiosa ou com medo, porque eu não sentia como se tivesse algo a perder. Uma boa rescisão teria sido ótimo e se somaria ao bônus depois da minha última demissão. Então, a porta de Edna finalmente se abriu e ela apareceu com os olhos vermelhos injetados de sangue. Ela olhou para todos nós no que só poderia ser descrito como um tipo de arrependimento e, por um momento, procurei descobrir o que eu estava sentindo, mas a única coisa que eu sentia era indiferença. Ela limpou a garganta.

— Steve, posso falar com você, por favor?

Nós todos olhamos com horror Steve indo até ela. Não houve mais risadas. Logo, assistimos a Steve deixar o escritório, e era como assistir a um ex-namorado saindo de casa. Ele embalou suas coisas tranquilamente, com lágrimas nos olhos: a fotografia de sua família; sua minibola e minicesta de basquete; sua caneca que dizia “Steve gosta de seu café preto com um cubo de açúcar”; sua marmitinha de lasanha, que sua esposa fizera para o almoço. E então, depois de apertos de mão, alguns tapas nas costas de Graham, um abraço de Mary e um beijo na bochecha de Louise, ele se foi. Uma mesa vazia como se nunca tivesse nem passado por lá. Nós trabalhamos em silêncio depois disso. Edna não abriu as cortinas pelo resto do dia e não fiz mais pausas para o cigarro, em parte por respeito a Steve, mas, principalmente, porque eram os cigarros dele que eu costumava fumar. Ao mesmo tempo, eu me perguntava quanto tempo levaria para que pensassem em ocupar a mesa de Steve, porque a iluminação de lá era muito melhor.

Deixei-os na hora do almoço como sempre fiz e, enquanto estava na garagem, recebi outra carta de Vida. Portanto, voltei ao escritório com um humor muito pior. Amaldiçoei os céus quando me sentei e, em seguida, pulei para trás.

— O que há de errado? — Graham perguntou, me olhando.

— Quem colocou isso aqui? — Levantei o envelope e o chacoalhei ao redor da sala. — Quem colocou isso na minha mesa?

Silêncio. Olhei para Louise na recepção, ela encolheu os ombros.

— Estávamos todos almoçando no refeitório, ninguém viu, mas recebi uma também. E é para você. — Ela veio em minha direção com o envelope.

— Tenho uma também — disse Mary, passando-a para Louise entregá-la para mim.

— Havia uma na minha mesa também — Cacoete disse.

— Eu ia entregar mais tarde — disse Graham sugestivamente, retirando um envelope de seu bolso interior.

— O que elas dizem? — Louise perguntou, recolhendo os envelopes e trazendo-os para mim.

— É particular.

— Que tipo de papel é esse? Parece bom.

— Eles são muito caros para convites — rosnei.

Ela recuou, desinteressada.

Incluindo a carta que eu tinha encontrado no meu apartamento esta manhã e a carta que enviara para a oficina, Vida havia escrito para mim sete vezes em um dia. Esperei até que o zumbido habitual de trabalho tivesse começado, antes de discar o número escrito na carta. Esperava que torta americana atendesse. Ela não o fez. Em vez disso, era ele. Ele nem sequer esperou que dissesse alô.

— Finalmente consegui sua atenção?

— Sim, você conseguiu — eu disse, tentando manter a calma.

— Já se passou uma semana — continuou. — Eu não soube de você.

— Estive ocupada.

— Ocupada com o quê?

— Apenas fazendo as coisas. Meu Deus, tenho que explicar cada mínimo detalhe?

Ele ficou em silêncio.

— Tudo bem. — Planejava matá-lo com minha monotonia. — Na segunda-feira, eu me levantei e fui trabalhar. Trouxe meu carro para a oficina. Fui jantar com um amigo. Fui dormir. Na terça-feira, fui trabalhar, peguei meu carro, fui para casa e fui dormir. Na quarta-feira, fui trabalhar, fui para casa e fui dormir. Na quinta-feira, fui trabalhar, fui ao supermercado, fui para casa, fui a um funeral e depois fui dormir. Na sexta-feira, fui trabalhar, depois fui para a casa de meu irmão e cuidei das crianças no fim de semana. No domingo, fui para casa. Assisti ao *Sinfonia em Paris* e me perguntei pela centésima vez se era a única pessoa que queria que Milo Roberts e Jerry Mulligan ficassem juntos. Aquela menina francesa só jogou com ele. Esta manhã, acordei e vim trabalhar. Feliz agora?

— Que emocionante! Você acha que continuar a viver como um robô realmente vai me fazer ir embora?

— Eu não acho que tenho vivido como um robô, mas, independentemente do que faço, é muito óbvio que você não está indo embora. Trouxe meu carro para a oficina hoje e Keith, o mecânico, me entregou uma carta sua, que ele já havia aberto e, em termos inequívocos, sugeriu que sexo com ele poderia resolver meu problema. Obrigada por isso!

— Pelo menos estou ajudando você a atingir os homens.

— Eu não preciso de ajuda para encontrar homens.

— Talvez para mantê-los, então. — Aquilo foi baixo e acho que até ele sabia

disso. — Pois bem, quando podemos nos encontrar de novo?

Eu suspirei.

— Veja, só não acho que essa coisa toda entre mim e você vai funcionar. Pode ser bom para outras pessoas, mas não para mim. Realmente gosto do meu espaço, gosto de fazer as coisas sem alguém fungando no meu pescoço o tempo todo, então eu creio que a coisa adulta e madura a se fazer aqui é você seguir o seu caminho e eu seguir o meu. — Fiquei impressionada com meu tom, com minha firmeza. Ouvindo minhas palavras, queria me separar de mim e, por mais estranho que fosse, isso era essencialmente o que eu estava tentando fazer. Estava tentando romper comigo mesma.

Ele ficou em silêncio novamente.

— E os nossos momentos juntos não são um mar de risadas, também. Nós nem sequer desfrutamos da companhia um do outro. Quero dizer, realmente, devemos simplesmente nos separar. — Ele ainda não falava. — Alô, você ainda está aí?

— Próximo.

— Eu não estou autorizada a receber chamadas pessoais durante o trabalho, então, preciso desligar.

— Você gosta de beisebol, Lucy? — Revirei os olhos.

— Não sei nada sobre esse esporte.

— Você já ouviu falar de uma bola curva?

— Sim, é o que os caras com a bola jogam nos caras com os bastões.

— Sucinta como sempre. Mais especificamente, é um tipo de arremesso em que se lança de maneira a transmitir um giro para frente na bola, fazendo-a mergulhar de um modo descendente.

— Soa complicado — brinquei com ele.

— E é. É por isso que eles fazem isso. Isso tira o batedor da jogada.

— Tudo bem, Robin sempre o resgata. Acho que eles têm alguma coisa entre eles.

— Você não me leva a sério.

— Porque você está falando de um esporte americano sobre o qual eu não sei nada, estou no meio do meu trabalho e seriamente preocupada com sua saúde mental.

— Estou lançando uma para você — ele disse simplesmente, sua voz brincava agora.

— Você vai... — Olhei em volta da sala. — Você está aqui? Não tem permissão para brincar com uma bola dentro do prédio, deveria saber disso.

Silêncio.

— Alô? Alô? — Minha vida desligou na minha cara. Alguns instantes depois, a porta de Edna se abriu novamente. Seus olhos voltaram ao normal, mas ela parecia cansada.

— Ah, Lucy, você está aí, eu poderia vê-la por um momento, por favor?

Os olhos da Rata se arregalaram ainda mais. Pinto me olhou triste, não restaria ninguém para ele importunar.

— Sim, com certeza.

Senti todos os olhos em mim conforme me dirigia para o escritório dela.

— Pode se sentar, não há nada com que se preocupar.

— Obrigada. — Me sentei em frente a ela, à beira da mesa.

— Antes de começar, quero entregar isso para você.

Ela me entregou outro envelope. Revirei os olhos e o peguei.

— Minha irmã recebeu um desses antes — disse ela, me observando.

— Sério?

— Sim. Ela deixou o marido e está morando em Nova York agora. — Seu

rosto mudou enquanto ela falava sobre sua família, mas ainda parecia um peixe. — Ele era um imbecil. Ela está muito feliz.

— Bom para ela. Ela deu uma entrevista para uma revista, por acaso?

Edna franziu o cenho.

— Acho que não, por quê?

— Não importa.

— Se houver algo que eu possa fazer para deixá-la mais feliz aqui, você vai me falar, não vai?

Eu fiz uma careta.

— Sim, claro. Estou muito bem, Edna, obrigada. Acho que esta carta é apenas um erro do correio ou algo do tipo.

— Certo. — Ela mudou de assunto. — Bem, a razão de lhe ter chamado é porque Augusto Fernandez, chefão do escritório alemão, virá nos visitar amanhã e queria saber se você seria capaz de assumir a frente e apresentá-lo ao bando daqui. Talvez possamos fazer o nosso melhor para que ele se sinta bem-vindo e mostrar a ele como estamos trabalhando duro por aqui.

Eu estava confusa.

— Ele não fala inglês muito bem — disse ela.

— Ah, que alívio! Por um minuto pensei que você queria que eu dormisse com ele.

Isso poderia ter acontecido, de qualquer maneira. Ela jogou a cabeça para trás e riu bastante.

— Ah, Lucy, você é o remédio perfeito, eu precisava disso, obrigada! Veja, sei que gosta de fazer suas coisas na hora do almoço, mas vou ter de lhe pedir para ficar aqui apenas no caso de ele fazer uma visitinha. Michael O’Connor está lhe mostrando o edifício, é claro, mas quando ele chegar aqui, seria bom recebê-lo em nosso pequeno grupo. Diga a ele o que todo mundo faz e sobre nosso ótimo

trabalho. Você compreende? — Ela me olhava com aquele olhar de súplica: “Por favor, não deixe que qualquer um de nós seja demitido”. Gostei de saber que ela se importava.

— Sem problema. Entendido e compreendido.

— Como estão todos lá fora?

— Como se tivessem acabado de perder um amigo.

Edna suspirou. Ouvi e senti a tensão sob a qual ela estava. Saí do escritório e estavam todos reunidos em torno da mesa da Rata, como pinguins amontoados para se aquecerem, com medo de deixar seus ovos caírem, todos olhando para mim, pálidos, preocupados que eu tivesse sido demitida.

— Alguém tem uma caixa de papelão sobrando?

Houve um coro de tons angustiados.

— Estou só brincando, mas é bom saber que vocês se importam — sorri e eles se descontraíram, mas ficaram um pouco irritados. E, então, algo que Edna havia dito me acertou e, de repente, fiquei tensa. Bati na porta, voltei para dentro do escritório dela. — Edna — disse com mais urgência.

Ela tirou os olhos de sua papelada.

— Augusto, ele é da...

— Sede, na Alemanha. Não diga aos outros, não quero que eles se preocupem mais ainda.

Alívio.

— Claro. É só que não é um nome típico alemão. — Sorri e fechei a porta.

— Desculpe, Lucy, agora entendi o que você quis dizer — ela me chamou. — Ele é espanhol.

Sorri, mas por dentro eu chorava. Fiquei preocupada, fiquei muito preocupada, porque, além de ter apenas espanhol suficiente para pedir uma

rodada de Slippery Nipples[2], não imaginava como falar sobre outros assuntos e, embora não soubessem disso ainda, a equipe estava contando com minha lábia para salvá-los do processo de eliminação seguinte. Foi então, quando me sentei e vi as cartas ainda repousando sobre minha mesa, que a conversa fez sentido.

Ele e suas analogias. Vida havia me lançado uma bola curva.

Capítulo 9



— Ele fez a trilha inca na semana passada, vocês viram? — meu amigo Jamie disse para a mesa.

Estávamos no Wine Bistro, no centro da cidade, nosso refúgio de costume, sendo servidos pelo garçom gay com falso sotaque francês de costume. Havia sete dos suspeitos de costume reunidos para o aniversário de Lisa. Costumava haver oito antes de Blake ter começado a viajar pelo mundo, mas ele poderia muito bem estar sentado à cabeceira da mesa naquela noite, exatamente do lado oposto ao meu, pelo modo como todos estavam agindo. Eles falaram de Blake por vinte minutos, desde que o prato principal tinha chegado, e senti que poderiam continuar por mais vinte, então enchi a boca com salada. Os Silchester não falam enquanto comem; assim, além de um aceno de interesse com a cabeça e de um levantar de sobrancelhas ocasional, não precisava participar da conversa. Eles falaram sobre o programa da noite passada, quando ele estava na Índia; eu o assisti e esperava que Jenna tivesse a diarreia de Délhi. Falaram sobre o que ele disse, o que viu, o que vestiu e, então, carinhosamente se dividiram sobre seus comentários bajuladores finais e aquele olhar cafona por baixo da lente da câmera, seguido de uma piscadela que, pessoalmente, era minha parte favorita, mas eu não lhes disse isso.

— O que você acha disso, Lucy? — Adam perguntou, matando a discussão entre eles e direcionando tudo para mim.

Levei um tempo para mastigar e depois engolir algumas folhas de alface.

— Eu não vi. — Enfiei mais alface em minha boca.

— Ah! — Chantelle brincou. — Ela é tão fria!

Dei de ombros.

— Você já viu pelo menos uma vez? — Lisa perguntou.

Balancei a cabeça.

— Não sei se tenho o canal. Não verifiquei.

— Todo mundo tem esse canal — Adam disse.

— Ah, ooops! — Sorri.

— Vocês iam fazer essa viagem juntos, não iam? — Adam perguntou novamente, se inclinando sobre a mesa, enviando sua energia para mim.

Adam quis brincar, mas, mesmo que isso tivesse acontecido há quase três anos, seu melhor amigo ter sido dispensado ainda o magoava seriamente. Se eu não tivesse sido alvo de sua agressividade, minha admiração por sua lealdade teria sido muito maior. Não conseguia entender como Blake gerou uma devoção tão inabalável como a de Adam, mas o que quer que ele tenha dito, ou quaisquer que fossem as lágrimas de crocodilo que ele tenha derramado com Adam, havia surtido efeito e eu me tornara a inimiga pública número um. Sabia disso e Adam queria que eu soubesse disso, mas parecia que ninguém mais sabia disso. Mais uma vez, a paranoia estava me dominando, mas eu a seguia como se fosse minha guia.

Assenti para Adam.

— Sim, nós planejamos ir para comemorar o trigésimo aniversário dele.

— E você o fez ir por conta própria, sua vadia cruel — Lisa disse e eles riram.

— Com uma equipe de filmagem — Melanie acrescentou em minha defesa.

— E um spray de bronzeamento, pelo que parece — Jamie completou, e eles riram.

E Jenna. A vadia da Austrália.

Eu só encolhi os ombros novamente.

— Isso é o que você consegue quando me dá ovos fritos, em vez de cozidos. Uma garota não pode lidar com um café da manhã na cama de má qualidade.

Eles riram, mas Adam não. Ele olhou para mim em defesa de seu amigo. Enfiei mais alface na boca e olhei para o prato de Melanie para ver o que eu poderia roubar. Como de costume, estava cheio de comida. Cravei um tomate cereja, que me daria pelo menos vinte segundos de mastigação. O tomate explodiu na minha boca, as sementes desceram queimando pela minha garganta e eu engasguei. Não foi legal. Melanie me deu um copo com água.

— Bem, ele não ficou muito mal. Acabamos em Vegas para comemorar seu trigésimo aniversário — Adam disse e me lançou um olhar longo e calculado que realmente me matou. Os rapazes se entreolharam com expressões insolentes, compartilhando, instantaneamente, um fim de semana de loucuras que nunca seriam reveladas. Meu coração se retorceu quando imaginei Blake em um bar com uma *stripper* lambendo Pernod[3] em seu abdome e lançando azeitonas em seu umbigo. Não foi algo que aconteceu realmente, foi apenas uma brincadeira da minha mente.

Meu telefone tocou. O nome de Don Lockwood piscou na tela. Desde nossa conversa ao telefone, há mais de uma semana, pensei em algum tipo de retorno para a música do Aslan, mas não consegui. Assim que abri o texto, uma foto apareceu. Era uma figura de porcelana de uma mulher velha e abatida, com um tapa-olho e, abaixo dela, o texto dizia: “Vi isso e pensei em você”.

Retirei-me da conversa e, imediatamente, respondi.

“Tirar minha foto sem permissão é quase ilegal. Teria lhe dado meu sorriso encantador.”

“Você não tem dentes, lembra-se?”

Sorri abertamente e tirei uma foto dos meus dentes. Pressionei enviar.

Melanie me lançou um sorriso curioso.

— Para quem você está escrevendo?

— Para ninguém, só estava vendo se tinha alface presa em meus dentes — menti, facilmente. Facilmente até demais. Estava ficando boa nisso.

— Você poderia ter me perguntado. Sério, quem é?

— Apenas um número errado. — Não era mentira. Peguei minha bolsa e coloquei 20 euros sobre a mesa. — Rapazes, foi bom, foi legal, mas tenho que ir agora.

Melanie falou como se estivesse gemendo.

— Mas nós mal conversamos. Nem falamos nada...

— Não fizemos nada além de falar. — Ri, me levantando.

— Mas não sobre você.

— O que você quer saber? — Peguei meu casaco das mãos do garçom gay com falso sotaque francês que tinha apontado para o cabideiro e disse: — As últimas?

Melanie ficou meio surpresa por ser colocada em seu lugar.

— Bem, só queria saber o que está acontecendo com você, mas você já está a meio caminho da porta, então, não temos tempo para isso.

Permiti que o garçom gay com falso sotaque me ajudasse a colocar o casaco e lhe disse: — *Il y a eu une grande explosion. Téléphonez les pompiers et sortez du batiment, s'il vous plaît* — que significava "Houve uma grande explosão. Telefonem para os bombeiros e evacuem o prédio, por favor". Ele parecia um pouco exausto, sorriu, então se afastou antes que eu pudesse arrancar sua máscara.

— Bem, nós não precisamos de muito tempo para falar de mim porque não está acontecendo nada de interessante. Confie em mim. Vamos recuperar o atraso. Na semana que vem, vou a uma de suas festas e ainda poderemos dançar no camarote. — Melanie era uma DJ de destaque e muito solicitada no circuito de festas. Ela atendia pelo nome de DJ Trevas, muito mais devido ao fato de que ela nunca via a luz do dia do que a um tributo ao seu deslumbrante estilo

armênio.

Ela sorriu, me abraçou e esfregou minhas costas afetuosamente.

— Isso seria ótimo, embora nós tenhamos que fazer leitura labial. Ah — ela me abraçou mais apertado —, eu só me preocupo com você, Lucy.

Eu congelei. Ela deve ter percebido, pois se afastou rapidamente.

— O que você quer dizer com “se preocupa comigo”?

Parecia que ela havia pisado em algo.

— Não quis que isso soasse como insulto! Você se sentiu insultada?

— Bem, não sei ainda. Não sei o que significa quando sua amiga lhe diz que está preocupada com você. — Estavam todos ouvindo agora. Tentei manter um clima despreocupado, mas queria chegar ao fundo da questão. Ela nunca tinha me dito aquilo, por que estava dizendo agora? O que havia em mim que estava fazendo com que as pessoas, de repente, passassem a se preocupar comigo? O comentário que ela fez sobre minha saída de sua festa mexeu com minha memória; talvez houvesse muitas coisas que ela sentia por mim que eu não sabia. De repente, me perguntei se eles estavam todos naquele esquema com Vida, se todos eles haviam assinado a mesma papelada que minha família. Olhei para todos. Eles pareciam preocupados.

— O quê? — Sorri. — Por que vocês estão me olhando assim?

— Eu não sei o que eles estão pensando, mas eu esperava por uma luta — David disse. — Luta de garotas, apertões, arranhões, olhos arrancados.

— Rasgar a roupa, apertar os mamilos — Jamie brincou e todos riram.

— Eu não vou rasgar a roupa dela. — Sorri, envolvendo meu braço em torno de Melanie. — Ela está quase pelada.

Eles riram.

— Eu só queria saber por que ela estava preocupada comigo, e isso é tudo — disse alegremente. — Alguém mais nesta mesa está preocupado comigo?

Eles fizeram uma lista e eu nunca me senti tão amada.

— Todo dia em que você se coloca atrás do volante daquele carro — Lisa disse.

— Só quando você se embebeda mais do que eu — David acrescentou.

— Tenho certa preocupação sobre sua saúde mental — Jamie disse.

— Estou preocupada a respeito desse vestido com esse casaco — Chantelle disse.

— Ótimo, ninguém quer me dar um soco? — Ri.

— Não, não estou preocupado com você, de forma alguma — Adam acabou por responder. Ninguém ouviu o que ele quis dizer como eu ouvi.

— E assim, nessa alegre melodia, estou deixando todos vocês. Tenho que acordar cedo amanhã. Feliz aniversário, Lisa! Tchau, tchau, balão. — Beijei sua barriga. E daí fui embora.

Tomei o ônibus para casa. Sebastian estava com um vazamento e foi fortemente medicado, por isso teve que dormir um pouco mais na oficina.

Meu telefone tocou.

“Caninos impressionantes. Se me enviar mais fotos, quem sabe eu monte você. Se seu namorado não se importar?!”

“Astuto.”

“Isso não é uma resposta.”

“É, sim. Apenas não é a resposta que você estava procurando.”

“O que vai fazer amanhã?”

“Ocupada. Vou ser mandada embora.”

“Namorado... Trabalho... Você não está tendo uma boa semana. Gostaria de ajudar com um deles!”

“Você fala espanhol?”

“Requisito para namorados?”

“De novo... Astuto. Bem. É uma exigência para manter meu trabalho. Prestes a ser revelada como uma tradutora de espanhol que não fala espanhol.”

“Odeio quando isso acontece. Estoy buscando a Tom. Significa que estou procurando Tom. Veio a calhar na Espanha. Essa frase resume meus conhecimentos.”

Mais tarde, naquela noite, enquanto estava deitada na cama e ouvindo uma fita de língua espanhola, recebi uma mensagem.

“Lentamente, mas certamente, estou retirando seu disfarce. Certamente não sem dentes, não casada, talvez com tapa-olho e dez filhos. Amanhã, vou continuar a investigação.”

Desliguei o flash da câmera do meu telefone, levantei-o até meu rosto. Tirei uma foto dos meus olhos. Isso me custou algumas. Enviei. Esperei a resposta com o telefone na mão. Não a recebi. Talvez eu tenha ido muito longe. Mais tarde, naquela noite, o celular tocou e o peguei rapidinho.

“Você me mostrou seus olhos... Rolei a imagem e fiquei olhando para uma perfeitamente formada e não perfurada orelha.”

Sorri. Então, fechei os olhos e dormi.

Capítulo 10



Dei uma garfada em minha salada de três feijões, na qual só encontrei dois dos três tipos. Estava comendo na minha mesa pela primeira vez em dois anos e meio. Louise havia roubado uma grande cadeira executiva de couro de algum lugar depois das demissões, cadeiras aleatórias eram uma característica comum e, naquele momento, eles estavam reencenando uma versão de escritório do Mastermind[4]. Era a vez de Cacoete responder e sua especialidade era *Coronation Street*: Grandes Eventos, 1960-2010. Rata disparava perguntas retiradas da internet, Louise marcava o tempo e, até agora, estava indo bem, com três passes e 15 pontos. Graham tinha a cabeça entre as mãos e estava olhando seu sanduíche aberto, ocasionalmente, tirando a mão de sua cabeça para separar uns picles.

— Não sei por que não diz para eles não colocarem picles. Você faz isso todos os dias — disse Louise, observando-o.

— Concentre-se no tempo — disse Rata, em pânico, então falou ainda mais rapidamente. — Em 1971, como é que Valerie Barlow deixou o programa?

E, numa fala igualmente rápida, Cacoete disparou:

— Eletrocutou-se com um secador de cabelo defeituoso.

A qualquer momento, Sr. Fernández entrará por aquela porta e, depois de dois anos e meio no cargo, eu revelarei ao escritório minha total incapacidade de falar espanhol. Já estava encolhida de tanta vergonha e uma sensação horrível me tomava, pois sabia que iria decepcioná-los, uma preocupação que nunca tivera. Quanto menor ficava o número de pessoas em nosso escritório, mais parecíamos uma família disfuncional e, embora eu sempre ficasse do lado de fora olhando

para dentro, percebi que, apesar de não sermos um grupo muito grudado, estávamos certamente menos distantes. Não gostávamos muito uns dos outros, mas protegíamos nossa unidade; no entanto, de certa forma, eu traíra todos eles. Havia pensado em fingir que estava doente e também em revelar à Cara de Peixe a minha inabilidade no idioma espanhol. Isso evitaria o constrangimento público na frente da equipe, mas seria muito humilhante. Enfim, decidi contra ambas as opções, pois uma parte de mim disse que talvez eu pudesse fazer o joguinho da minha própria vida e também porque havia a chance de eu aprender o idioma ao longo da noite. Assim, depois de admirar a orelha perfeita de Don Lockwood na noite passada, devorei os livros de língua espanhola. Descobri, às 3 horas da manhã, que era impossível aprender um idioma em apenas uma noite.

Graham finalmente terminou de tirar os picles e deu uma mordida em seu sanduíche. Ele assistia ao desenrolar do jogo com um olhar cansado. Era em momentos como esse que eu o achava atraente; quando ele não estava fingindo ser alguém que não era. Olhou para mim e compartilhamos um olhar recíproco de aborrecimento. Então piscou, e voltei a detestá-lo.

— OK, minha vez! — Louise praticamente levantou Cacoete da cadeira para se sentar.

Aturdido, Cacoete se levantou e arrumou os óculos.

— Muito bem, Cacoete — disse.

— Obrigado! — Ele puxou as calças, sua barriga se mostrou acima de seu cinto e ele ficou orgulhoso.

— Qual é sua especialidade? — Rata perguntou para Louise.

— Peças de Shakespeare — Louise disse muito seriamente.

Todos nós olhamos para ela.

— Estou só brincando. “A Vida e as Fases de Kim Kardashian”.

Nós rimos.

— Você tem dois minutos. De quem o pai de Kim Kardashian, Robert

Kardashian, foi advogado durante um caso controverso na década de 1990?

— O. J. Simpson — ela disse, tão rápido que as palavras foram quase inaudíveis.

Cacoete sentou ao meu lado e ficamos assistindo ao show.

— O que você está comendo? — perguntou ele.

— Salada de três feijões, mas, olha, só encontrei dois tipos de feijão nela.

Cacoete se inclinou para estudá-la.

— Feijão comum, grão-de-bico... Você comeu o outro?

— Não, definitivamente não, eu teria notado.

— Eu devolveria se fosse você.

— Mas já está na metade, eles vão pensar que eu os comi.

— Vale a pena tentar. Quanto custou?

— 9,50.

Ele assentiu em descrença e sugou o ar.

— É verdade, eu aceitaria de volta o dinheiro. — Parei de comer e voltamos nosso olhar para o jogo.

— Em qual episódio é mostrado que Kim Kardashian se mudou da cidade para abrir uma nova loja de roupas com sua irmã?

— “Kourtney e Kim Invadem Nova York” — ela gritou. — A loja de roupas é a Dash.

— Você não ganha pontos extras por informação extra — Graham reclamou.

— Psiuuu — ela disse, mantendo um olho no relógio.

Ouvi a voz de Michael O’Connor no corredor: alta, confiante e informativa, conforme ele pontuava os fatos medíocres do lugar em que eu passava todos os meus dias. Edna deve tê-lo ouvido também porque ela abriu a porta de seu

escritório e assentiu para mim. Levantei-me e alisei meu vestido, na esperança de que o tecido estampado de beija-flor e sem vincos me ajudasse a falar espanhol. Michael O'Connor cumprimentou Edna na porta e foi até mim para trazer Augusto ao escritório. Limpei a garganta e estendi a mão, enquanto caminhava em direção a ele.

— *Sr. Fernández, bienvenido*.

Apertamos as mãos. Ele era extremamente bonito e fiquei ainda mais confusa. Olhamos um para o outro em um longo silêncio.

— Ahn, ahn... — gaguejei e a minha mente ficou completamente em branco. Todas as frases que eu havia aprendido rapidamente fugiram da minha cabeça em um ato óbvio de sabotagem.

— *¿Hablas espanol?* — perguntou ele.

— A-ham.

Ele sorriu. Finalmente me lembrei de algo.

— *¿Cómo está usted?*

— *¿Bien, gracias, y usted?* — As palavras eram rápidas e não soavam exatamente como a voz na fita, mas reconheci algumas delas e prossegui, tentando falar mais rápido como ele.

— Uhhh. *Me llamo...* Lucy Silchester. *Mucho gusto, encantada*. É um grande prazer conhecê-lo. — Ele respondeu com algo longo, rápido e detalhado. Sorrindo às vezes, em seguida olhando sério, usando as mãos de forma presidencial. Eu assenti, por minha vez, sorrindo quando ele sorria e olhando sério quando ele o fazia. Então, ele ficou em silêncio e esperou por uma resposta.

— OK. *¿Quisiera bailar conmigo?*

Ele enrugou a testa. Por trás da cabeça do Sr. Fernández pude ver Graham tentando socar seu sanduíche em uma gaveta, em pânico, como se comer em sua mesa, na hora do almoço, pudesse furtá-lo de seu trabalho. Picles estavam

voando por toda parte, então fui para a mesa de Cacoete. Isso acabou com o meu plano; na minha cabeça, havia planejado começar meu discurso com Graham, e agora tinha que descer até o segundo parágrafo da peça que havia decorado. Cacoete se levantou e arrumou os óculos, orgulhoso como um pavão.

— Sou Quentin Wright, honrado em conhecê-lo. — Cacoete, cacoete, piscada, piscada.

Quentin olhou para mim. Olhei para Augusto. Minha mente ficou em branco.

— Quentin Wright — disse com uma espécie de sotaque espanhol, e eles apertaram as mãos.

Augusto disse alguma coisa. Olhei para Cacoete e engoli em seco.

— Ele gostaria de saber o que você faz aqui.

Cacoete franziu a cara.

— Você tem certeza que foi isso que ele disse?

— Hm, sim. — Ele parecia confuso, mas depois passou a um discurso retórico, falando sobre sua experiência passada e que honra era para ele trabalhar para a empresa. Teria sido tocante se eu não quisesse pará-lo depois de cada frase. Olhei para Augusto. Sorri.

— Ah, ele disse, *un momento, por favor*. *España es un país maravilloso*. *Me gusta español*.

Augusto olhou para Cacoete, Cacoete olhou para mim.

— Lucy — Cacoete disse acusadoramente.

Eu estava suando, podia sentir o suor escorrendo pelo meu corpo. Não me recordo de algum dia ter me sentido tão... envergonhada.

— Ah... — Olhei ao redor da sala tentando pensar em uma desculpa para sair. Então Gene Kelly me salvou de novo e, à minha mente, veio: a mensagem de texto de Don Lockwood. — *Estoy buscando a Tom*.

Ambos franziram a cara.

— Lucy — Quentin me questionou ainda mais nervoso, repetindo o cacoete muito mais vezes do que eu jamais havia visto —, quem é Tom?

— Você conhece Tom! — Sorri para ele. — Tenho que encontrá-lo, é muito importante que eu apresente o Sr. Fernández a ele. — Então, olhei para Augusto e repeti: — *Estoy buscando a Tom*.

A sala estava girando quando comecei minha fuga. Alguns gritos do corredor me fizeram recuar. Foi um alívio tão grande ouvir uma distração que eu não sabia se estava imaginando tudo aquilo. Então, as pessoas no escritório reagiram, mas eu não. Michael O'Connor e Edna pararam de conversar; ele colocou a cabeça para fora da porta para dar uma olhada. Depois, havia mais vozes gritando, vozes masculinas raivosas e altas. Então, houve uma briga e depois uma respiração ofegante, como se as pessoas houvessem se exercitado. Em seguida, um monte de coisas aconteceu, todas ao mesmo tempo. Edna disse alguma coisa para Michael O'Connor e ele rapidamente fechou a porta para proteger a todos nós do que quer que fosse; Rata e Intrometida, instantaneamente, se abraçaram; Pinto, rapidamente, se aproximou delas para protegê-las. Edna parecia ter visto um fantasma e ver seu rosto me fez pensar que era o fim. Michael O'Connor se dirigiu até Augusto sem esbarrar em nada, tomou-o firmemente pelo cotovelo e o levou ao escritório de Edna, fechando a porta atrás deles, nos deixando como alvos fáceis para o que quer que estivesse acontecendo depois da porta.

— Edna, o que está acontecendo?

Seu rosto estava branco, ela estava confusa e obviamente não sabia o que fazer. Os gritos ficaram mais altos do lado de fora. À medida que se tornavam mais próximos, houve um estrondo, que pareceu o som de um corpo se chocando contra a parede a nosso lado, seguido de um grito de dor, e nós pulamos. De repente, Edna entrou no modo "chefe" e sua voz ficou firme.

— Todo mundo, quero que todos vocês se escondam sob suas mesas de trabalho. Agora!

— Edna, o que...

— Agora, Lucy! — gritou, e todo mundo se atirou ao chão e rastejou para debaixo das mesas.

Debaixo da minha, eu podia ver Mary encolhida sob a dela, balançando para frente e para trás e chorando. Graham, que estava perto, estava tentando esticar seu braço para alcançá-la e levá-la para debaixo de sua mesa, a fim de confortá-la e também silenciá-la. Não conseguia ver Louise: ela estava do outro lado da sala e Cacoete estava tão imóvel quanto poderia, sentado no chão e olhando para uma fotografia da esposa e dos filhos fazendo um piquenique, com o filho sobre os ombros e sua esposa carregando a filha. Na foto, ele tinha mais cabelo, e eu me perguntava se ele era mais feliz nessa época e se tinha sido por causa da tristeza que seu cabelo caíra. Olhei para fora para ver onde Edna estava e a vi de pé, respirando profundamente, puxando seu paletó para baixo, em seguida respirando mais profundamente, em seguida puxando seu paletó para baixo um pouco mais. A cada cinco segundos, ela olhava para a porta e exibia certo olhar, como se pudesse captar qualquer coisa, e então aquele olhar vacilava e ela respirava profundamente e puxava seu paletó para baixo novamente. E o que eu fiz? Tudo que eu podia fazer era olhar para a salada de três feijões que eu havia atirado no chão, na loucura, e olhar feijão por feijão à procura de um terceiro tipo. Feijão, tomate, milho verde, pimenta, grão-de-bico, feijão, cebola roxa, alface, grão-de-bico, tomate. Era tudo que eu conseguia administrar para me impedir de fazer o que meu corpo e minha mente queriam fazer, que era ficar completamente perturbada.

Os gritos e estrondos eram cada vez mais altos. Podíamos ver pessoas correndo em alta velocidade, mulheres com os sapatos nas mãos, homens sem seus paletós... Todo mundo estava correndo, por que nós não? Minha questão foi respondida muito rapidamente. Eu vi alguém correndo na direção oposta aos homens e às mulheres fugitivos, uma figura familiar. Ele estava correndo direto para nossa porta. Então, vi uma equipe de homens da segurança o perseguindo. Nossa porta se abriu.

Era Steve. Salsicha.

Ele segurava sua maleta, seu paletó estava rasgado na manga e havia sangue jorrando de um corte na testa. Fiquei tão chocada que não consegui falar. Olhei para Cacoete para ver se ele estava vendo a mesma coisa, mas ele tinha tapado o rosto com as mãos, seus ombros tremiam e estava chorando discretamente. No começo, fiquei aliviada, era só Steve. Estava prestes a sair de sob minha mesa e correr em sua direção quando ele jogou a maleta e arrastou uma mesa próxima pelo piso para bloquear a porta. Apesar de sua forma física, moveu-se rapidamente e então empilhou cadeira após cadeira em cima da mesa para bloquear a porta. Uma vez satisfeito, pegou a maleta novamente e, com a respiração alterada, caminhou até sua mesa. Então, começou a gritar:

— Meu nome é Steve Roberts e trabalho aqui. Meu nome é Steve Roberts e eu *trabalho* aqui!

Quando os outros perceberam quem era, começaram a sair lentamente de debaixo das mesas. Graham foi o primeiro a se levantar.

— Steve, homem, o que você...

— Fique longe de mim, Graham! — Steve gritou, a sua respiração se espalhou por todo o lugar, o sangue escorrendo do nariz e do queixo em sua camisa. — Eles não podem tirar esse trabalho de mim. Só quero é me sentar e trabalhar. Só isso. Agora, se afastem. Sério! Você também, Mary. E você também, Louise.

Quentin ainda estava debaixo da mesa. Eu me levantei.

— Steve, por favor, não faça isso — disse, minha voz tremendo. — Você vai arranjar tantos problemas! Pense na sua esposa e nos seus filhos.

— Pense em Teresa — Graham disse, acrescentando um toque de proximidade. — Vamos lá — sua voz era suave —, você não quer decepcioná-la.

Steve foi se acalmando, os ombros estavam relaxando, os olhos ficaram um pouco menos endurecidos, mas ainda eram muito negros, escuros e selvagens. Ele estava olhando em volta como se estivesse ligado na tomada, como se estivesse tomado por algo, incapaz de se concentrar.

— Steve, por favor, não torne isso pior — Edna disse. — Nós podemos acabar com isso agora.

Mas foi como se um interruptor fosse acionado e ele se virou novamente. Olhou para ela e quase jogou a maleta em Edna; meu coração acelerou.

— Não pode ficar pior, Edna, você não tem ideia de como as coisas já estão ruins. Você não tem ideia! Tenho 50 anos de idade e uma menina de 20 anos me disse que não sou adequado para o trabalho. Não sou adequado? Fora o dia em que minha filha nasceu, nunca perdi um dia de trabalho na vida. — Sua voz estava cheia de veneno e ele dirigiu sua ira para Edna. — Sempre fiz meu melhor por você, sempre.

— Eu sei disso. Acredite em mim...

— Você é uma mentirosa! — gritou, a voz grossa de raiva. Seu rosto estava vermelho, as veias do pescoço se projetavam. — Meu nome é Steve Roberts e eu trabalho aqui!

Baixou a maleta, puxou a cadeira e se sentou. Suas mãos tremiam enquanto tentava abrir a maleta. Mas ele não conseguiu abri-la, gritou alto e bateu com o punho sobre a mesa.

— Graham, abra esta maleta! — gritou. Graham foi até ele e abriu a maleta marrom surrada que Steve havia trazido com ele todos os dias em que trabalhara aqui. Então, sabiamente, deu vários passos para trás, para ficar longe dele. Steve se acalmou um pouco e, em seguida, colocou sua caneca sobre a mesa, aquela que dizia que Steve gostava de seu café preto com um cubo de açúcar, mas ele a bateu tão fortemente contra o tampo que o fundo lascou. Recolocou a cesta e a bola de basquete, e a fotografia de seus filhos. Não havia almoço embalado. Sua esposa não planejara que ele viesse hoje. Organizou as coisas de maneira bagunçada e não como ele as mantinha anteriormente. Nada estava como antes.

— Onde está meu computador? — ele perguntou, calmamente.

Ninguém respondeu.

— Onde está meu computador? — gritou.

— Eu não sei — disse Edna, a voz tremendo um pouco. — Eles vieram e o levaram esta manhã.

— Levaram? Quem o levou?

Ouvimos batidas na porta do escritório, conforme a equipe de segurança tentava entrar. A porta não se movia um milímetro. Ele havia sabiamente, embora eu creia que o fizera acidentalmente, colocado uma das cadeiras abaixo da maçaneta da porta, e ela estava firmemente alojada. Podia ouvir vozes, lá fora, falando muito rápido, tentando planejar o que fazer. Eles estavam preocupados, não tanto conosco, eu imaginava, mas com os dois chefes da empresa, e desejavam que Steve não descobrisse que eles estavam ali tão cedo. O que faziam na porta não ajudava a acalmar Steve. O chocalho constante das cadeiras e da mesa na porta era como uma panela de pressão no fogo, e estávamos todos à espera da grande explosão. Steve estava começando a entrar em pânico.

— Bem, então, me dê seu computador — ele disse.

— O quê? — Edna foi pega de surpresa.

— Vá a seu escritório e me dê seu computador. Ou, melhor ainda, que tal eu usar a sua mesa, você ia gostar disso? — gritou. — Serei o chefe por aqui e eles não conseguirão se livrar de mim. Talvez eu a demita! — gritou mais forte ainda. — Edna! Você está fodidamente despedida! Gostou disso?

Era mais que perturbador assistir a um colega desmoronar dessa forma. Edna apenas olhava para ele, engolia em seco, não sabia o que fazer. Os dois chefes, que tinham a vida dela em suas mãos, estavam escondidos em seu escritório.

— Você não pode entrar em meu escritório — ela gaguejou. — Foi trancado na hora do almoço e não sei onde está a chave. — Ela disse isso sem muita convicção e todos nós sabíamos, até mesmo Steve em seu estado demente, que não era verdade.

— Por que você está mentindo para mim?

— Não estou mentindo, Steve — ela disse num tom um pouco mais forte. — Você realmente não pode entrar lá.

— Mas é o meu escritório! — ele gritou, aproximando-se dela. Berrou na cara dela e ela piscou junto com cada palavra dita. — É o meu escritório e você tem que me deixar entrar. Esta será sua última ação antes de arrumar suas coisas e ir embora! — Seu comportamento era intimidador, havia seis de nós lá dentro, mais dois no escritório de Edna e, juntos, poderíamos tê-lo derrubado, mas ele havia tornado todos nós reféns, congelados em nossos lugares, temendo um homem que pensávamos conhecer.

— Steve, não entre lá — disse Graham.

Steve olhou para ele, confuso.

— Por que, quem está lá dentro?

— Apenas não entre, OK?

— Alguém está lá, não está? Quem é?

Graham balançou a cabeça, em fraca negação.

— Quentin, quem é?

Foi só então que notei que Quentin havia se levantado.

— Diga-lhes para sair — ele disse para Edna.

Ela estava torcendo as mãos.

— Eu não posso fazer isso — ela disse, desistindo, sua confiança morrendo.

— Quentin, abra a porta para mim!

Quentin olhou para mim; eu não sabia o que fazer.

— Abra a maldita porta! — Steve gritou e Quentin correu até lá. Ele abriu a porta devagar, não olhou para dentro e voltou à sua mesa para ficar longe da ação.

Steve se moveu para um pouco mais perto do escritório e espiou lá dentro. Então, começou a rir. Mas não um riso feliz, um riso demente, perturbador.

— Saiam! — disse aos homens no interior do escritório.

— Olhe, senhor... — Michael O'Connor olhou para Edna em busca de ajuda e ela sussurrou, mas não intencionalmente — ... Roberts.

— Você nem sabe meu nome! — Steve gritou, e seu rosto estava vermelho, seu nariz estava coberto de sangue e a mancha de sangue em sua camisa estava se espalhando. — Ele nem sabe meu nome! — gritou para todos. — Ontem você arruinou a minha vida e nem sabe meu sobrenome! — continuou. — Meu nome é Steve Roberts e eu trabalho aqui!

— Todos nós precisamos nos acalmar aqui, talvez abrir a porta e dizer a todos lá fora que estamos bem, então nós podemos discutir o que aconteceu.

— Quem é ele? — Steve disse, olhando para Augusto.

— Este é... ele não fala inglês, Sr. Roberts.

— Meu nome é Steve! — ele gritou.

— Lucy! — ele gritou e meu coração passou de 60 quilômetros por hora para zero. — Venha cá. Você fala línguas, pergunte a ele quem ele é.

Eu não me movi. Quentin olhou para mim com preocupação e eu sabia que ele sabia.

— Ele é Augusto Fernández, do escritório alemão, e está nos visitando hoje — eu disse, com a voz embargada.

— Augusto... Já ouvi falar de você. Você é o cara que me demitiu — Steve disse se exaltando novamente. — Você é o filho da p* que me demitiu. Bem, eu sei o que fazer com você.

Steve correu para ele e parecia que daria um soco em sua cara.

Michael O'Connor agarrou Steve, mas ele foi rápido e deu-lhe um soco no estômago. Michael voou para dentro do escritório de Edna, aterrissando no chão.

Ouvi a pancada quando sua cabeça bateu na mesa. Não creio que Steve tenha notado. Ele parou a algumas polegadas do rosto de Augusto. Esperamos por uma cabeçada, um soco, algo terrível acontecer com seu rosto espanhol perfeito e beijado apaixonadamente pelo Sol, mas não foi o que aconteceu.

— Por favor, devolva meu emprego — Steve disse com uma voz suave que me partiu o coração. O sangue escorria até sua boca e respingava enquanto ele falava. — Por favor!

— Ele não pode fazer isso, Sr. Roberts — Michael disse, claramente emocionado.

— Sim, ele pode, devolva o meu emprego, Augusto. Lucy, diga a ele que eu quero meu emprego de volta.

Engoli em seco.

— Ahn... — Eu tentei pensar em palavras, tentei pensar em tudo o que havia aprendido, mas o conhecimento simplesmente não estava lá.

— Lucy! — rugiu e enfiou a mão no bolso. Pensei que ele fosse pegar um lenço. Seria o normal a se fazer, pois o sangue jorrava de sua cabeça, cobria seu nariz e também sua mão, onde havia limpado a boca. Esperei ver o lenço sair de seu bolso, mas vi uma arma. Todo mundo gritou e mergulhou no chão, exceto eu, porque ela estava apontada para mim e eu havia congelado.

— Diga-lhe para me dar meu emprego de volta. — Chegou mais perto de mim com uma coisa preta apontando em minha direção. A arma se sacudia na mão trêmula de Steve. Podia ver seu dedo no gatilho e ele estava tremendo tanto que eu temia que a arma disparasse a qualquer momento. Minhas pernas tremiam, eu podia sentir meus joelhos prestes a falharem. — Se ele devolver meu emprego, eu o deixarei ir em segurança. Diga a ele.

Eu não conseguia lhe responder. Ele correu até mim novamente, a arma a algumas polegadas de distância de meu rosto. — Diga a ele! — gritou.

— Pelo amor dos deuses, abaixe essa arma! — ouvi Graham gritar, com terror

na voz.

Então, todos começaram a gritar e aquilo foi demais para eu suportar. Tive medo que fosse demais para Steve aguentar também: todas aquelas vozes aterrorizadas confundindo nossos pensamentos. Meus lábios tremiam, meus olhos se encheram de lágrimas. — Por favor, Steve, não faça isso. Por favor, não faça isso!

Ele endureceu.

— Não chore, Lucy, apenas faça o que você é paga para fazer e diga ao homem que eu quero meu emprego de volta.

Meus lábios tremiam tanto que eu mal conseguia pronunciar as palavras.

— Eu não posso.

— Sim, você pode.

— Eu não posso, Steve.

— Apenas faça isso, Lucy — disse Graham, encorajador. — Basta dizer o que ele quer que você diga.

Eu fiquei perdida. Mais perdida do que eu já tinha estado em qualquer momento de minha vida. O barulho na porta havia parado, os seguranças nos deixaram por conta própria.

— Eu não posso.

— Fale! — Steve gritou. — Fale, Lucy! — disse e acenou a arma mais perto de meu rosto.

— Jesus, Steve, não posso fazê-lo, OK? Eu não sei falar espanhol. OK?! — gritei de volta.

Houve um silêncio, todo mundo olhou para mim em estado de choque, como se esta revelação fosse mais surpreendente que a arma que ele brandia. Então, eles se lembraram de Steve e rapidamente voltaram a olhar fixamente para ele.

Steve estava olhando para mim tão chocado como todo mundo, então seus

olhos escureceram novamente, o tremor de suas mãos parou e seu braço se firmou. — Mas eles me demitiram.

— Eu sei. Sinto muito, Steve. Eu realmente sinto muito.

— Eu não merecia isso.

— Eu sei — sussurrei.

Em meio ao silêncio pesado, enquanto Michael estava, lentamente, voltando ao normal e os outros estavam encolhidos juntos, Quentin se levantou. Steve virou com a arma, para enfrentá-lo.

— Jesus, Quentin, abaixe-se! — gritou Graham.

Mas Quentin não se moveu. Ao contrário, encarou o Sr. Fernández, que estava apavorado no chão, e, com uma voz firme que pronunciava um espanhol perfeito, começou a conversar com ele. Augusto se levantou, se manteve frio e respondeu a Steve, com sua voz autoritária e crível, embora nenhum de nós tivesse ideia do que ele estava dizendo. No meio dessa loucura, eles travaram uma conversa com uma calma completa. De repente, ouvimos o som de uma broca vindo de fora. Movimento, enfim, e a maçaneta da porta começou a chacoalhar. Steve olhou para a porta e pareceu que uma pequena parte dele desistiu.

— O que ele disse? — ele perguntou para Quentin. A voz estava baixa e calma, e mal podíamos ouvi-lo por causa do ruído da broca.

Quentin, cheio de tiques, recitou a resposta de Augusto.

— Ele disse que está muito triste quanto ao erro que o levou a perder seu emprego. Ele está certo de que houve um erro no sistema e, assim que puder, fará um telefonema para a sede a fim de restabelecê-lo. Está muito triste pelo sofrimento que isso causou para você e para sua família, e fará planos para ter você de volta no cargo o mais rápido possível. É óbvio, observando suas ações de hoje, que você é um trabalhador dedicado de quem ele e a empresa devem estar extremamente orgulhosos.

O queixo de Steve se levantou ainda mais de orgulho. Ele assentiu e, em seguida, disse:

— Obrigado! — Trocando a arma para a outra mão, caminhou na direção de Augusto e lhe estendeu a mão livre e ensanguentada. Fecharam a promessa com um aperto de mãos. — Muito obrigado! — ele disse. — É uma honra trabalhar para sua empresa.

Augusto concordou, ao mesmo tempo cauteloso e cansado.

Em seguida, a maçaneta da porta caiu, a porta se abriu, a mesa foi atirada pela sala e três homens mergulharam sobre Steve.

Assim que tive a oportunidade, naquele dia, liguei para Vida. Ele atendeu.

— Certo — disse, minha voz ainda trêmula do choque. — Vou encontrá-lo novamente.

Capítulo 11



Marcamos de nos encontrar no dia seguinte, na Starbucks do final do meu quarteirão. Não poderia encontrar Vida no dia do incidente no escritório. Naquele dia, preferia não ter visto nada, nem ninguém, além do Senhor Pan e de minha cama, mas a notícia tinha chegado até mamãe via noticiários atualizados-de-hora-em-hora e ela estava desesperada de tanta preocupação. Pai subiu pelas paredes. Mamãe mandou um mensageiro para o tribunal com a notícia de que o escritório de sua filha fora mantido sob a mira de uma arma, e meu pai havia exigido recesso num caso controverso de grande visibilidade. Ele havia quebrado todos os limites de velocidade, pela primeira vez em sua vida, para voltar para casa, para ficar com mamãe, e eles se sentaram em volta da mesa da cozinha comendo torta de maçã e bebendo chá juntos, chorando e se abraçando, e relembrando histórias sobre a pequena Lucy com quem eles amavam brincar, trazendo minha alma de volta à vida como se eu tivesse mesmo levado um tiro.

OK, eu menti.

Não sei como meu pai se sentiu quando recebeu a notícia; o sentimento subjacente foi, provavelmente, que eu tinha merecido aquilo por escolher trabalhar com pessoas comuns, mas, de verdade, eu não queria mesmo saber o que passou pela cabeça dele sobre o assunto. Recusei uma possível visita, insistindo que estava bem, mas dessa vez até eu sabia que estava mentindo; então, Riley aterrissou em minha porta sem avisar.

— Sua carruagem a espera — disse, tão logo abri a porta.

— Riley, estou bem — falei, mas não soava crível e eu sabia disso.

— Você não está bem — ele disse. — Parece que foi atropelada por um

caminhão.

— Obrigada.

— Apenas pegue suas coisas e venha comigo. Estamos indo para minha casa. Mamãe nos encontrará lá.

Gemi.

— Por favor, eu já tive um dia tão ruim sem ela!

— Não fale assim — disse sério, para variar, o que fez eu me sentir mal. — Ela está preocupada com você. O que aconteceu em seu escritório passou o dia todo no noticiário.

— Tudo bem — eu disse. — Espere aqui.

Fechei a porta e fui pegar minhas coisas, mas não conseguia pensar, minha mente estava entorpecida. No fim, peguei só meu casaco. Quando saí para o corredor, a vizinha, cujo nome eu havia esquecido, estava conversando com Riley. Ele estava se inclinando em direção a ela, ignorando minha presença, então, limpei a garganta e um longo som ecoou pelo corredor. Ele olhou para mim, irritado com a interrupção.

— Oi, Lucy — ela disse.

— Como está sua mãe?

— Não está bem — disse, enquanto linhas de expressão profundas apareciam entre as sobrancelhas.

— Você foi vê-la?

— Não.

— Ah... Bem, se você decidir, lembre-se que estou aqui para... você sabe.

Ela acenou com gratidão.

— Sua vizinha parece legal — disse Riley, quando entramos no carro.

— Ela não é seu tipo.

— O que isso quer dizer? Eu não tenho um tipo.

— Sim, você tem. O tipo loura vazia.

— Isso não é verdade — ele disse. — Eu gosto de morenas vazias também.

Nós rimos.

— Ela falou do bebê para você?

— Não.

— Hum, isso é interessante.

— Você está tentando me manter longe dela? Porque, se estiver, só porque ela tem um bebê, não vai funcionar. Uma vez namorei uma mulher que tinha dois filhos.

— Ah! Então você *está* interessado nela.

— Talvez um pouco.

Achei estranho. Permanecemos em silêncio e comecei a pensar em Steve apontando uma arma para minha cara. Eu não queria saber o que Riley estava pensando.

— Onde está a mãe dela?

— No hospital. Eu não sei em qual deles e não sei o que há de errado com ela. Mas é sério.

— Por que ela não foi visitar a mãe?

— Porque ela não quer deixar o bebê com alguém estranho.

— Você já se ofereceu para tomar conta dele?

— Já.

— Que bonito de sua parte!

— Não sou tão ruim.

— Você não tem nenhuma parte ruim — ele disse, olhando para mim. Não me

virei, então ele olhou de volta para a estrada. — Por que ela não leva o bebê para o hospital com ela? Eu não entendo.

Dei de ombros.

— Você sabe, vamos lá, diz para mim.

— Não sei. — Olhei pela janela.

— Quantos anos tem o bebê?

— Não sei.

— Vamos lá, Lucy!

— Eu não sei de verdade. Ela coloca aquilo num carrinho.

Ele olhou para mim.

— “Aquilo”?

— Meninos e meninas têm a mesma aparência para mim. Até que tenham 10 anos, não tenho a menor ideia de que sexo são.

Riley riu.

— Será que a mãe dela não aprova que ela seja mãe solteira? Será que é isso?

— Deve ser algo do tipo — eu disse, e me concentrei no mundo passando pela janela e não na arma, que continuava vendo na minha cara.

Riley morava a dois quilômetros do centro da cidade, em Ringsend, subúrbio próximo de Dublin, onde ocupava uma cobertura com vista para o Boland’s Mill no Grand Canal Dock.

— Lucy — disse mamãe, com os olhos grandes e preocupados, logo que entrei pela porta. Mantive os braços nas costas enquanto ela me abraçava apertado.

— Não se preocupe, mamãe, eu nem mesmo estava no escritório — disse, do nada. — Tive que entregar uma mensagem e perdi toda a diversão.

— Sério? — ela perguntou, seu rosto se enchendo de alívio.

Riley olhava para mim, o que estava me deixando desconfortável; ele estava agindo de um jeito muito estranho nos últimos dias, menos como o irmão que eu conhecia e amava e mais como uma pessoa que sabia que eu estava mentindo.

— De qualquer forma, eu lhe trouxe isso. — Tirei as mãos das costas e lhe dei um capacho que roubei da porta do vizinho de Riley. Ele dizia “Oi, sou Mat” e parecia tão bom como se fosse novo.

Mamãe riu.

— Ah, Lucy, você é tão engraçada! Muito obrigada!

— Lucy! — Riley disse com raiva.

— Ah, não seja bobo, Riley! Não tem problema. Não custou caro. — Dei um tapinha nas costas dele e fiquei andando pelo apartamento. — Ray está aqui? — Ray era médico e era o cara que dividia o apartamento com Riley. Eles nunca estavam em casa ao mesmo tempo porque trabalhavam em horários opostos. Sempre que Ray estava em casa, mamãe flertava descaradamente com ele, embora ela tivesse me perguntado uma vez se Ray era namorado de Riley. Era desejo dela ter um filho homossexual moderno que nunca iria substituí-la por outra mulher.

— Ele está trabalhando — explicou Riley.

— Honestamente, vocês dois nunca passam um tempo juntinhos? — perguntei, tentando não rir, e Riley parecia querer me levantar pelas pernas e me jogar no chão, como fazia quando éramos mais jovens. Rapidamente mudei de assunto. — Que cheiro é esse?

— Comida paquistanesa — mamãe disse impulsivamente. — Não sabíamos o que você queria, então pedimos metade do cardápio. — Mamãe ficou animada por estar no apartamento de seu filho solteiro e bonito, onde ela tinha que fazer coisas exóticas como comer comida paquistanesa, ver *Top Gear* e operar uma lareira que mudava de cor por controle remoto. De sua casa até um restaurante paquistanês era um longo caminho e meu pai não estaria interessado em fazer essa “viagem” com ela ou ver qualquer outra coisa que não a CNN. Abrimos

uma garrafa de vinho e nos sentamos a uma mesa de vidro, diante de uma janela com vista para o rio. Tudo era reflexo e brilho reluzente sob o luar.

— Pois bem... — mamãe começou e eu poderia dizer, pelo seu tom, que uma conversa séria estava prestes a começar.

— Como estão indo os planos da renovação dos votos do casamento? — perguntei primeiro.

— Ah... — Ela se esqueceu do que ia me perguntar e se animou. — Tenho muito o que falar com você. Estou tentando escolher um local... — E eu a ouvi pelos próximos vinte minutos falando sobre coisas que eu nunca soube que uma pessoa nem sequer precisasse considerar quando organizava uma renovação de votos.

— Quantas pessoas irão? — perguntei, quando ouvi alguns dos locais sobre os quais ela estava pensando em fazer a festa.

— Até agora há 420 convidados.

— O quê? — Quase engasguei com o vinho.

— Ah, são, na maioria, colegas de seu pai — ela disse. — Dada a posição dele, é difícil convidar alguns e outros não. As pessoas ficam muito ofendidas. — E, sentindo como se tivesse falado demais, corrigiu-se. — E com razão.

— Portanto, não convide qualquer um deles — disse.

— Ah, Lucy — sorriu para mim —, não posso fazer isso!

Meu telefone começou a tocar e o nome Don Lockwood piscou na tela. Antes que tivesse a chance de controlar meus músculos faciais, exibi as feições de uma criança tonta e feliz.

Mamãe levantou as sobrancelhas para Riley.

— Com licença, vou atender lá fora.

Saí rapidamente para a varanda. Eles ficaram circundando o local, então me afastei da vista e do alcance da voz deles.

— Alô?

— Então, foi demitida hoje?

— Não foi bem assim. Ainda não, de qualquer maneira. O cara não sabia quem era o Tom... Mesmo assim, obrigada pela dica.

Ele riu levemente.

— A mesma coisa aconteceu na Espanha. Tom é um mistério. Não se preocupe. Poderia ter sido pior. Você poderia ter estado no escritório onde aquele pobre rapaz enlouqueceu.

Fiz uma pausa. Imediatamente pensei que fosse uma armadilha, mas depois meu juízo superou a ideia. Como ele saberia que eu trabalhava lá, se ele nem sabia meu nome verdadeiro?

— Alô? — perguntou, preocupado. — Você ainda está aí?

— Sim — disse baixinho.

— Ah, bom. Pensei que tivesse dito algo errado.

— Não, você não, é só que... Bem, aquele era meu escritório.

— Você está falando sério?

— Sim, infelizmente.

— Meu Deus! Você está bem?

— Melhor do que ele está, com certeza.

— Você viu o cara?

— Salsicha — disse, fitando o Boland’s Mills do outro lado do rio.

— Desculpa, não entendi.

— Eu o apelidei de Salsicha. Ele era o homem mais fraco no edifício e apontou uma arma diretamente para minha cabeça.

— Que merda! — ele disse. — Você está bem? Ele a machucou?

— Estou bem. — Eu não estava bem. Ele sabia disso, mas não podia vê-lo e não o conhecia, por isso, nada daquilo importava e continuei falando. — Era apenas uma pistola de água, você sabe, descobrimos depois, quando eles o... derrubaram no chão. Era do filho dele. Naquela manhã, ele tinha dito à esposa que conseguiria seu emprego de volta. Meu Deus! A droga de uma pistola de água me fez questionar minha vida inteira!

— Claro que faria. Quero dizer, você não sabia, não é? — ele disse gentilmente. — E se ele tivesse puxado o gatilho, você poderia ficar com o cabelo muito crespo e armado, cheio de frizz.

Eu ri bastante, joguei a cabeça para trás e ri.

— Ah, Deus! Esperava ser demitida e ele sacrificou a vida dele para conseguir o emprego de volta.

— Eu não diria a vida dele, aquilo era quase uma arma mortal para garotas, embora eu não tenha visto você com o cabelo crespo. Aliás, eu não vi você. Você tem cabelo?

Comecei a rir de novo.

— Cabelos castanhos.

— Humm, outra peça do quebra-cabeça.

— Então, me conte sobre seu dia, Don.

— Não vou ganhar do seu no quesito emoção, isso é certo. Deixa eu levar você para tomar algo, aposto que está precisando de uma boa bebida — ele disse suavemente. — Então eu poderia lhe contar tudo sobre meu dia, cara a cara.

Fiquei calada.

— Nós nos encontraremos em algum lugar lotado, em algum lugar familiar, onde você escolher. Traga dez amigos com você, se quiser, dez homens, homens grandes com muitos músculos. Não gosto de homens grandes pelo caminho ou de qualquer homem, prefiro que você não traga nenhum, mas se dissesse isso primeiro você pensaria que eu estava planejando sequestrá-la. O que não estou...

— ele suspirou. — Sou convincente, não?

Sorri.

— Obrigada, mas não posso. Meu irmão e minha mãe estão me mantendo como refém.

— Mas você já passou o dia como refém. Bem, em outro momento, então. Este fim de semana? Você verá que há mais em mim do que apenas uma bela orelha esquerda.

Comecei a rir.

— Don, você parece um cara realmente legal.

— E sou.

— Mas, francamente, estou um caos.

— É claro que está, qualquer um estaria depois do dia que você teve.

— Não, não apenas por causa de hoje, quero dizer, em geral, sou um caos. — Esfreguei meu rosto cansado, percebendo, contrária à minha própria opinião, que eu realmente era um caos. — Eu conto mais da minha vida para um número errado do que conto até mesmo para minha família.

Ele riu levemente e parecia que sua respiração saía assobiando do telefone para minha orelha. Estremeci. Senti como se ele estivesse bem a meu lado.

— Isso tem que ser um bom sinal, não é? — Se animou. — Vamos lá, se tudo der errado e eu for um cara gordo, grande e feio que você nunca mais queira ver de novo, você pode ir embora e não vou incomodá-la novamente. Ou se tudo der errado e você for uma mulher gorda, grande e feia, não terá nada com que se preocupar porque eu não vou querer vê-la novamente. Ou talvez você esteja procurando um cara gordo, grande e feio... Nesse caso, não há por que se encontrar comigo, não sou assim.

— Eu não posso, Don, me desculpe.

— Eu não acredito que você esteja terminando comigo e eu nem mesmo sei

seu nome.

— Disse a você, é Gertrude.

— Gertrude — ele repetiu, um pouco derrotado. — Certo, bem, só se lembre de que você me ligou primeiro.

— Foi engano. — Eu ri.

— OK, então — ele disse finalmente. — Vou deixá-la sozinha. Estou feliz que esteja bem.

— Obrigada, Don! Adeus.

Nós desligamos, eu me inclinei no corrimão e olhei como o reflexo das luzes de todos os apartamentos brilhava na água escura. Meu telefone tocou.

“Um presente de despedida.”

Eu rolei para baixo. Um par de belos olhos azuis me fitava. Estudei-os até que quase os imaginei piscar.

Quando voltei para mamãe e Riley, eles foram gentis o bastante e não perguntaram sobre o telefonema. Mas quando Riley foi buscar as chaves do carro para me levar para casa, mamãe teve uma chance para ter um bate-papo especial comigo.

— Lucy, não tive a oportunidade de conversar com você depois que saiu do almoço na semana passada.

— Eu sei, sinto muito ter saído tão apressadamente — disse. — A comida estava uma delícia, só lembrei que tinha de encontrar alguém.

Ela franziu a testa.

— Sério? Pensei que tivesse sido porque eu assinei os documentos para o compromisso com sua vida.

— Não, não foi — eu interrompi. — Realmente não foi por isso. Não lembro o que era, mas era, você sabe, importante. Eu estupidamente fiz um duplo agendamento, você sabe como sou esquecida às vezes.

— Ah! Tinha certeza de que você estava com raiva de mim. — Ela me estudou. — Tudo bem, pode dizer que estava com raiva de mim.

O que ela estava falando? Os Silchester não revelavam tais coisas.

— Claro que não! Você estava apenas cuidando de mim.

— Sim — ela disse aliviada. — Eu estava. Mas não soube o que fazer por muito tempo. Não assinei a papelada por semanas... Pensei que, se houvesse algo errado, você poderia, talvez, vir a mim e falar sobre isso. Mesmo sabendo que Edith é tão boa em ajudá-la com coisas que, talvez, você não quisesse contar para sua mamãe. — Sorriu timidamente e limpou a garganta.

Que momento embaraçoso, difícil, terrível! Acho que ela estava esperando que eu discordasse, mas não disse nada. Onde estava minha capacidade de mentir quando eu precisava dela?

— Por fim, conversei sobre o assunto com seu pai e decidi assinar os papéis.

— Ele que disse para você assinar? — perguntei tão delicadamente quanto pude, mas senti a raiva crescendo dentro de mim. O que ele sabia sobre minha vida? Ele nunca me fez uma pergunta sobre mim, nunca mostrou o menor interesse em...

— Não. Na verdade, não. — Mamãe quebrou minha linha de raciocínio. — Ele disse que era tudo um monte de bobagem, o que me fez perceber que eu não concordava com ele. Não acho que é um monte de bobagem. Pensei: que mal aquilo podia fazer? Você sabe? Se minha vida quisesse se encontrar comigo, creio que ficaria bastante animada — ela sorriu. — Algo tão emocionante como isso deve ser maravilhoso.

Fiquei impressionada por ela ter agido contra as instruções de meu pai e intrigada e surpresa pelo seu desejo de se reunir com sua vida. Eu pensava que isso seria a última coisa que ela desejaria fazer. O que as pessoas diriam?

— Mas, principalmente, eu estava preocupada de que tudo fosse culpa minha. Sou sua mãe e se há algo errado com você, bem, então...

— Não há nada errado comigo, mamãe.

— É claro que não, me expressei mal, me desculpe. Quis dizer...

— Eu sei o que você quis dizer — disse baixinho — e não é culpa sua. Se houvesse algo errado comigo, o que quer que fosse, não seria sua culpa. Você não fez nada de errado.

— Obrigada, Lucy! — Ela, então, pareceu uma década mais jovem e nunca havia me ocorrido, até aquele momento, que ela se sentiria culpada sobre o estado de minha vida. Eu pensei que ela se preocupasse apenas com meu trabalho.

— Então — ela se animou novamente —, você se encontrou com ela?

— É um ele, na verdade. E eu o conheci semana passada.

— Ele?

— Fiquei surpresa também.

— Ele é bonito? — Mamãe deu uma risadinha.

— Mamãe, credo, ele é minha vida!

— Claro. — Ela tentou esconder o sorriso, mas eu podia vê-la esperando secretamente pelos sinos da igreja badalando no meu casamento. Qualquer homem poderia ser um genro em potencial ou, talvez, ela estivesse esperando um parceiro para Riley.

— Ele não é bonito. Ele é bem feio, na verdade. — Imaginei-o com sua pele fria e úmida, o mau hálito e as lembranças de um nariz escorrendo em seu terno amarrotado. — Mas, de qualquer forma, ele é bom, estamos bem. Não creio que ele queira me encontrar novamente.

Mamãe franziu a testa novamente.

— Você tem certeza? — Então ela me deixou por um momento e voltou com um saco cheio de envelopes, com as espirais da vida impressas na frente, tudo em meu nome e endereçadas para a casa dela. — Nós recebemos uma a cada dia

da semana passada. E ontem de manhã de novo.

— Ah... — disse. — Ele deve ter esquecido meu endereço. Não me admiro que não as receba. — Assenti e ri. — Talvez um grande problema de Vida seja a desorganização.

Mamãe sorriu para mim, embora um tanto infeliz. Riley saiu do quarto dele com as chaves do carro na mão e viu o envelope em minha mão.

— Ah, estamos fazendo isso agora? — Ele abriu uma gaveta na mesa do hall e veio para a mesa de jantar com uma pilha de envelopes na mão. Atirou-os sobre a mesa, pegou um papadum[5] e esmagou-o na boca. — Você pode me fazer um favor, irmã? Pare de ignorar sua vida. Estes aqui estavam atravancando minha caixa de correio.

Primeiro, eu havia sido indiferente com minha vida; agora, depois do dia que tive, estava zangada com ela. Aquelas cartas sendo enviadas para minha família me deixaram ainda mais irritada. Ia encontrá-lo no dia seguinte na Starbucks. Insisti para que ele não fosse até meu apartamento. Edna havia me ligado para dizer que teríamos o dia de folga e eu estava contente, não apenas pela ruptura com o trabalho, mas porque estava, genuinamente, envergonhada pela forma espetacular como minha falta de espanhol fora descoberta. Colocar-me, deliberadamente, em uma situação vexatória, apenas para que eu o encontrasse, era além de desprezível! Ele não tinha apenas arriscado minha segurança, mas a segurança de todos naquela sala. Devido a essa raiva contida no meu ser, esperava ansiosamente por meu segundo encontro com Vida.

No dia seguinte, enquanto pensava em coisas desagradáveis e inteligentes para dizer para Vida, meu celular tocou. Era um número que não reconheci, então, ignorei a ligação. Mas o telefone tocou de novo. E de novo. Em seguida, havia alguém batendo na minha porta. Corri para abri-la. Era minha vizinha, cujo nome não conseguia lembrar, em estado de pânico.

— Desculpe-me por incomodá-la! É minha mãe. Meu irmão me ligou. Eles me disseram para eu ir ao hospital imediatamente.

— Não tem problema. — Peguei minhas chaves e fechei a porta atrás de mim. Ela estava tremendo.

— Está tudo bem, você precisa ir vê-la — eu disse suavemente.

Ela assentiu com a cabeça.

— É só que eu nunca o deixei antes...

— Está tudo bem. Confie em mim, vai ficar tudo bem.

Ela me levou para o apartamento e, em um estado de nervosismo, veio disparando ordens.

— Eu fiz a mamadeira, aqueça-a antes de alimentá-lo. Ele só vai beber se estiver quente. Ele se alimenta às 7h30, gosta de assistir a *In the Night Garden* antes de dormir. Basta apertar *play* no DVD, que começa direto. Ele não vai dormir sem Ben. Ben é o ursinho pirata ali em cima. Se ele acordar e estiver estressado, cante "Brilha, brilha, estrelinha" que irá acalmá-lo. — Ela me mostrou tudo: mordedores, brinquedos fofinhos, o esterilizador, caso eu derrubasse a mamadeira e precisasse fazer outra. Então, olhou para o relógio. — É melhor eu ir agora. — E ficou paralisada. — Talvez não, talvez eu deva ficar.

— Vá. Está tudo bem aqui.

— Sim, você está certa. — Vestiu o casaco e abriu a porta. — OK. Eu não estou esperando ninguém e você não vai trazer amigos aqui, vai?

— Claro que não.

— E você tem o número do meu celular, não tem?

— Aqui. — Balancei meu telefone no ar.

— OK. Obrigada! — Ela se inclinou sobre o cercadinho. — Tchau, bebê. Mamãe vai estar em casa logo — disse ela, com lágrimas nos olhos. E se foi.

E me deixou em apuros. Liguei para o escritório de Vida, mas não houve resposta e sua secretária não respondeu, o que significava que ele já estava a caminho da Starbucks. Esperei até a hora de nos encontrarmos antes de ligar

para a Starbucks.

— Alô — um cara estressado, parecendo estar sob pressão, respondeu.

— Oi, eu deveria me encontrar com alguém aí agora e eu preciso dizer a ele...

— Qual o nome dele? — me interrompeu.

— Ah, ahn, na verdade, eu não sei o nome dele, mas ele está vestindo um terno, provavelmente parece um pouco estressado e cansado, e...

— Ei, alguém no telefone para você — gritou no meu ouvido e se foi. Ouvi o telefone sendo passado para outra pessoa.

— Alô?

— Oi — disse na minha voz mais amigável. — Você não vai acreditar no que aconteceu.

— É melhor não estar ligando para cancelar — ele disse imediatamente. — Eu realmente espero que você esteja apenas atrasada e não cancelando o encontro, o que já é um insulto, para ser honesto.

— Estou cancelando, mas não pelo motivo que você pensa.

— O que você pensa que eu penso?

— Que eu não estou interessada em você e isso não é verdade. Bem, um pouco da minha falta de interesse é verdade e estou aprendendo que tenho que mudar isso, mas não é a razão pela qual estou cancelando. Uma vizinha minha pediu para tomar conta de seu bebê. Sua mãe está muito doente e ela teve que correr para o hospital.

Ele ficou em silêncio enquanto pensava. — O que acabou de dizer está no mesmo nível de “meu cachorro comeu meu dever de casa”.

— Não, não está, não está nem perto.

— Qual é o nome de sua vizinha?

— Eu não lembro.

— Esta é a pior mentira que você já contou.

— Porque não é uma mentira. Se eu estivesse mentindo, eu teria criado até um nome como... Claire. Na verdade, acho que é o nome dela. Claire — disse. — O nome dela é Claire.

— Você está bêbada?

— Não. Estou cuidando de um bebê.

— Onde?

— No apartamento dela. Do outro lado do corredor, em frente ao meu apartamento. Mas você não pode vir aqui, caso esteja pensando nisso. Ela disse, especificamente, que não é permitido nenhum desconhecido aqui dentro.

— Eu não seria um estranho se você tivesse mantido sua palavra.

— Bem, não vamos puni-la por meus erros, vamos?

Ele desligou com menos raiva do que quando atendeu ao telefone; acho que acreditou em mim. Era o que eu esperava, pelo menos. No entanto, permaneci na cadeira de balanço assistindo ao Makka Pakka e ao Pinky Ponk no *In the Night Garden*, mas na verdade eu estava pensando nos acontecimentos do dia anterior. De repente, ouvi baterem à minha porta, pela segunda vez naquela noite.

Abri a porta e o vi, de pé na porta de meu apartamento, de costas para mim.

— Você está conferindo o que eu disse? — perguntei.

Ele se virou.

— Você se barbeou! — disse, surpresa. — Não está parecendo tão miserável como estava.

Ele olhou através de mim, para o interior do apartamento.

— Então, onde está o bebê?

— Você não pode entrar. Esta não é minha casa, não posso simplesmente deixar você entrar.

— Tudo bem, mas, pelo menos, você pode me mostrar o bebê? De tudo o que sei, você poderia ter se entocado nesse apartamento apenas para ficar longe de mim. E não me olhe assim, esse é exatamente o tipo de coisa que você faria.

Suspirei.

— Não posso mostrar o bebê para você.

— Basta trazê-lo até a porta. Não vou tocá-lo ou algo do tipo.

— Eu não posso mostrar o bebê para você.

— Mostre-me o bebê — ele ordenou e ficou repetindo —, mostre-me o bebê, mostre-me o bebê...

— Cale a boca! — sibilei. — Não há nenhum bebê.

— Eu sabia.

— Não, você não sabe de nada — sussurrei. — Ela pensa que há um bebê, mas não há nenhum bebê. Havia um bebê, mas ele morreu, e ela pensa ou finge, ou eu não sei o que ela faz, mas age como se houvesse um bebê. Não há bebê.

Ele parecia confuso, olhando além de mim no corredor.

— Mas tem um monte de coisas de bebê jogadas por aí.

— Sim, tem. Ela leva o carrinho para uma caminhada, mas está sempre vazio. Ela acha que os dentes estão nascendo e que ele chora a noite toda, mas não ouço nada. Não há nenhum bebê aqui. Eu estive olhando as fotos e ele parece mais velho nelas. Creio que ele tinha pelo menos 1 ano quando morreu. Olha isso!

Peguei uma foto da mesa do corredor e passei para ele.

— Quem é o homem?

— Acredito que ele é o marido dela, mas não o vejo há, pelo menos, um ano. Acho que ele não pôde conviver com ela assim.

— Bem, isso é deprimente. — Entregou a foto de volta para mim e nós nos

sentamos em silêncio por um momento, aturdidos com a situação. Vida quebrou o minuto de silêncio.

— Então você tem que ficar aí, mesmo que não haja nenhum bebê?

— Se eu saio e ela volta, não posso lhe dizer que é porque ela não tem um bebê, isso seria cruel.

— Então você não pode sair e eu não posso entrar — ele disse. — Ah, a ironia! — Ele sorriu e, por um breve momento, ficou atraente. — Podemos conversar aqui — ele disse.

— Já estamos conversando.

Ele se sentou no chão do corredor. Saí do apartamento e me sentei em frente a ele. Um vizinho saiu do elevador, olhou para nós e passou pelo meio. Fitamos um ao outro em silêncio.

— As pessoas podem vê-lo, não podem? — perguntei.

— O que você acha que eu sou, um fantasma? — disse e revirou os olhos. — Posso ser completamente invisível para você, mas outras pessoas neste mundo prestam muita atenção em mim. Outras pessoas realmente me dão bola.

— OK, OK, sensível... — disse.

— Você está pronta para falar?

— Estou com raiva de você — disse quase imediatamente, lembrando, de repente, tudo o que havia ensaiado na minha cabeça.

— Por quê?

— Pelo que você fez com todas aquelas pessoas ontem.

— O que eu fiz?

— Sim, eles não mereciam ser envolvidos em sua... sua bola curva ou como quer que você tenha chamado.

— Espere aí, você acha que *eu* manipulei as pessoas ontem?

— Bem... você não fez isso?

— Não! — disse enfaticamente. — O que você acha que eu sou? Melhor não responder. Tudo que fiz foi sincronizar o acontecimento. Augusto Fernández não tinha nada a ver com qualquer-que-seja-o- -nome-dele.

— Steve — disse com firmeza. — Steve Roberts.

Ele olhou para mim com um sorrisinho irônico no olhar.

— Puxa, há agora uma lealdade que eu não via na semana passada. Do que foi que você o chamou? Salsicha?

Desviei o olhar.

— Eu não organizei aquilo. Você é responsável pela sua vida e o que acontece nela, tal como o são as outras pessoas. Sua vida não teve nada a ver com o que aconteceu ali. Você estava se sentindo culpada — ele disse e, como não era uma pergunta, não respondi.

Baixei a cabeça entre as mãos.

— Estou com dor de cabeça.

— Pensar sobre as coisas vai te dar dor de cabeça mesmo. Você não tem pensado já faz um tempo.

— Mas você disse que planejou a “coisa Fernández”. Você se intrometeu com a vida dele.

— Não me intrometi. Eu sincronizei suas vidas. Fiz seus caminhos se cruzarem, a fim de ajudar ambos.

— Como aquilo o ajudou? O pobre homem teve uma arma apontada para a cabeça e isso não precisava acontecer.

— O pobre homem tinha uma pistola de água apontada para a cabeça, e você vai ver como ele se tornará uma pessoa melhor depois de tudo o que aconteceu.

— Como?

— Eu não sei. Nós vamos ter que dar tempo ao tempo para ver isso.

— Naquela hora, ele não sabia que era uma pistola de água — resmunguei.

— Tenho certeza de que não. Você está bem?

Fiquei em silêncio.

— Ei! — Ele esticou a perna e bateu em meu pé com o dele, brincando.

— Sim. Não. Não sei.

— Ah, Lucy... — Suspirou e me abraçou. Afastei-o, mas ele me segurou mais firme e, ao final, desisti de lutar e abracei-o de volta, meu rosto contra o tecido de seu terno barato, respirando o cheiro de mofo. Nós nos afastamos e ele carinhosamente enxugou minhas lágrimas com seus dedos. Sua bondade o fez parecer, moderadamente, mais atraente. Entregou-me um lenço de papel e assoei meu nariz, produzindo um som alto e molhado.

— Tenha cuidado — ele disse. — Você vai acordar o bebê.

Nós rimos com culpa.

— Estou patética, não estou?

— Estou inclinado a dizer que sim, mas devo lhe perguntar primeiro como posso fazer isso.

— Aqui estou eu, depois de ter sido mantida sob a mira de uma arma que era uma pistola de água, servindo de babá a um bebê que não existe.

— E sentada com sua vida — acrescentou.

— Bem colocado. Sentada com minha vida, que é uma pessoa. Não há nada mais estranho do que isso.

— Pode ser. Mas nós nem sequer começamos.

— Por que ela não tem a vida dela a seguindo? Que triste é isso! — me referia ao chão coberto de brinquedos, atrás de mim.

Ele deu de ombros.

— Não me envolvo na vida de outras pessoas. Você é minha única preocupação.

— A vida dela deve estar em negação — disse. — Você deveria arrancar uma folha do livro da vida dela.

— Ou da sua.

Suspirei.

— Você realmente é tão infeliz?

Ele assentiu e olhou para longe de mim enquanto tomava um momento para se recompor.

— Mas não entendo como as coisas são tão ruins para você. Eu me sinto bem.

— Você não se sente bem — disse, enquanto negava com a cabeça.

— Não acordo todos os dias cantando “Bom Dia”, mas não... — baixei minha voz — ... não finjo que as coisas estão lá quando elas não estão.

— Você não faz isso? — Ele me olhou com um ar irônico. — O que acontece é o seguinte: se você cair e quebrar uma perna, você sente dor e vai ao médico; lá, eles fazem um raio X e você o segura contra a luz e todo mundo pode ver o osso quebrado. Não é assim?

Assenti.

— Você tem um dente sensível, sente dor, vai ao dentista e ele coloca uma câmara em sua boca; então, ele vê o problema e você vai passar por um tratamento de canal ou algo do tipo. Correto?

Assenti novamente.

— Todos esses fatos são aceitos por todos na sociedade moderna. Você está doente, vai ao médico, toma antibióticos. Você está deprimido, conversa com um terapeuta, ele receita antidepressivos. Os buracos aparecem, você pode fechá-los. Mas, com A sua vida, você toma algumas decisões ruins, tem má sorte algumas vezes, que seja, mas tem de continuar, certo? Ninguém consegue ver quem você

é por dentro e, nos dias de hoje, se você não pode ver, se um raio X ou uma câmara não podem tirar uma foto para você, a crença é de que não existe. Mas eu estou aqui. Sou a outra parte de você. O raio X de sua vida. Um espelho é mantido diante de seu rosto e eu sou o reflexo: vou mostrar como você está sofrendo, como está infeliz. Está tudo refletido em mim. Faz sentido?

O que fazia sentido sobre o mau hálito, a pele úmida e o corte de cabelo ruim. Refleti sobre aquilo.

— Sim, mas isso é bem injusto com você.

— Esse é o preço que tenho que pagar. Agora, está acima de minha capacidade me fazer feliz. Então, veja: isso é tanto sobre mim quanto sobre você. Quanto mais vive sua vida, mais feliz eu me sinto; mais satisfeita você está, mais saudável sou.

— Então, sua felicidade depende de mim.

— Eu prefiro nos enxergar como uma equipe. Você é a Lois Lane do meu Super-Homem. O Pinky do meu Cérebro.

— O raio X da minha perna quebrada — disse e sorrimos, e senti uma espécie de trégua sendo feita.

— Você falou com sua família sobre o que aconteceu? Eu aposto que eles estavam preocupados com você.

— Você sabe que eu falei.

— Creio que é melhor que tratemos nossas conversas como se eu não soubesse de nada.

— Não se preocupe — falei. — Eu vi mamãe e Riley ontem. Fui à casa de Riley. Comemos comida paquistanesa e mamãe insistiu em me fazer um chocolate quente como ela fazia depois que eu caía quando era pequena. — Ri.

— Isso parece legal.

— E era.

— Você falou sobre ontem?

— Eu lhes disse que estava em outro escritório, entregando uma mensagem, e que perdi a coisa toda.

— Por que você fez isso?

— Eu não sei. Não queria preocupá-los.

— Bem, você é a compaixão em pessoa — ele disse sarcasticamente. — Não foi para protegê-los, foi para proteger você. Então você não teria que falar sobre isso, não teria que admitir sentir coisa alguma. Sentir, essa palavra estranha de que você não gosta.

— Eu não sei. Talvez. O que você me diz soa muito complicado e eu não penso dessa forma.

— Quer saber minha teoria?

— Vá em frente! — Descansei o queixo sobre a mão.

— Alguns anos atrás, quando Blake — ele colocou a estaca no meu peito — foi dispensado por você...

Eu sorri.

— Então, naquela época, você começou a mentir para as pessoas e, por que mentiu para elas, ficou muito mais fácil mentir para si mesma.

— Esta é uma teoria interessante, mas eu não tenho ideia se é verdadeira ou não.

— Bem, vamos colocá-la à prova. Logo você terá que parar de mentir para os outros, o que será mais difícil do que pensa, aliás, e, então, vai começar a aprender a verdade sobre si mesma, o que também será mais difícil do que você pensa.

Esfreguei minha cabeça dolorida, desejando que não tivesse me metido nessa confusão.

— Então, como isso vai acontecer?

— Você me deixará passar um tempo com você.

— Claro. Consultas semanais?

— Não, quero dizer, vou trabalhar com você, conhecer seus amigos, esse tipo de coisa.

— Eu não posso fazer isso.

— Por que não?

— Eu não posso simplesmente trazê-lo para a mesa de jantar na casa dos meus pais ou levá-lo para sair com meus amigos. Eles vão pensar que sou uma aberração.

— Você está com medo de que eles façam parte de sua vida, que saibam coisas sobre ela?

— Se minha vida, você, se senta à mesa, eles vão saber bastante sobre mim.

— E por que isso é tão terrível?

— Porque é privado. Você é privado. Ninguém traz sua vida consigo para um jantar.

— Você vai descobrir que a maioria das pessoas que você ama faz exatamente a mesma coisa. Mas este não é o ponto. O ponto é que precisamos começar a fazer mais coisas juntos.

— Vai ser legal, mas só você e eu; não vamos fazer as coisas com amigos e familiares. Vamos mantê-los em separado.

— Mas você já está fazendo isso. Nenhum deles sabe nada sobre você.

— Não vai dar certo — eu disse.

Ele ficou em silêncio.

— Você vai aparecer de qualquer maneira, não é? — perguntei.

Ele assentiu.

Suspirei.

— Eu não minto para todos, você sabe.

— Eu sei. O número errado.

— Vê? Outra coisa estranha.

— Não exatamente. Às vezes, números errados são os números corretos. — Sorriu.

Capítulo 12



Ele queria começar nossa jornada juntos vendo onde eu morava. Acho que sentia que, se entrasse, todos os grandes mistérios a meu respeito se descortinariam diante dele. Não concordei, senti que apenas abriria a porta para um apartamento-estúdio bagunçado e com cheiro de peixe podre. O uso de metáforas, por exemplo, era apenas o começo de nossas diferenças. Nós estávamos discutindo quando Claire voltou do hospital e olhou, ansiosamente, para nós dois, sentados no chão, fora do apartamento dela. Levantei-me imediatamente.

— Não o deixei entrar — disse.

Seu rosto suavizou, e ela olhou para ele.

— Você deve pensar que sou rude.

— Não, você está completamente certa — Vida disse. — Embora eu esteja surpreso por você deixá-la entrar.

Ela sorriu.

— Eu aprecio a ajuda de Lucy.

— Como está sua mãe? — ele perguntou.

Sabia que ele ainda estava testando meu álibi e que eu havia passado no teste, porque seu rosto dizia tudo.

— Ela está estável... por enquanto — ela disse. — Como está Conor?

— Ahn... Ele está dormindo.

— Ele tomou a mamadeira?

— Sim. — Eu a tinha despejado na pia.

Ela parecia feliz, remexeu em sua bolsa procurando pela carteira e pegou algum dinheiro.

— Isso é por seu tempo, muito obrigada! — disse, empurrando-o para mim. Eu realmente queria pegá-lo. Realmente. Sebastian necessitava tanto de conserto, o carpete ainda precisava ser limpo, meu cabelo poderia receber uma escova profissional, eu poderia comprar algo diferente de comida para micro-ondas; mas não, Vida estava me observando, então fiz a coisa certa.

— Eu não posso aceitar. — Forcei as palavras a saírem, embora elas estivessem morrendo de vontade de permanecer lá dentro. — Foi um prazer, realmente.

Então, chegou o momento. Coloquei a chave na fechadura e a girei. Estendi a mão para que ele entrasse antes de mim. Ele parecia animado. Não senti qualquer restrição. Segui-o e fechei a porta, dolorosamente consciente do cheiro e esperando que ele fosse educado o suficiente para não mencioná-lo. Senhor Pan se agitou e se esticou, e então veio se esgueirando ao encontro de nosso convidado, seu quadril, lenta e preguiçosamente, indo de um lado para outro em um estado hipnótico, como se fosse o gato mais faceiro do mundo. Olhou para a minha vida e, em seguida, esticou-se sobre as patas, com a cauda no ar.

— Você tem um gato — disse, caindo de joelhos, e o acariciou. Senhor Pan se banhou na glória de sua atenção.

— Este é o Senhor Pan, Senhor Pan este é... Como posso chamá-lo?

— Vida.

— Eu não posso apresentá-lo às pessoas assim! Vamos ter de pensar em um nome.

Ele deu de ombros.

— Eu não me importo.

— OK, Engelbert.

— Não quero ser chamado de Engelbert! — Olhou ao redor da sala para as minhas várias fotografias emolduradas de Gene Kelly e para o cartaz de *Cantando na chuva*, na porta do banheiro. — Pode me chamar de Gene.

— Não, você não pode ser chamado assim. — Já havia três Genes em minha vida: o Kelly e o Don Lockwood, para quem eu havia dito que nunca mais me ligasse e...

— Quem é o outro cara? — perguntou.

— Donald O'Connor, ele faz o papel de Cosmo Brown.

Ele colocou um sotaque americano dos anos 1950.

— Bem, então me chame de "Cósmo Bráun".

— Eu não vou apresentá-lo às pessoas como Cosmo.

— É Cosmo ou Vida, boneca.

— OK, tudo bem. Deixe eu mostrar o resto do apartamento para você. — Estava na porta da frente como uma comissária de bordo e estendi os braços como se fosse passar os procedimentos de emergência. — À minha esquerda, fica o banheiro. Se quiser usá-lo, você deve ligar a luz do exaustor da cozinha para servir de iluminação e entrar. À minha direita, fica a cozinha. Mais à minha esquerda, é o quarto e, mais à direita, é a sala de estar. Fim do *tour*. — Me inclinei em reverência. Ele podia ver tudo de onde estava, tudo o que tinha de fazer era mover os olhos.

Examinou o espaço.

— Então, o que você acha?

— Ele fede a peixe. E o que é aquilo no carpete?

Suspirei. Ele não poderia mesmo ter um minuto de polidez, os grandes fundamentos sobre os quais minha vida foi construída.

— É coquetel de camarão. O Senhor Pan derramou, pisou em cima e ficou andando pelo carpete, OK?

— OK, mas eu quis dizer isso. — Apontou para a escrita sobre o carpete.

— Ah, este é o nome de uma empresa de limpeza de carpetes.

— Claro que é! — Olhou para mim e seus olhos estavam sorrindo. — Não vou perguntar por que está escrito no chão. Chame-os — disse, indo direto para meu armário de canto e vasculhando meus mimos. Senhor Pan o seguiu, esse traidor. Vida se sentou no balcão e comeu alguns biscoitos, o que me aborreceu; estava pensando em comê-los no jantar. — O carpete está nojento, você tem que chamá-los.

— Eu não tenho como ficar em casa no horário de trabalho para deixá-los entrar. Coisas como essas são sempre um incômodo.

— Peça para eles virem no fim de semana e, se não puderem, ainda há uma grande possibilidade de que você seja demitida amanhã.

— Pensei que você fosse fazer eu me sentir melhor.

— Pensei que você quisesse ser demitida.

— Queria. Mas queria os benefícios da rescisão e não ser demitida só porque não falo espanhol.

— É só um detalhe, uma vez que se supõe que você seja a especialista em línguas deles.

— Eu falo cinco línguas — rebati.

— Ah, mas você não fala a verdade... — Riu, antes de colocar um biscoito inteiro na boca.

Olhei-o de cima a baixo, revoltada.

— Você tem *moobs*.

— O que é isso?

— Verifique em seu computadorzinho. Por que não faz isso agora?

— E vou mesmo — disse e pegou seu iPhone. — Agora, ligue para os

limpadores de carpete porque está nojento. Isso não foi devidamente limpo desde que você se mudou, e eu suspeito de que ainda há mais tempo, e deve ter pele, cabelos e unhas seus e de algum estranho, pelos de gato e quaisquer que sejam os insetos e bactérias que vivam enraizados nele e que, toda vez que você respira, leva até seus pulmões.

Desgostosa, imediatamente agarrei o telefone de sua mão, mas ele o segurou firme.

— Este é o meu telefone, use o seu. Estou procurando no Google o que é *moobs*.

Torci o nariz e disquei para o auxílio à lista para efetuar a ligação. Um segundo antes de ser respondida, esperava que Don atendesse novamente. Mas ele não o fez. Era um homem velho, chamado Roger, e, em dois minutos, havia marcado a limpeza para domingo. Desliguei o telefone orgulhosa de mim mesma. Havia feito algo. Mas a vida não estava ali para me felicitar, estava olhando para mim com raiva.

— Que foi?

— Peitos de homem.

Eu ri.

— Bem, você anda um pouco relaxado, não é?

— Não por culpa minha.

— Eu trabalho cinco dias por semana — me defendi.

— Que é, provavelmente, a única razão pela qual nós dois ainda estamos de pé — ele disse, saltando o balcão, trepando sobre o encosto do sofá e se sentando.

— Não posso deixar de comentar sua aparência. Você parece um tanto sujo. Precisa de uma renovada. Tem mais alguma coisa em seu guarda-roupa? — Fiz uma pausa. — Você tem um guarda-roupa?

— Isso não é *As patricinhas de Beverly Hills*, Lucy, não sou um projeto. Você não pode passar um dia polindo minhas unhas e fazendo permanente em meu cabelo e tudo ficará bem e maravilhoso.

— Que tal uma depilação completa?

— Você é nojenta e tenho vergonha de ser sua vida. — Mordeu outro biscoito e acenou com a cabeça na direção da cama. — Alguns visitantes ali?

— Não me sinto confortável em falar com você sobre isso.

— Porque sou um homem?

— Porque... não acho que seja importante. E sim. Porque você é homem. Mas não sou pudica. — Levantei o queixo e subi no encosto do sofá para me juntar a ele. — A resposta é não, nunca ninguém esteve aqui, mas isso não quer dizer que não haja nenhuma atividade.

— Eca, nojento! — Torceu o nariz.

— Não quero dizer naquela cama. — Revirei os olhos.— Quero dizer, em minha vida.

— Espere. — Ele sorriu enquanto buscava algo em sua mochila e tirou um iPad. — Esse seria Alex Buckley — leu. — Corretor, você o conheceu em um bar, gostou da gravata, ele gostou de seus peitos, mas não disse isso em voz alta. Pelo menos, não para você. Disse a seu colega, Tony, que respondeu: “Por que diabos não?”. Encantador. Mas ele disse para você, abre aspas, Deve haver algo de errado com meus olhos, não consigo tirá-los de você. Fecha aspas. — Ele urrava de rir. — Funcionou com você?

— Não. — Pincei uma pena na almofada, puxei-a para fora. Senhor Pan me observou e se aproximou para brincar com a pena. — Mas as bebidas que ele comprou para mim funcionaram. Enfim, ele era agradável.

— Você foi para a casa dele. — Leu e, então, pareceu enojado. — Não acho que precise ler tudo isso. Blá-blá-blá, então você saiu antes do café da manhã. Faz dez meses.

— Não faz dez meses, faz... Bem, não foi há dez meses, de qualquer forma.

— A última vez em que você viu qualquer ação — ele disse, tirando um barato da minha cara e me reprovando. — Fora deste apartamento, de qualquer forma.

— Cale a boca! Pois bem, sou exigente quando se trata de homens. Não posso simplesmente dormir com qualquer cara.

— Sim, porque o corretor Alex Buckley, que gostava de seus peitos, era muito especial.

Ri.

— Você sabe o que quero dizer.

— Exigente é um eufemismo — disse e ficou sério. — Você não está nem remotamente pronta para os homens. Você não superou Blake.

— Superei Blake e muito, isso é ridículo! — exagerei, soando como uma adolescente petulante.

— Não superou. Se o tivesse superado, cada homem que você conheceu não estaria relacionado a uma grande ingestão de álcool. Se o tivesse superado, seria capaz de seguir em frente e conhecer alguém novo.

— Gostaria de lembrar que ter autoestima, e estar feliz, não está necessariamente ligado a encontrar um homem, e sim a estar satisfeita comigo mesma. — Tentei não rir quando disse isso.

— Para que você mesma seja verdadeira — ele disse e assentiu.— Acredito nisso. Mas se você é incapaz de encontrar alguém porque está presa ao passado, então isso é um problema.

— Quem disse que é o meu problema? Estou sempre aberta para conhecer alguém novo. — Agarrei os biscoitos das mãos dele.

— E o cara no café, no domingo em que nos encontramos? Praticamente o joguei em cima de você e você mal lhe dirigiu um olhar. Abre aspas: Já estou

saindo para ver meu namorado — me imitou. — Fecha aspas.

Engoli em seco.

— Você armou para mim?

— Tinha que ver o quanto você estava mal.

— Eu sabia. Sabia que ele era muito atraente para ser uma pessoa normal: era um ator.

— Não era um ator. Você não está entendendo. Eu sincronizei suas vidas. Fiz seus caminhos se cruzarem, para que algo acontecesse.

— Mas nada aconteceu, portanto, você falhou — rebati.

— Aconteceu sim. Você o rejeitou e ele voltou para a namorada, de quem, afetuosamente, sentia falta e com quem lamentava ter rompido. Sua resposta o fez perceber aquilo.

— Como ousa me usar desse jeito?

— Como estou te usando? Como você acha que a vida acontece? Uma série de coincidências e ocorrências tem que acontecer de alguma forma. Todas as nossas vidas se chocam e se batem de frente e você acha que não há nenhuma razão ou rima para isso? Se não houvesse qualquer razão para isso tudo, qual seria o ponto? Por que você acha que as coisas acontecem, afinal? Há resultado, repercussões e ocorrências para todos que conhece e tudo o que você diz. Honestamente, Lucy... — Assentiu e mordeu outro biscoito.

— Mas o ponto é que não acho que houve um.

— Não houve o quê?

— Um ponto!

Franziu a testa, confuso. Em seguida, entendeu.

— Lucy, há sempre um ponto.

Eu não sabia se acreditava nisso.

— Com quem mais você sincronizou minha vida?

— Ultimamente? Não são muitos que se destacam para você. Apenas a agradável senhora americana na recepção. Posso dizer, pela sua cara, que você está chocada com essa e, aproveitando a chance, você pode agradecer a ela por eu estar aqui hoje, porque foi ela que me fez querer lhe dar outra chance depois de nosso último encontro.

— Como se você não estivesse desesperado para me encontrar novamente!

— Acredite em mim, não estava. Mas quando você lhe deixou a barra de chocolate, tive um momento Willy Wonka.

— É o código secreto para algo privado?

— Não. Você conhece a parte em que Slugworth diz a Charlie para roubar o chiclete que nunca acaba o gosto e que ele cuidaria de sua família para sempre, mas Charlie não o faz e deixa o chiclete na mesa do escritório de Wonka no final do filme, o que mostra o verdadeiro valor de Charlie como pessoa para Wonka?

— Você só contou todo o final.

— Cale a boca, você já viu esse filme 26 vezes! Você deixou a barra de chocolate para a Sra. Morgan e foi algo muito amável.

— Sim, bem, ela disse que gostava deles.

— Fez-me lembrar que você tem um coração, se preocupa com as pessoas e que esse nunca foi o problema. Só tenho que tentar fazer com que você se importe comigo.

Com essa frase, ele simplesmente deixou meu coração partido. Ninguém jamais havia proferido palavras como aquelas para mim, e ali estava ele, aquele jovem exausto, de aparência desesperada, com mau hálito e um terno amarrotado, querendo ser amado.

— Então, este foi o ponto para você contratá-la? Para que eu pudesse ter outra chance com você?

Ele pareceu surpreso.

— Nunca pensei nisso dessa forma. — Então, de repente bocejou. — Onde vou dormir?

— Onde quer que você costume dormir.

— Acho que eu deveria ficar aqui, Lucy.

— OK, isso não é problema — eu disse calmamente. — Estarei na casa da minha amiga Melanie se precisar de mim.

— Ah, sim, Melanie! Aquela que está aborrecida com você porque você vai embora dos lugares cedo o tempo todo. — Ele ficou fuçando em seu iPad novamente. — A mesma Melanie que disse, logo depois que você deixou o restaurante outro dia, abre aspas: Há algo errado com ela, não posso esperar que ela mesma se resolva para descobrir o que é. Fecha aspas. — Ele parecia satisfeito com o golpe. Fiquei horrorizada. Tempo a sós não era do que eu precisava com Melanie agora, e não ia voltar para a casa de Riley para ficar com ele e mamãe.

— Pode dormir no sofá — disse, derrotada, e depois pulei o encosto do sofá para chegar à minha cama.

Ele dormiu no sofá com o Senhor Pan, coberto por um cobertor empoeirado que desencavei do alto do guarda-roupa, enquanto me reprovava o tempo todo. Não em voz alta, mas podia ouvi-lo em minha cabeça, um tsc-tsc-tsc-tsc ritmado e constante como o do relógio do vovô, que tínhamos no salão quando eu era criança, que costumava me assustar e me manter acordada durante a noite até que enfiasse um travesseiro no pêndulo e depois culpasse Riley. Ele roncava tão alto que, pela primeira vez em muito tempo, minha vida me manteve acordada a noite toda. Lembrando o truque do relógio do avô, joguei um travesseiro nele, por volta das 2 horas da manhã, mas errei e acabei levando Senhor Pan a um ataque. Fui acordada às 6, com ele tomando banho. Então, ele saiu furtivamente e voltou pouco tempo depois, retinindo as chaves no balcão, batendo nas coisas e fazendo barulho suficiente para acordar o prédio. Sabia que estava tentando me

incomodar, então, deliberadamente, mantive os olhos fechados por, pelo menos, dez minutos a mais do que realmente queria. Finalmente, o cheiro me agitou. Estava sentado no balcão comendo uma omelete. As mangas da camisa estavam enroladas até os cotovelos, os cabelos estavam molhados e penteados para trás. Parecia diferente. Parecia limpo.

— Bom dia! — ele disse.

— Uau! Seu hálito está bom!

Ele pareceu insultado.

— Pouco importa — disse, voltando a ler o jornal. — Suas palavras não podem me ferir. Fiz café e trouxe as palavras cruzadas para você.

Fiquei surpresa, realmente tocada.

— Obrigada!

— E comprei uma lâmpada para seu banheiro. Pode colocá-la você mesma.

— Obrigada.

— E a omelete ainda está quente.

No balcão, havia omelete com presunto, queijo e pimenta vermelha.

— Muito obrigada! — sorri. — Isso foi muito gentil de sua parte.

— Sem problemas.

Ficamos sentados, em silêncio, comendo, ouvindo um homem e uma mulher num programa de fofocas da televisão e, em seguida, ficamos sabendo de um estudo recente sobre acne na adolescência. Não troquei a lâmpada; teria custado muito esforço e muito tempo em uma manhã que já estava corrida, depois de ter sentado e tomado um café da manhã normal. Deixei a porta entreaberta para que entrasse luz e tomei um banho, vigiando a porta o tempo todo para me certificar de que minha vida não era um pervertido, e me vesti no banheiro. Quando saí, ele estava pronto, com sua mochila e seu terno amarrotado. Havia ficado surpreendentemente confortável com ele, mas, de repente, suspeitei de algo.

Havia sempre um porém.

— Bem, acho que isso é um adeus por hoje — disse, esperançosa.

— Vou trabalhar com você — avisou.

Estava nervosa ao chegar ao escritório, obviamente porque teria que enfrentar a todos após o incidente de terça-feira, mas principalmente porque Vida tinha me acompanhado. Esperava que o segurança me livrasse de, pelo menos, um problema. Deslizei minha identificação e a catraca se moveu para eu passar. Vida caminhou para trás de mim e o ouvi fazer um som como se tivesse arrotado. Tentei não sorrir, mas falhei miseravelmente.

— Ei! — o segurança chamou. Eles eram vigilantes a maior parte do tempo, mas, depois do episódio com Steve, estavam em alerta máximo. Virei e tentei parecer tão apologética quanto possível com Vida.

— Veja, estou atrasada, tenho que correr. Encontro com você na hora do almoço, OK?

Sua boca se abriu, me virei e corri para o elevador, tentando me misturar com a multidão como se estivesse sendo perseguida. Como esperava, assisti ao segurança, com duas vezes a largura de Vida, caminhar até ele como se fosse lhe bater. Vida procurou em sua mochila e tirou um papel de lá de dentro. O segurança o pegou como se fosse um pedaço de peixe podre e o leu. Então, ele me olhou, olhou de volta para o papel, olhou para a minha vida, deu o papel de volta para Vida e voltou para sua mesa. Apertou o botão atrás dele, e a catraca se abriu.

— Obrigado! — Vida gritou para ele. O segurança acenou. Vida sorriu para mim presunçosamente e subimos em silêncio no elevador abarrotado. As pessoas de costume estavam no escritório antes que eu chegasse, amontoadas, obviamente falando de mim porque, logo que entrei, silenciaram e olharam para o alto. Todos os olhares foram imediatamente para Vida. Então, se voltaram para mim.

— Olá, Lucy — Intrometida disse. — É seu advogado?

— Por quê? Está procurando um para o casamento? — respondi cruelmente.

Graham não riu, o que me incomodou um pouco. Ele sempre ria das minhas piadas grosseiras. Perguntei-me se aquilo significava que ele não seria mais uma praga sexual em minha vida, o que me incomodou muito. Minha resposta para Louise havia sido uma rebatida barata, mas, na realidade, ela estava disfarçando porque não sabia o que dizer. Tive um tempão para pensar em como apresentar minha vida para as pessoas, mas, além de chamá-lo de Cosmo, o que, imaginei, geraria mais perguntas do que respostas, ainda não tinha conseguido pensar em uma história. Poderia pensar em uma mentira perfeitamente boa. Poderia pensar em muitas mentiras perfeitamente boas, por exemplo, dizer que ele era um doente terminal, cujo último desejo era passar um tempo comigo; ou um primo de fora da cidade, um garoto da faculdade à procura de alguma experiência; ou um amigo doente mental em dia de visita; ou um jornalista escrevendo um artigo sobre mulheres modernas que trabalham e que havia me escolhido como tema. Todas essas coisas que, tenho certeza, todo mundo acreditaria, mas que Vida não aprovaria. Estava tentando encontrar a mentira perfeita que ele aprovaria, o que era irônico, pois imaginei que, provavelmente, ela não existisse. Edna me salvou do cerco de olhares, encaradas, perguntas e acusações me chamando a seu escritório para uma sessão de perguntas e acusações, mas que, ao menos com ela, era um-com-um e eu conseguiria lidar. Enquanto caminhava até seu escritório, sorri para todos de um jeito doce e me desculpando por ter que fazer companhia a eles. Virei-me para Vida antes de entrar e disse:

— Você vai esperar aqui fora?

— Não, vou com você — disse, mantendo sua voz em um nível normal, o que me impediu de falar mais.

Entrei no escritório de Edna e me sentei à mesa redonda, perto da janela. Sobre a mesa, havia uma rosa artificial branca em um vaso alto e fino, e, na prateleira atrás de sua mesa, uma cópia de *Ulisses*, duas das coisas de minha lista que sempre me aborreciam nela, porque eu desprezava flores artificiais e achava que ela, provavelmente, nunca havia lido *Ulisses* em sua vida, mas gostava de

como aparentava ser, só por tê-lo em sua prateleira. Ela olhou para minha vida.

— Olá — disse, como se perguntasse: “Quem é você?”.

— Sra. Larson, meu nome é... — olhou para mim e vi seus lábios se contraírem enquanto lutava contra um sorriso — Cosmo Brown. Tenho alguns papéis aqui para a senhora que detalham como estou autorizado a estar com Lucy Silchester o tempo todo, e inclui acordos de confidencialidade que foram assinados por mim e carimbados e autenticados por um reconhecido cartório. A senhora pode confiar que qualquer coisa que eu venha a saber sobre a empresa nesta conversa não irá adiante, mas tudo o que for discutido com Lucy sobre sua vida pessoal estará exatamente dentro de meus direitos de debate, conforme eu bem desejar.

Ela pegou a papelada e, enquanto lia, vi a compreensão passar pelo seu rosto.

— OK, Sr. Brown. Por favor, sente-se!

— Por favor, me chame de Cosmo. — Sorriu, e eu sabia que era uma gozação comigo.

Ela olhou para ele quando falou.

— Esta reunião é sobre os acontecimentos de terça-feira. Tenho certeza de que está ciente do incidente com Steven Roberts.

Vida assentiu.

— Desculpe, você tem que se dirigir a ele quando fala sobre mim? — Então, olhei para Vida. — Será que ela tem que se dirigir a você?

— Ela pode olhar para quem quer que prefira, Lucy.

— Mas não tem que ser para você.

— Não, não tem que ser.

— OK. — Olhei de volta para Edna. — Você não tem que se dirigir a ele.

— Obrigada, Lucy. Agora, onde eu estava? — Ela voltou seu olhar para Vida. — Pois bem, o que nós vamos discutir não é o que aconteceu com Steve,

embora, caso Lucy tenha qualquer preocupação com o que aconteceu e, sinceramente, seria normal se tivesse, como sou sua superiora, sou também a pessoa com quem ela pode falar sobre o assunto.

— Ahn, me desculpe, mas estou aqui. Você não tem que falar como se eu não estivesse aqui.

Ela me olhou e me encarou com tal olhar de aço que desejei que continuasse olhando para Vida.

— Esta reunião tem a ver com a revelação que surgiu a partir do momento em que descobrimos que você, realmente, não sabe falar nada de espanhol.

— Eu sei falar espanhol. Estava sob muita pressão. Havia uma arma na minha cara e não conseguia pensar.

Edna pareceu aliviada e finalmente abrandou.

— Lucy, isso foi o que assumi, quer dizer, meu Deus, mal podia me lembrar de meu nome próprio sob as circunstâncias e estava apenas esperando para ouvir a confirmação disso. Como pode compreender, tenho que, oficialmente...

— Desculpe, posso interromper aqui? — Vida perguntou.

Olhei para ele com olhos arregalados.

— Acho que você não tem permissão. — Olhei para Edna. — Ele tem permissão? — Pensei que ele só deveria testemunhar minha vida e não participar de verdade em qualquer...

— Não, não, estou autorizado a participar — disse para mim. Então, olhou para Edna. — Gostaria de confirmar que Lucy não sabe falar espanhol.

Minha boca caiu. Os olhos de Edna se arregalaram ainda mais do que seus olhos de peixe.

— Sinto muito, você disse “sabe” ou “não sabe”?

— Vou confirmar que disse “ela não sabe” — falou lentamente e acentuou o “não”. — Ela — e apontou para mim, para que tivéssemos certeza de que

estávamos todos totalmente esclarecidos de que não era sobre a rosa artificial em cima da mesa que estávamos falando — é incapaz de falar espanhol. Acho que há aqui o risco de você ser enganada de novo e é apropriado que eu me intrometa e a mantenha ciente da situação. — Ele me olhou como se dissesse: “Tudo bem? Lidei bem com isso?”.

Fiquei sem palavras. Minha vida havia me apunhalado pelas costas. Edna ficou momentaneamente sem palavras também, mas, em seguida, encontrou sua voz novamente. Continuou a falar com ele, em vez de mim.

— Cosmo, tenho certeza de que você entende que esta é uma situação muito séria.

Senti as gotas de suor brotarem de minha testa.

— Claro — concordou.

— E como Lucy é contratada como nossa especialista em linguagem para o manual, e assim tem sido nos últimos dois anos e meio, estou preocupada que sua falta de conhecimento do espanhol tenha colocado os clientes que adquirem os produtos em grave perigo, e a empresa, em risco. Quero dizer, quem na Terra estava escrevendo as traduções em espanhol? Eram mesmo precisas? Eram de um tradutor automático?

— Elas eram de um muito respeitável falante espanhol nativo, cujas traduções das instruções dos aparelhos não têm paralelo — disse rapidamente.

— Bem, você realmente não sabe disso — Vida disse.

— Nunca houve qualquer queixa — retruquei, cansada de ser apunhalada pelas costas.

— Pelo que sabemos — disse Edna, e Vida concordou.

— Quem é a pessoa que estava traduzindo para você? — Edna perguntou, incapaz de esconder o choque em sua voz.

— De uma respeitável...

— Você já disse isso — Vida interrompeu.

— ... uma pessoa de negócios, espanhola — continuei assim mesmo. — Realmente, foi mais como um subcontrato do que uma trapaça, embora saiba que ninguém mencionou esta palavra, mas estou sendo levada a sentir que era isso que estive fazendo. — Elevei o nível. — Veja, falo todas as demais línguas perfeitamente, o que, definitivamente, não é mentira, diga a ela.

Olhei para Vida para me apoiar, mas ele levantou as mãos.

— Não acho que seja meu papel aqui.

Engoli em seco e baixei a voz.

— Veja, se você pudesse apenas garantir meu emprego, por favor... Talvez Quentin pudesse fazer as traduções em espanhol e tudo seria mantido em casa, de maneira perfeitamente legal, e não haveria nada com que se preocupar. Peço milhões de desculpas por não dizer a completa verdade...

— Por mentir, você quer dizer — Vida disse.

— Por não dizer a completa verdade — continuei.

— Por mentir. — Ele olhou para mim. — Você mentiu.

— Veja, quem não mente no currículo? — finalmente rebati. — Todo mundo o faz. Pergunte a quaisquer desses caras lá fora se eles já mentiram e todos dirão que exageraram um pouco a verdade. Aposto que você também. — Olhei para Edna. — Você disse que trabalhou na Global Maximum por quatro anos e todo mundo sabe que foram apenas dois anos, e metade deles você trabalhou na gestão júnior e não sênior, como você disse que foi.

Os olhos de Edna se arregalaram. Em seguida, percebendo o que falei, os meus também.

— Mas isso não significa que você mentiu, só quero dizer que todos exageram a verdade, isso não diminui quaisquer realizações que você ou eu possamos ter ou não ter...

— OK, acho que já ouvi o suficiente aqui — disse Edna, massageando as têmporas. — Terei que levar esta situação a um nível superior.

— Não, por favor, não faça isso! — Estendi a mão e segurei o braço dela. — Por favor, não. Olha, não há nada com que se preocupar. Você sabe que o Jurídico não teria aprovado qualquer manual que fizemos se tudo não estivesse 100% preciso. As coisas são verificadas o tempo todo, não sou a pessoa com a última palavra aqui. Portanto, nada pode sair pela culatra e, se algum dia, algum dia, acontecer, então você não terá nada com que se preocupar, porque você não sabia. Ninguém sabia.

— Será que Quentin sabia? — ela perguntou, e os seus olhos se estreitaram.

— Por que a pergunta? — Fiz uma careta.

— Apenas me diga a verdade, Lucy. Quentin sabia, não sabia?

Fiquei surpresa.

— Ninguém sabia.

— Mas ele descobriu na terça-feira, quando Steve estava lhe pedindo para traduzir o que o Sr. Fernández falava. Ele sabia naquele momento, ele se levantou.

— Acho que todo mundo sabia naquele momento, era óbvio que eu não tinha uma palavra na minha cabeça.

— Acho que você está mentindo de novo — disse ela.

— Não, não estou. OK, não estou exatamente mentindo, acho que Quentin descobriu um pouco mais cedo, quando...

Edna balançou a cabeça, chocada.

— Quanto mais tenho que arrancar de você, Lucy? Quero dizer...

— Não, não, ouça — a interrompi. — Ele apenas soube alguns poucos minutos antes, quando eu estava tentando falar com Augusto Fernández.

Ela realmente não estava me escutando. Ela havia desistido.

— Não sei. — Começou a arrumar sua papelada. — Não sei mais em que acreditar. Francamente, estou surpresa com você, Lucy, realmente pensei que você, de todas as pessoas... — Ela olhou para as mesas do lado de fora. — Bem, de qualquer maneira, estou surpresa. Mas, então — olhou para Vida —, pensei o mesmo sobre a minha irmã e ela também se encontrava em um — ela procurou uma palavra para descrever minha situação atual — dilema como este.

Vida assentiu, como se tivessem um segredo compartilhado.

Ela suspirou.

— Quentin sabia, não sabia, você não parece muito certa ou convencida sobre isso.

— Não, não, estou certa sobre isso, por favor...

— Acho que passamos tempo o bastante aqui — disse. — Por que você não volta e se junta aos outros? Vou ter que pensar sobre o que discutimos. Obrigada, Lucy. Obrigada, Cosmo.

Ela nos cumprimentou com apertos de mão e eu fui rapidamente levada para fora do escritório. Voltei em choque para minha mesa, por tudo que havia acontecido. Vida me seguiu. Sentou-se à mesa vazia, voltada ao contrário da minha. Tamborilou os dedos sobre ela.

— Então, o que você faz agora? — perguntou. — Quer que eu faça cópia de alguma coisa?

— Não acredito que você tenha feito isso — disse. — Simplesmente não acredito que tenha tido a coragem de fazer isso comigo. O que aconteceu com a conversa de que somos um time? Você só estava falando daquele jeito doce comigo para que pudesse fazer uma tola imbecil sair de mim. — Levantei minha voz por acidente, e os outros olharam em minha direção. — Estou indo fumar um cigarro — disse, e então me levantei e deixei a sala, meu queixo elevado e poderoso enquanto caminhava sob o olhar atento de todos.

A última coisa que ouvi, antes de sair da sala, foi sua voz alta e clara dizendo:

— Ela não fuma. Ela finge, para obter pausas extras.

Bati a porta atrás de mim.

Capítulo 13



Eu estava em pé na escada de incêndio, local secreto de fumar número 3 do ano, depois do banheiro de deficientes no segundo andar e da sala do pessoal do serviço de limpeza. Duas outras pessoas também estavam lá, um homem e uma mulher, mas não estavam juntos, e nenhum de nós falou nada. Não era como a seção de fumo de um clube ou de um bar, onde todo mundo falava com todo mundo, unidos pela felicidade de estar em uma ocasião social. Estávamos num local de trabalho e a única razão pela qual estávamos todos aqui, além da necessidade de alimentar o vício em nicotina, era ficar longe da obrigatoriedade de falarmos com pessoas. Tínhamos vindo aqui para ter uma pausa do trabalho duro, acompanhado de interação constante com idiotas. Ou, pelo menos, as pessoas que considerávamos idiotas, pois não eram leitores de mente e temos que, pacientemente, usar palavras educadas para explicar as coisas que estamos pensando quando, realmente, dentro de nós, estamos lutando contra o desejo de pegar as cabeças deles em nossas mãos e, suave e repetidamente, bater suas testas na parede. Mas não havia polidez ali; estávamos fechando nossos cérebros, ignorando deliberadamente um ao outro e satisfeitos com nosso direito de fazê-lo, nos concentrando, apenas, em inspirar e soprar fumaça. Apenas eu não estava assim. Não tinha parado de pensar e não estava fumando.

Ouvi a porta se abrir atrás de mim. Não me virei, não me importava se a localização número 3 fora encontrada e tivéssemos sido pegos. O que seria mais uma contravenção na minha ficha criminal atual? Mas os outros dois se importaram e esconderam os cigarros, rapidamente, nas mãos fechadas e amareladas, esquecendo que a fumaça entregaria o jogo, e se viraram rapidamente para ver quem tinha descoberto a toca. Não pareceram muito preocupados com quem viram, mas não relaxaram, o que significava que não era

o patrão, mas também não era alguém que conheciam. O homem deu uma longa tragada final no cigarro e saiu, o susto do desastre iminente foi o suficiente para arruinar seu frenesi pela nicotina. A mulher ficou onde estava, mas olhou para o novo hóspede de cima a baixo, como fizera comigo quando me juntei a eles. Ainda não havia me virado para ver quem era, em parte porque não me importava, mas principalmente porque sabia quem era.

— Oi — ele disse, em pé, tão perto de mim que batemos nossos ombros.

— Não estou falando com você — disse, olhando para frente. A mulher sentiu a tensão e se pôs a sugar o resto do cigarro.

— Falei que ia ser mais difícil do que você pensava — ele disse suavemente. — Mas não se preocupe, vamos chegar lá.

— Agora? — disse. — Desculpe — me voltei para a senhora —, você se importaria em me emprestar um cigarro, por favor?

— Acho que ela quer dizer dá-lo. Ela não pode devolvê-lo, uma vez que o tenha fumado — Vida acrescentou por mim.

Ela me olhou como se preferisse vender sua avó favorita, mas me deu um de qualquer maneira, porque é isso que as pessoas fazem, elas são, na maior parte das vezes, gentis, mesmo quando se sentem rudes por dentro.

Inalei e tossi.

— Você não fuma — ele disse.

Exalei em seu rosto e, então, tentei sufocar a tosse que veio imediatamente a seguir.

— Diz para mim: por que está tão zangada?

— Por quê? — Finalmente me virei para ele. — Está louco? Você sabe muito bem o porquê. Você me fez passar por idiota lá dentro. Fez eu parecer uma... uma...

— Mentirosa, por acaso?

— Veja, eu tinha um plano. Tinha tudo sob controle. Esperava que você apenas se sentasse e observasse, foi isso que você disse que ia fazer.

— Nunca disse isso.

— Alguém disse isso.

— Não, você assumiu isso.

Fiquei enfurecida.

— Então me diga: qual era o grande plano? Mentir novamente e, de repente, como o grande gênio que é, aprender espanhol em uma noite?

— Tenho uma grande aptidão para a aprendizagem de línguas, foi o que minha professora de francês disse — bufei.

— E o professor de civismo disse: “poderia fazer melhor” — ele falou e desviou o olhar. — Fiz o que era certo.

Silêncio. A fumante fungou.

— OK, então deveria ter dito a verdade, mas tem que haver outra maneira de fazer isso. Você não pode simplesmente entrar na minha vida arrasando tudo pelo caminho como um furacão e tentar corrigir cada pequena mentira que eu disse ou digo. O que vai fazer quando conhecer meus pais? Expor cada mentirinha e lhes oferecer um ataque cardíaco? Vai dizer a eles que, em vez de um grupo de estudo, dei uma festa em casa na noite em que eles foram ao aniversário de 40 anos da minha tia Julie, e que o querido sobrinho, Colin, transou com uma menina na cama deles, e que Fiona correu pelada pelo gramado por causa do último pedaço de guisado e que não, me desculpe, não era sopa de legumes no chão, como disse que era, era o vômito de Melanie, e eu não devia ter deixado o cão comê-lo? E que, aproveitando a oportunidade, gostaria de dizer que Lucy não sabe falar espanhol — disse num só fôlego e arfei. Ele foi pego de surpresa.

— Até seus pais acham que você sabe falar espanhol?

— Eles pagaram para eu passar um verão lá, o que mais eu poderia ter lhes

dito? — rebati.

— A verdade? Isso já lhe ocorreu alguma vez?

— Que era dançarina em um clube noturno em vez de fazer o trabalho que eles arrumaram para mim na recepção de um hotel?

— É, talvez não.

— O que eu quero saber é onde a grande revelação começa e onde ela termina. Num minuto você está comprando lâmpadas e, no minuto seguinte, está dizendo a meu pai que acho que ele precisa descer de seu pedestal e parar de ser um merdinha pretensioso. É necessário ter um pouco de sensibilidade; você deveria estar me ajudando a fazer melhor as coisas, não me colocando na fila do desemprego e acabando com o restinho de bom relacionamento que tenho com minha família. Precisamos ter um plano.

Vida ficou em silêncio por um tempo, podia ver que estava ponderando sobre aquilo. Esperei por uma de suas analogias, mas não veio nenhuma. Em vez disso, ele disse:

— Você está certa. Sinto muito.

Fingi me atirar sobre a grade, mas ele e a fumante me puxaram de volta, pensando que fosse me jogar do prédio de verdade.

— Obrigada — disse a ela um pouco envergonhada e ela, muito sabiamente, achou que aquele era um momento oportuno para sair.

— Mas não me arrependo do que fiz, apenas da maneira como conduzi. Vamos trabalhar em outra estratégia para o futuro — ele disse.

Respeitei sua integridade, a capacidade de admitir quando estava errado. Puxei outra tragada do cigarro e, em seguida, o joguei fora, em sinal de respeito. Mas ele não havia acabado, então examinei o cigarro esmagado para ver se ainda estava aceso e se poderia pegá-lo novamente e continuar fumando.

— Não poderia apenas me sentar ali e ouvir você mentir mais uma vez, Lucy. Nunca vou conseguir fazer isso. Então, qualquer que seja a estratégia que

empreguemos, tem que envolver você não mentir de novo. Mentira me dá queimação.

— Minha mentira lhe dá queimação?

— Bem aqui — disse e esfregou o centro do tórax.

— Ah, bem, sinto muito por isso.

Ele estremeceu e esfregou novamente.

— Seu nariz cresceu, Pinóquio.

Empurrei-o alegremente.

— Por que apenas não deixa que eu diga a verdade às pessoas? Em meu próprio tempo, digo.

— Não acho que há tempo suficiente no mundo para permitir que isso aconteça.

— Bem, não vou reunir as tropas e admitir tudo de uma vez, mas vou fazê-lo. Vou fazê-lo quando for a hora certa. Que tal concordarmos que não vou mais contar mentiras a partir de agora e você faz seu mínimo me acompanhando e observando as coisas, se tiver que fazê-lo.

— Como vai parar de mentir?

— Acho que sei como não mentir se não quiser — disse, insultada. — Não é como se tivesse um problema.

— O que há no cara do número errado que a faz dizer a verdade?

— Quem?

— Você sabe quem. Veja, acabou de mentir de novo — disse ele, divertido. — Sua primeira reação é negar qualquer conhecimento de qualquer coisa.

Ignorei sua percepção.

— Eu disse para ele não me ligar mais.

— Por quê? Será que você ligou e ele estava comprometido?

Embora ele estivesse satisfeito com sua gracinha, o ignorei.

— Não. É que foi muito estranho.

— É uma pena.

— Sim — disse vagamente. Estendi minha mão. — Então, temos um acordo? Eu não minto e você observa?

Ele ficou pensando.

— Quero acrescentar algo.

Deixei minha mão cair.

— Claro que quer!

— Cada vez que mentir, revelo uma verdade. — Ele estendeu a mão. — Fechado?

Pensei na proposta e não gostei nem um pouco dela. Como eu poderia prometer que nunca mentiria de novo? Poderia, sim, tentar não mentir, mas, se eu chegasse a um acordo com ele, pelo menos eu teria a bola no meu lado do campo e ele não ficaria rodeando minha vida como um elefante numa loja de cristais.

— Ótimo. Temos um acordo. — Apertamos as mãos.

O clima estava tenso quando voltei para o escritório. Ninguém conseguia decidir se ficava com raiva de mim ou não, da mesma forma que não conseguia decidir se ficava com raiva de Steve. Então, todos apenas trabalharam em silêncio, pondo de lado quaisquer questões que necessitassem ser discutidas. Vida me encarou da mesa em frente, o que era aceitável, porque aposto que não havia uma alma na sala, além de Edna, que conseguisse lembrar o nome do cara que trabalhava ali. Ele havia sido eliminado na primeira rodada no início do ano passado, quando eu não tinha nada a ver com ele, de onde estava sentada, no canto direito, abaixo da saída de ar-condicionado, e quando minha única tarefa de cada dia era tentar manter a temperatura e fazer de tudo para que Graham parasse de olhar para meus seios. Não preciso dizer que a promessa do, muito

sério, Augusto Fernández, de que faria tudo a seu alcance para devolver o emprego de Steve era um absurdo e, assim, a mesa de Steve estava vazia. Se Vida tivesse escolhido se sentar àquela mesa, no entanto, teria causado um rebuliço. Teria sido muito brusco, muito doloroso. Vida olhou para o computador o dia todo, teclando e fazendo anotações, olhando para mim, observando como falava com os outros, que ficaram, o tempo todo, olhando para baixo, como se não estivessem dispostos a se comunicar.

Então, comecei a pensar no que ele tinha dito. Sobre o número errado, sobre Don Lockwood, sobre por que não menti para ele. Não sei por que não menti para ele, mas a resposta mais óbvia era porque não o conhecia, era um completo estranho para mim e a verdade não importava para ele.

A verdade não importava. Por que ela importava para o resto do mundo?

Peguei o celular e fiquei vendo as fotos: parei na de seus olhos, os estudei, aumentei e diminuí o zoom sobre cada um deles, como um perseguidor obsessivo, vi as manchas de cor de água, quase verde, no azul, então defini a foto como protetor de tela. Ficou muito impressionante quando coloquei o telefone sobre a mesa e eles ficaram me olhando.

— Por que está sorrindo? — Vida me perguntou, e sua pergunta súbita me fez pular.

— O quê? Meu Deus, você me assustou! Não se aproxime de mim desse jeito.

— Estava sentado exatamente aqui. O que estava fazendo?

— Ah — estava prestes a dizer “nada”, quando olhei para o protetor de tela. Não queria mentir. — Apenas olhando fotografias.

Satisfeito por eu estar dizendo a verdade, Vida decidiu fazer uma pausa e se dirigiu à cozinha. Os olhos de Graham o seguiram até o outro lado da sala, então ele olhou para todos os outros para se certificar de que permaneciam em suas mesas, se levantou e seguiu Vida até a cozinha. Observei a porta, esperando que um deles saísse, mas quando cinco minutos se passaram, comecei a me preocupar. Vida estava na cozinha com Graham, o Pinto, por muito tempo;

esperava que não tivesse sido presa de um de seus flertes, um pensamento que, eu sabia, não poderia ser verdade, mas que me enojou. Fui até o armário de pastas suspensas que Louise colocara estrategicamente perto da porta da cozinha para fofocar, abri uma gaveta e fingi procurar por um arquivo enquanto escutava atrás da porta.

— Então ela mentiu sobre o espanhol — disse Graham.

— Sim — Vida disse, com a boca cheia, como se estivesse comendo e raspando um pote. Um pote de iogurte, deduzi. Era de Louise, ela estava nos Vigilantes do Peso e, o dia todo beliscava iogurtes, que continham mais açúcar do que uma rosquinha.

— Bem, bem, bem. E ela mentiu sobre o tabagismo.

— Sim — ele respondeu novamente. Raspa, raspa, raspa.

— Você sabe que fumo — disse Graham.

— Não, não sabia. — E parecia que não se importava muito com aquilo.

— Nós, às vezes, íamos lá juntos, Lucy e eu, para o lugar privado — disse Graham, mantendo a voz baixa, não porque estivesse falando sobre o lugar de fumar, mas porque era daquela forma que os homens faziam quando estavam falando sobre coisas sexuais que haviam feito ou, mais comumente, que desejavam ter feito.

— A escada de incêndio — Vida disse, mantendo sua voz no nível normal, o que dizia a qualquer um, que não fosse Graham, que ele não queria abaixar o tom de voz ou o assunto da conversa.

— Achava que ela sentia alguma coisa por mim. Que fingir ser uma fumante fosse apenas uma maneira de chegar perto de mim. — Graham deu uma risadinha mal-educada, se esquecendo de que era sempre ele quem me seguia.

— Você acha? — Raspa, raspa.

— Bem, é difícil chegar perto, aqui, com tanta gente. O que acha? Ela já mencionou alguma coisa sobre mim? Ou ela não teria que dizer isso, você

saberia, não é? Vá em frente, pode me dizer!

— Sim, praticamente sei tudo — disse Vida, e eu fiquei irritada porque Pinto já sabia que ele era minha vida. Já era demais ele tentar chegar em mim, agora não se importava em tentar seduzir minha vida também.

— Então, o que acha? Será que ela quer se aproximar de mim?

— Quer um pouco? — A raspagem parou. O iogurte tinha sido devorado; a integridade, insultada.

— Ela já me rejeitou algumas vezes, não vou mentir para você, mas a questão é que sou casado e, para uma garota como Lucy, isso não é legal. Mas ainda sinto que há algo... Ela disse algo sobre mim para você?

Ouvi um rangido, a tampa do lixo subindo; ouvi o farfalhar do saco de plástico quando algo foi jogado: o pote de iogurte; ouvi um tilintar na pia: a colher. Então, ouvi um longo suspiro: minha vida.

— Graham, posso dizer com segurança que Lucy quer gostar de você e, ocasionalmente, vê lampejos de um cara legal, mas, no fundo, no fundo, no fundo mesmo, ela acha você um completo idiota.

Sorri, fechei a gaveta e rapidamente voltei para minha mesa. Soube então que, embora tivesse me apunhalado pelas costas naquela mesma manhã, pela tarde, ele zelava por mim. O escritório, ou seja, Graham, ficou bem mais calmo e eu não fui demitida. Deitada na cama à noite, percebi que Vida estava acordado, pois não roncava. Estava repassando tudo o que havia acontecido naquele dia e tudo o que fora dito entre mim, ele mesmo e todo mundo envolvido no meio. Finalmente cheguei a uma conclusão.

— Você planejou tudo isso, não foi? — perguntei para a sala escura e vazia.

— Planejei o quê?

— Você, deliberadamente, entrou e disse a verdade para Edna de uma forma que me levaria a dizer a verdade.

— Parece que você está analisando a situação, Lucy.

— Estou certa?

Silêncio.

— Sim.

— O que mais está planejando?

Ele não respondeu. Ainda bem.

Capítulo 14



Combinei de me encontrar com Melanie na noite seguinte porque não podia mais me esquivar, ainda que fosse um tiro do qual estava tentando escapar havia tempo. Para me desculpar e acalmá-la por ter deixado o jantar mais cedo na semana anterior, prometi que iria à sua próxima apresentação, em Dublin. Calhou de ser sexta-feira, no clube mais legal da cidade, nesse mês, pelo menos. Era tão legal que nem sequer tinha um nome, o que significava que todo mundo o chamava de o Clube Sem Nome da Henrietta Street. Era um clube privado ou tinha sido reformado e comercializado com a intenção de ser um clube privado, mas devido aos impostos exorbitantes (muito provavelmente resultantes da lei dos aquecedores a gás colocados do lado de fora para enganar o povo irlandês, o levando a pensar e a sentir como se não estivesse no centro de Dublin, mas em West Hollywood) e os tempos difíceis em que estávamos vivendo, estavam deixando qualquer um entrar. Qualquer um que considerassem bonito e fabuloso durante o fim de semana e, no meio da semana, qualquer pessoa que não fosse feia demais e pudesse cobrir o pagamento dos salários do pessoal. Aquela noite era sexta-feira, o que significava que estavam procurando por bonitos e fabulosos. Ouvira rumores de que não estava movimentado como costumava estar, cem pessoas a menos numa sexta-feira, o que os fofoqueiros suspeitavam ser um sinal dos maus tempos. Pensei que era irônico acreditar que o sinal dos tempos fosse a diminuição da frequência ao clube, quando, na verdade, ele ficava no bairro que costumava ser uma das piores favelas da Europa, onde as pessoas estavam alojadas em cortiços dentro de edifícios georgianos, de onde os ricos tinham se mudado para viver nos subúrbios, onde até quinze pessoas compartilhavam um mesmo quarto e até cem pessoas, com todos os tipos de doenças, viviam com um banheiro no quintal, junto dos animais.

Toquei a campainha na grande porta vermelha e esperei que uma pequena fresta se abrisse e um anão saísse. Mas isso não aconteceu. A porta foi aberta por inteiro por um homem careca, vestido de preto, que parecia uma bola de boliche e tratava a todas as mulheres como se fosse o Príncipe Encantado e as recém-chegadas estivessem ali simplesmente para que ele escolhesse sua princesa, antes que seu pai malvado o casasse com uma ogra. Ele poderia ter ficado feliz com minha aparência, mas, infelizmente, não apreciou a aparência da minha vida, o que era óbvio, porque esta era a natureza da vida do clube: você não deveria levar sua vida consigo. Deveria deixá-la em casa, no banheiro desordenado ao lado do spray de cabelo, do autobronzeador e de todos os outros cosméticos que colaboraram para fazê-la se sentir alguém diferente.

A bola de boliche fitou minha vida como se tivesse acabado de comer merda. Vida buscou, novamente, no interior do bolso, o pedaço de papel que lhe dava acesso a todas as áreas da minha vida.

— Não — disse, levantando minha mão para detê-lo.

— Por que não?

— Não aqui. — Olhei para a cara do segurança. — Poderia, por favor, chamar Melanie Sahakyan?

— Quem?

— DJ Trevas. Somos seus convidados.

— Qual é seu nome?

— Lucy Silchester.

— E qual é seu nome?

— Cosmo Brown — Vida disse em voz alta, e eu não precisei olhar ao redor para saber que todos acharam aquilo hilário.

— Seu nome não está na lista. Talvez, como convidado, ele...

— Não há caso de convidado aqui. — Falou como se a prancheta sozinha

revelasse os mistérios do mundo. Fiquei imaginando o que a prancheta diria sobre as crenças maias a respeito de 2012 e se estas coisas contariam, caso não estivessem na lista. Ele estudou minha vida. Vida não se preocupou muito e se inclinou sobre a grade preta lustrosa, onde crianças de rua, com rostos sujos, tinham subido e pareciam desfrutar do espetáculo que estava acontecendo.

— Deve haver um mal-entendido. Você poderia, por favor, chamar Melanie?

— Tenho que fechar a porta. Pode esperar aqui, ele tem que esperar lá fora.

Suspirei.

— Vou esperar aqui.

Pelo jeito, eu podia entrar no clube. Com minha vida, não podia. Era um mundo cruel, muito cruel. Enquanto as pessoas passavam por mim e eu ouvia trechos de suas conversas, eu me perguntava se o clube não estaria completamente vazio caso todo mundo fosse julgado daquela forma. E isso sim seria um sinal do fim dos tempos. Cinco minutos depois, a porta se abriu e Melanie estava ali, com um vestido preto, de lenço, com pulseiras subindo pelos braços bronzeados até os cotovelos, os cabelos penteados para trás em um rabo de cavalo alto, e as maçãs do rosto destacadas como se fosse uma princesa egípcia.

— Lucy! — ela gritou e estendeu os braços para me abraçar. Virei-me para que, quando nos abraçássemos, ela ficasse de frente para mim e não pudesse espiar sobre meu ombro e olhar para minha vida. — Quem mais está com você? — Levei-a até a entrada e mostrei minha vida.

Vida me seguiu para dentro, Melanie deu uma geral rápida nele, tão rápida que somente eu notaria seus cílios grossos se movendo para cima e para baixo. Vida não percebeu, estava ocupado tirando o paletó amassado para deixá-lo no bengaleiro, que era uma fileira de braços musculosos dourados saindo de uma parede. A funcionária enganchou o casaco sobre o dedo médio em riste de um dos braços dourados. Que contradição! Ele dobrou as mangas até os cotovelos.

— Você é uma coisinha misteriosa — disse Melanie para mim.

— Não é verdade — tremi.

— Ah, sei! — disse, como se entendesse tudo. — Olá, sou Melanie — falou e estendeu o braço empulseirado.

Vida sorriu para ela.

— Oi, Melanie, prazer em conhecê-la ao vivo, já ouvi muito sobre você. Sou Cosmo Brown.

— Nome legal — ela riu. — Não é daquele...?

— Sim, do filme. Ele nunca esteve aqui antes e está muito entusiasmado, então vamos, nos apresente o lugar! — Fingi estar animada, Melanie ficou animada com minha animação e entramos. Aonde quer que fôssemos, todos os homens paravam e olhavam para Melanie, o que era uma vergonha para eles, pois estavam batendo na porta errada. Esse tipo de coisa tinha sido uma bênção para mim, pois desde que ela saíra dos 16 anos e os homens descobriram que ela não só não estava interessada, mas nem mesmo aberta à negociação, eles se voltavam para mim. Nunca me importei com isso, não sou orgulhosa e era menos ainda quando adolescente.

O clube tinha sido decorado no tema dos quatro elementos da vida e, portanto, chegamos em uma porta fechada com o número 5. Vida olhou para mim interrogativamente.

— O quinto elemento — expliquei.

— Qual é... Amor?

— Romântico... — disse Melanie. — Mas não. Empurrou a porta e lhe deu uma piscadela atrevida. — É o álcool. — Dentro de uma taça de champanhe gigante, uma bailarina burlesca dançava, com taças nos seios e sem qualquer outra roupa que eu pudesse ver. Queria que Melanie começasse a atuar como DJ imediatamente para que não me fizesse perguntas. Mas ainda era cedo e a apresentação dela não começaria até depois da meia-noite, então nos sentamos ao redor de uma mesa e Melanie examinou minha vida.

— Então, como vocês dois se conheceram?

— Nós trabalhamos juntos — respondi.

Ele olhou para mim e podia ouvi-lo dizer: “Lembre-se do nosso acordo”.

— Bem, nós praticamente trabalhamos juntos.

— Você trabalha na Mantic? — Melanie perguntou para ele.

— Não. — Ele olhou para mim. “Você mente, eu digo uma verdade.”

— Não. — Ri. — Ele não trabalha lá. Ele... ele é, ahn, ele é... de fora da cidade — disse, olhando para Vida, buscando aprovação. Tecnicamente não era mentira. Ele estava ponderando sobre isso e me deu um sinal de aprovação, mas, também, um olhar de “Você está patinando em gelo fino”.

— Legal — disse Melanie. — Mas como vocês se conheceram?

— Ele é meu primo — disparei. — Está doente. Doente terminal. Está passando o dia comigo para escrever um artigo sobre as mulheres modernas. É seu último desejo antes de morrer. Não pude fazer nada.

— Vocês são primos? — disse ela, surpresa.

Vida começou a rir.

— De tudo o que ela disse, só o fato de que somos primos a surpreendeu?

— Bem, é que pensei que conhecia todos eles — ela abrandou o tom. — Puxa, que notícia triste! Você é jornalista? Você tem passado bem?

Vida e Melanie riram.

— Vamos lá, estive com os amigos de Lucy por toda a minha vida e a conheço bem o suficiente para saber quando está mentindo.

Se ela soubesse...

— Você simplesmente não pode se ajudar, pode? — Vida me disse. — OK, agora é minha vez. — Ele se inclinou em direção à Melanie e me preparei. Ela sorriu e se inclinou em sua direção, animada. — Lucy não gosta de sua música

— disse e se reclinou de volta no assento.

O sorriso de Melanie desapareceu e ela se reclinou também. Enterrei a cabeça nas mãos. Vida olhou para mim.

— Acho que vou pegar algumas bebidas agora. Lucy?

— Mojito — disse, por trás de minhas mãos.

— O mesmo.

— Ótimo.

— Diga a eles para colocá-los na minha conta — falou Melanie, sem olhar para ele.

— Está bem, eu pago a próxima — disse e se afastou.

— Quem é esse homenzinho horrível? — ela perguntou.

Encolhi-me. Simplesmente não podia contar para ela agora.

— Melanie, nunca disse que não gosto de sua música. Disse que não entendo sua música, e não é o mesmo que dizer que não gosto dela. Tem batidas, um tipo de coisas rítmicas que, simplesmente, não identifico.

Ela olhou para mim, piscou uma vez, e disse como se eu não tivesse falado absolutamente nada:

— Lucy, quem é esse homem?

Enterrei o rosto nas minhas mãos novamente. Era minha nova mania. Se não pudesse vê-los, eles não poderiam me ver. Respirei. Então coloquei o celular em cima da mesa e olhei para os olhos de Don, que me serviram de apoio.

— OK, aqui está a verdade. Esse homem é minha vida.

Seus olhos se arregalaram.

— Isso é tão romântico!

— Não, quero dizer, ele é minha vida de verdade. Recebi uma carta da Agência Vida para me encontrar com ele há um tempo, e é isso. Este é ele.

Melanie estava boquiaberta.

— Está me gozando. Esta é sua vida?

Nós duas nos viramos para observá-lo. Ele estava no bar na ponta dos pés, tentando conseguir ser atendido. Encolhi-me novamente.

— Ele é... uau, bem, ele é...

— Deplorável — terminei por ela. — Você chamou minha vida de homenzinho horrível.

Seus olhos de Bambi estavam cheios de preocupação.

— Você está deplorável, Lucy? — perguntou.

— Eu? Não. Não estou deplorável. — Não era mentira. Não me sentia deplorável, somente um pouco infeliz desde que Vida se tornara ele mesmo e que meus defeitos foram conhecidos por mim. — *Ele* está muito deplorável.

— Conte para mim como isso funciona.

— Ele é como o Pinky e eu, o Cérebro — disse. — Ou sou o pé quebrado e ele é o raio X. — Tentei explicar, mas fiquei confusa. — Ele é o nariz e eu sou Pinóquio — disse e sorri: o último eu tinha explicado direito.

— Do que você está falando?

Suspirei.

— Ele só me acompanha. Assim.

— Por quê?

— Para observar e depois tentar melhorar as coisas.

— Para quem? Para você?

— E para ele.

— Que tipo de coisas, o que há de errado?

Procurei em meu cérebro por uma resposta que não fosse mentira. Havia

poucos pensamentos na minha cabeça. Melanie nunca lia os jornais ou ouvia o noticiário para que soubesse a respeito do incidente no escritório, por exemplo.

— Aconteceu uma coisa no trabalho outro dia. Um homem foi demitido e depois voltou para o escritório com uma arma. Mas não se preocupe, era uma pistola de água, embora não soubéssemos no momento. O fato traumatizou todo mundo e algumas coisas aconteceram. Por isso, agora, Vida está passando um tempo comigo. — Fui tão vaga quanto pude.

Achei que um alarme de incêndio havia disparado e fiquei, momentaneamente, grata, porque teríamos de sair e a conversa poderia ser esquecida. Mas depois percebi que era o som de um carro da polícia americana com a sirene tocando. Olhei em volta, procurando a ação, e vi uma garçonete andando em nossa direção com uma luz intermitente de carro de polícia na bandeja, junto com nossas bebidas.

— Bem, isso é sutil — disse.

— Oi, pessoal — a garçonete cantou. — O homem disse que vai beber o dele no bar.

— Obrigada. — Melanie a olhou de cima a baixo, deu-lhe o maior e mais sedutor sorriso que podia. Quando a menina se afastou, Melanie se inclinou. — Ela é nova. É uma gracinha.

Dei-lhe uma checada.

— Pernas legais.

Quando Melanie me disse que era gay, quando éramos adolescentes, fiquei imediatamente nervosa, ainda que tentasse não demonstrar. Não porque eu fosse homofóbica, mas porque havíamos passado toda nossa vida juntas, compartilhando um monte de coisas como vestiários, chuveiros, banheiros pelas noites afora, esse tipo de coisa. Não sabia como continuar com aqueles hábitos depois que ela me informara que gostava de mulheres. Não fiz um bom trabalho ao tentar esconder isso e, assim, uma noite, enquanto corria para um cubículo de banheiro, sozinha, ela me informou com firmeza, e ao resto da fila atrás dela,

que não estava, sob qualquer circunstância, nem poderia “jamais, jamais estar, remotamente, interessada em mim”. Aquilo fez meu sentimento piorar, particularmente pelo uso do duplo jamais, quero dizer, ela nem sequer poderia considerar me dar uma chance? Era bem possível que eu pudesse mudar, no futuro, e a mente fechada dela me incomodou. Tomamos nossas bebidas. Sonhava que pudéssemos mudar de assunto agora, embora soubesse que não havia nenhuma possibilidade disso acontecer.

— Então, que tipo de coisas aconteceu? — E ela continuou de onde tínhamos parado.

— Ah, nada, só arranjei um pouco de problema, só isso.

Seus olhos se arregalaram.

— Que tipo de problema?

— Contei uma pequena lorota em meu currículo — disse com desdém.

Melanie jogou a cabeça para trás e riu.

— O que você disse? — Ela estava se divertindo, mas sabia que não se divertiria por muito mais tempo. A conversa estava indo a um lugar para onde eu não queria ir. Estava pensando em contar uma grande mentira suculenta, mas Vida deve ter percebido e se juntou a nós na mesa. Melanie o olhou com renovada admiração.

— Lucy estava me contando que você é a vida dela.

Vida olhou para mim, feliz por eu ter dito a verdade.

— Isso foi ótimo, Lucy.

— Isso é tão legal, posso dar um abraço em você? — Ela não esperou pela resposta e foi direto para a matança, envolvendo seus longos braços em torno dele e o apertando. Vida pareceu se derreter com a atenção. Ele até fechou os olhos. — Espere um minuto. — Ela se afastou. — Tenho que tirar uma foto. — Enfiou a mão na bolsa procurando pelo celular e depois o levantou diante de si mesma e de Vida. Ele sorriu, seus dentes de uma cor mostarda comparados aos

dentes brancos de Melanie. — Essa é para o Facebook. Então, Lucy estava me dizendo que contou uma lorota no currículo. — Sorriu e se agachou para a fofoca, os grandes lábios brilhantes permanentemente plantados no canudinho de sua bebida, como um homem no tanque sugando oxigênio.

— Sério? — Vida olhou para mim, impressionado novamente. Estava conseguindo vários pontinhos de gratificação.

— Sim. — Cocei a cabeça. — Eu disse a eles que sabia falar uma língua, mas não sei. — Atirei aquilo, esperando que pudéssemos rir e que tudo estaria acabado, mas sabia que não teria tanta sorte.

Melanie jogou a cabeça para trás e riu novamente.

— Qual foi? Suaíli ou algo assim?

— Não. — Ri, sem jeito.

— Que idioma você disse? Honestamente, Cosmo, tenho que espremer essa minha amiga para conseguir arrancar uma informação sobre ela o tempo todo.

— Espanhol.

Seus olhos escuros ficaram mais negros, mas ela riu, embora não com tanta vontade.

— Você é ainda pior em espanhol do que eu.

— Sim — sorri. Queria mudar de assunto, mas não conseguia pensar em nada para dizer que não fosse forçado e não natural.

— Mas e se tivessem lhe pedido para usá-lo? — ela disse, e eu tinha certeza de que estava me testando.

— Eles pediram. — Tomei um gole da minha bebida. — Pediram o tempo todo. Nossas principais línguas de manuais são inglês, francês, holandês e italiano.

— E espanhol — disse ela, me corrigindo.

— E espanhol — confirmei.

Ela sugava a bebida, seus olhos não se afastavam dos meus.

— Então, o que você fez? — Ela estava compreendendo lentamente ou já tinha compreendido. Ou eu estava paranoica, mas já sabia que a minha paranoia era instinto, então, de qualquer forma, eu estava em apuros.

— Consegui um pouco de ajuda.

Vida estava olhando dela para mim e de mim para ela, sentindo que algo estava acontecendo, mas sem saber exatamente o quê. Esperei que ele tirasse seu computador para procurar a resposta, mas não o fez. Educadamente, não tomou parte.

— De quem? — perguntou. Ela estava parada agora. Tensa. Ansiosamente. À espera da confirmação.

— Melanie, me desculpe.

— Não se desculpe, basta responder à pergunta — ela disse, friamente.

— A resposta é sim e sinto muito.

— Você procurou Mariza.

— Sim.

Ela me encarou, chocada. Mesmo sabendo que aquilo estava acontecendo, eu não podia acreditar. Pensei que ela fosse jogar sua bebida em mim, mas a raiva desapareceu e ela apenas me olhou, ferida.

— Você manteve contato com Mariza?

Mariza fora o amor da vida dela e havia partido seu coração de uma forma muito feia, e todos nós estávamos destinados a odiá-la para o resto das nossas vidas. E eu a odiei, até que ela me enviou um e-mail um dia perguntando sobre o bem-estar de Melanie. Eu fui uma amiga correta, num primeiro momento: fora friamente distante e distantemente fria, dizendo mentiras sobre como Melanie estava indo otimamente bem, mas, depois, tudo mudou e eu precisava dela.

— Somente um pequeno contato. Era só para traduções, nada pessoal.

— Nada pessoal?

— OK, talvez um pouco. Ela estava sempre perguntando sobre você, disse que você estava viajando pelo mundo, tendo muito sucesso, conhecendo pessoas e jamais lhe disse nada sobre você que não quisesse que eu dissesse. Eu juro. Ela estava preocupada com você.

— Claro que estava. — Em seguida, outro pensamento. — Você está nesse trabalho há quanto tempo?

— Dois anos e meio — murmurei. Estava tão envergonhada, em parte porque estava acontecendo na frente da minha vida, mas, principalmente, porque estava acontecendo afinal.

— Portanto, há dois anos e meio você tem contatado Mariza. Lucy, não acredito nisso! — Ela se levantou, deu alguns passos aleatórios em direções diferentes, mas não queria ir a lugar algum. Voltou para a mesa, porém permaneceu de pé. — Como se sentiria se eu tivesse passado os últimos dois anos e meio em contato com um de seus ex sem seu conhecimento, enquanto que você mesma não ouvira qualquer notícia sobre ele desde o momento em que terminaram? Quantas vezes me perguntei o que ela estava fazendo ou onde ela estava, e você sabia todo esse tempo e não disse nada. Como se sentiria se fizesse isso com você?

Vida olhou para mim. Senti que estava me pedindo para dizer alguma coisa, alguma coisa sobre Blake. Não podia arriscar que ele dissesse uma verdade naquele momento. Não naquele instante, aquele era o momento errado, mas eu não podia mentir.

— Eu entendo. Ficaria extremamente magoada também. — Engoli em seco. — Mas você fala com Blake o tempo todo — disse em minha defesa.

Ela me olhou como se eu fosse estúpida.

— Blake é diferente. Blake simplesmente não decidiu, um dia, sem nenhuma razão aparente, pisar com força em seu coração e esmagá-lo em um milhão de pedacinhos. Você deixou Blake. Você não tem ideia de como me sinto.

Os olhos de Vida estavam pesando sobre mim: “Fale agora ou peça arrego”. Eu pedi arrego. Ela parou antes que falasse demais, embora já o tivesse feito.

— Preciso de um minuto, só preciso de um pouco de ar. — Agarrou seu maço de cigarro da mesa e foi para fora. Olhei para minha vida.

— Feliz agora?

— Estou me sentindo um pouco melhor.

— Quanto mais faço o melhor por você, mais machuco outras pessoas. Quanto isso é bom para mim?

— Agora, não muito, mas, passado tudo isso, vai ter valido a pena. Eles só precisam conhecer você.

— Eles me conhecem.

— Nem você se conhece, como pode esperar que a conheçam?

— Muito filosófico — peguei minha bolsa.

— Para onde você vai?

— Para casa.

— Mas acabamos de chegar!

— Ela não me quer aqui.

— Ela nunca disse isso.

— Ela não precisa.

— Então, dê uma recompensa a ela.

— Qual?

— Fique. Você nunca fez isso antes.

— E vou fazer o quê?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Dance.

— Não vou dançar com você.

— Vamos lá. — Levantou-se, segurou minhas mãos e me puxou. Tentei resistir, mas ele era forte.

— Eu não danço — disse, tentando me afastar dele.

— Você costumava dançar. Você e Blake foram os vencedores da competição "Dirty Dancing" por dois anos consecutivos.

— Bem, não danço mais. Não há nem mesmo uma pessoa na pista de dança, pareceremos contratados para animar a festa. E não vou dançar "Dirty Dancing" com você.

— Dance como se eles não estivessem vendo.

Eles, entre os quais estava incluída Melanie, que havia voltado para dentro e estava nos observando, embora estivesse com raiva de mim. Senti um peso, que nem mesmo eu sabia que estava lá, se levantar das minhas costas por ter revelado a verdade. Vida era como um tio bêbado em um casamento ruim, tentando dançar como John Travolta em uma mistura bizarra de *Pulp Fiction* com "Stayin' Alive", mas estava feliz e me fez sorrir. Então, fiz um pouco de Uma Thurman e dancei com Vida como se ninguém estivesse vendo, até que éramos os últimos na pista e os últimos a sair. Ele era persuasivo: a vida tem um jeito de conseguir o que quer quando realmente sabe o que quer.

Capítulo 15



— Então, me fale sobre seu papai — Vida me pediu na manhã seguinte. Estávamos sentados em um banco do parque, tomando café em copos descartáveis e vendo o Senhor Pan perseguindo uma borboleta e pulando por ali com tanta alegria que tentei não pensar na última vez em que ele sentira a grama sob seus pés.

— Primeiro de tudo, não é papai — corrigi. — É pai. Ele deixou isso muito claro, tão logo nossos lábios puderam formar as palavras corretamente. E, em segundo lugar, não há muito para contar.

— Sério?

— Sim, realmente.

Vida se virou para a velha ao lado dele.

— Desculpe-me, o namorado desta senhora a deixou, mas eles inventaram uma mentira para fazer as pessoas pensarem que foi o contrário.

— Ah... — a senhora disse, confusa, pensando que deveria saber sobre o que ele estava falando, mas não conseguiu descobrir.

— Não posso acreditar que você fez isso — resmunguei.

— Você mente, eu digo a verdade — repetiu seu mantra.

— Não menti, não há realmente muito a dizer sobre meu pai.

— Lucy, já lhe ocorreu que eu posso estar aqui por um motivo específico? E assim que investigar todas as áreas e encontrar aquilo que há de errado com você, estou fora, fora da sua vida. Não terá que me ver novamente, então, imagine como serão felizes os seus dias! Portanto, é de seu interesse cooperar,

mesmo que pense que o que estou lhe perguntando não seja relevante.

— O que você está aqui para corrigir?

— Não sei, é uma cirurgia exploratória. Eu examino todas as áreas e vejo qual é o problema.

— Então, você é o endoscópio retal.

Ele fez uma careta.

— Mais uma vez estamos tendo problemas de metáfora.

Sorrimos.

— Lembro-me de você dizendo que seu pai era um homenzinho pretensioso que precisava descer de seu pedestal. Isso implica que há algo para me contar.

— Não disse isso, não o chamei de merdinha pretensioso?

— Estava parafraseando.

— Nós apenas nunca nos demos bem. Costumávamos, até certo ponto, quando éramos educados o suficiente, tolerar um ao outro, mas não há mais espaço para polidez. — Olhei para ele. — Você está aqui para resolver problemas paternos? Se for, podemos muito bem resolver a coisa toda agora, porque, se eu realmente tivesse problemas com meu pai, passaria meus dias tentando agradá-lo infinitamente, o que resultaria em me tornar uma grande realizadora e, nesse instante, não estou nem perto disso. Ele não consegue nem mesmo me irritar o suficiente para me tornar bem-sucedida. Nossos problemas são apenas um desperdício de tempo.

— Você está certa. Você é um fracasso, não tem problemas com seus pais.

Nós rimos.

— Ele não gosta de mim — disse simplesmente. — Não há nada mais profundo do que isso, nada a corrigir, nada a explorar. Ele simplesmente nunca gostou de mim.

— O que a faz pensar assim?

— Ele me disse.

— Ele não disse isso para você.

— Você sabe que sim. Quando fui demitida de meu último emprego, aquilo foi a gota-d'água para ele, o que foi ridículo, porque até aquele ponto eu estava realmente indo bem, por isso, tecnicamente, deveria ter sido a primeira gota. Na verdade, não deveria ter sido gota nenhuma afinal, porque não contei para eles que tinha sido demitida, disse que deixei o emprego porque não concordava com a política de responsabilidade ambiental da empresa. Tivemos uma discussão e disse para ele que sabia que ele me odiava, e ele disse, abre aspas: Lucy, não a odeio, só não gosto muito de você. Fecha aspas. — Olhei para ele. — Sendo assim, não é apenas minha paranoia. Pegue seu computadorzinho e veja por si mesmo.

— Tenho certeza de que ele quis completar a frase com "neste momento".

— Sim, ele quis dizer que era naquele momento, mas o negócio é que o momento não terminou, ainda estamos presos exatamente nele.

— Por que você foi demitida?

Finalmente chegamos àquilo. Suspirei.

— Você sabe o que é RSC?

Ele franziu a testa e aguardou.

— RSC, ou Responsabilidade Social Corporativa, é uma forma de autorregulação empresarial integrada em um modal de negócios. A política RSC homenageia o *triple bottom line*: pessoas, planeta e lucro. É como uma consciência corporativa que integra o interesse público na tomada de decisões corporativas, incentivando o crescimento e o desenvolvimento comunitários e eliminando as práticas que prejudicam os interesses públicos. A ideia é que a empresa obtenha mais lucro ao operar com essa perspectiva, embora alguns argumentem que ela desvia o papel econômico do negócio. — Tomei um gole do café. — Eu concordo com isso. Trabalhei em uma grande multinacional que

deveria ter levado sua política de responsabilidade social mais a sério e eu não acatei as decisões que estavam tomando.

— Então, o que aconteceu? Encontrou papel no cesto de lixo orgânico?

— Não. — Revirei os olhos. — Não vou entrar nos prós e contras exatos, mas basicamente compartilhei minhas opiniões com o CEO e fui rapidamente demitida.

Vida acenou com a cabeça para si mesmo e refletiu sobre o que eu disse. Então, jogou a cabeça para trás e riu, riu tão alto que a velhinha ao lado dele pulou de susto, riu para o mundo inteiro ouvir. Estava sem fôlego quando, enfim, terminou de rir.

— Rapaz, isso foi muito bom! — disse. — Obrigado.

— Por nada. — Tomei um gole de café, me preparando para o retorno.

— Acho que você vai descobrir que valeu a pena, afinal. — Se virou para a senhora e disse: — Às vezes, ela não lava seus sutiãs por semanas seguidas.

Engoli em seco. A senhora finalmente se levantou e saiu.

— Então, de onde tirou essa mentira? — perguntou.

— Wikipédia. Não consegui dormir uma noite e então surfei em busca de uma boa história.

— Legal. Foi isso que disse a todos?

— Foi. Ninguém perguntou quais eram exatamente as práticas da empresa com as quais não concordei. Estava pensando em usar alguma coisa como *dumping* ilegal, mas parecia óbvio demais e muito anos 1980.

Ele riu de novo. Em seguida, parou.

— Não disse isso a seu pai, disse?

— Sim, disse. — Me encolhi, recordando o momento. — Acontece que ele já sabia a verdade, mas ainda assim me deixou contar minha lenga-lenga antes. Ele é o único que sabe a verdade por trás dessa mentira em particular. Daí a briga.

— Como ele soube?

— Ele é juiz e tenho aprendido que o mundo legal é muito pequeno.

— Ah! Faria a gentileza de compartilhar a verdade comigo?

Sequei meu copo e o atirei no lixo mais próximo. Errei e o copo bateu no chão. Suspirei. O mundo pesando sobre os ombros apenas por causa daquele incidente. Então me levantei, coloquei-o no lixo e voltei para o banco.

— Estava bêbada quando fui buscar um cliente no aeroporto. Fiquei perdida, demos voltas por uma hora, ele perdeu uma reunião; depois o fiz descer no hotel errado e ainda o deixei lá. — Olhei para ele. — Eles me demitiram e perdi minha carteira de motorista por um ano, por isso vendi o carro e aluguei um apartamento na cidade, onde poderia circular por todos os lugares com mais facilidade.

— Como é ligada com a coisa do ambientalmente responsável...

Assenti.

— Inteligente.

— Obrigada.

— Então, tecnicamente, mentiu para seu pai, ele descobriu e você está com raiva por ele estar com raiva de você?

Pensei, quis protestar, me justificar e explicar os anos em que suportei seus comentários paternalistas e sua agressividade, que desempenharam um papel importante na quebra da nossa relação porque, é claro, era muito mais complicado do que apenas uma discussão, era demais para explicar e não sabia por onde começar, não tinha a energia, o tempo ou a inclinação para mergulhar em detalhes infinitesimais, então, ao final de tudo, segui o caminho da preguiça e assenti.

— O problema é que suas mentiras são construídas em cima de outras mentiras, não são? Você diz uma, daí tem que dizer outra. Se revela uma verdade pequena, tudo se desfaz, por isso você continua a construir sobre elas, como a

mentira no trabalho sobre falar espanhol estar ligada a Melanie e à ex-namorada dela.

Assenti. Ele continuou.

— Você diz às pessoas que foi demitida do trabalho, elas vão perguntar o porquê. E por que estava bêbada? Porque aquele foi o dia em que Blake a deixara, você estava chateada, tirou um dia de folga e não estava raciocinando direito, então, abriu uma garrafa de vinho e a bebeu inteira. Depois a empresa a chamou, embora estivesse em um dia de folga, e, mesmo dizendo que havia um problema, precisava pegar Robert Smyth no aeroporto e levá-lo para uma reunião importante. Havia muita coisa em jogo, já havia perdido o namorado, não queria perder o emprego também, então pulou em seu carro, bêbada, mas não tão bêbada quanto ficou depois, porque aquilo não a tinha atingido ainda, e você piorou conforme a hora avançou, teve um dia desastroso e, como resultado, perdeu seu emprego, sua licença e seu carro.

Parecia tão triste, toda minha vida enredada em uma série de mentiras ridículas que iam de mal a pior.

— Se já sabe de todas essas coisas, então por que pergunta?

— Quero ouvir algo que os arquivos do computador não estão me dizendo.

— E conseguiu?

— Sim.

Olhei-o buscando saber mais.

— Que você não é imprudente. Está apenas triste.

Os Silchester não choram, mas isso não significa que os Silchester nunca queiram chorar. Queria, naquele momento, mas não chorei. Nós nos sentamos juntos, em um longo silêncio que não era desconfortável; pelo menos cinco minutos se passaram sem que pronunciássemos uma só palavra. Era um belo dia, o parque estava cheio, não havia uma brisa no ar, tudo estava parado, todo mundo estava preguiçoso, deitado sobre a grama recém-cortada, lendo,

comendo, fofocando ou fazendo o que estávamos fazendo, ou seja, apreciando o cenário. Finalmente, ele quebrou o silêncio.

— Mas creio que você passa seus dias tentando desagradá-lo indefinidamente — disse.

Aquilo saiu do nada, um comentário aleatório, e fingi não saber do que ele estava falando. Mas eu sabia.

Naquela noite, haveria o aniversário de Chantelle, o que significava que todos nós fôramos convocados para o Wine Bistro. Nós nunca comprávamos presentes uns para os outros; em vez disso, combinávamos de cobrir a parte do aniversariante na refeição. Costumávamos nos encontrar semanalmente em meu apartamento e de Blake, mas, quando nos separamos, todos nós nos mudamos para um restaurante onde a comida era barata, mas boa.

Vida me encontrou descendo o quarteirão e, para minha surpresa e deleite absoluto, estava vestindo calça jeans e, sob o paletó, áspero e amassado, havia uma camisa limpa de linho branco. Dentes limpos e roupas melhores: com certeza isso significava que eu estava por cima. Apesar disso, eu não conseguia parar de bocejar, o bocejo não era apenas por estar cansada, eu estava incrivelmente ansiosa quando ele me pegou.

— Não se preocupe, vai ficar tudo bem.

— Claro que estou preocupada, não tenho absolutamente nenhuma ideia do que você vai dizer a eles.

— Não vou dizer nada, vou apenas observar. Mas, se você mentir, vou dizer uma verdade.

O que me deixou ainda mais ansiosa. Minhas amizades foram construídas sobre mentiras. Bocejei novamente.

— Apenas observe Adam. Ele é o melhor amigo de Blake e me odeia.

— Tenho certeza de que ele não odeia você.

— Apenas observe.

— OK.

Comecei a subir a rua rapidamente, o que era difícil sobre plataformas duplas, e senti como se estivesse tentando correr em um sonho, sem chegar a lugar algum. Ofegante, comecei a lhe dar o resumo.

— Lisa está grávida, falta cerca de um mês para dar à luz e tem todo aquele óleo no rosto e nas mãos; então não a encare muito e, por favor, se comporte com ela. David é o marido dela, é o cara que cuida dela. Lisa costumava sair com Jamie anos atrás e David e Jamie são amigos e, às vezes, isso fica um pouco estranho, mas geralmente é tranquilo. Eles não traíram ninguém nem nada, eles se juntaram anos depois, portanto, não se preocupe com isso.

— OK, vou tentar não me preocupar com Jamie e David. Se em algum momento você achar que estou ficando muito interessado em suas vidas excitantes, entre na conversa e me interrompa.

— Sabe, o sarcasmo é a forma mais baixa de humor.

— E, no entanto, ainda é extremamente engraçado.

— Chantelle provavelmente tentará se aproximar de você. Ela fica muito sedutora depois de beber, por isso, se sentir algo debaixo da mesa, é ela. Mary é a namorada de Adam, é fotógrafa e se veste de preto o tempo todo; não confio nela.

— Porque ela se veste de preto?

— Não seja ridículo, é porque ela é fotógrafa.

— Bem, estou tão contente por não ser o único a ser ridículo!

— Ela está sempre tentando ver as coisas de ângulos diferentes. Tudo. Mesmo coisas simples, como me dizer: “Fui à loja hoje”. Para ela vai ser como, fiz uma voz lenta e profunda, “Por quê? Qual loja? Você tem medo de lojas? Será que é por causa da sua infância? Como era a luz lá?”. — Vida riu para mim e voltei ao normal, ofegante e caminhando, caminhando e ofegante. — Ela complica as coisas. E então resta... — Passei por todos em minha cabeça. — ... Eu. E estou

em sérios apuros nesse momento. — Parei de andar do lado de fora do restaurante e olhei para ele. — Por favor, não faça meus amigos me odiarem.

— Lucy, me dê sua mão. — Eu não lhe dei, então a mão dele perseguiu a minha no ar.

— Não, estão suadas. — Olhei para o restaurante e vi todos já sentados lá. A mesa era a última, como de costume. — Ótimo, estamos atrasados.

— Se serve de consolo, você será a primeira a sair de lá.

— É paranormal também?

— Não, mas você nunca fica até o fim. E as minhas mãos não estão úmidas — disse, mais para si do que para mim, sentindo-as. Agarrou minhas mãos. — Vê?

Estavam realmente secas, o que significava que eu estava definitivamente em alta, só que não me sentia assim naquele instante.

— Lucy, olhe para mim. Fique calma. Não farei com que seus amigos a odeiem mais do que já a odeiam. É uma piada, não fique tão chateada! Sério, não farei com que seus amigos a odeiem. Prometo. Agora, respire. — Retomamos a caminhada e ele ainda estava segurando minha mão. Acalmei-me momentaneamente e então vi Adam nos observando de dentro do restaurante. Rapidamente soltei a mão de Vida e entrei em pânico de novo. Assim que entramos, o garçom, com o falso sotaque francês, me viu e nem sequer tentou esconder o medo de que eu falasse francês com ele.

— *Bonjour* — disse a ele enquanto tirava meu casaco. — *D'accord, tu peux rester près de moi tant que tu ne parles pas de la chaleur qu'il fait ici*. [OK, pode ficar a meu lado, desde que não fale do calor que faz aqui.]

Abriu um grande sorriso, o que me mostrou que tinha entendido o suficiente do que eu dissera e pegou os cardápios.

— O que foi aquilo? — Vida perguntou.

Não respondi, estava muito ocupada seguindo o falso garçom francês e colando na cara um grande sorriso falso para meus amigos, que não estavam

olhando para mim, mas que tinham todos os olhos sobre Vida. Todos estavam sentados em seus lugares favoritos, exceto Melanie; seu lugar estava vazio porque ela tinha voado para Ibiza naquela manhã para trabalhar em uma festa do P Diddy. Sentei-me à cabeceira da mesa e fitei o lugar onde Blake deveria estar. Era sempre um lembrete. Vida se sentou a meu lado, no lugar de Melanie. Todos estavam olhando para nós.

— Pessoal, este é... — gaguejei um pouco, mas não o suficiente para que alguém percebesse, assim esperava.

— Cosmo Brown — ele terminou por mim. — Sou amigo de Lucy e estarei na cidade por algumas semanas.

Olhei para ele, surpresa, e depois para todo mundo, para ver se haviam engolido. Por que não? Estavam acenando, fazendo sons amigáveis felizes, e um a um se apresentou: os homens apertando as mãos sobre a mesa. Adam o olhou cautelosamente; Mary, sem dúvida, verificava a iluminação no rosto dele em busca de sinais de trauma de infância.

— Cosmo — Lisa disse, olhando para seu marido David. — Gosto desse nome. — Esfregou a barriga inchada.

— Sim — David disse, tentando ser educado tanto com Lisa como com Vida, mas claramente odiando o nome.

— Portanto, é um menino — Chantelle disse, pegando-os no pulo.

— Não — disse Lisa.

Os outros vaiaram enquanto Lisa tentava falar sobre o bebê.

— Disse a vocês que não sabemos, mas, se fosse um menino, Cosmo seria um nome bonito. Meu Deus, tenho que explicar tudo para vocês! — disse e enterrou a cabeça no cardápio.

— Então, há quanto tempo vocês dois se conhecem? — Adam perguntou.

Primeira pergunta interessante. Traduzi-a como: “Então, há quanto tempo você tem dormido com Lucy por trás das costas de Blake?”.

Olhei para Vida, nervosa. Ele poderia falar a verdade e acabar com o jantar, mas manteve sua promessa.

— Ah... — Vida olhou para mim e riu. — Desde sempre.

— Sempre? — Adam perguntou, as sobrancelhas levantadas. — Por quanto tempo ficará em Dublin?

— Não tenho certeza ainda — disse Vida, tirando o paletó horrível e dobrando as mangas da camisa nova de linho. — Tenho que ver como as coisas correrão.

— Está trabalhando aqui?

— De forma geral? Ou nesse lugar? — disse Vida.

— Aqui, em Dublin — disse Adam.

— É trabalho e lazer — Vida disse com um grande sorriso, para que a falta de informação não parecesse de todo rude. Precisava aprender com ele. Pequenos pedaços de informação eram melhores do que mentiras. Embora não parecesse estar funcionando com Adam, que queria saber tudo sobre minha vida.

— Em que área de trabalho você atua? — perguntou-lhe.

— Não se preocupe, em nenhuma que você possa se sentir ameaçado. — Vida ergueu as mãos defensivamente, dando um final às perguntas de Adam. Todos riram, exceto Adam, que pareceu irritado.

Mary colocou a mão no colo e a vi apertando um pouco sua mão. Aquilo dizia: “Acalme-se”. Ela me odiava também. Quando Blake e eu terminamos, não ouvi falar dela novamente, um sinal claro de que éramos amigas apenas porque nossos namorados eram e, embora aquilo fosse insultante, estava bastante feliz por não ter que ir a exposições bizarras de fotografia novamente, como: “Momentos em Tomilho: um olhar único e distinto sobre a natureza”.

— Estou brincando com você — Vida disse diretamente a Adam. — Sou auditor.

Apertei os lábios e tentei não sorrir, sabia que era uma referência direta a

quando nos conhecemos e eu lhe dissera que sentia que minha vida estava sendo auditada. Acho que foi um movimento inconsciente, mas Vida colocou seu braço ao redor do encosto da minha cadeira como uma forma de proteção, embora aquilo pudesse ser lido de modo diferente, que, creio eu, foi como Adam interpretou, pois estava olhando para mim como se eu fosse o pedaço de merda mais nojento que jamais tinha visto.

— Isso é o que precisamos fazer — disse Lisa, de repente, com a mão na barriga. — Burocracia. Você assinou os formulários? — Olhou para David.

— Não, esqueci.

— Deixei-os no balcão da cozinha ao lado do telefone para que você não os perdesse de vista.

— E não os perdi de vista, eu os vi, só esqueci de assiná-los.

O rosto de Lisa se avermelhou.

— Faremos isso quando voltarmos para casa — David disse calmamente. — É sábado, de qualquer maneira, não há muito que possamos fazer.

— Ontem foi a droga de uma sexta-feira, quando disse para você assiná-los — ela retrucou.

David olhou para Jamie, cansado.

— Então, Blake está em casa — Jamie disse, levantando o estado de espírito.

Meus ouvidos se animaram, mas, como sempre estava consciente de minhas reações a qualquer coisa que dissesse respeito a ele, enfiei a cabeça no cardápio e fingi lê-lo. Li “sopa do dia” treze vezes.

— Cosmo, você conhece Blake? — perguntou.

— Blake. — Vida olhou para mim e meu coração estava disparado.

— Sim, Blake, o homem pobre e inocente que ela despejou cruelmente como a *femme fatale* que é — Chantelle brincou. — E nós nunca vamos deixá-la se esquecer disso.

Dei de ombros, indiferente.

— Honestamente, acho que todas as mulheres deveriam lidar com rompimentos como você, Lucy — disse Lisa. — Meu Deus, lembra como eu era?

Todo mundo gemeu à medida que lembravam o drama de Lisa, os telefonemas chorosos tarde da noite, o nunca querer ficar sozinha, as batalhas intermináveis para convencê-la de que ela não estava tendo um ataque cardíaco e que, embora doloroso, era apenas seu coração ferido. Jamie sorriu com carinho, presumivelmente com a memória dos dois juntos e não do rompimento amargo que se seguiu. Ele e Lisa trocaram um olhar. David se mexeu desconfortavelmente na cadeira.

— Bem, você tem que olhar a situação positivamente, não é? — eu disse, tentando sorrir com confiança, mas sentindo meus lábios tremendo por dentro. — Pelo menos nos separamos antes de o mercado imobiliário entrar em colapso e tivemos um bom lucro. — Que eu gastei. Nunca venderíamos o apartamento agora.

Eles olharam para mim.

— Eu amava aquele apartamento — Chantelle disse com tristeza.

Eu também.

— Estava sempre muito quente — falei com desdém. Pensei em Blake andando pelos quartos sem roupa, depois de eu ter aumentado o aquecimento de forma deliberada. Ele sempre fora muito quente e era como uma fornalha na cama. Olhei para o cardápio. Sopa quente do dia. Quente, quente, quente.

— Nunca o conheci — Vida disse a Adam, que ainda estava aguardando uma resposta.

— Ele é um cara legal — disse Adam.

— Claro que é. Você é o melhor amigo dele.

— O que você quer dizer com isso?

— Posso anotar os pedidos, por favor? — O garçom chegou na hora exata. Soava como “pedids, pourr favourr”, como se seu treinamento tivesse sido extraído de *Amélie Poulain*.

Fiquei sabendo bastante sobre a vida de Blake durante o jantar. Seu último programa iria ao ar naquela semana e ele ficaria em casa durante o resto do verão; ele abrira um centro de aventura e de atividade desportiva ao ar livre em, se segure, Bastardstown, município de Wexford, algo que havíamos conversado sobre fazermos juntos. Ele estava fazendo tudo o que havíamos combinado de fazermos juntos, só que sem mim. Olhei para o cardápio novamente e pisquei uma dúzia de vezes. Sopa do dia, sopa do dia, sopa do dia.

— Vocês falaram sobre abrir um negócio desse juntos, não falaram? — perguntou Adam.

— Ah, sim — disse, *blasé*, os olhos esquadrinhando o cardápio. — Talvez devesse processá-lo por roubar minha ideia. — Todos sorriram, exceto Adam, é claro, e, em seguida, Lisa começou a fazer seu pedido, em seu novo tom mandão, mudando todos os pratos para atender às suas necessidades alimentares. O garçom, um pouco nervoso, teve de se desculpar e se retirar da mesa para ver se o *chef* faria como ela desejava. Momentos depois, o próprio *chef* veio se juntar a nós. Ele realmente era francês e, muito educadamente, nos informou que não poderia fazer o pastel de queijo de cabra sem o queijo de cabra, pois então seria um pastel sem recheio e ele, o queijo de cabra, já estava envolto pela massa.

— Ótimo — Lisa retrucou, com o rosto se aquecendo novamente. — Vou querer pão. — Ela bateu o cardápio e o fechou. — Apenas um prato de pão, por favor, pois só posso comer isso aqui. Aliás, também não posso porque há nozes no pão e não posso comer nozes.

— Sinto muito — disse David, com o rosto vermelho. — Ela está muito cansada.

— Não se desculpe em meu nome, muito obrigada. — Ela se mexeu desajeitadamente no assento. — Tem menos a ver com estar cansada e mais a ver

com estas cadeiras de merda que são tão desconfortáveis. — Então, ela começou a chorar. — Merda! — disse e a cadeira rangeu. — Sinto muito. Tem algo em meu olho. — A voz dela terminou uma oitava mais alta do que a de um esquilo.

— Lees — Jamie disse suavemente —, veja, eles têm pimentões assados. Você os ama. Por que não pede?

David olhou para Jamie, um pouco irritado.

— Ah, meu Deus! — Lisa sorriu para Jamie. — Lembra-se deles?

— Sim — Jamie riu —, por isso os mencionei.

Tenho certeza de que David os estava imaginando fazendo sexo em uma cama cheia de pimentões vermelhos assados quando a realidade era, provavelmente, que ambos tinham ido a um restaurante e comido um monte de pimentões um dia.

— OK — Lisa suspirou.

Ninguém mais participou da conversa, enquanto o *chef* se abaixou de joelhos e, pacientemente, percorreu o cardápio com Lisa para ver o que podia e não podia fazer por ela.

— Então, onde está ficando? — Chantelle perguntou para Vida. Ela não tinha começado a dar em cima dele ainda, em parte, porque estava apenas na segunda taça de vinho tinto e, em outra parte, porque ainda não estava certa sobre estarmos juntos.

— Estou ficando na casa de Lucy — respondeu e eu tentei, firmemente, não olhar para o rosto de Adam.

— Uau! — ela disse. — Nunca tivemos permissão de ir à casa de Lucy, é como um grande segredo ou algo assim. Você viu o interior? Diga para nós: o que estamos perdendo?

Eu ri.

— Ah, vamos lá, não estou escondendo nada.

— Pornô? — Jamie perguntou assim que o chefe saiu. — É pornô, não é? Porque estou pensando que ela tem uma propensão para revistas pornôs e que ela as deixa jogadas em qualquer lugar.

— Não, tem que ser mais emocionante do que isso. — Chantelle se deslocou para mais perto. — Tem alguém acorrentado lá dentro? Porque é isso que tenho imaginado nesses últimos três anos.

Ri com eles. Jamie piscou.

— Ela estava se escondendo de alguém — disse Adam, procurando por um pedaço de pão. Mais uma vez ninguém percebeu o comentário dele. Sei que todos ouviram o que ele disse, só não entendia por que não ouviram da mesma forma que eu. Mas talvez Vida tivesse ouvido.

— O que foi aquilo? — perguntou, e então desejei que ele não tivesse ouvido porque não gostei de seu tom. Era o mesmo tom que Blake usara antes que acabássemos entrando em uma luta ridícula com um cara, em um bar, que estivera olhando para mim maliciosamente. E Adam estava chegando lá, porque ele estava me provocando desde que eu e Blake nos separamos.

— Ah, vamos lá, há quanto tempo vocês se conhecem? Desde sempre? Estou supondo que há alguns anos pelo menos, não é? E, tanto quanto me lembro, Lucy estava com Blake alguns anos atrás. — Ele estava mantendo um tom leve, um sorrisinho no rosto, mas podia se ver a raiva por baixo da máscara, o vapor saindo pelas narinas dilatadas.

— Adam! — Lisa disse, chocada.

— Vamos, estou cansado disso, sempre contornando o assunto como se ela fosse a altíssima todo-poderosa.

— Porque não é da conta de nenhum de nós — disse Chantelle, os olhos arregalados de advertência para Adam.

— Blake é nosso amigo — disse Adam.

— Lucy também. — Lisa lançou-lhe um olhar severo.

— Sim, mas ele não está aqui por causa dela, o que torna o assunto da nossa conta.

— Ele não está aqui porque tem um trabalho que sempre quis e que o obrigou a deixar o país. Supere isso! — Jamie me apoiou, as veias pulsando em seu pescoço. Eu posso jurar que ele estava com raiva. Queria dar-lhe um beijo grande, mas estava mais preocupada em encontrar uma desculpa para sair da mesa imediatamente, uma vez que tudo havia sido rebaixado a um nível que me deixara profundamente, profundamente desconfortável.

— Acho que devemos mudar de assunto — disse David.

O garçom passou ao redor da mesa e se postou a meu lado. Ele sentia que era um momento difícil para mim e estava adorando. Estavam todos esperando que eu dissesse algo que quebrasse aquela tensão.

— Sopa do dia — disse. — Por favor.

Adam revirou os olhos.

— Lá vai ela de novo, não respondendo a nada sobre nada, tudo é um mistério profundo.

— Só não sei do que é a sopa — brinquei, desconsolada.

— Abóbora e milho — disse o garçom.

Adam resmungou algo baixinho, que não entendi, e já estava bastante satisfeita, meus joelhos estavam tremendo com a longa fileira de insultos pessoais vindos de um suposto amigo. Estava acostumada com aquelas atitudes de Adam, mas agora ele não estava escondendo sua raiva. Todo mundo podia ouvir seu tom e não apenas meu ouvido paranoico.

— Ei, cara, não fale assim dela — disse Jamie, subitamente sério. De repente, tudo estava muito sério.

— Nem sei por que todos nós estamos falando sobre isso, foi há quanto tempo? Três anos? — David perguntou.

— Dois — eu disse baixinho. — Dois anos e onze meses.

E dezoito dias.

Jamie olhou para mim.

— Sim, então isso foi há séculos, eles namoraram, eles se separaram, se mudaram, vão encontrar outra pessoa. Só porque duas pessoas ficaram juntas uma vez não significa que todos nós temos que insistir nisso para sempre — David vociferou. Isso fez todo mundo olhar para ele, sabendo que ele estava se referindo à própria vida, ou seja, Jamie e Lisa. David tomou um gole de água. Jamie estudou seu prato. Lisa pegou mais pão e tirou as nozes.

— Só estou dizendo o que todos nós estávamos pensando — disse Adam.

Engoli em seco.

— Vocês todos acham que traí Blake? — Isso era novidade para mim. Olhei em volta da mesa. Chantelle pareceu incomodada.

— Simplesmente tudo pareceu um pouco repentino e, então, você se tornou tão reservada...

— Vou ficar fora dessa — disse David.

— Levantei a questão uma vez — disse Lisa. — Não vou mentir, mas não sou como Cagney e Lacey, tentando descobrir isso a cada segundo do meu dia.

— Cagney e Lacey eram duas pessoas — disse David sem pensar, e Lisa olhou para ele com olhos demoníacos. Jamie os ignorou e me olhou diretamente nos olhos.

— De forma alguma acredito que você tenha traído Blake. Você tem todo o direito de romper com quem quiser, quando e sempre que quiser, sem ofensa, cara — acrescentou para Vida —, sem que tenhamos de saber nada sobre isso. Não é da conta de nenhum de nós. Adam deve ter bebido demais e está cheio de merda.

— Ei — disse Mary, insultada —, ele não está bêbado.

— Tudo bem, está apenas cheio de merda — brincou Jamie, mas ninguém riu, nem mesmo ele, porque não era realmente uma piada.

— Mary? — Olhei para ela. — Você pensa o mesmo?

— Seu comportamento pareceu mudar drasticamente, Lucy. Enquanto tudo estava bem entre vocês, tudo parecia normal e, então, como Chantelle disse, você apenas o deixou e se tornou, bem, muito reservada. — Ela olhou para a minha vida. — Quero dizer, sem ofensa, esta é a primeira vez que ouvi falar de você. Estou surpresa que ela tenha chegado a convidá-lo.

— Somos apenas amigos — eu disse, me sentindo extremamente desconfortável.

— Então, agora nós devemos acreditar que esse cara é apenas um amigo dela? — Adam disse a Jamie.

— Quem se importa? Por que você se importa tanto? — Jamie perguntou.

— Ele se preocupa porque Blake é seu melhor amigo e Adam é leal, e o pobre Blake não sabe o que fez de errado — Mary começou, mas eu a interrompi. Não precisava ouvir mais nada. Não poderia ou gostaria de quebrar todas as regras dos Silchester em menos de um minuto.

— Sim, pobre Blake — interrompi, e me levantei. Ouvi o tremor na minha voz. Os Silchester não choram e certamente não ficam com raiva, mas eu estava perto de explodir. — Pobre Blake, vivendo uma vidinha digna de pena, viajando pelo mundo, enquanto estou aqui vivendo animada com meu trabalho fabuloso, no meu fabuloso apartamento misterioso, com meu amante secreto. — Peguei minha bolsa. Vida seguiu meu impulso e se levantou. — E você está certo, Adam, ele não é apenas meu amigo. Ele é muito mais do que isso porque um amigo é o que você deveria ser, e ele tem estado comigo muito mais do que você já esteve.

E então saí. Cedo. Quando cheguei lá fora, continuei andando até que estivesse longe demais para que me vissem ou ouvissem. Então, quando encontrei o lugar certo, em um batente, longe de todos, tirei um lenço do bolso e

pensei em quebrar todas as regras. Esperei e esperei, sabendo que devia haver lágrimas guardadas por todos aqueles anos e prontas para cair. Mas nenhuma surgiu, de forma que amassei o tecido e o enfiei de volta no bolso. Não agora, não sobre eles; minhas lágrimas tinham orgulho.

Vida apareceu a meu lado com um olhar preocupado no rosto. Quando viu que eu estava bem, disse:

— OK, talvez você esteja certa.

— Ele me odeia.

— Não. — Ele parecia confuso. — Jamie e David estão totalmente bem um com o outro depois de toda a coisa com Lisa — disse de uma forma tão deliberada de fofoca e zombaria que me fez sorrir. — Apesar de que, tecnicamente, não sei se isso é verdade — acrescentou. — Mas eles são a menor das minhas preocupações. Você está com frio?

Tremi quando a brisa da noite me atingiu.

— Vamos — Vida disse gentilmente e tirou a jaqueta e a amarrou ao redor dos meus ombros, mantendo o braço em volta de mim, como se me protegesse. Sob o brilho alaranjado das luzes da rua, caminhamos juntos para casa.

Capítulo 16



— O que você quer fazer hoje? — perguntei.

Estávamos desfrutando de uma manhã preguiçosa no sofá, o jornal de domingo estava espalhado pela casa, usado e abusado, conforme havíamos procurado por nossas seções favoritas e descartado o restante e, em seguida, caíamos no silêncio e o quebrávamos quando comentávamos, ríamos e compartilhávamos as histórias que estávamos lendo. Estava perfeitamente satisfeita com sua companhia e parecia que ele estava satisfeito com a minha também. Minhas cortinas de roupas estavam abertas para permitir que o Sol entrasse, e as janelas estavam abertas, trazendo o ar fresco e o som do silêncio de domingo. O apartamento cheirava a panquecas, que ele tinha feito, e café fresco, que estava no balcão, ainda quente. Senhor Pan tinha se estabelecido sobre e ao redor dos sapatos de Vida, parecendo que era o gato que conseguiu o creme, o que, ironicamente, ele tinha conseguido mesmo, e também mirtilos frescos que eu cultivara no meu jardim orgânico, no telhado, desde que Vida entrara em meu mundo. Eu os colhera naquela manhã vestindo um chapéu de palha trançada com uma fita branca e um vestido branco transparente de linho, para o deleite dos vizinhos do sexo masculino que se refrescavam em espreguiçadeiras, lubrificados com protetor solar como carros num showroom.

OK, eu menti.

Vida comprou os mirtilos. Nós não temos um jardim no terraço. Vi o vestido em uma revista e, milagrosamente, me tornara loura naquele devaneio.

— Hoje — continuei, fechando os olhos — só quero ficar na cama.

— Você tem de ligar para sua mãe.

— Por quê?

— Porque ela está tentando planejar um casamento e você não a está ajudando.

— Mas toda essa história é um pouco ridícula... Eles já estão casados, é apenas uma desculpa para ela ter algo a fazer. Ela precisa assumir a cerâmica. Além disso, nem Riley nem Philip estão ajudando. E não posso vê-la hoje porque o pessoal do carpete está chegando. Eles provavelmente se atrasarão. Esse pessoal sempre se atrasa. Acho que vou até cancelar. — Peguei o telefone.

— Não vai, não. Encontrei um cabelo branco em minha meia hoje e sei que não era de uma cabeça, e também não era meu.

Coloquei o telefone de volta.

— E você precisa retornar a ligação de Jamie.

— Por quê?

— Quando foi que ele ligou para você antes?

— Nunca.

— Por isso, deve ser importante.

— Ou ele estava bêbado, bateu de cara com o telefone e discou meu número por engano.

Vida pareceu descontente. Continuei:

— Ou ia pedir desculpas pelo que aconteceu ontem à noite no jantar, e ele não precisa se desculpar, não fez nada de errado. Ele ficou do meu lado.

— Então, ligue de volta para ele e lhe diga isso.

— Não quero falar sobre isso com ninguém.

— Tudo bem, então simplesmente varra mais porcaria para debaixo do carpete.

— Você acha que esses telefonemas são mais importantes do que passar o

tempo com minha vida? — Pensei que o venceria com esta. Ele revirou os olhos.

— Lucy, você está correndo o risco de seguir, totalmente, na contramão. Não quero que se torne uma mulher egoísta, que fica sentada o dia todo falando de si mesma com sua vida. Você precisa encontrar um equilíbrio. Cuidar de você, mas cuidar das pessoas que se preocupam com você também.

— Mas é difícil! — choraminguei, cobrindo a cabeça com um travesseiro.

— E isso é Vida. Por que quis conhecê-la?

— Porque estava ignorando você — pronunciei as palavras que estava treinada a falar. — Porque não estava lidando com minha vida.

— E agora, o que está fazendo?

— Lidando com minha vida. Passando cada pequeno segundo com minha vida, tanto que mal consigo fazer xixi sozinha.

— Você conseguiria fazer xixi na privada se trocasse a lâmpada do banheiro.

— É muito trabalho... — suspirei.

— Como?

— Em primeiro lugar, não a alcanço.

— Pegue uma escada.

— Não tenho uma.

— Suba no vaso sanitário.

— A tampa é de plástico barato e eu vou cair lá dentro.

— Então, equilibre-se na borda da banheira.

— É perigoso.

— Levante-se! — Vida se levantou. — Levante-se!

Gemi.

— Levante-se! — repetiu.

Levantei bem devagar, como uma adolescente mal-humorada.

— Agora, vá até sua vizinha e pergunte se ela pode emprestar uma escada para você.

Caí para trás no sofá novamente.

— Faça isso — ele disse, severamente.

Levantei-me novamente, raivosa, e caminhei até a porta. Fui até o apartamento de Claire, bati na porta e voltei momentos depois com uma escada.

— Veja, isso não foi tão ruim, foi?

— Nós conversamos sobre o tempo, então, sim, foi ruim. Odeio jogar conversa fora.

Ele bufou.

— Coloque a escada no banheiro.

Fiz exatamente o que ele me disse.

— Agora, suba.

Segui as instruções.

— Agora, desenrosque a lâmpada.

Acendeu a laterna para que eu pudesse ver o que estava fazendo. Desenrosquei a lâmpada velha, choramingando como uma criança que fora forçada a comer legumes. Parei de reclamar para me concentrar. Entreguei-lhe a lâmpada velha.

— Aja como se eu não estivesse aqui.

Fiz sinal de desaprovação e, em seguida, cantei:

— Odeio minha vida, odeio minha vida... — Coloquei a lâmpada na pia, lancei um olhar desagradável para Vida, tirei a nova lâmpada da caixa, subi a escada e comecei a rosqueá-la no soquete. Pronto, ela estava trocada. Desci da escada, acendi o interruptor e o banheiro foi inundado de luz.

— U-huuu! — disse, levantando a mão para cumprimentar Vida.

Ele olhou para mim como se eu fosse o mais triste espécime sobre o qual já tivera posto os olhos.

— Não mereço um cumprimento por trocar a lâmpada?

Baixei minha mão, me encolhendo ligeiramente e, então, me animei.

— E agora, mais panquecas?

— Agora que a sala e o banheiro estão iluminados, você poderia dar uma boa limpada nesse lugar.

— Nãão... — gemi. — Entende, é por isso que não faço nada, porque cada coisa que faço me leva a ter de fazer outras coisas. — Dobrei a escada e a deixei no corredor sob o cabideiro, ao lado das botas sujas do festival de verão, o último festival a que fui com Blake, quando me exibi para o Iggy Pop, empoleirada nos ombros de Blake.

— Você não vai deixar aquilo ali.

— Por que não?

— Porque vai acumular poeira e ficar lá pelos próximos vinte anos, assim como as botas cobertas de lama. Devolva a escada para Claire.

Fiz o que me foi dito e me arrastei de volta pelo corredor.

— Vamos lá! — Tomei-o pela mão. — Vamos nos aconchegar no sofá de novo.

— Não. — Ele me soltou e riu. — Não vou ficar aqui o dia todo, vou tirar o resto do dia de folga.

— O que você quer dizer? Aonde vai?

Ele sorriu.

— Eu também preciso de um descanso.

— Mas aonde você vai? Onde você mora? — Olhei para o céu e acenei com a

cabeça. — É lá em cima?

— No andar de cima?

— Não... Você sabe! — Acenei com a cabeça para cima de novo.

— No céu? — Ele abriu a boca mais larga do que jamais havia visto uma pessoa abrir e riu. — Ah, Lucy, você realmente me faz rir!

Ri com ele, como se tivesse feito uma piada, embora não fosse.

— Posso lhe dar lição de casa antes de ir, se você quiser, para que não sinta minha falta. — Fiz uma careta. Ele caminhou até a porta, mas voltou.

— OK, tudo bem, vou me sentar novamente. — Dei uma batidinha no sofá. De repente, só não queria ficar sozinha.

— Você sonha com o quê, Lucy?

— Legal, amo conversas sobre sonhos. — Me aconcheguei. — A noite passada, tive um sonho do tipo sexo-com-o-cara-fofinho-no-trem.

— Tenho quase certeza de que é ilegal.

— Mas não fizemos no trem.

— Não, quis dizer porque ele é muito jovem e você está chegando aos 30 a qualquer minuto, agora — brincou. — De qualquer forma, não foi isso o que quis dizer. Quero dizer, com o que você sonha, quais suas esperanças e ambições?

— Ah... — disse, aborrecida. — Pensei na pergunta. — Não entendi — respondi.

Ele suspirou e falou comigo como se eu fosse uma criança.

— Que coisas você realmente gostaria de fazer? Algo que você gostaria de realizar, como um trabalho dos sonhos, por exemplo.

Pensei naquilo.

— Ser uma juíza no X Factor, para que eu pudesse jogar coisas nos

competidores, caso eles fossem uma porcaria. Ou puxar um alçapão para eles caírem em um caldeirão de feijão ou algo do tipo, acho que seria legal. E ganhar o concurso de moda a cada semana, então Cheryl e Dannii diriam algo como: “Ah, Lucy, de onde você tirou seu vestido?”. E eu diria algo como: “Ah, isso? É só uma coisinha que encontrei no varão da cortina”. E Simon diria algo como: “Ei, meninas, vocês duas deveriam pegar algumas dicas com Lucy, ela é...”.

— OK, OK, OK! — Vida disse, colocando os dedos nas têmporas e massageando levemente a cabeça. Algum outro sonho melhor?

Pensei um pouco mais, me sentindo sob pressão.

— Eu realmente, realmente, gostaria de ganhar na loteria para que nunca tivesse que trabalhar novamente e pudesse comprar tudo o que quisesse.

— Isso não é um sonho real — disse ele.

— Por que não? Isso acontece com as pessoas. Aquela mulher em Limerick? Ganhou 30 milhões e agora vive numa ilha deserta ou algo assim.

— Portanto, seu sonho é viver numa ilha deserta.

— Não! — Acenei minha mão com desdém. — Seria chato e odeio coco. Eu só pegaria o dinheiro.

— Isso é um sonho preguiçoso, Lucy. Se você tem um sonho, você deseja, ao menos, ser capaz de tentar alcançá-lo de alguma forma. Algo que esteja, aparentemente, fora de seu alcance, mas que você sabe que, com trabalho, pode conseguir. Caminhar até a lotérica para comprar um bilhete de loteria não é inspirador. Os sonhos devem fazer você pensar. Se tivesse a coragem de fazê-lo e não ligasse para a opinião dos outros, isso seria o que você realmente faria. — Olhou para mim, esperançoso.

— Sou uma pessoa normal, o que quer que eu diga? Que realmente quero ir à Capela Sistina? Não dou a mínima para uma pintura que tenho que deslocar o pescoço para ver. Isso não é um sonho para mim, é uma exigência, mesmo que você esteja de férias em Roma, o que, por sinal, já fiz quando Blake me levou lá

na nossa primeira viagem. — Estava de pé e levantando a voz, era uma questão ridícula a que ele tinha levantado. — Com que mais as pessoas sonham? Saltar de aviões? Já fiz isso, até fiz um curso de instrutora, então posso jogá-lo de um avião qualquer dia desses, se eu quiser. Ver as Grandes Pirâmides? Também fiz. No meu vigésimo quinto aniversário, com Blake. Estava quente e elas são tão grandes e majestosas como você acha que são, mas poderia algum dia ir de novo? Não, um homem estranho tentou me empurrar para dentro de seu carro quando Blake foi ao banheiro do McDonald's mais próximo. Nadar com golfinhos? Já nadei. Nadaria de novo? Não. Ninguém diz, mas eles fedem de perto. *Bungee-jump*? Pratiquei quando Blake e eu estávamos em Sydney. Fiz até mesmo mergulho em gaiola, para ver tubarões na Cidade do Cabo, para não mencionar uma viagem de balão de ar quente com Blake para comemorar o Dia dos Namorados. Fiz a maioria das coisas que as pessoas sonham e que nem mesmo eram os meus sonhos. São só coisas que eu fiz. Sobre o que estavam falando no jornal de hoje? — Peguei uma das páginas que havia lido e golpeei um artigo. — Uma senhora de 70 anos de idade quer estar em uma dessas aeronaves espaciais para que possa ver a Terra do espaço. Bem, estou vivendo na Terra agora e ela é uma grande porcaria vista daqui, por que ia querer vê-la de outro ângulo? No que mudaria minha vida? Esses sonhos são um desperdício de tempo e essa foi a pergunta mais ridícula que você me fez até agora. Costumava abarrotar todo o meu tempo, então, como você ousa me fazer sentir como se não fosse nada sem um sonho? Não basta que a minha vida seja insuficiente para você? Os meus sonhos também têm que ser? — Respirei fundo depois de meu discurso.

— OK. — Ele se levantou e pegou o casaco. — Era uma pergunta estúpida.

Apertei os olhos.

— Então, por que você me perguntou isso?

— Lucy, se não está interessada nessa conversa, não vamos tê-la.

— Não estou interessada, mas quero saber por que você perguntou — disse defensivamente.

— Você está certa, você claramente viveu sua vida ao máximo, não restou nada para fazer e agora é hora de parar. Você pode muito bem morrer.

Engoli em seco.

— Não estou dizendo que vai morrer, Lucy — ele disse, frustrado comigo. — Agora não, de qualquer maneira. Mas um dia vai.

Engoli em seco novamente.

— Todos nós vamos.

— Ah, sim.

Ele abriu a porta e olhou para mim.

— Perguntei isso porque, independentemente do que diz ou do quanto mente, você não está feliz como diz que está agora, e quando eu lhe pergunto sobre o que deseja, tendo qualquer possibilidade no mundo todo, sem limites, você diz que quer ganhar dinheiro e comprar coisas — falou de forma acentuada e fiquei envergonhada.

— Ainda acho que a maioria das pessoas diria que queria ganhar na loteria.

Ele me jogou um olhar raivoso e caminhou para a porta novamente.

— Você está com raiva de mim. Não entendo por que está zangado comigo, só porque não gosta do meu sonho. Quero dizer, isso é ridículo!

Ele replicou de forma gentil, o que me enervou ainda mais.

— Estou com raiva não só porque você não é feliz onde está, mas porque não consegue nem mesmo pensar aonde gostaria de chegar. O que eu acho... — ele procurou pela palavra — ... triste. Não me admira que esteja presa numa rotina.

Pensei em meus sonhos, desejos, em minhas ambições e onde queria estar que me fizesse sentir melhor do que estar aqui. Não consegui chegar a lugar nenhum.

— Pense nisso — ele disse, finalmente. — Vejo você amanhã. — Pegou o casaco e a mochila e saiu do apartamento, o que foi o pior fim possível para o mais bonito início de um dia.

Os comentários dele me preocuparam. Ele sempre fazia isso: era como se falasse num determinado tom que atingia apenas o meu cérebro, como um apito de cão inaudível ao ouvido humano. Tentei pensar em meus sonhos, aonde queria chegar, o que realmente queria, mas acho que, para saber o que você quer, tem que saber o que não quer e tudo o que realmente desejei foi que Vida não tivesse me contatado, para que eu pudesse ter continuado no caminho que estava seguindo. Vida complicou as coisas, Vida tentara fazer as coisas mudarem quando eu estava perfeitamente satisfeita. Ele chamou meus hábitos de rotina e me tirou daquele lugar confortável. Gostava de minha rotina; perdi minha rotina e choraria a morte dela para sempre.

Ao meio-dia, estava com dor de cabeça, mas num apartamento arrumado e, não para a minha surpresa, a empresa de limpeza não havia chegado. Ao 12h15 também não. Por volta de 12h30, estava começando a comemorar que pudessem ter se esquecido e fazia arranjos em minha cabeça sobre a melhor forma de usar minha liberdade, mas não pensei em nada. Melanie estava longe e, de qualquer forma, não tivemos qualquer contato desde nosso último encontro. Sabia que eu não estava no topo de sua lista de pessoas com quem queria conversar no momento. Depois do jantar da noite anterior, meus amigos, que me achavam uma fraude, não estavam na minha própria lista de pessoas com quem conversar. E, embora o término entre mim e Blake tenha sido rapidamente seguido pelo meu transplante de personalidade, que, na época, pensei que ninguém houvesse notado, mas agora, com o auxílio do ensino de Vida, podia ver que todo mundo notara, eu compreendia a forma como pensavam, mas aquilo ainda doía.

Uma batida na porta perturbou meus pensamentos. Era Claire, com o rosto molhado, chorando de novo.

— Lucy — ela fungou. — Sinto muito incomodá-la em um domingo, ouvi a televisão ligada e... Bem, estava pensando se você poderia vigiar Conor novamente. Eu não pediria, mas me ligaram do hospital de novo e disseram que é uma emergência e... — ela se descontrolou.

— Claro. Você se importaria se eu o mantivesse aqui comigo? Há um pessoal

vindo para limpar o carpete e preciso estar aqui.

Ela ficou pensando; não parecia muito confiante, mas não tinha escolha. Voltou para seu apartamento e fechou a porta. Perguntei-me se ela se sentou e, lentamente, contou até 10 antes de voltar, ou se ela realmente pensou em algo enquanto se movimentou para pegá-lo e prendê-lo ao carrinho. Senti uma profunda tristeza por ela. A porta se abriu e o carrinho vazio foi empurrado para fora do apartamento dela e para dentro de meu apartamento, as alças presas.

— Ele dormiu há cinco minutos — sussurrou. — Geralmente, dorme por duas horas durante o dia, assim, devo estar em casa quando ele acordar. Ele não tem estado bem ultimamente, mas não sei o que há de errado. — Ela franziu a testa e examinou o carrinho vazio. — Sendo assim, pode ser que durma um pouco mais do que de costume.

— OK.

— Obrigada! — Lançou um último olhar para o carrinho e se virou para ir embora. Quando ela olhou para o corredor, havia um homem do lado de fora de seu apartamento.

— Nigel! — disse, chocada. Ele se virou.

— Claire. — Eu o reconheci como o homem nas fotografias de Claire: o marido, pai de Conor. Ele olhou para o número na porta e, em seguida, para o número de meu apartamento. — Estou no apartamento errado?

— Não, esta é Lucy, nossa... Minha vizinha. Ela vai tomar conta dele.

Ele olhou para mim de tal forma que quis me esconder e morrer. Sabia que ele estava pensando que eu estava me aproveitando dela, mas o que poderia fazer, dizer-lhe que não havia criança nenhuma? Certamente ela sabia daquilo, no fundo de seu coração.

— De graça — disse a ele, apenas para que, ao menos, ele me perdoasse por isso. — E não aceitaria de outra forma.

Ele assentiu uma vez, compreendendo, e então seus olhos se voltaram para

ela. Sua voz era suave.

— Vou levar você lá, tá bom?

Fechei a porta atrás deles.

— Olá de novo — disse para o espaço vazio no carrinho. — Mamãe e papai não vão demorar muito.

Então, coloquei a cabeça em minhas mãos e me sentei jogada no balcão. Senhor Pan saltou e senti seu nariz frio perto da minha orelha. “Googlei” sonhos e ambições das pessoas e, instantaneamente entediada, fechei o laptop. 12h45 chegou e se foi, e então tive uma ideia. Tirei uma foto do rosto de Gene Kelly no cartaz na porta de meu banheiro e a enviei para Don Lockwood com o texto: “Vi isso e pensei em você”.

Então, esperei. E esperei. Ansiosamente. Daí, esperançosamente. Depois, com profunda decepção. Ainda depois, com uma dor tão profunda que me cortou como uma faca. Não o culpei. Disse-lhe para nunca mais me ligar, mas, ainda assim, eu tinha esperança. Então, a esperança desapareceu e fiquei deprimida. E sozinha, vazia e perdida. E nem sequer um minuto havia se passado.

Abri o freezer e a geladeira e olhei para as prateleiras vazias. Quanto mais olhava, mais a comida não aparecia. Então, o telefone tocou. Bati a porta e mergulhei no telefone. Claro que, simultaneamente, a campainha da porta tocou. Decidi saborear a situação, portanto atendi à porta primeiro. Um tapete mágico vermelho me encarou. Estava estampado no peito do homem diante de mim. Dei uma olhada geral: ele estava usando um boné azul com outra figura de tapete, abaixado sobre o rosto. Olhei para trás: ninguém, nenhuma ferramenta ou equipamento.

— Roger? — perguntei, me afastando para que entrasse.

— Roger é meu pai — disse, entrando no apartamento. — Ele não trabalha nos fins de semana.

— OK.

Olhou em volta. Então, para mim.

— Eu a conheço? — perguntou.

— Ah. Não sei. Meu nome é Lucy Silchester.

— Sim, tenho-a na... — Ele ergueu a prancheta no ar, mas não terminou a frase. E continuou me olhando, bem nos meus olhos. Pesquisando, curioso. Aquilo me deixou nervosa. Desviei o olhar e dei alguns passos até a cozinha, para que o balcão nos separasse. Ele percebeu e deu alguns passos para trás, o que apreciei.

— Então, onde estão os outros? — perguntei.

— Os outros?

— O pessoal de limpeza — disse. — Não há uma equipe?

— Não, só eu e meu pai. Mas ele não trabalha nos fins de semana, como disse, então... — Ele olhou em volta.— Tudo bem se for apenas eu?

Sua pergunta tornou tudo mais fácil.

— Sim, com certeza.

— Minhas coisas estão na van. Só queria subir e dar uma olhada antes de trazê-las para cima.

— Ah! OK. Que que eu o ajude a carregar alguma coisa?

— Não, obrigado. Tenho certeza de que não pode deixar o pequenino. — Ele sorriu e covinhas minúsculas apareceram, e, de repente, ele era o homem mais bonito que já tinha visto. Então, pensei em Blake, e daí ele não era mais nada. Era sempre assim que acontecia. Olhei para o carrinho.

— Ah, isso. Isso não é meu. Quero dizer, ele. É de uma vizinha. Quero dizer que ele é de uma vizinha. Estou cuidando dele.

— Quantos anos ele tem? — Sorriu com carinho, levantando o queixo para ver o carrinho. Puxei a cobertura para baixo para que não conseguisse. — Ah, vamos deixá-lo. Está dormindo. — Como se isso explicasse alguma coisa.

— Vou tentar trabalhar o mais silenciosamente possível. Há alguma área em particular que queira que me concentre?

— Apenas o chão todo — quis dizer seriamente, mas saiu engraçado.

Ele riu.

— O piso inteiro?

— Somente os pedaços sujos.

Nós dois sorrimos. Ele ainda era bonito, mesmo quando colocado sob o parâmetro Blake.

— Então, provavelmente, é a coisa toda — disse.

Ele olhou para o chão e, de repente, eu estava ciente de um belo homem de pé no meu pequeno barraco privado. Estava envergonhada. Ele ficou de joelhos e examinou uma área no chão. Esfregou-a com a mão.

— Isso é...

— Ah sim, só escrevi isso aí para não esquecer. Não encontrei papel.

Olhou para mim com um grande sorriso.

— Você usou marcador permanente?

— Ahn... — Cacei o marcador na gaveta da cozinha. — Aqui.

Ele o estudou.

— Isso é permanente, você sabe.

— Ah... Você pode limpá-lo? Porque se você não puder, meu senhorio vai me enrolar nele e me jogar fora.

— Vou tentar. — Olhou para mim com um ar divertido. Vou buscar meu equipamento na van.

Sentei-me no banco e planejei fazer o tempo passar perseguindo Don Lockwood. Li seu texto.

“Ela levanta sua bela cabeça. Então, como tem sido sua semana?”

“Não tenho ficado sob a mira de uma pistola de água desde terça-feira. Como está o Tom?”

Ouvi um bipe de telefone no corredor e percebi que o cara da limpeza estava de volta. Mas ele não apareceu. Estiquei minha cabeça perto da esquina do corredor e o vi lendo seu telefone.

— Desculpe — ele disse, jogando-o no bolso. Pegou uma máquina que parecia um aspirador de pó gigante e a levou para dentro. Os músculos dos seus braços estufaram até três vezes o tamanho de minha cabeça. Tentei não olhar, mas não consegui.

— Vou apenas ficar sentada aqui. Se precisar de alguma coisa, se você se perder ou qualquer coisa, assim, estarei aqui.

Ele riu, depois estudou o sofá de grandes dimensões.

— Ele veio de um apartamento maior — expliquei.

— É bom. — Tinha as mãos no quadril, verificando-o. — Pode ser um problema quando você se mudar.

— Veio desmontado. Como tudo o mais aqui.

Ele olhou em volta.

— Você se importaria se eu colocasse uma parte dele na cama e outra no banheiro?

— Claro, mas se encontrar dinheiro debaixo, é meu. Todo o resto é seu.

Ele levantou o sofá e olhei para seus músculos, que eram tão grandes que expulsaram todos os pensamentos da minha cabeça.

— Isso não tem muita utilidade para mim — ele riu, olhando para um sutiã rosa empoeirado no chão. Tentei pensar em uma resposta engraçada, mas, em vez disso, corri para pegá-lo, batendo o dedo do pé no canto do balcão da cozinha e voando sobre o sofá.

— Meeerda!

— Você está bem?

— Sim — eu gemi. Agarrei o sutiã e tentei amassá-lo em uma bola, então segurei o dedo do pé até que a dor fosse embora. — Tenho certeza de que você nunca viu um sutiã antes, estou feliz por ter dramaticamente mergulhado no chão para pegá-lo — disse entredentes. Ele riu.

— O que há com esse cara? — perguntou, passando por Gene Kelly na porta do banheiro e colocando outra parte do sofá lá dentro. — As garotas o amam.

— Ele foi o dançarino dos operários — expliquei, esfregando o dedo. — Nada do que aquele pretensioso de cima a baixo do Fred Astaire fez. Gene era, você sabe, um homem de verdade.

Ele pareceu interessado, então voltou para seu trabalho e não disse mais nada. Finalmente não percebi nenhum movimento, então, olhei para cima. Ele estava de pé no meio da sala com um pedaço do sofá em seus braços, olhando em volta, perdido. Podia ver seu dilema: a cama estava lotada, o banheiro estava lotado, e não havia outro lugar para colocar o sofá.

— Nós poderíamos colocá-lo no corredor — disse.

— Vai bloquear o caminho.

— E na cozinha?

Havia um pequeno espaço no chão, onde o carrinho estava. Movi o carrinho e ele veio em minha direção, mas não sei o que aconteceu, seu pé bateu em algo, ouvi o estrondo de sua bota, talvez contra o balcão, e o sofá saiu voando de seus braços rumo ao carrinho.

— Ah, meu Deus! — ele gritou. — Ah, meu Deus!

— Está tudo bem — disse rapidamente, tentando explicar. — Está tudo bem, não há nada...

— Ah, que droga! Ah, meu Deus! — repetia de novo e de novo enquanto

tentava levantar o sofá de cima do carrinho.

— Relaxe, está tudo bem. Não há nenhum bebê aí dentro — disse em voz alta. Ele fez uma pausa e olhou para mim como se eu fosse a pessoa mais esquisita do planeta.

— Não há?

— Não, veja. — Ajudei-o a levantar o sofá e colocá-lo em cima do balcão. — Veja, está vazio.

— Mas você disse...

— Sim, eu sei. É uma longa história.

Ele fechou os olhos e engoliu em seco, o suor na testa.

— Meu Deus!

— Eu sei, e sinto muito, mas está tudo bem.

— Por que você...

— Por favor, não me pergunte.

— Mas você...

— Honestamente, você não vai querer saber.

Ele me olhou mais uma vez buscando uma resposta, mas eu apenas balancei a cabeça, negando.

— Mas que droga... — sussurrou, respirando profundamente. Deu mais uma olhada no carrinho para se certificar de que nada tinha acontecido, então respirou profundamente de novo e começou a montar seu equipamento de limpeza a vácuo gigante. Em seguida, pegou o telefone do bolso e mandou uma mensagem. Tec, tec, tec. Revirei os olhos para o Senhor Pan. Nós ficaríamos ali o dia todo se ele continuasse com aquele telefone. Finalmente, se virou para mim.

— O que vou fazer primeiro é usar a extração com água quente para limpar o

carpete. Depois, vou protegê-lo e desodorizá-lo.

— OK. Você estava no informe comercial, por acaso?

— Não — ele gemeu. — Era meu pai. Ele se imagina como um tipo de ator. Ele quer que eu faça um, mas acho que prefiro... — Pensou sobre aquilo. — Sim, prefiro morrer.

Ri.

— Pode ser divertido.

Olhou para mim, arregalando os olhos.

— Sério? Você faria isso?

— Se você me pagasse, poderia fazer muita coisa. — Fiz uma careta. — Exceto o que eu fiz parecer que faria. Não faria isso.

— Não pediria isso para você. Não por dinheiro, quero dizer. — Seu rosto ficou vermelho. — Podemos mudar de assunto?

— Sim, por favor.

Meu telefone apitou e nós dois consideramos aquilo como um bom sinal para parar de falar imediatamente.

“Maldito Tom. Conheceu uma garota e decidiu crescer, vai morar com ela na próxima semana. Sou um parceiro de apartamento solitário, então... Homem moreno, alto e bonito, com 35-anos-e-9-meses, procurando alguém que possa pagar o aluguel.”

Mandei-lhe outro texto de volta.

“Está procurando alguém também? Vou espalhar a notícia. Pergunta pessoal: qual é seu sonho? Algo que você realmente queira.”

O telefone do limpador de carpete tocou. Fiz som de desaprovação, mas minha desaprovação não podia ser ouvida acima do som do aspirador. Ele o desligou e pegou o telefone do bolso.

— Você está popular hoje.

— Sim, desculpe. — Parou para lê-lo. Então, mandou uma mensagem de volta.

Meu telefone tocou.

“Um café. Queria muito um agora.”

Olhei para o cara da limpeza; ele estava limpando, imerso em pensamentos. Pulei do banco.

— Gostaria de um café?

Ele não respondeu.

— Desculpe-me, gostaria de um café? — disse mais alto.

Ele olhou para cima.

— Você deve ter lido minha mente. Adoraria um, obrigado.

Ele tomou um gole, colocou-o no balcão e voltou a trabalhar. Sentei-me e li novamente meus textos, lendo as entrelinhas em busca de mais respostas enquanto esperava por outra resposta. O limpador de carpete tirou o telefone novamente. Eu realmente queria dizer algo, mas segurei minha língua porque comecei a estudá-lo e, então, vi o pequeno sorriso secreto que estava em seus lábios enquanto mandava uma mensagem. Imediatamente, odiei a pessoa do outro lado daquele telefone. Ele estava enviando mensagens para uma garota e eu a odiava.

— Será que isso vai demorar muito? — disse finalmente, sem qualquer simpatia na voz.

— Desculpe? — Ergueu os olhos do texto.

— O carpete. Vai demorar muito?

— Cerca de duas horas.

— Vou levar o bebê para uma caminhada.

Ele parecia confuso. Deveria estar. Eu estava. Recebi a resposta de Don quando estava no elevador.

“Meu sonho é ganhar na loteria para que possa sair de meu emprego e nunca ter de trabalhar novamente. Mas o que realmente, realmente, quero? É conhecê-la.”

Olhei para o texto, de boca aberta. O elevador chegou ao térreo e as portas se abriram, mas fiquei tão surpresa que me esqueci de sair, em parte porque tínhamos o mesmo sonho preguiçoso, mas principalmente porque ele havia dito uma coisa quase brega, mas tão bonita, que foi realmente muito adorável, porém, aterrorizante. As portas do elevador se fecharam e, antes que tivesse a chance de pressionar os botões, ele subiu novamente. Suspirei e me encostei na parede. Parou no meu andar. Era o cara da limpeza, descendo para pegar alguma coisa.

— Olá!

— Esqueci de sair do elevador.

Ele riu e olhou para o carrinho.

— Então, qual é o nome dele?

— Conor.

— Ele é fofinho.

Nós rimos.

— Tem certeza de que não nos conhecemos? — perguntou.

Estudei-o novamente.

— Será que você costumava ser um corretor?

— Não — ele riu.

— Alguma vez fingiu ser um?

— Não.

— Bem, então, não. Realmente acho que teria me lembrado se o tivesse

encontrado antes. — Ele atingira o índice mais alto no parâmetro Blake, mais que qualquer outro ser humano, vivo ou morto. Era vagamente familiar, mas podia ser porque eu o encarara a manhã toda. — Sinto muito, nem sei seu nome.

Ele apontou para o peito, onde havia uma etiqueta costurada. Ela dizia "Donal".

— Mamãe fez isso, insistiu que tornaria a empresa mais moderna. Foi ideia dela fazer o informe comercial. Ela leu um livro de marketing sobre a Starbucks e agora pensa que é Donald Trump.

— Sem os cabelos cruzando de um lado para outro, espero.

Ele riu. As portas se abriram e ele me deixou sair primeiro.

— Uau! — disse, quando chegamos lá fora. A van era amarelo brilhante, com um tapete mágico voador vermelho estampado na lateral. No bagageiro, havia um enorme tapete de plástico vermelho enrolado.

— Você vê? É isso que me obrigam a dirigir. O tapete se desenrola quando o motor é ligado.

— É culpa do livro que sua mãe leu. Mas é apenas para trabalho, não é? Não é como se fosse sua van de todos os dias. — Do jeito que ele estava olhando para mim, poderia dizer que estava errada. Novo pensamento. — Não seria legal se esta fosse sua van de todos os dias?

Ele riu.

— É. É um verdadeiro ímã de gatinhas, não é?

— É como um carro de super-heróis — disse, andando em volta da van, e ele olhou para a van com novos olhos.

— Nunca pensei nela dessa forma. — Em seguida, me estudou de novo.

Era como se estivesse tentando me dizer algo, mas não conseguisse. Tive arrepios.

— Terei concluído a limpeza em cerca de uma hora — ele disse, entretanto.

— O piso estará molhado, então aconselho a não andar sobre ele por algumas horas. Voltarei esta noite para colocar seu mobiliário de volta, se você estiver de acordo e me certificar de que você ficou satisfeita com o serviço.

Ia dizer para ele não se incomodar em voltar para recolocar a mobília, que eu poderia fazê-lo, mas parei, em parte porque não havia chance alguma no mundo de que eu pudesse levantar todos os móveis, mas principalmente porque realmente queria que ele voltasse.

— Não se preocupe em trancar a porta quando sair, você pode simplesmente fechá-la atrás de si.

— OK, ótimo. Prazer em conhecê-la, Lucy.

— Prazer em conhecê-lo também, Donal. Vejo você mais tarde.

— Está marcado — disse, e nós rimos.

Conor e eu nos sentamos no banco do parque e, quando ninguém estava olhando, coloquei-o no balanço. Sabia que ele não estava lá, mas, por Claire, e pela memória dele, fiquei no parque até o Sol se pôr atrás das árvores, empurrando-o para frente e para trás, e esperando que sua pequena alma estivesse dizendo: “Eeeeee”, como a minha, de repente, estava.

Naquela noite, quando o carrinho já estava em segurança com Claire, tirei meus sapatos, coloquei um banco alto no meio do apartamento e me sentei para assistir ao programa de viagens de Blake. Tão logo começou, ouvi uma chave na porta. Ela se abriu e Vida entrou, vestindo um blazer novo.

— Como conseguiu uma chave?

— Fiz uma cópia da sua quando você estava dormindo — disse, tirando o blazer e jogando as chaves em cima do balcão como se vivesse ali.

— Obrigada por pedir minha permissão.

— Não precisava, sua família já assinou a papelada.

— Rá-rá-rá — disse, enquanto ele dava um passo e pisava no carpete. — Tire

os sapatos, ele acabou de ser limpo.

— Ao que você está assistindo? — perguntou, fazendo o que lhe foi pedido e olhando para a imagem em pausa de uma cobra se levantando de uma cesta.

— O programa de viagens do Blake.

Ele ergueu as sobrancelhas e me estudou.

— Sério? Pensei que você nunca assistisse ao programa.

— Eu o assisto, às vezes.

— Quantas vezes?

— Só aos domingos.

— Creio que o programa passa somente aos domingos. — Ele trouxe um banquinho e se sentou a meu lado. — O carpete não parece estar diferente.

— É porque está molhado. Vai se iluminar quando secar.

— O que eles acharam?

— Quem?

— O pessoal do carpete.

— Era apenas um homem.

— E?

— E ele foi muito simpático e limpou o carpete. Você pode parar de falar? Quero ver o programa.

— Delicada...

Senhor Pan pulou em seu colo; ficamos sentados desconfortavelmente em nossos bancos olhando para Blake. Ele estava subindo algumas montanhas rochosas, vestindo um colete da Marinha que estava coberto de manchas de suor e revelando as ondulações dos músculos das costas. Isso me fez pensar no cara da limpeza do carpete. Pareceu-me estranho que Blake, o homem mais perfeito do universo, me fizesse pensar em outro homem e, já que estava confortável com

aquele pensamento, comparei os tamanhos dos músculos.

— Ele faz bronzeamento artificial?

— Cale a boca!

— Será que ele atua nas cenas de ação?

— Cale a boca!

Pausei a TV, procurando por ela. Ela não estava lá.

— O que você está fazendo?

— Cale a boca!

— Então, qual é a obsessão com Blake, afinal?

— Não estou obcecada.

— Quero dizer, na noite passada. Sei que você disse que não queria falar sobre isso, mas acho que deveríamos. Quero dizer, você se separou há três anos. Qual é o problema com seus amigos? Por que eles estão tão envolvidos no que aconteceu com você e ele?

— Blake é o centro de gravidade deles — disse, vendo-o duvidar. — Nós dois costumávamos ser, acredite ou não. Éramos quem organizava tudo, quem unia a todos. Realizávamos festas todas as semanas, íamos a festas, viagens organizadas, viagens a distância, esse tipo de coisa. — Pressionei o botão de pausa, estudei a cena, retomei novamente. — Blake é um cara animado, é viciante, todo mundo gosta dele.

— Eu não.

— Sério? — Olhei para ele, surpreendida, mas, em seguida, voltei para a TV, a fim de não perder nada. — Bem, você é tendencioso, não conta.

Pausei a TV de novo e, então, retomei.

— O que exatamente você está fazendo?

— Cale a boca!

— Por favor, pare de me dizer para calar a boca.

— Por favor, pare de me dar motivos!

Ele assistiu ao restante do programa em silêncio, na maior parte, com uma observação sarcástica ocasional. Então, finalmente, Blake acabou de barganhar nas *souks*[6], tentou encantar cobras (foi quando Vida comentou, com propriedade, que ele era uma serpente encantadora), sentou-se em um café na praça Djemaa el Fna, a grande praça central na cidade velha, e lançou sua frase final para a câmara: “Alguém disse uma vez: o mundo é um livro e quem não viaja leu apenas uma página”.

Vida gemeu e fingiu vomitar.

— Quanta bobagem!

Fiquei surpresa porque gostei daquilo.

Em seguida, Blake piscou. Saboreei aquele momento, meus olhos grudados nos segundos finais daquela temporada. Fora isso, tudo o que saberia sobre ele seria propaganda do Partido Blake, se eu tornasse a ver nossos amigos novamente.

— Você acha que, talvez, ele a tenha deixado porque é gay? — Vida perguntou.

Apertei meus dentes uns contra os outros, lutando contra o desejo de empurrar minha vida do banquinho. Seria inútil, seria como cortar meu nariz fora a despeito de meu rosto, e estava pensando nisso quando minha vida mudou para sempre. A próxima tacada foi rápida, tão rápida que qualquer olho destreinado poderia ter perdido, mas não meu olho, nem mesmo o meu olho ruim, que tinha uma visão ainda pior depois de Riley ter explodido uma bomba-caneta (uma bola de papel soprada através do corpo plástico de uma caneta) no meu olho, quando eu tinha 8 anos de idade.

Esperei, rezei e desejei todas as coisas boas que pude devido às minhas tendências psicóticas ainda não diagnosticadas, mas sempre presentes, que

davam à imaginação o que viria a seguir. A câmera fez uma panorâmica, pausei e procurei. Era ela. Lá estava ela. Jenna. A vaca australiana. Ou pelo menos eu pensei que fosse ela. Eles estavam num café movimentado e ruidoso, numa mesa atulhada com montes de comida e com, pelo menos, uma dúzia de outras pessoas. Parecia a cena da Última Ceia. Levantei-me do banco e me aproximei, ficando de pé em frente à tela. Se fosse ela, seria sua última ceia.

— Ei, o carpete — disse Vida.

— Que se dane o carpete! — disse, com veneno em minha voz.

— Nossa!

— A zinha... — Observei o brinde, as taças levantadas sugestivamente uma contra a outra, eles olhando para os olhos um do outro, ou pelo menos ela para ele e ele para alguma coisa por cima do ombro dela... — Vaca — disse, finalmente. Apertei o *play* novamente, observando o brinde; voltei e o assisti mais uma vez. Examinei os olhares: sim, eles definitivamente se entreolharam enquanto as taças tilintavam. Aquilo significava algo? Era um código? Estavam, secreta e silenciosamente, dizendo um ao outro: “Vamos, eu e você, transar hoje à noite, assim como fizemos no topo do Everest?”. O pensamento fez meu estômago se retorcer. Em seguida, analisei a linguagem corporal deles e, então, eles nem sequer olharam para a comida em seus pratos. Meu coração estava pesado, batendo forte no peito, senti que o sangue queria jorrar para fora das minhas veias. Eu precisava entrar na televisão, estar no mundo deles, e então poderia acabar com aquele relacionamento e forçar aquelas almôndegas marroquinas pela garganta dela abaixo.

— Que diabos há de errado com você? — Vida perguntou. — Parece possuída e está estragando o carpete.

Virei-me e fixei-o com um olhar determinado. Não foi difícil, sentia aquilo em meu íntimo.

— Sei por que você está aqui.

— Por quê? — Ele parecia preocupado.

— Porque ainda estou apaixonada por Blake. E sei o que meu sonho é, a coisa que realmente, realmente, quero, a única coisa que faria se tivesse a coragem e não me importasse com o que qualquer um pensasse. É ele, eu o quero. E tenho que tê-lo de volta.

Capítulo 17



— Tenho de encontrá-lo — eu disse, andando.

— Não, você não tem.

— Nós temos de encontrá-lo.

— Não, nós certamente não temos.

— É por isso que você está aqui.

— Não... — ele falou lentamente. — Estou aqui porque você está desiludida.

— Sou apaixonada por ele — disse, ainda andando, minha mente fazendo hora extra enquanto tentava planejar tê-lo de volta.

— Você está estragando o carpete, isso é o que está fazendo.

— Eu sabia que ela estava lá para conquistá-lo. Soube disso desde que a conheci e ela lhe perguntou se gostaria de gelo e limão em sua bebida. Pelo jeito que ela falou, eu já soube: “Gelo?” — imitei-a. — “Você quer gelo com o quê?”

— Opa, segure-se, de quem estamos falando agora?

— Dela. — Finalmente parei de andar e apontei para a imagem congelada da TV, com o controle remoto na mão como se fosse uma arma. — Jenna. Jenna Anderson. — Cuspi o nome para fora.

— E ela é?

— Auxiliar de produção. Não consegui descobrir se ela era uma auxiliar de escritório ou de cenário, mas agora eu sei. Agora sei com certeza. — Comecei a andar de um lado para outro novamente.

— O que você sabe com certeza?

— Que ela é auxiliar de produção de cenário, quer prestar atenção? — Rebati. — Espere um minuto, onde está o meu laptop? — Pisei sobre o carpete úmido e abri o armário de canto. Peguei meu laptop e um biscoito que engoli inteiro enquanto o computador iniciava. Vida me assistia, do alto do banco. Fui para a página dela no Facebook e vi seu *status*. Engoli em seco.

— E agora? — ele perguntou, entediado.

— O *status* dela foi atualizado.

— Para quê? Pastora? — disse, olhando para a tela pausada, onde ela estava sentada cercada por homens encapuzados.

— Não. — Minha mente estava borbulhando. Eu sabia, sabia que minha paranoia era um guia.

— Esse tal de *status* diz a que classe social ela pertence?

— Não. — Encarava intensamente a página no Facebook enquanto tentava ler além do que havia lá. — Aposto que ela tem fotografias dos dois aí, todos os tipos de comentários e informações pessoais. Se eu pudesse ver, saberia com certeza.

— Você não convida as pessoas para serem seus amigos nessas coisas?

— Você acha que não pensei nisso anos atrás? Ela disse que não, a vaca.

Vida sugou o ar.

— Você devia ter mudado seu nome.

— E mudei.

— Então você deveria ter usado o próprio nome.

— Você está louco? Por que qualquer espião usaria a própria identidade?

— Ah, você é uma espiã agora. OK, espiã, acho que você deveria se acalmar.

— Não consigo me acalmar. Eles ainda eram um casal relativamente novo,

quando esse programa foi filmado? Ainda posso separá-los — disse, cheia de esperança. Corri da cozinha para minha cama, que estava repleta de sofá.

— Ai, ai, ai, olha o carpete! — berrou.

— Que se dane o carpete! — disse dramaticamente. — É a minha vida que está em jogo! — Peguei uma mala de cima do guarda-roupa e comecei a jogar coisas aleatórias dentro dela, nada que pudesse realmente vir a ser uma bagagem completa, mas o movimento de empacotar me foi útil.

— Sou sua vida e estou dizendo para você parar por um momento e pensar.

Eu obedeci, mas só porque precisava dele. Um plano estava se formando em minha mente e ele era fundamental no esquema.

— Você não pode simplesmente fazer a mala e caçá-lo no... — olhou para a TV — ... Marrocos.

— Não estou indo para o Marrocos. Vou para o Wexford.

— Bem, não é tão glamoroso. Thelma e Louise teriam sido uma dupla muito diferente se elas tivessem decidido ir para lá.

— A escola de aventuras de Blake fica lá. Se sair agora com Sebastian, chego pela amanhã.

— É improvável que você chegue lá com Sebastian. De qualquer forma, você tem que trabalhar amanhã.

— Odeio meu trabalho.

— Ouvi você dizer que gostava dele.

— Eu menti. Eu amo Blake.

— Ouvi você dizer que já tinha superado essa história...

— Eu menti. Odeio meu trabalho e amo Blake. — Soquei o ar. Dizer aquilo pareceu correto. Ele suspirou.

— É como um passo para frente e dois passos para trás, Lucy!

— Tenho que ir — disse com mais calma. — É por isso que você está aqui. Sei disso. Quando você saiu, eu "Googlei" o sonho das pessoas. Porque você estava certo, não tenho um sonho, o que é patético: eu deveria ter um.

— Não sei o que é mais patético: não ter um sonho ou "Googlar" o de outras pessoas.

— Fui em busca de inspiração, e você sabe o que uma pessoa disse? — Estava bastante empolgada, agora que aquilo se aplicava a mim. — Ela disse que quer, um dia, de alguma maneira, de alguma forma, se reencontrar com o único e verdadeiro amor que perdeu. — Minha voz acabou num guincho. — Isso é romântico ou o quê?

— Não muito, se o amor verdadeiro em questão é uma cobra egoísta com bronzeamento falso.

— Ora, vamos! — implorei. — Quando você encontrá-lo, vai gostar dele. Todo mundo gosta dele.

— Ele não gosta de você — Vida disse sem rodeios. — Ele deixou você. Há três anos. O que faz você pensar que algo vai mudar?

Engoli em seco.

— Mas eu mudei. Você me mudou. Ele pode gostar de mim agora.

Vida revirou os olhos, sem querer concordar, mas não poderia mudar o que eu estava pensando e se rendeu.

— Tudo bem, vou com você.

Comemorei e o abracei. Ele não retribuiu.

— Mas tem que me prometer que vai trabalhar amanhã. Você está envolvida em um monte de problemas, não vai ser bom não aparecer. E você tem que visitar sua mamãe. Pode ir ver Blake após o trabalho na terça-feira. Faça um bate-volta numa noite, de modo que esteja de volta no trabalho de quarta-feira.

— Pensei que você quisesse que eu cuidasse da minha vida — choraminguei.

— Pensei que o trabalho fosse uma distração enquanto eu não cuidava do que realmente importa.

— É, às vezes, mas não agora. É o oposto agora.

— O que isso significa?

— Significa que, agora, Blake se tornou uma distração porque você não cuida do que realmente importa.

— Você me faz parecer tão esperta, como se eu estivesse deliberadamente fazendo toda esta coisa de distração emocional.

— Não “esperta”, e sim “estúpida”! Você fica tão limitada quando foca em Blake que jamais reconheceria o homem perfeito, o homem dos seus sonhos, mesmo se ele estivesse bem próximo a você.

Apertei os olhos, sem saber se ele estava tentando me dizer alguma coisa.

— Não, não sou eu.

— Ufa!

— Ele poderia até mesmo estar parado exatamente em frente à sua porta, no corredor — Vida disse, misteriosamente.

A campainha tocou. Congelei. Então, me ajeitei. Não acredito em sinais, nem sequer confio em GPS. Olhei para Vida. Ele sorriu e deu de ombros.

— Ouvi passos no corredor, apenas pensei em arriscar.

Revirei os olhos e abri a porta. Era o cara do carpete. Havia me esquecido dele.

— Desculpe o atraso. Teria ligado, mas a bateria do celular acabou, o que significa que estou atrasado para meu próximo compromisso e meu pai vai ter um ataque. Você se incomodaria em emprestar o seu carregador ou me deixaria usar seu telefone para ligar para o outro cliente? — Ele entrou rapidamente no apartamento e viu Vida. Pareceu um pouco deslocado, terminou sua história e respeitosamente acenou com a cabeça. — Olá!

— Oi, sou apenas um amigo de Lucy — minha vida disse, balançando as pernas para frente e para trás no banco alto. — Não há nada de romântico acontecendo entre nós.

Donal riu.

— OK.

— Agora que você está aqui para fiscalizar a senhora louca, estou saindo. — Desceu do tamborete. — Todas estas marcas de caminhada no carpete são dela. Ela é uma andarilha doida varrida e incontrolável.

Donal estudou o chão.

— O que você estava fazendo ali, luta livre?

— Metaforicamente falando, sim — Vida respondeu.

— Você não pode ir, temos muito o que discutir — eu disse para Vida, entrando em pânico.

— Discutir o quê?

— A viagem? — E o olhei com os olhos arregalados.

Donal levantou parte do mobiliário.

— Wexford — Vida disse para Donal, entediado.

— Para um centro de aventuras ao ar livre — disse, em defesa de nossa viagem.

— Em Bastardstown, nada menos — Vida disse, levantando uma sobrancelha.

— Ah, sim, do homem que viaja, da TV — disse Donal. — Vi o anúncio. Blake alguma coisa.

— Blake Jones — eu disse, me sentindo orgulhosa.

— Sim, é isso. — Donal fez uma careta não muito boa, o que me levou a acreditar que não gostava de Blake. — “E lembre-se...” — Donal disse, colocando um sotaque elegante — “... a única sabedoria verdadeira está em

saber que não se sabe nada.”

Vida riu alto e bateu palmas.

— Isso é uma boa imitação. Não é, Lucy?

Fiz uma expressão carrancuda.

— Ele é o ex-namorado dela — Vida explicou para Donal, que, imediatamente, parou de sorrir e pareceu preocupado.

— Realmente sinto muito, não deveria ter dito nada.

— Não se preocupe — Vida disse, acenando com a mão, com desdém. — Ou, como diria Blake: “Nada do que vale a pena saber pode ser ensinado”.

Donal riu, mas transformou o riso em uma tosse, por gentileza.

— Podemos falar sobre a grande viagem amanhã. Nesse meio tempo, dê ao homem o telefone.

— Minha bateria está acabando — eu disse.

Vida me deu uma olhada e falou em um tom de aviso:

— Lucy, empreste seu telefone para o homem.

— A bateria está fraca — disse lentamente, de modo que ele entendesse.

— Bem, você é quem me fez fazer isso. — Vida se virou para Donal. — Donal, não sou amigo de Lucy. Sou a vida de Lucy. Eu a contatei para consertar a bagunça que ela fez de si mesma. Até agora, você tem feito um trabalho maravilhoso com o carpete dela. Estou gastando um tempo precioso com ela porque, agora mesmo, ela precisa de mim, embora, no momento, eu esteja considerando, seriamente, a medicação como o melhor curso de ação.

Engoli em seco.

— Você mentiu sobre a bateria de seu celular.

Abri e fechei a boca, mas nada saía. Enfiei a mão no bolso e entreguei o telefone a contragosto para Donal.

— Deixe-me levá-lo até a porta — disse, dando um passo largo para chegar até lá. Segurei-a aberta para ele. Enquanto Donal estava fora do alcance de minha voz, acrescentei em voz baixa: — Não posso pagar minha própria conta, imagine com outras pessoas fazendo chamadas.

— Tudo o que é seu é meu — Vida disse e me lançou um sorriso insolente, revelando novos dentes brancos espumantes, antes de desaparecer pelo corredor. Quando me virei, Donal estava olhando para mim com uma expressão chocada, como se tivesse visto um fantasma.

— O que houve? — perguntei, preocupada. — O que aconteceu?

— Como você conseguiu essa foto? — Ele levantou o telefone, me mostrando o par de olhos de Don Lockwood em meu protetor de tela.

— O cara que é dono dos olhos a enviou para mim — respondi, confusa. — Por quê?

A compreensão passou por seu rosto.

— Porque eles são meus.

Capítulo 18



— Do que você está falando? — Fiquei na porta, as costas pressionadas contra o batente, enquanto minha mente percorria as várias possibilidades. A emoção que perdurava, ao longo de tudo isso, era a raiva. OK, não conhecia Don Lockwood, ele era um número errado, mas havia sido honesta com ele como nunca fora com ninguém, inclusive eu, nos últimos dois anos, possivelmente em toda minha vida, e era duplamente ruim porque ele havia me enganado. — Por que ele tiraria uma foto de seus olhos e os enviaria para mim?

Ele estava sorrindo amplamente, rindo de uma piada que eu não captei.

— Não, eu tirei a foto. Eu mandei para você. Lucy, eu sou o Don.

— Não, você não é, você é Donal, sua camisa diz Donal. — E uma camisa não mentiria. Ela não podia, era uma camisa.

— Mamãe costurou isso. Ela é a única pessoa no mundo que me chama de Donal. Lucy... — Ele enfatizou meu nome e sorriu. — Claro, você é como uma Lucy.

Olhei para ele, com a boca de peixe aberta tentando compreender tudo, então ele tirou o chapéu, arrepiou um pouco o cabelo e olhou para mim. E então, bam! Seus olhos me chocaram, era quase como uma reação física, coloquei minha cabeça de volta sobre o pescoço como se tivesse levado um soco. Eram os olhos que eu estivera olhando por toda a semana, e ali estavam eles, na mesma sala que eu, em movimento, piscando, com um nariz perfeito e covinhas bonitas abaixo deles. Eu não sei se é possível para um ser humano fazer isso, mas eu derreti.

— Você me tem em seu protetor de tela — sorriu, orgulhosamente, acenando

com meu telefone no ar.

— São olhos muito bonitos. Não tão bonitos quanto a orelha, mas agradáveis de se olhar.

Ele virou a cabeça para o lado e orgulhosamente modelou sua orelha esquerda. Eu uivei como uma loba e ele riu.

— Eu sabia — ele disse, balançando a cabeça. — Continuei encafifado e sabia que conhecia você. Então não era um número errado, afinal de contas — disse ele.

— Às vezes, números errados são números certos — eu disse, principalmente para mim mesma, ecoando sentimentos anteriores de Vida. Parecia filosófico, mas, pelo menos uma vez, estava sendo literal. Ainda estava tentando compreender aquilo. — Mas o auxílio à lista me ligou com o número da companhia, não com o seu celular.

— Você ligou no fim de semana. Meu pai não trabalha nos fins de semana, então o número do escritório fica desviado para meu celular.

— Sou tão estúpida. Ouvi ruídos de bares e já presumi...

— Você não é estúpida — disse suavemente. — Você é apenas tonta.

Eu ri.

— Então nós estivemos mandando texto um para o outro estando exatamente um ao lado do outro durante todo o dia.

Eu tinha odiado a pessoa do outro lado do telefone dele e o tempo todo essa pessoa fora eu. A ironia.

— O que, por sinal, foi extremamente não profissional da sua parte — disse.

— Não posso concordar. Mas você não respondeu à minha última mensagem, o que, aliás, foi extremamente rude de sua parte. — E me entregou o telefone.

Fui ler o final da última mensagem:

“Mas o que realmente quero? É conhecê-la.”

Pensei um pouco, ele estava olhando para mim e esperando uma resposta. Em vez de responder imediatamente, escrevi uma mensagem de volta:

“OK. Encontro-o para um café em cinco minutos?”

Desliguei o telefone, ignorei-o e fui direto para o armário de onde tirei duas canecas e o pó de café.

— O que você está fazendo? — perguntou, olhando para mim.

Eu o ignorei e continuei. Em seguida, o telefone dele tocou. Eu o observei com o canto do olho. Ele leu. Escreveu. Enviou. Então, não olhou para mim e voltou direto para o trabalho, retirando os móveis da minha cama e os alinhando de volta, na frente da TV. Eu o observava enquanto esperava a chaleira ferver.

Meu telefone tocou.

“Estou terminando um trabalho. Nos vemos em cinco.”

Sorri. Continuamos fazendo o que estávamos fazendo em silêncio: eu fazendo o café, ele colocando o sofá de volta. Então, quando terminou, caminhou até a cozinha.

— Oi — disse ele. — Don Lockwood. — Estendeu a mão para me cumprimentar.

— Eu sei — disse, colocando o café para ele. — Como foi o trabalho?

Ele olhou para sua caneca como se estivesse decidindo se bebia ou não, e então a colocou sobre o balcão. Depois, pegou a caneca das minhas mãos e a colocou junto à sua. Então, se aproximou, colocou a mão no meu rosto, seus dedos me tocaram tão ternamente, se inclinou e me beijou. Desde que eu tinha 12 anos na discoteca das seis-e-trinta-às-oito-e-trinta, no centro de lazer local, quando Gerard Looney e eu babávamos um sobre o outro durante três músicas lentas consecutivas sem parar para respirar, não havia beijado alguém por tanto tempo. Mas eu não podia parar e não queria parar, por isso, apenas por uma mudança de cenário, automaticamente começamos a trabalhar nosso caminho a partir do linóleo para o carpete recentemente limpo, como se estivesse novinho

em folha, e ligeiramente úmido. Então nossos pés deixaram o chão completamente assim que desabamos sobre a cama.

— Tenho uma ideia para seu informe comercial — disse mais tarde naquela noite, deitada de lado e me apoiando sobre o cotovelo para olhá-lo. Continuei com voz de anunciante: — Vamos pegar a sujeira de seu carpete e trazer a imundície para sua cama. Vamos limpar seu carpete e seduzir sua esposa, enquanto você estiver no trabalho.

Ele riu e juntou-se a mim:

— Quer que a ajudemos a dar bom uso à sua cortina e ao seu carpete?

— Urgh! — ri, batendo nele alegremente. — Mas não tenho cortinas.

— Não — disse, achando graça. — Você não tem muito carpete também.

— Verdade. — Sorrimos.

— Então — ele disse num tom mais sério, virando de lado, e ficamos um de frente ao outro. — Fale sobre a vida.

Gemi.

— Isso é uma conversa muito séria para se ter agora.

— Não, não me refiro à sua vida, quero dizer sobre o cara que estava no apartamento. Nossa, o que você acha? Que estou interessado em você?

— Espero que não. — Ri. — Estava esperando que você estivesse apenas usando meu corpo.

— E estou. — Ele se aproximou.

— O que você sabe sobre esse tipo de coisa?

— Esse tal Vida contata você e tem que conhecê-la e fazer algumas mudanças. Eu li uma entrevista com uma mulher, numa revista, enquanto estava no dentista.

— Ela tinha um cabelo escovado para cima da cabeça e estava em pé, ao lado de um vaso cheio de limas e limões?

Ele riu.

— Não lembro os detalhes. Mas ela estava feliz depois, isso é o que lembro. — Ele ficou me olhando e eu esperava que me perguntasse se eu estava infeliz, como todo mundo fez, mas ele não perguntou, provavelmente porque eu estava tensa e rígida como uma tábua de passar ao lado dele. — Nunca conheci alguém que, realmente, tivesse se encontrado com a sua vida antes. Você é a primeira pessoa.

— Como me sinto orgulhosa...

— Bem, qualquer que seja a situação, você não deve se envergonhar.

Tranquilizei-me.

— Você está com vergonha?

— Diga-me uma piada suja ou algo assim. Esse assunto é muito sério.

— Vou me sair um pouco melhor que isso. — Senti que se movimentava para meu lado e, depois, senti um cheiro horroroso.

Eu não pude deixar de rir.

— Obrigada.

— Qualquer coisa por você — disse e beijou minha testa.

— Isso é muito gentil de sua parte. Estamos praticamente casados.

— Nada, se estivéssemos casados, eu teria feito barulho.

Foi horrível, mas eu ri, amei a proximidade e o nível de intimidade que tinha com ele, embora estivesse preocupada. Havia se passado um longo tempo desde que me deitara com um homem interessante. Havia se passado um longo tempo desde que me deitara com um homem, na verdade: aquele corretor que gostou dos meus seios há dez meses. Mas um tempo mais longo ainda desde que um homem como ele, com quem realmente me sentia em casa. E nunca trouxera um homem ao meu apartamento. Don tinha visto meu mundo, entrou na bolha que eu havia criado para mais ninguém além de mim e, embora tenha apreciado cada

segundo e não tivesse pensado em Blake uma vez sequer, agora, enquanto ele estava olhando para mim com olhos que, eu achava, pertenciam mais ao protetor de tela do meu celular e menos à minha cama, tudo o que queria era que ele saísse. Pensei que tivesse cometido um erro. A adrenalina que sentira quando descobri meus verdadeiros sentimentos por Blake, poucas horas antes, retornara. Eu estava pensando em Jenna, Jenna, a vaca da Austrália, e me perguntando se eles estavam deitados juntos daquele jeito, nus e alegres, e isso apertou meu coração.

— Você está bem? — ele perguntou com cautela.

— Sim. — Controlei aqueles sentimentos. De repente, queria ficar sozinha de novo, mas estava escuro, eram 10 horas de uma noite de domingo, não tinha certeza se ele pretendia ficar mais ou se ia pular para fora da cama a qualquer momento, me agradecendo por tudo.

— Você não disse que estava atrasado para um encontro mais cedo? — perguntei.

— Não, está tudo bem, não é importante agora.

— Eu não vou entender como pessoal — disse, me sentindo melhor. — Se há algum lugar onde você tenha que estar, sinta-se livre para sair.

— Era para eu jantar com meus pais, mas, na verdade, você me fez um favor. Sexo com uma estranha é muito mais legal.

Tentei descobrir outra maneira de fazê-lo sair; imaginar que ele quisesse ficar era demais.

— Sobre o que estava pensando alguns minutos atrás?

— Quando?

— Você sabe quando.

Eu não disse nada.

— Foi como agora, eu perdi você — disse ternamente, acariciando meu

cabelo em um ritmo hipnótico e relaxante. Lutei para manter meus olhos abertos. — Você estava aqui e depois se foi. — Falava tão suavemente, tão melodicamente, que me tornei presente novamente. Ele se aproximou e me beijou.

— Ah. Aí está você — murmurou, e então me beijou com mais intensidade.

E apesar de meus protestos emocionais internos, e apesar de me sentir rasgada por dentro, meu corpo não podia deixar de responder a ele e me perdi de novo.

Ele não roncou. Dormiu tão silenciosamente que eu mal percebia que estava lá. Sua pele estava quente, não extremamente quente como a de Blake. Manteve-se no seu lado da cama, nem um pé, joelho ou braço atravessando a linha. Sua pele cheirava a marshmallows com o gosto salgado do suor. E apesar de eu estar ali, planejando o que levar na mala, ao lado de nossas roupas espalhadas pelo chão, e trabalhando no que eu ia fazer e dizer quando me encontrasse com Blake, estendi a mão para os lençóis quentes e procurei por sua mão. O dorminhoco cheiroso silencioso abriu a mão fechada e cobriu a minha. Ficamos de mãos dadas e eu dormi. Então, Vida veio bater, ou, no meu caso, permitiu-se entrar em meu apartamento com o próprio molho de chaves.

Capítulo 19



Fui acordada pelo barulho de chaves no balcão da cozinha. Don saltou a meu lado, assustado, provavelmente desorientado, e imediatamente se sentou na cama, pronto para me defender.

— Está tudo bem — disse meio grogue. — É só ele.

— Quem? — ele disse, alarmado, como se eu tivesse um amor secreto sobre o qual não havia lhe contado, o que, tecnicamente, tinha, mas esse amor secreto não estava explodindo em meu apartamento com seu conjunto de chaves e cantando “Earthsong”, de Michael Jackson.

— Minha vida — eu disse, tentando falar com a boca fechada, para evitar lançar nele meu hálito matinal. Ofereci-lhe um sorriso de desculpas. Por minha vida tê-lo interrompido, não por meu hálito.

— Às 6 horas? — Olhou para o relógio.

— Ele é um homem tipo 24 horas por dia, sete dias por semana.

— Correto — sorriu. — Claro. Será que ele vai aprovar isso?

Vida de repente parou de cantar e o farfalhar de saco plástico também parou.

— Ouvi uma conversa? — Vida perguntou com voz cantante. — Ouvi a voz de um homem na pequena cama de Lucy?

Revirei os olhos e me enfiei sob as cobertas. Don riu e protegeu sua modéstia, puxando o lençol para cima da cintura.

— Ah, Luu-cii! — minha vida cantava, sua voz ficando mais alta conforme chegava mais perto. — Você foi uma garota malvada? Ei, é você? — Vida disse, de pé à beirada da cama. — Sim!

Tive que rir quando Vida gritou com deleite.

— Acho que você aprova — disse Don.

— Aprovar? Claro que sim. Isso significa que ela não tem que pagar pelos carpetes, pois, se assim for, seu plano funcionou, Lucy. Você deveria ter visto o que ela fez com o limpador de janelas.

Descobri minha cabeça.

— Não dormi com ele para pagar os carpetes — disse, insultada, e em seguida me virei para Don. — Apesar de que seria um gesto muito lindo, muito obrigada, Don.

Don riu. Vida sentou na borda da cama. Chutei-o para fora e ele se afastou sem luta. Então voltou com uma bandeja, que colocou no colo de Don. — Não sei se você gosta de marmelada, de geleia ou de mel, por isso trouxe os três.

— E para mim?

— Faça seu próprio café da manhã.

Don deu uma risadinha.

— Isso é ótimo, obrigado! Você faz isso para todos os homens de Lucy?

Vida se deitou na ponta da cama.

— Don, não há pão suficiente no mundo para que eu possa alimentar os amantes de Lucy.

Don riu.

— Isso não te incomoda? Tê-lo por perto? — perguntei, surpresa.

— Ele é uma parte de você, não é? — Don respondeu. Em seguida, me entregou metade de sua torrada.

Vida ergueu as sobrancelhas para mim. Queria que minha vida fosse embora e, por mais doce e maravilhoso que ele fosse, queria que Don também. Tinha que ver um homem para tratar sobre nosso amor.

— Você parece realmente difícil agora — Vida me disse, mastigando uma torrada. Olhou para Don compreensivamente. — Você deve estar pensando um monte de bobagem, não é? Tudo bem se você estiver, nós dois entendemos. Ela apenas não é uma pessoa matinal. É um pouco problemática depois da 1 hora da tarde também.

Don riu.

— Acho que ela é bonita — disse sorrindo e me entregou outra torrada.

Estava envergonhada. Vida não me deu retorno; em vez disso, me estudou.

— Obrigada! — disse baixinho, levando a torrada à boca, mas meu apetite sumiu. Ele era o certo na hora errada. Quanto mais agradável ele era, mais me sentia desconfortável.

— Então, isso significa que a nossa pequena viagem foi cancelada? — Vida perguntou, percebendo meu humor e me colocando na berlinda.

— Não — respondi sem jeito, com raiva por ele ter mencionado isso na presença de Don. — Você poderia, por favor, nos deixar a sós agora? — perguntei.

— Não — disse em tom desafiador.

— Se você não nos deixar a sós, vai se arrepender.

— Você está me ameaçando?

— Sim.

Ele deu uma mordida em sua torrada, mas não saiu da cama.

— Ótimo — disse. Atirei os lençóis e andei pelada até o banheiro, deixando Vida se engasgando com a torrada e Don berrando como um menino da faculdade.

Tomei banho sob a nova luz do banheiro, me sentindo desconfortável com minha vida e meu amante-de-uma-noite juntos, do lado de fora. Queria que a água jamais parasse de cair. Meus dedos estavam perto de se enrugarem e o

banheiro estava tão cheio de vapor que mal conseguia ver a porta, mas não podia me mover. Não poderia enfrentar Don. Queria que a água lavasse a culpa, a confusão dos meus sentimentos sobre Blake, os quais, quaisquer que fossem eles, estavam tornando insignificante o que tinha sentido por Don na noite anterior. Quando estava lavando o cabelo pela terceira vez, tive um pensamento: por que eu achava que Don queria mais de mim? Ele poderia estar perfeitamente satisfeito com uma noite. Comecei a me sentir melhor, me animei e desliguei o chuveiro. Eles estavam quietos do lado de fora. Saí do banho. As vozes começaram novamente, murmúrios tão baixos que eu não conseguia entender as palavras. Desembacei o espelho e olhei para um rosto manchado de vermelho pelo calor.

Suspirei.

— Vamos lá, Lucy — sussurrei. — Vamos apenas acabar com isso para que você possa ter Blake.

Mas, mesmo com essa ideia, senti um leve temor. Mais uma vez, não gostava do que tinha, mas não sabia o que queria, então estava, novamente, sem rumo. Quando saí para a cozinha, completamente vestida, eles ficaram quietos. Estavam sentados lado a lado no balcão, bebendo café e comendo omeletes. Olharam para mim. Os olhos de Don voaram por cima de mim com suavidade; Vida me deu uma geral, mas não pareceu muito impressionado. Senhor Pan olhou para cima, do canto dos sapatos na janela, e me monitorou como faria se eu tivesse feito xixi nas cartas, como se soubesse a coisa errada que eu fizera.

— Bem, era óbvio que estavam falando de mim — disse, caminhando até a chaleira.

— Sou sua vida e ele acabou de dormir com você, sobre o que mais falaríamos? Ele lhe deu quatro de dez, a propósito.

— Não dê ouvidos a ele.

— Nunca dou.

— Não há café no pote — disse Vida.

— Você me deixa com pouco café, mas não me faz o café da manhã? — disse a ele.

— Não fiz o café da manhã.

— Ah! — Olhei para Don.

— Está no forno — ele disse. — Aquecendo.

— Ah, obrigada. — Um comportamento muito incomum para um homem que não desejava me ver nunca mais, mas, ainda assim, eu tinha esperança de que isso fosse verdade. Muito autoconfiante, abri a porta do forno.

— Tenha cuidado, a chapa está quente — alertou Don, mas meu cérebro demorou um pouco para calcular o significado das suas palavras e já era tarde demais. Minha mão estava presa à placa. Eu gritei. Don saltou do banco e agarrou minha mão.

— Deixa eu ver — disse, sua voz e seu rosto totalmente interessados. Mesmo através da minha dor excruciante, levei apenas um instante para reparar em seu rosto, todo preocupado e bonito. Mas a dor, a dor ultrapassou toda fofura. Don segurou minha mão na sua e me encaminhou ao redor da cozinha como se fosse Ratatouille. Acabei com minha mão debaixo da água fria e Don não me soltou, mesmo quando a água ficou muito fria e eu quis tirá-la de lá. — Você tem que deixá-la aí por pelo menos cinco minutos, Lucy — ele disse severamente.

Abri minha boca, mas decidi não levantar objeções.

— Como você fez isso? — Vida perguntou, impressionado.

— O quê?

— Fazê-la não responder de volta.

Don sorriu brevemente, então se concentrou na minha mão com aquele olhar preocupado.

— Acho que vai ter que amputar — Vida disse, ainda sentado e enfiando outra garfada de ovo na boca.

— Obrigada por sua preocupação. Esta — acenei para Don — é a preocupação adequada.

— Ele acabou de dormir com você, tem que fingir respeitá-la.

Ele brincou, mas eu sabia que minha vida ficara impressionada, e poderia dizer que estava feliz. Ele estava vestindo um terno novo, azul-marinho, que destacava a cor de seus olhos, que eram indefinidos e agora estavam fortemente azuis. Seu resfriado havia desaparecido, deixando o nariz parecer menor; os dentes foram escovados, seu hálito estava melhor; resumindo, ele estava bem. Parecia feliz; brincou comigo, mas com amor. Aquilo deveria ter me feito muito feliz, mas me preocupou. Estava insegura. Alguma coisa estava errada.

— Por que você está tão bem vestido? — perguntei a ele.

— Porque vou me encontrar com seus pais esta noite — disse.

Don olhou para mim, com simpatia, acho, o que apreciei.

— Na verdade, não apenas eu. Nós vamos nos encontrar com seus pais. Liguei para a casa deles ontem e falei com uma mulher adorável chamada Edith. Ela é muito doce e ficou bastante animada por estarmos, nós dois, indo visitá-los, e disse que informaria seus pais imediatamente e prepararia um jantar especial.

Acho que tive um miniataque de pânico.

— Você tem alguma ideia do que acabou de fazer?

— Sim. Retornei as inúmeras ligações da sua mamãe para você, pode me agradecer. Sua mãe precisa de você, e você não a tem apoiado. Ela também precisa de você. — Ele olhou para Don. — Há café no tapete, sobre o tapete persa na sala de visitas. — Vida simulou uma expressão de horror e choque. — Então, dei-lhe seu número.

Fiquei mais irritada com ele por dar o número de Don para mamãe do que por marcar um jantar. Lá estava eu, tentando encontrar maneiras de me livrar de Don e ele já estava trabalhando para infiltrá-lo na casa de meus pais. Ele seria o único homem no mundo, exceto a minha vida, a estar tanto em minha casa como na

deles.

— Você não entende como isso é desnecessário. Você não tem ideia do quanto ela não precisa de mim. Ela é perfeitamente capaz de organizar seu próprio funeral sem a ajuda de ninguém. Quanto a meu pai... Jesus, o que você fez? Ele vai conhecê-lo? Ele não terá nada a dizer a você, absolutamente nada. — Apoiei a cabeça na única mão livre e, em seguida, percebi que Don estava ouvindo tudo, por isso tirei minha mão e agi como se não tivesse dito nada daquilo. Então, emendei: — Parece que o dia está agradável lá fora, não é?

Vida assentiu para Don. Don, que ainda estava segurando a minha mão sob a água gelada, fazia alguma coisa com todo o corpo, sem mover uma polegada ou dizer uma palavra, mas que me deixou saber que ele estava ali por mim.

Nós saímos, eu, Don e Vida, na manhã fria, ainda mais fria porque estávamos sob a sombra de meu prédio. Do outro lado da avenida, no parque, pudemos ver a luz do Sol, mas o Sol não chegava até onde estávamos e meu vestido se enroscava chicoteando em torno das minhas coxas, conforme o vento soprava. Minhas mãos tentavam desesperadamente mantê-lo abaixado e, embora não houvesse nada que ele não tivesse visto antes, agora era diferente.

— Gostaria de uma carona em meu carro de super-herói? — Don perguntou casualmente, mas podia dizer que ele estava se sentindo desconfortável. Ele não só estava envergonhado com seu meio de transporte, mas era a manhã seguinte à noite anterior, a noite se tornou dia e ele ainda estava com as mesmas roupas. Eu estava distante e tinha estado pela última meia hora. Não estava lhe dando muito em que se segurar.

— Não, obrigada! Tenho que dirigir até a casa dos meus pais logo depois do trabalho.

Agora, o momento estranho: nós apertaríamos as mãos, ou diríamos adeus? Sr. Don Lockwood, serei sempre grata pelo sexo ardente e espontâneo, foi realmente um prazer me familiarizar com você e com suas partes íntimas, mas, realmente, devo correr e dizer ao meu ex-namorado que ainda o amo. Até mais.

— Tenho um dia de folga amanhã e gostaria que nos encontrássemos. Vamos almoçar. Ou tomar um café, ou jantar, ou beber.

— São muitas opções — eu disse sem jeito, tentando descobrir como dizer nenhuma das opções de uma maneira educada. — Tenho que fazer uma viagem depois do trabalho e não vou estar de volta até... — Ia dizer “tarde”, mas talvez Blake me quisesse de volta ali com ele, e então teria que contratar um caminhão de mudanças para encaixotar meu apartamento e levar para Bastardstown, município de Wexford.

Isso podia parecer excitante, mas não era, porque amava meu apartamentinho e não queria deixá-lo. Será que Blake viria morar nele comigo? O Blake que conheci não teria sido visto, nem morto, em um apartamento como aquele: não havia superfície suficiente na cozinha para ele rolar a massa de pizza e, se ele a jogasse no ar, ela poderia ficar presa na barra de iluminação. Nós lutaríamos por espaço no varão da cortina (ele tinha tanta roupa quanto eu) e ele, provavelmente, não caberia na banheira estreita, quem diria nós dois juntos, como costumávamos fazer nas noites de domingo, com uma garrafa de vinho. Imaginei Jenna envolvendo as pernas em torno da cintura dele, na banheira, e meu coração começou a bombear em alta velocidade novamente. Perdi-me em minha mente tentando descobrir a logística de meu futuro com Blake em minha nova vida, enquanto Don olhava para mim.

— Claro — ele disse, me estudando um pouco intensamente demais para meu gosto. — Você vai ver seu ex.

Não sabia o que dizer, então, não disse nada. Ele limpou a garganta.

— Não é muito da minha conta, mas... — E então decidiu não tocar no assunto, talvez porque eu tivesse desviado os olhos. Seu novo tom me surpreendeu; estava imediatamente distante, um pouco endurecido. — OK, bem, obrigado por ontem à noite. — Olhei para ele, ele acenou e foi embora. Ele acenou para Vida, Vida acenou de volta, e ele entrou em seu carro, ligando o motor. Não queria que acabasse assim, embora tivesse sido eu quem levara para aquela direção, mas não consegui dizer nada. Não queria que tudo se invertesse,

assim de repente, tal como ele surgira, então o vi ir embora, me sentindo a maior filha da p* do mundo e, depois, segui para meu carro.

— Ei! — Vida correu atrás de mim. — O que aconteceu?

— Nada aconteceu.

— Ele saiu andando chateado. Vocês brigaram?

— Não.

— Será que ele pediu pra vê-la de novo?

— Sim.

— E?

— Não posso. Estamos indo embora amanhã.

Coloquei a chave na porta do carro, mas ela não girava. Batalhei com ela sob o olhar de Vida.

— Nós vamos até lá e voltaremos na mesma noite. Você estará de volta amanhã no final da noite.

— Sim, talvez.

— O que quer dizer com “talvez”?

Estava frustrada com a chave, estava frustrada com minha vida e rebati.

— Amanhã vou dizer ao amor da minha vida que ainda sou apaixonada por ele. Por um minuto, você achou que espero estar de volta amanhã à noite para ir ao encontro de um homem que dirige uma van amarela com um tapete mágico sobre ela?

Vida ficou, momentaneamente, atordoado. Então, tirou a chave da minha mão, girou-a suavemente e a porta se abriu.

— Vamos — ele disse.

— É isso? — Eu o vi andar até o lado do passageiro, calmo e sereno.

Ele encolheu os ombros.

— Sem palestras, sem psicologia estranha, sem metáforas. É isso?

— Não se preocupe, nada fala mais alto do que uma vida de arrependimento e aversão pessoal — disse isso, entrou no carro e ligou o rádio.

“Someone Like You”, de Adele, estava tocando. Ele aumentou o volume.

Eu abaixei. Ele aumentou novamente. Escutei sobre como o amor dela havia se mudado e encontrado outra pessoa, mas tive que mudar para o noticiário. Ele olhou para mim e franziu a testa.

— Você não gosta de música?

— Amo música, simplesmente não ouço mais.

Ele se virou na cadeira para olhar para mim.

— Desde quando?

Fingi pensar naquilo.

— Há cerca de dois anos.

— Dois anos, 11 meses e 20 dias, por acaso?

— Isso é um pouco específico; não sei.

— Sim, você sabe.

— OK, tudo bem.

— Você não consegue ouvir música.

— Não disse que não consigo.

Ele mudou para Adele novamente. Eu rapidamente desliguei.

— Ah! — exclamou e apontou o dedo para mim. — Você não consegue ouvir música.

— Ótimo! Tá legal, me deixa triste. Por que está tão feliz com isso?

— Não estou — rebateu. — Só estou feliz por estar certo.

Nós olhamos para lados distintos, os dois bufando. Senti que hoje seria um daqueles dias em que não amava minha vida.

Eu o perdi nas filas para passar pelo segurança e entrei na Mantic. Depois de procurar por ele em todo lugar que poderia pensar, finalmente desisti e fui ao escritório sozinha. Mas ele chegou lá antes de mim e estava sentado na cadeira de couro preto sendo questionado por Rata, que falava rapidamente o que estava lendo em uma folha de papel. Intrometida tinha o relógio de Graham na mão, definido no modo de cronômetro. Cacoete estava com o maior sorriso no rosto, bebendo de sua caneca de Melhor Paizinho do Mundo. Juntei-me a ele e observei minha vida.

— Em que ano Lucy ficou tão embriagada que foi a um estúdio de tatuagem e fez uma tatuagem de coração?

— 2000 — Vida respondeu instantaneamente.

Meus olhos se arregalaram.

— Eu era a sua especialidade.

— E onde foi feita a tatuagem?

— Na bunda.

— Seja mais específico.

Vida golpeou o ar tentando pensar.

— Eu a vi esta manhã. Ah... ah... ah, na nádega esquerda.

— Resposta correta.

Graham me olhou com olhos famintos e todos aplaudiram.

— Na tenra idade de 5 anos, Lucy fez seu primeiro papel no palco em *O Mágico de Oz*. Qual foi o papel atribuído à pequena notável Lucy?

— Um Munchkin.

— O que ela fez na noite de abertura?

— Fez xixi nas calças e teve que ser levada para fora do palco.

— Resposta... correta! — Mary riu.

— Ah, Lucy, você está aí! — Cacoete disse, finalmente me notando. — Dei uma palavrinha na cafeteria, nesta manhã, sobre sua salada de três feijões.

Tive que tirar um momento para recordar.

— Disse que uma colega minha tinha comprado a salada e que, tanto quanto pudemos ver, havia apenas dois tipos de feijão na salada de três feijões. Ela me perguntou se havia visto minha colega comer os feijões, e eu me senti ofendido e pedi para ver o gerente. De qualquer forma, para encurtar um pouco a história, porque fiquei lá um tempão...

Os outros aplaudiram outra resposta correta de Vida, mas estava tão tocada que Cacoete ainda acreditasse em mim, apesar do incidente espanhol, que não queria entrar em sintonia com eles.

— ... enquanto estava lá eles verificaram os recipientes restantes e, na verdade, você estava certa, todo o estoque de salada de três feijões consistia de apenas dois feijões. Faltava o feijão *cannellini*, que, para ser totalmente honesto, não é um feijão com que eu esteja familiarizado. — Ele estava claramente admirado com a descoberta. — Então, eu disse ao gerente: “Como você pretende compensar minha colega, que não recebeu o que foi prometido? É como torta de pastor sem cordeiro, copo de xerez sem xerez. É simplesmente inaceitável!”.

— Ah, Quentin. — Cobri minha boca e tentei não rir de seu rosto mortalmente sério. — Obrigada!

— Não precisa me agradecer... — Ele enfiou a mão no fundo da gaveta e pegou um saco de papel marrom. — Aqui está, uma salada de dois feijões de cortesia e um *voucher* para almoçar.

— Quentin... — Joguei meus braços em torno dele. — Obrigada!

Ele estava um pouco afobado.

— Obrigada por defender minha honra.

Cara de Peixe entrou no escritório e olhou para cada um, demorou um pouco mais em Quentin e em mim, de pé, longe dos outros.

— Sempre cuidarei de você, Lucy, não se preocupe — disse Cacoete, exatamente quando Edna passou.

Edna me olhou desconfiada e soube, imediatamente, que ela pensou que estávamos falando sobre como Quentin estava me protegendo sobre a inquisição espanhola.

— Sinto muito, você poderia repetir a pergunta? — Vida disse em voz alta, para que eu ouvisse.

— Que língua — Mary perguntou timidamente, mas sorrindo — o currículo de Lucy diz que ela fala, mas que, na verdade, ela não sabe nada?

— Bem, todos sabem esta! — disse Vida. — No três. Um, dois...

— Espanhol! — Todos gritaram ao mesmo tempo, incluindo Cacoete, e todos olharam para mim e riram.

Não podia fazer nada a respeito, a não ser me juntar a eles. Creio que acabara de ser perdoada.

Capítulo 20



— Então você é a vida de Lucy. — Intrometida estava sentada na borda da nova mesa de Vida, que ele havia atribuído a si mesmo, mais distante de mim. Louise se posicionara ali pelos últimos minutos e o monitorava duramente.

— Sim — ele respondeu, digitando em seu laptop sem olhar para ela.

— E este é seu trabalho? — perguntou ela.

— Sim.

— Você é a vida de mais alguém?

— Não.

— Então é só uma pessoa de cada vez.

— Sim.

— Quando ela morre, você morre?

Ele parou de teclar e levantou a cabeça lentamente. Fitou-a intensamente, mas ela não pegou a dica.

— Morre? — perguntou de novo. — E não estou querendo dizer: se vocês estiverem no mesmo acidente de carro. Quero dizer: se ela morre e você está em um lugar diferente, vai cair morto também?

Começou a digitar novamente.

Ela mordeu o chiclete, soprou uma pequena bola que estourou e ficou presa nos lábios. Raspou-a com as unhas falsas.

— Você tem família?

— Não.

Parei de trabalhar e olhei para ele.

— Você mora sozinho?

— Sim.

— Você tem namorada?

— Não.

— Você tem permissão para ter uma?

— Sim.

— Quero dizer, você é capaz de ter uma? Como, assim lá, o seu, sabe...

— Sim — ele a interrompeu. — Funciona.

— Mas você não tem...

Ele suspirou.

— Uma namorada ou um...

— Uma namorada! — ela interrompeu, horrorizada.

— Não.

— Então você mora sozinho.

— Sim.

— E sua vida gira em torno de Lucy.

— Sim.

De repente, me senti triste por ele, culpada mesmo. Eu era tudo o que ele tinha e não estava lhe dando muito. Ele olhou para cima, de repente, e eu rapidamente desviei o olhar e voltei para minha papelada.

— Você quer vir ao meu casamento?

— Não.

Louise finalmente se arrastou para longe de sua mesa, para irritar alguém mais, mas, logo que ela saiu, percebi que as teclas de seu laptop pararam de ser tecladas. Olhei para ele com o canto do olho. Ele estava olhando para a tela, mastigando o interior de sua bochecha, perdido. Estimei mal o tempo e ele captou minha atenção.

— Ele ligou?

— Quem?

— Quem você acha? O Sr. Lavagem a Seco.

Revirei os olhos.

— Não.

— Ele enviou alguma mensagem de texto?

— Não.

— Bastardo — ele disse, parecendo ofendido.

— Eu não me importo — disse, me divertindo com sua reação.

— Lucy — ele girou em sua cadeira para me encarar —, acredite em mim: se eu me importo, então você se importa. Veja. — E apontou para o queixo.

— Eeeca!

— É grande?

Ele tinha uma mancha enorme no queixo.

— Enorme — disse. — Parece uma ferida. Você está com isso porque ele não ligou?

— Não, estou com isso porque você fez algo para levá-lo a não ligar.

— Claro, a culpa é minha.

Graham tinha parado de trabalhar e estava se divertindo com nossa conversa. Em seguida, a porta de Edna se abriu e todos nós olhamos para ela. Ela olhou para mim, depois para Cacoete.

— Quentin, poderia vê-lo, por favor?

— Claro. — Ele se levantou, puxou as calças marrons até acima do umbigo, como de costume, empurrou os óculos para cima do nariz, alisou a gravata e caminhou até Edna. Não olhou para nenhum de nós, o que tornou tudo pior. Assim que a porta se fechou, pulei e engasguei.

— Ah, meu Deus, não posso acreditar nisso! — disse para os outros.

— O quê? — Mary parecia preocupada.

— Ela o chamou. — Arregalei os olhos para ela e, por algum motivo desconhecido, apontei repetidamente para a porta.

— Sim, e daí? — Louise perguntou.

— O quê? Nenhum de vocês acha que isso é um caso sério? — perguntei, atônita. Normalmente era eu quem não ficava preocupada.

Eles deram de ombros e olharam um para o outro.

— E você? — perguntei para Vida. Ele estava examinando o celular.

— Você se lembra se dei a ele meu número? Talvez ele me ligue. Ou até mesmo mande uma mensagem de texto. Seria bom, depois da noite passada.

— Quentin vai ser demitido e é tudo culpa minha! — exclamei.

Todos eles saltaram de suas cadeiras querendo saber mais, exceto Vida, que revirou os olhos para meus dramas e então voltou sua atenção para o telefone, esperando uma ligação de Don.

— Eu não posso falar com você. — Andei para cima e para baixo, torcendo as mãos. — Nós não temos tempo para isso. Tenho que pensar em uma maneira de impedir que ele seja demitido. — Olhei para todos, eles me fitavam com maçantes rostos cansados. Se pudessem pensar numa estratégia para impedi-lo de ser demitido, já a teriam utilizado para ajudar os outros que perdemos ou a estariam guardando para si. Andei mais um pouco, repassando tudo na minha cabeça.

Olhei para Vida, que olhava para seu telefone em busca de uma mensagem de texto.

— Talvez esteja sem sinal — disse para si mesmo, elevando seu telefone no ar e o chacoalhando. — Vou tentar lá fora, no corredor. — Abriu a porta e saiu da sala.

— Eu sei o que tenho que fazer — disse com firmeza.

— O quê? — Intrometida perguntou, mas eu não podia responder, já estava sendo um peso para o escritório, decidi, as palavras se formando em minha boca.

Empurrei a porta e entrei na sala. Edna e Quentin olharam para mim.

— Pode me demitir — disse com firmeza, de pé no meio de seu escritório, minhas pernas prontas para enfrentar o mundo.

— O quê? — Edna perguntou.

— Pode me demitir — repeti. — Eu não mereço estar neste trabalho. — Olhei para Quentin e esperei que ele entendesse o que ia dizer em seguida: — Sou a salada de feijão do momento. Não cumpri o que prometi, não mereço estar aqui, só apreciei estar aqui, verdadeiramente, nas duas últimas semanas. Antes disso, eu levava esse trabalho e toda a gente desse edifício como algo garantido. — Estudei o rosto de Edna e ela apenas me olhava, chocada. Precisava que ela ficasse com raiva, precisava que ela me demitisse para que Quentin pudesse ficar. Engoli em seco. — Dei apelidos para todo mundo, prefiro não dizer quais são, mas se você quiser, eu digo. — Fechei os olhos apertados. — O seu tinha algo a ver com peixe. — Abri-os novamente, constrangida. — Eu desperdiçava muito tempo. Fumava em ambientes fechados. Sou um perigo de incêndio, poderia ter matado todos nós.

Ouvi Mary ofegar atrás de mim e percebi que não havia fechado a porta e que eles todos estavam me escutando. Virei-me. Vida havia voltado ao escritório e estava olhando para mim com a boca aberta. Esperava que ele estivesse orgulhoso; não estava mentindo, estava me sacrificando, estava fazendo a coisa certa para proteger um homem inocente.

— Até a semana passada, nem sequer gostava desse trabalho — continuei, estimulada pela visão de Vida. — Eu não gostaria de ser demitida. Mas percebo, agora, que continuar aqui é injusto, pois todas essas pessoas boas estavam sendo demitidas ao meu redor e deveria ter sido eu em seus lugares. Sinto muito, Edna, e sinto muito por todas as pessoas que foram demitidas, e peço desculpas à Louise, ao Graham, à Mary e ao Quentin. Por favor, não demita Quentin, ele não fez nada de errado! Ele não sabia nada sobre a minha mentira do espanhol até aquela manhã, ele honestamente não sabia. Por favor, não o puna pelos meus erros! Pode me demitir. — Terminei e baixei a cabeça.

Houve um silêncio. É justo dizer que foi um silêncio de horror. Edna pigarreou.

— Lucy, eu não estava demitindo Quentin.

— O quê? — Rapidamente levantei os olhos e, em seguida, olhei para sua mesa; havia documentos espalhados, gráficos, instruções.

— Nós estávamos discutindo o novo manual da gaveta de aquecimento. Estava pedindo para Quentin traduzir a seção espanhola.

Eu fiz um “oh” com a boca. Quentin estava suando.

— Mas, Lucy, muito obrigado por me defender. — Ele piscou mais do que nunca.

— Eh... Por nada. — Não sabia o que fazer, por isso comecei a recuar. — Só preciso... — Apontei meu polegar para trás em direção à porta aberta.

— Eu creio — Edna levantou a voz —, tendo em conta tudo o que você disse e tudo o que ocorreu no passado, que você deveria...

Ela deixou que eu respondesse.

— Sair?

E assentiu firmemente.

— Você acha que é sensato?

Meditei um pouco. Senti-me inacreditavelmente envergonhada. Assenti e sussurrei:

— Sim. Ah, talvez seja. Vou pegar minhas coisas. — Parei. — Você quer dizer: agora?

— Acredito que seja uma boa ideia — disse ela suavemente, claramente constrangida por mim, mas, provavelmente, feliz por eu ter resolvido seu problema.

— OK — sussurrei. — Ah... Tchau, Quentin. Foi adorável trabalhar com você. — Embaralhei-me mais e estendi-lhe a mão. Ele a tomou, parecendo um pouco confuso, olhando de Edna para mim. — Ah, obrigada, Edna. Gostei de trabalhar com você — menti, logo após ter revelado que achava que ela era algo próximo a um peixe. — Talvez possa ligar para você outra vez para uma referência ou algo assim.

Ela pareceu insegura, mas apertou minha mão de qualquer maneira.

— Boa sorte, Lucy!

Virei-me então e finalmente enfrentei a todos no escritório. Eles estavam enfileirados no caminho até a porta. Vida não estava no escritório.

— Ele está lá fora — Rata me disse.

Apertei a mão de todo mundo. Mais uma vez, pela terceira vez em duas semanas, eles não sabiam se me amavam ou me odiavam. Embalei minhas coisas — não havia muito, nunca havia personalizado minha mesa — e, desajeitadamente, saí da sala, acenando, lhes agradecendo e pedindo desculpas, tudo ao mesmo tempo. Então, fechei a porta e respirei fundo.

Vida estava olhando para mim. Dizer “enfurecido” não descreveria o suficiente.

— Que diabos foi aquilo?

— Não aqui — abaixei minha voz.

— Sim, aqui. Por que diabos fez aquilo? Você estava mantendo seu emprego, não posso acreditar, mas por algum motivo, você fugiu disso. E o que você fez? Jogou tudo fora. Marchou para lá e deliberadamente jogou tudo fora. O que há com você? Por que sabota deliberadamente cada coisa boa que acontece em sua vida? — Ele estava gritando agora e eu não estava só com vergonha, também estava com medo. — Você quer ser digna de pena?

— Não.

— Eu não acredito em você.

— Claro que não quero.

— Você poderia simplesmente ignorar todo mundo por um momento e se concentrar em mim?! — ele gritou. — Pela primeira vez!

Olhei para ele imediatamente. Ele tinha 100% da minha atenção e de todos os demais.

— Pensei que você fosse ficar orgulhoso de mim. Defendi Cacoete, embora as coisas tenham mostrado que eu realmente não precisava, mas o fiz. Coloquei outras pessoas em primeiro lugar, em vez de mim mesma, e agora temos tempo suficiente para ver Blake, para que eu possa lhe dizer que o amo. Tudo funcionou de forma simplesmente... Ah, perfeita!

Ele baixou a voz, mas a raiva borbulhava de suas palavras enquanto ele lutava para mantê-las sob controle.

— O problema, Lucy, nunca foi sua capacidade de colocar outras pessoas em primeiro lugar, e sim sua total incapacidade de se colocar em primeiro lugar. Mas por mais que você tente pintar este momento como um ato altruísta de bondade, não vou deixar! Você não foi lá para defender Quentin, você foi lá para desistir de novo e eu não duvido que tenha inventado essa coisa toda apenas para ir até Blake antes.

Não podia dizer que aquilo não passara pela minha mente.

— Mas eu o amo — disse fracamente.

— Você o ama. Será que o seu recém-descoberto amor não correspondido paga as contas?

— Você fala como meu pai.

— Não, falo como alguém responsável. Sabe o que isso significa?

— Sim — disse com firmeza, ficando ereta. — Significa que eu vivo infeliz para sempre. Considerando que, agora, estou tomando de volta o controle da minha vida.

— Tomando-o de volta? Quem fez isso?

Abri minha boca e, então, fechei-a novamente.

— Por favor, não quero esse sentimento de culpa em mim! Vou arranjar outro emprego.

— Onde?

— Eu não sei onde — disse. — Vou ter que procurar, tenho certeza de que há algo realmente bom para mim. Algo pelo qual eu me apaixone.

Ele tremeu com o uso do verbo “apaixonar-se”.

— Lucy, você não se apaixona por nada.

— Por Blake.

— Blake não vai pagar as contas.

— Ele pode, se nos casarmos e se eu tiver filhos e parar de trabalhar — disse, brincando, é claro. Acho.

— Lucy, você tinha um bom emprego e o jogou fora. Parabéns! Estou tão farto de você! Quando vai crescer? — Olhou para mim com enorme decepção e então se afastou.

— Ei, para onde está indo? — Comecei a segui-lo, mas ele acelerou. Corri atrás dele, entrei com ele no elevador. Havia alguém lá dentro e, por isso, não nos falamos. Ele olhava para frente, enquanto eu o encarava e desejava que

olhasse para mim. As portas do elevador se abriram e ele correu para fora, em alta velocidade. Finalmente estávamos do lado de fora, no ar frio.

— Para onde você vai?! — gritei. — Temos que ir para Wexford! U-huuu! — gritei de novo. — Para seguir um sonho. Vê? Vida? Tenho sonhos! — Corri atrás dele como um cachorrinho.

— Não, Lucy, você tem que ir para o jantar com sua família.

— Você quer dizer, nós temos que ir para o jantar com minha família.

Ele negou com a cabeça.

— Eu desisti.

Correu em direção à parada de ônibus. Um ônibus rapidamente veio, estacionou e ele entrou. Fiquei sozinha no estacionamento e o perdi de vista.

Quando voltei para o apartamento, tentei ignorar a cama desarrumada enquanto fazia a minha mala para Wexford. Não havia nenhuma razão para esperar até o dia seguinte para ver Blake se não tinha mais um trabalho; oficialmente, não havia mais nada ali para me segurar, além de jantar com meus pais naquela noite... e um gato. Bati na porta de Claire e esperei, ouvindo a música do *In the Night Garden* ao fundo. Finalmente Claire atendeu. Ela parecia exausta.

— Olá, Lucy.

— Você está bem?

Ela concordou, mas seus olhos se encheram de lágrimas.

— É sua mãe?

— Não. — Uma lágrima correu pelo rosto dela e ela não se preocupou em limpá-la. Não sabia se ela percebera que eu estava ali. — Ela está realmente ficando cada dia melhor, é só Conor, ele não está, você sabe, bem.

— Certo.

— E não tenho dormido muito. — Enxugou mais ou menos o rosto. — O que

posso fazer por você?

— Ah, quer saber, você tem muitas coisas com que se preocupar, está tudo bem. — Recuei.

— Não, por favor, preciso de uma distração, o que é?

— Tenho que sair por alguns dias e queria saber se você poderia cuidar do meu gato. Não espero que ele fique em seu apartamento ou algo do tipo, basta verificar como ele está, de vez em quando. Talvez levá-lo ao parque, quando você for, e alimentá-lo?

Ela estava me olhando com raiva.

— O quê? O que foi que disse? Você não tem um gato! — ela exclamou, os olhos escuros.

— Ah! Esqueci que você não sabia. — Abaixei minha voz. — Eu já o tenho há anos, mas, se alguém descobre, serei expulsa do prédio e isso, simplesmente, não parece valer a pena — brinquei e, em seguida, fiquei séria. — Você não se importa por eu ter um gato, não é?

— Eu nunca o vi.

— Ele está bem atrás de mim.

— Não, ele não está. Lucy, o que você está fazendo não é engraçado.

— Eu não estou fazendo nada. Do que você está falando?

— Você estava falando com Nigel?

— Nigel? Quem é Nigel? Deveria ter falado?

— Meu marido! — disse com raiva.

— Não! Não tenho nem ideia do que você está falando. O que... — Mas não tive chance de terminar a frase, porque ela bateu a porta na minha cara. — O que...? — Quando me virei para interrogar Senhor Pan sobre o que ele havia feito para a pobre Claire, finalmente entendi. Senhor Pan não estava lá, fugiu para o corredor deixando-a pensar que estava pedindo a ela para cuidar de um

gato invisível. Sentindo-me cruel, mesmo que não tivesse sido minha intenção, corri atrás dele e o encontrei exatamente aos pés de um vizinho ranzinza que nunca havia falado comigo.

— Ah, meu Deus! — disse em estado de choque. — É um gato de rua? Como ele chegou aqui? Ou talvez seja ela? Quem pode saber? Deixe eu apenas me livrar dele por você. — Segurei Senhor Pan em meus braços e corri de volta para meu apartamento, murmurando: — Gato de rua sujo, nojento, horrível. — Para que qualquer um e todo mundo ouvisse.

Capítulo 21



Sentei-me à mesa de jantar, na casa de meus pais, e lutei contra o desejo de me impacientar com tudo. Juntei as mãos sobre a mesa e contive a ansiedade que sentia. Ainda não tinha encontrado coragem para lhes dizer que, mais uma vez, estava sem vida, não porque a havia empurrado para baixo do tapete, como costumava fazer, mas porque Vida discordara de minhas decisões e me deixara. Eu o perseguira com telefonemas durante toda a tarde, num esforço fingido de pedir desculpas, mas, na verdade, era para ver se poderíamos cancelar o jantar em família. Ele não atendeu ao telefone e, depois de seis tentativas, o desligou. Não deixei mensagem; não conseguia encontrar as palavras porque não lamentava o suficiente para pedir seu perdão, e ele sentiria que não era genuíno. Não era uma boa situação para se estar, não era nem engraçado nem inteligente. Uma coisa era ignorar sua vida, outra, bem diferente, era sua vida ignorar (e, depois, abandonar) você. Se a vida tinha desistido de mim, que chance eu tinha?

A noite estava muito fria para comer do lado de fora, portanto, Edith decidira servir na sala de jantar, a sala mais formal da casa de meus pais, e usada apenas para ocasiões especiais. Inicialmente, pensei que ela estava tentando me dar o troco por roubar seu bolo e presenteá-lo à mamãe como meu próprio presente, feito em casa, assim como o buquê de flores da última vez; mas, observando-a, senti que ela estava realmente animada para encontrar o hóspede muito especial e queria que ele recebesse o maior e o mais tradicional dos acolhimentos Silchester. Mamãe também não havia economizado nos preparativos, na medida em que todas as salas que partiam do hall de entrada tinham um vaso de cristal Waterford cheio de flores frescas, a mesa de jantar estava coberta com uma toalha de linho branco, a melhor prataria disposta, seu cabelo estava recém-escovado, e ela estava usando um conjuntinho de vestido e casaco de tweed da

Chanel, rosa e turquesa, com uma de suas dezenas de pares de sapatilhas. A maioria das pessoas chama suas salas de jantar de “a sala de jantar”, ou, em algumas casas, de “a mesa da cozinha”; nós, no entanto, chamávamos nossa sala de jantar de Sala Carvalho. Graças ao grande escritor que vivera ali antes de nós, as paredes da sala de jantar eram painéis que iam do chão ao teto em madeira de carvalho, e as luminárias de cristal, na parede, brilhavam sobre a cara e eclética coleção de pinturas, algumas abstratas, algumas de homens com bonés de tweed abaixados enquanto trabalhavam nos pântanos em Mayo.

— Posso ajudar? — perguntei à mamãe, quando ela flutuou para a sala pela terceira vez, carregando uma bandeja de prata para adicionar à mesa de condimentos, que era mais do que qualquer ser humano poderia precisar na vida. Havia pequenas taças de prata de molho de hortelã, mostarda, os grãos inteiros e o molho, azeite, maionese e ketchup, todos com colheres de prata minúsculas colocadas ao lado deles.

— Não, querida, você é nossa convidada. — Ela perscrutou a mesa. — Aceto balsâmico?

— Mamãe, está tudo bem, realmente, acho que há muita coisa sobre a mesa.

— Ele pode gostar de um pouco de aceto balsâmico para aquela salada de dois feijões adorável que você trouxe para mamãe, Lucy — disse Riley, inflamando a tensão, não os condimentos.

— Sim. — Mamãe olhou para Riley. — Você está certo. Vou buscá-la.

— Ela gosta de salada — defendi meu presente para ela.

— E ter vindo em um recipiente de plástico do refeitório de seu trabalho a torna ainda mais especial. — Sorriu.

Eu não lhes havia dito que minha vida não viria para o jantar, em parte porque não sabia se ele viria, mas, principalmente, porque, estupidamente, pensei que não faria muita diferença se ele aparecesse. Pensei que, quando chegasse a hora, poderia pensar em uma desculpa educada da razão de ele não ter vindo, mas julguei mal a situação. Não esperava tal ansiedade da parte deles para se

familiarizarem com minha vida. Havia um zumbido no ar, uma emoção e, surpreendentemente, quase um nervosismo. Era isso. Mamãe estava nervosa. Ela estava correndo por ali, tentando se certificar de que tudo estava perfeito, em um esforço para agradar minha vida. Edith também estava ansiosa, o que me surpreendeu. Tecnicamente, era a mim que eles estavam tentando agradar e não podia fazer nada, exceto me sentir lisonjeada, mas, principalmente, sabia que estava em apuros. A notícia não ia ser boa e, quanto mais eu deixasse aquilo prosseguir, pior ficaria.

O interfone do portão tocou e mamãe olhou para mim como um cervo travado nos faróis.

— Meu cabelo está bom? — Fiquei tão surpresa com o comportamento dela (os Silchester não ficam nervosos) que não pude responder; por isso, ela correu para o espelho dourado acima da lareira de mármore gigantesca e ficou na ponta dos pés para ver o topo de sua cabeça. Lambeu o dedo e colocou um fio de cabelo no lugar. Olhei as configurações de mesa para oito pessoas e, de repente, fiquei nervosa.

— Pode ser o homem do tapete — disse Edith, tentando acalmar mamãe.

— Homem do tapete? Que homem do tapete? — perguntei, minha pulsação começando a acelerar.

— Seu amigo. Vida gentilmente me deu o número de uma empresa de tapete que disse que fez maravilhas em seu apartamento, embora eu preferisse que ele viesse após o jantar. — Franziu a testa enquanto examinava o horário novamente. — Devo dizer que foi tão agradável falar com ele ao telefone! Estou realmente ansiosa para conhecê-lo pessoalmente. Sei que vou amá-lo! — Mamãe franziu o rosto e encolheu os ombros para mim, de maneira adorável.

— O homem do tapete?

— Não, sua vida — riu.

— O que aconteceu com o tapete, Sheila? — minha avó perguntou para mamãe.

— Café no tapete persa na sala de desenho. Uma longa história, mas preciso desesperadamente daquilo limpo até amanhã porque Florrie Flanagan vem nos visitar. — Olhou para mim. — Lembra-se de Florrie? — Neguei. — Você se lembra, sua filha Elizabeth acabou de ganhar um menino. Eles o chamaram de Oscar. Não é um nome ótimo?

Eu me perguntava por que ela nunca perguntava a Riley se o nascimento de qualquer criança era bom. Ouvimos passos vindo em direção à porta. Vi como mamãe respirou profundamente e sorriu, se preparando, e tentei pensar, rapidamente, no que fazer se Don ou minha vida entrasse pela porta. Não precisei me preocupar quando Philip colocou a cabeça na porta. Mamãe respirou.

— Ah, é você.

— Bem, obrigado pela recepção calorosa — disse Philip e, conforme avançava para o interior, sua filha de 7 anos de idade, Jemima, o seguia. Ela estava serena como sempre, sem expressão, exceto por um olhar calmo ao redor da sala. Então seus olhos se arregalaram ligeiramente e se acenderam quando ela viu Riley e eu.

— Jemima — mamãe disse, correndo em sua direção para um abraço. — Que surpresa adorável!

— Mamãe não podia vir hoje e, por isso, papai me disse que poderia vir com ele — disse em sua voz suave.

Riley fez um movimento como se ninasse um bebê e tentei não rir. Majella, esposa de Philip, tinha se transformado ao longo dos últimos dez anos, tinha mudado tanto que não havia uma parte de sua pele que pudesse se mover voluntariamente. Philip era um cirurgião plástico e, embora ele sempre alegasse que fazia apenas cirurgia reconstrutiva, Riley e eu nos perguntávamos se ele tinha se tornado cirurgião plástico por causa de sua esposa, algo com que meu pai ficaria horrorizado. Sempre senti que, como resultado da cirurgia de Majella, sua filha Jemima, seguindo seu exemplo, estava completamente sem expressão. Quando estava feliz, parecia serena; quando estava com raiva, também parecia

serena. Ela não chorava, não sorria muito abertamente, a testa raramente se enrugava, assim como sua mãe *botocada*. Jemima bateu as mãos com Riley no caminho ao redor da mesa até que chegou perto de mim. Minha avó fez som de desaprovação.

— Olá, Pato Puddle — disse, dando um grande abraço nela.

— Posso me sentar a seu lado? — ela perguntou.

Olhei para mamãe, que parecia confusa e começou a apontar nomes e lugares, e a pensar em voz alta, daquela forma que as mães fazem. Finalmente, ela disse que sim e Jemima se sentou a meu lado. Mamãe voltou a ajustar as facas e os garfos, que já estavam perfeitamente arrumados. Ela parecia distraída. Os Silchester não se distraíam.

— A empresa de tapete disse quem enviariam?

— Eu falei com um homem chamado Roger. Ele disse que não trabalha até tarde da noite, mas que seu filho viria aqui.

Meu coração pulou e depois caiu no abismo; depois se levantou e ficou subindo e descendo como se fosse uma boia em alto mar. Estranhamente, fiquei animada de poder vê-lo, mas não queria que fosse aqui.

Mamãe continuou a mover facas e garfos perfeitamente colocados ao redor da mesa.

— Como estão indo os planos de casamento, mamãe? — Philip perguntou.

Quando mamãe levantou os olhos, tinha uma expressão um tanto dolorida, mas que desapareceu tão rapidamente que tive que me perguntar se estivera lá, afinal.

— Tudo está indo muito bem, obrigada. Encomendei tanto o terno de Riley como o seu. São sublimes. E Lucy, recebi suas medidas por Edith, obrigada. Escolhi um tecido maravilhoso e realmente não queria encomendar seu vestido sem mostrá-lo a você primeiro.

Eu não havia enviado minhas medidas, devia ter sido Vida, o que me

aborreceu (e agora entendi por que acordara com uma fita métrica enrolada no peito), mas estava aliviada por poder aprová-lo antes que ela o encomendasse.

— Obrigada!

— Mas a costureira me disse que, se não encomendasse até segunda, o vestido não ficaria pronto a tempo, então, tive que lhe dizer para ir em frente. — Ela parecia um pouco preocupada. — Tudo bem? Liguei várias vezes, mas você estava ocupada, provavelmente com... Como devemos chamá-lo, querida?

— Você não tem que chamá-lo de nada — disse com desdém, rangendo os dentes. — Tenho certeza de que o vestido será adorável.

Riley deu uma risadinha.

— Ele vai manchar — minha avó disse, voltando à vida. — Guarde minhas palavras, aquele tecido vai manchar. — Ela se virou para mim e disse: — Lucy, não podemos estar sentados à mesa com um convidado sem saber seu nome.

— Você pode chamá-lo de Cosmo.

— Do que posso chamá-lo? — Riley perguntou.

Jemima riu sem mover sua testa. Um feito surpreendente da natureza, já que ela não tinha uma gota de veneno de rato aplicada sob a pele.

— Que tipo de nome é esse? — minha avó perguntou, enojada.

— É um primeiro nome. Cosmo Brown é o seu nome completo.

— Ah, igual ao homem do filme... — Mamãe começou a estalar os dedos enquanto tentava lembrar. Minha avó olhou para ela com mais nojo ainda. — Donald O'Connor fez esse papel em... — Ela estalou, estalou, estalou. — *Cantando na chuva!* — finalmente lembrou, e riu. Então, cheia de preocupação novamente, perguntou: — Ele não tem alergia a nozes, não é?

— Donald O'Connor? — perguntei. — Não sei, acho que ele faleceu há alguns anos.

— De nozes? — Riley perguntou.

— Acho que foi de insuficiência cardíaca congestiva — disse Philip.

— Não, quero dizer, seu amigo, Cosmo — disse mamãe.

— Ah, não, ele está vivo!

Riley e Philip riram.

— Não me preocuparia com ele — disse. — Não é bom que estejamos todos aqui reunidos, independentemente de ele estar aqui ou não?

Riley percebeu meu tom e se inclinou para frente, para captar meu olhar.

— Eu não faria isso.

No mesmo instante, Edith correu para a sala de jantar, as bochechas coradas. — Lucy — disse suavemente —, gostaria de saber a que horas seu amigo vai chegar. É que o cordeiro está pronto, como o Sr. Silchester gosta, e ele tem um telefonema importante às 8 horas em ponto. — Olhei para o relógio. Vida estava dez minutos atrasado e meu pai só tinha alocado trinta minutos para o jantar em sua programação.

— Diga ao Sr. Silchester que ele pode atrasar o telefonema — mamãe disse rispidamente, o que surpreendeu a todos nós — e que ele pode comer sua carne um pouco mais bem passada do que de costume.

Estávamos todos em silêncio, incluindo minha avó, o que era algo inédito.

— Algumas coisas são mais importantes — mamãe disse, endireitando as costas e arrumando a prataria novamente.

— Talvez pai possa se juntar a nós agora e meu amigo pode se juntar a nós mais tarde. Não há nenhuma razão para esperar, já que parece que ele vai se atrasar bastante — eu disse a Edith, dando-lhe meu olhar de emergência, o que esperava que ela interpretasse como: “Ele não vem, socooorro!”.

No mesmo instante, o interfone do portão tocou.

— É ele! — Mamãe disse com entusiasmo.

Olhei pela janela e vi a van amarela brilhante de Don, com o tapete mágico se

tornando, lentamente, vermelho flamejante, o que parecia que estava em um espeto no portão. Levantei-me e puxei as cortinas sobre as três grandes janelas, fechando-as dramaticamente.

— Vou cumprimentá-lo. Vocês todos, fiquem aqui.

Riley ficou me observando.

— Quero que seja uma surpresa completa — eu disse e então corri para fora da sala e fechei a porta. Estava passando pelo hall de entrada quando Edith saiu da cozinha para se juntar a mim.

— O que você está fazendo?

— Nada — disse, roendo as unhas.

— Lucy Silchester, eu a conheço por toda a sua vida e sei que você vai aprontar alguma. Tenho um minuto para buscar seu pai, então preciso saber se deveria estar preparada.

— Ótimo — sibilei. — Minha vida e eu tivemos uma briga e ele não virá hoje.

— Hora misericordiosa! — Edith segurou a cabeça entre as mãos. — Por que você simplesmente não contou para eles?

— Por que você acha? — sibilei.

— Então, quem é esse aí? — Ouvimos o carro parar no estacionamento, o motor sendo desligado.

— O homem do tapete — sussurrei.

— E por que isso é ruim?

— Porque dormi com ele na noite passada.

Edith gemeu.

— Mas estou apaixonada por outra pessoa.

Ela se lamuriou.

— Eu acho.

Ela choramingou.

— Ah, Deus, o que vou fazer? Pense, pense, pense, Lucy!

Então, instantaneamente, tive um plano. Ela deve ter visto isso na minha cara.

— Lucy — ela disse em um tom de aviso.

— Não se preocupe. — Agarrei as mãos dela e as segurei apertado. Olhei-a bem nos olhos. — Você não sabe de nada, ninguém lhe disse nada, você não é responsável, não tem nada a ver com você, tudo é decisão minha.

— Quantas vezes na minha vida ouvi essas palavras?

— Não foi sempre, né?

Os olhos de Edith se arregalaram.

— Lucy Silchester, de todas as coisas que você já fez, esta é a pior.

— Eles nunca saberão. Prometo — disse, em uma tentativa de acalmá-la.

Ela choramingou e se arrastou para buscar meu pai.

Caminhei apressadamente para fora e fechei a porta da frente atrás de mim. Don estava saindo de seu carro e me olhou com surpresa.

— Olá, bem-vindo a meu retiro de campo! — disse.

Ele sorriu, mas não tanto quanto costumava. Subiu os degraus em minha direção e, de repente, tive um desejo enorme de beijá-lo. Não sabia o que dizer, mas de dentro da casa pude ouvir a porta da sala de estudo de meu pai se abrir e também ouvi seus passos pelo corredor.

— Lucy o está recebendo lá fora agora, senhor. — Pude ouvir Edith dizendo, ofegante, enquanto tentava alcançá-lo.

— Ótimo. Vamos apenas encarar esse absurdo e acabar logo com isso, vamos! — ele disse.

Nós dois ouvimos.

— Sinto muito sobre essa manhã — falei, sentindo verdadeiramente cada uma

daquelas palavras.

Don me estudou, para ver se eu realmente sentia cada uma daquelas palavras.

— Disse que eu era uma bagunça. Não que isso torne tudo melhor, mas sou. Não sei o que quero. Pensei que soubesse. Mas Vida me mostrou que eu não sei. Não tenho a menor ideia do que estou fazendo e preciso descobrir. Estou tentando descobrir.

Ele assentiu, me observando um pouco mais.

— Você ainda ama seu ex?

— Creio que sim. Mas não sei.

Ele ficou quieto por um momento.

— Sua vida me disse que ele pode ter uma nova namorada.

— Minha vida tem uma?

— Não, Blake. Ele me disse quando você estava no chuveiro.

— Esta é uma possibilidade muito forte.

Ele olhou ao redor da propriedade e, em seguida, voltou-se para mim.

— Eu não te amo, Lucy. — Fez uma pausa. — Mas sei que gosto de você. Bastante.

Coloquei minha mão sobre o coração.

— Essa é a coisa mais bonita que alguém já me disse.

— Não quero ser usado em algum experimento na sua vida.

— Você não está sendo usado.

— E não quero ser o segundo melhor.

— Você nunca seria. Só sinto que preciso amarrar algumas pontas soltas em minha vida, isso é tudo.

Ele pareceu satisfeito com o que disse. Não havia nada mais que eu poderia

pensar em dizer. Olhou ao redor da casa.

— Você está nervosa com isso?

— Completamente. Não estive em um relacionamento por três anos, estou cometendo cada pequeno erro que poderia cometer.

Ele sorriu.

— Não, quero dizer, sobre sua vida conhecê-los?

— Ah, não. Não estou nervosa. Apenas doente.

— Vai ficar tudo bem, ele vai conduzir bem toda a conversa.

— Ele não está aqui e não acho que virá. Perdi meu emprego hoje e Vida não está falando comigo. — Engoli em seco em seguida, percebendo quão afundada estava naquilo. Seus olhos se arregalaram.

— Há algo que eu possa fazer para ajudar?

Todos estavam sentados à mesa quando coloquei minha cabeça para dentro da sala. Pai não estava na cabeceira da mesa, que fora deixada livre para Vida, o que me surpreendeu.

— A todos, sinto muito por atrasá-los! Pai, sei que tem um telefonema importante daqui a pouco, não vamos impedi-lo de fazê-lo, mas gostaria de lhe apresentar... Abri a porta totalmente e puxei Don para dentro.

— Esta é a minha família. Minha família — olhei para Don —, esta é minha vida.

Ele sorriu e suas covinhas apareceram em seu rosto. Então ele riu, e pensei que não seria capaz de fazer aquilo por nada no mundo.

— Sinto muito — ele parou de rir. — Estou muito honrado em conhecê-los.

Estendeu a mão para Jemima.

— Olá.

— Jemima — ela disse timidamente, dando um aperto de mão.

— Prazer em conhecê-la, Jemima.

Don se moveu e mamãe pulou de seu assento. Minha avó não se mexeu, apenas estendeu a mão molemente.

— Victoria — ela disse.

— Vida de Lucy — ele disse.

— Sim. — Ela olhou para ele de cima a baixo e puxou a mão.

— Sou Riley. — Riley se levantou e lhe deu um aperto de mão firme. — Tenho uma jaqueta igual a essa.

— Que coincidência! — eu disse, conduzindo Don até mamãe.

— Sim, eu a deixei exatamente lá fora... — Riley olhou para a porta fechada na direção do corredor. Enquanto Don e mamãe apertavam as mãos, Riley abriu as cortinas. Olhou pela janela, viu a van de Don e me deu um olhar de advertência. Devolvi-lhe outro e ele apenas olhou de Don para mim, assentiu e tomou seu lugar. Todos estavam tão ocupados observando Don, e cumprimentando Don, que perderam nossa troca de olhares secreta.

— Este é o pai de Lucy, Sr. Silchester — mamãe disse a Don.

Don olhou para mim, enquanto caminhava até meu pai. Apertei os lábios e tentei não rir enquanto ele fazia o mesmo. Então, ele tomou seu assento na cabeceira da mesa.

— Vocês têm uma casa linda — disse, olhando ao redor. — Isso é carvalho?

— Sim — mamãe disse, entusiasmada. — Nós a chamamos de Sala Carvalho.

— Somos um grupo criativo — eu disse, e Don riu.

— Então nos diga: você e Lucy estão se dando bem? — Mamãe perguntou, as mãos entrelaçadas.

— Lucy e eu — Don olhou para mim e meu coração acelerou — estamos nos dando muito bem, obrigado. Ela é incrivelmente energética — disse, e Riley deslizou um pouco mais em sua cadeira. — Assim, é difícil acompanhá-la, mas

sou, simplesmente, louco por ela — disse sem tirar os olhos de mim. Eu não conseguia parar de olhar para ele.

— Isso não é lindo... — sussurrou mamãe, não querendo quebrar o feitiço. — Estar apaixonada pela vida, posso ver isso no rosto dela. Isso não é algo incrível?

Desliguei-me dele num estalo, quando percebi que mamãe estava me encarando.

— Sim, bem... — Limpei a garganta, enquanto sentia todos os olhos em mim e minhas bochechas ardiam. — Por que não lhe contamos um pouco sobre nós?

— Bem, Sr. Silchester e eu estamos renovando nossos votos — mamãe disse, toda animada. — Não é verdade, Samuel?

Meu pai disse um sim longo, preguiçoso e apático. Don, muito compreensivo, assumiu que fosse uma piada e riu; mas, como não era, seu riso foi equivocado e deslocado. Mamãe disse, um pouco embaraçada:

— É o nosso trigésimo quinto aniversário este ano e pensamos que seria uma boa maneira de celebrar.

— Parabéns! — Don disse educadamente.

— Obrigada! Convidei Lucy para ser minha dama de honra. Espero que você venha. — Don olhou para mim, se divertindo.

— Tenho certeza de que Lucy está muito animada com o evento.

— Perdoem minha ignorância sobre o assunto, mas quanto tempo você planeja ficar por aqui? — mamãe perguntou.

— Gostaria de ficar por um bom tempo — Don disse, e senti seus olhos em mim novamente. — Mas Lucy é quem vai decidir.

Rapidamente olhei para Riley, que piscou para mim e, apesar dos meus planos de voltar com Blake, não pude deixar de sorrir.

Edith entrou com um carrinho de tigelas e uma terrina de sopa gigante. Entregou as taças e começou a despejar.

— Abobrinha e ervilha — ela disse a Don e, em seguida, me disparou um olhar de advertência para me deixar a par de que ela não queria fazer parte daquela armação.

— Huuumm... — eu disse, exagerando. — Meu favorito. Obrigada, Edith.

Ela me ignorou, servindo a sopa e me deixando por último. O interfone zumbiu novamente.

— Deve ser o limpador de tapetes — mamãe disse e olhou para Edith. — Edith?

— Vou mostrar a sala de visitas para ele — disse Edith, me olhando assustada.

Eu estava um pouco preocupada. Se Vida havia, de fato, decidido aparecer, ele não ficaria feliz sendo levado para uma sala com um tapete sujo para limpar ou com a mentira majestosa que eu tinha contado. Mas não poderia ser ele: ele me abandonou, me deixou sozinha para lidar com a minha família; ele seria uma vida preguiçosa e tola, caso voltasse atrás da enorme lição que estava me dando. A menos que ele tivesse sentido uma mentira, é claro, o que significaria que era o momento perfeito para chegar, para que eu pudesse aprender uma lição ainda maior.

— Você já esteve no local de trabalho de Lucy? — Philip perguntou e meu coração acelerou.

— Sim — interrompi —, e, realmente, é engraçado você mencionar isso, mas tenho uma notícia. — Tentei fazê-la soar positiva; más notícias embaladas para presente. Precisava dizer tudo aquilo, no caso de Vida invadir, tentando me tirar daquela mentira gigantesca.

— Você ganhou uma promoção — mamãe se antecipou excitada, quase gritando.

— Na verdade, não. — Olhei para Don nervosa, buscando apoio moral, e, em seguida, me voltei para mamãe. — A partir de hoje, não trabalho mais na Mantic.

Ela fez um “oh” com a boca.

— E onde você trabalha agora, então? — Riley perguntou, esperando a boa notícia.

— Ah... Em nenhum lugar ainda.

— Sinto muito por ouvir isso, mas eles tinham uma verdadeira hemorragia de dinheiro há anos, mais cortes de emprego sempre foram esperados.

Eu estava grata a Philip por dizer aquilo.

— Eles ofereceram um pacote de demissão? — Riley perguntou, preocupado.

— Na verdade, não, porque eu saí, foi minha decisão.

Meu pai bateu com o punho na mesa. Todo mundo pulou, todos os talheres e os potes de condimento se agitaram no linho branco.

— Está tudo bem, querida — disse Philip para Jemima, que estava de olhos arregalados e olhando para seu pai com terror. Pelo menos imaginei que fosse terror, pois seu rosto não estava se movendo muito, a não ser os olhos. Coloquei meu braço nos ombros dela, de maneira protetora.

— É isso que está fazendo? — pai gritou com Don.

— Talvez não devêssemos falar sobre isso agora — eu disse suavemente a meu pai, esperando que ele captasse meu tom.

— Acho que este é o momento perfeito para falar sobre isso — ele explodiu.

— Jemima, venha comigo — disse Philip e a retirou da sala, sob a desaprovação da minha avó. Quando a porta se abriu, vi Edith conduzir Vida para dentro da casa. Vida me viu exatamente quando a porta estava se fechando.

— Bem, me responda — pai disse, condescendente, para Don.

— Nós não estamos no tribunal agora — eu disse, mal conseguindo respirar.

— Não ouse falar assim comigo em minha casa.

Eu o ignorei, continuei a tomar minha sopa, mas todo mundo ficou em

silêncio e ninguém se moveu. Pai raramente perdia a paciência, raramente transbordava, mas, quando o fazia, era poderoso. Ele havia transbordado agora, podia perceber em sua voz; a raiva estava crescendo também e, embora eu tentasse manter a calma, não consegui, e senti meu nervosismo crescer.

— Ele não tem nada a ver com isso — disse baixinho.

— E por que não? Ele não deveria ser responsável pelas suas decisões?

— Não, porque ele não é realmente a minha...

— Não, está tudo bem, Lucy — Don me interrompeu. Não sei se era porque ele estava com medo ou se era porque não estava, mas quando olhei para ele, não vi nenhum medo, apenas aborrecimento e o desejo de me proteger.

— Qual é, exatamente, seu papel aqui? — meu pai perguntou.

— Meu papel — Don olhou para mim — é fazê-la feliz.

— Bobagem.

— E quando ela estiver feliz, vai encontrar o caminho certo — disse Don. — Eu não me preocuparia com Lucy.

— Eu nunca ouvi alguém falar tão absoluta bobagem. Isso é um disparate! Se, de fato, você deve ajudá-la em seu caminho, você não está falhando?

— E como você avalia suas habilidades no papel como pai dela? — ele disse, com raiva na voz. Ele estava me protegendo, mas não sabia contra o que estava indo. Ele mal me conhecia, mas eu sentia que ele me conhecia melhor do que qualquer um naquela mesa. Meus olhos se arregalaram. Não acreditava que ele dissera aquilo. Não consegui olhar para ninguém, não sabia o que eles podiam estar pensando.

— Como você se atreve a falar assim comigo?! — meu pai gritou e se levantou. Ele era um homem alto e parecia ser um gigante ao lado de todos nós à mesa, agora que estava de pé.

— Samuel — mamãe disse, calmamente.

— Lucy deixou o emprego porque ela não era feliz — Don continuou. — Não vejo qualquer mal nisso.

— Lucy nunca está feliz com o trabalho. Lucy é preguiçosa. Lucy nunca vai encontrar nada a que se dedicar. Nunca se dedicou a si mesma. Ela se afastou de tudo e de todos que já foram importantes em sua vida. Desperdiçou a boa educação que nós lhe demos, está vivendo como uma porca numa casa do tamanho dessa sala, e é uma decepção e uma vergonha para o nome da família. O que, claramente, sendo sua vida, é o que você é.

Os Silchester não choram. Os Silchester não choram. Os Silchester não choram. Era um mantra que tive que repetir em minha mente depois que cada palavra desagradável foi dita, mas sabia que minha paranoia estava certa, era tudo o que pensava que ele sentia por mim e agora ele estava dizendo em alto e bom som. Para mim e para a pessoa que ele pensava que era minha vida, mas que era, na verdade, um homem por quem eu nutria sentimentos. Foi mais que humilhante, mais que doloroso, foi a pior coisa que acredito ter ouvido em toda minha vida. Pior do que Blake me deixando, pior do que perder cada trabalho que já tive.

— Estou cansado de seu comportamento, seu fracasso constante em se dedicar, sua incapacidade de se comprometer. Nós viemos de uma longa linha de sucessos. Aqui, nesta sala, Philip e Riley mostraram ser homens competentes e trabalhadores duros, enquanto Lucy tem falhado uma vez após a outra em alcançar as alturas para as quais temos lhe dado as ferramentas e mostrado o caminho, dentro de nossa capacidade, para ela chegar. Sheila, tenho me colocado para trás e seguido o curso que você acredita ser o correto a ser seguido, mas é óbvio que, quando guiada por seus próprios recursos, Lucy não consegue encontrar uma direção. Por isso, o que me resta é encontrá-la por ela.

— Lucy não é uma criança — disse Don. — Ela é uma mulher adulta. Acho que ela é bem capaz de tomar as próprias decisões.

— E você, senhor — meu pai levantou a voz ainda mais, de modo que tinha certeza que deveria estar ecoando pelo vale —, já não é bem-vindo em minha

casa.

Silêncio. Eu mal podia respirar.

Sua cadeira raspou toda a madeira enquanto ele a empurrava para trás da mesa.

— Foi um prazer conhecê-lo — disse suavemente. — Obrigado por sua hospitalidade. Lucy?

Ele estava me pedindo para sair com ele e eu não queria mais nada além de sair da sala, mas não conseguia olhar para cima. Simplesmente não podia enfrentar nada. Se ficasse quieta, talvez eles se esquecessem que eu estava ali. Senti lágrimas quentes prestes a cair e não poderia deixá-las cair, não na frente dele, não na frente de ninguém, nunca, nunca, nunca.

— Vou mostrar-lhe o caminho — mamãe disse, sua voz, um sussurro. Sua cadeira não raspou na madeira, ela a levantou apenas a quantidade adequada para evitá-lo e, calmamente, saiu da sala. Quando a porta se abriu, vi Vida no corredor, pálido. Eu o havia deixado para baixo também.

— Lucy, no meu escritório, agora! Precisamos traçar um plano para você.

Eu não conseguia olhar para ninguém.

— Seu pai está falando com você — minha avó disse.

— Pai, acho que você deve permitir que Lucy termine o jantar e deve discutir isso depois — Riley disse com firmeza.

Permitir a Lucy. Permitir a mim.

— Edith pode esquentar o jantar depois, isso é importante.

— Na verdade, não estou com fome — disse baixinho, ainda olhando para meu prato.

— Você não é uma decepção, Lucy — Riley disse suavemente. — Pai está preocupado com você, é só isso.

— Eu quis dizer o que disse — pai respondeu, mas ele estava sentado e agora

sua voz já não estava explodindo.

— Nenhum de nós pensa que você é uma desgraça. Lucy, olhe para mim — disse Riley novamente.

Eu não conseguia. Mamãe voltou para a sala, mas ela não se sentou, ficou na porta avaliando o ambiente, enfiando o dedo na sopa para sentir a temperatura.

— Sinto muito — disse, minha voz trêmula — se tenho sido um desapontamento para vocês. Edith, obrigada pelo jantar. Desculpe, mas não posso ficar. — Levantei-me.

— Sente-se — meu pai sibilou. Era cortante como um chicote. — Sente-se agora!

Fiz uma pausa, depois continuei a caminhar até a porta. Não consegui olhar para mamãe quando passei por ela e, gentilmente, fechei a porta atrás de mim.

Vida e Don ficaram um ao lado do outro no corredor, olhando para mim.

— Desculpe o atraso — disse Vida. — O taxista se perdeu. Perdi alguma coisa?

— Devo dizer a ele onde está o tapete persa? — Don perguntou.

Ambos tinham reflexos perversos nos olhos, mas gentileza na entonação. Estavam tentando me animar. Pelo menos, eles me fizeram sorrir.

Capítulo 22



— Don, sinto muito — disse imediatamente, ignorando minha vida por um momento. — Foi uma ideia estúpida. — Ainda estava abalada. — Não sei por que pensei que daria certo.

— Relaxe — ele disse e senti sua mão nas minhas costas. — Daqui a pouco, você vai jantar com os meus pais para fingir ser a namorada de longa data e, atualmente, grávida, que tenho fingido ter. — Olhei para ele com medo. — Estou brincando — sorriu. — Mas isso sim mexeria com a vida deles!

A porta da Sala Carvalho se abriu e nós todos nos viramos. Mamãe apareceu, a mão ainda sobre o peito como se esse movimento sozinho fosse capaz de lhe trazer o fôlego de volta, como se estivesse mantendo todas as suas emoções sob controle, contendo seu coração para que ele não se movesse, não sentisse, só bombeasse o sangue para mantê-la viva e inexpressiva, e sem emoção, e apropriada.

— Lucy, querida — disse; em seguida, prestou atenção aos dois homens que estavam à sua frente e depois, com toda sua *finesse*, falou para Vida: — Ah, olá! Você deve ser o limpador de tapetes. — A ironia.

— Na verdade, eu sou o limpador — Don disse, se lembrando, em seguida, de tirar o casaco de Riley, que estava cobrindo o emblema do tapete mágico em sua camiseta. — Ele é a vida de Lucy.

— Ah... — ela disse observando-o, com a mão ainda no peito. Não parecia constrangida por ter confundido Vida com o limpador de tapete, mas deveria estar.

— Mãe, este é Don — disse. — Don é um amigo. Ele é um bom amigo que

decidiu entrar no último minuto porque nosso convidado não poderia fazê-lo e eu não queria deixar todos tristes. Desculpe-me, mamãe, não queria lhe dizer que ele não poderia vir hoje. Vi como você estava animada.

— Sinto muito sobre aquilo lá dentro — disse Don, humilde e contrito.

— Foi ideia minha, eu é que tenho que pedir desculpas — me desculpei, ainda me sentindo trêmula e um pouco fraca, querendo apenas sair dali, mas não sabia como.

— Devemos pegar um chá para você — disse Edith, de repente a meu lado, o que significava que ela havia permanecido ali, escutando a conversa.

— Sim, isso é uma boa ideia — mamãe finalmente falou e eu não sabia se ela precisava do chá mais do que eu. — Sou Sheila, mãe de Lucy — disse, estendendo a mão para minha vida. — É um prazer conhecê-lo. E, Don — sorriu calorosamente —, está sendo adorável ter você em nossa casa. Sinto muito que a acolhida não tenha sido tão calorosa como deveria ter sido, mas você ainda está cordialmente convidado para a cerimônia de renovação do casamento.

Era insuportável ter que ouvir o bate-papo educado que estava ocorrendo. Edith estava cumprimentando Vida e Don, lhes oferecendo chá, discutindo os tipos de biscoito e, pela maneira que mamãe estava falando, sabia que ela estava tentando descobrir se era apropriado que Don realmente limpasse o carpete ou se deveria deixá-lo ir embora. Então, Vida e mamãe estavam falando sobre flores para a cerimônia e Don estava olhando para mim. Sabia disso não porque estava olhando para ele, mas porque podia vê-lo pelo canto do olho. E enquanto essas conversas estavam acontecendo, podia escutar as palavras de meu pai, altas e sucintas na minha cabeça. Vida se aproximou de mim.

— Você disse uma mentira muito grande.

— Não estou com disposição para isso — disse baixinho. — E qualquer coisa que você diga não vai tornar esse momento pior.

— Não estou tentando torná-lo pior. Estou tentando torná-lo melhor. — Vida limpou a garganta e, pressentindo algo importante, mamãe terminou sua

conversa com Don e Edith.

— Lucy sente que ela nunca é boa o suficiente para qualquer um de vocês.

Houve um silêncio desconfortável e senti meu rosto corar, mas sabia que merecia. Uma grande mentira merecia uma grande verdade.

— Tenho que ir — eu disse.

— Ah, Lucy! — Mamãe olhou para mim, arrasada, mas então algo estalou dentro dela: o interruptor Silchester foi acionado e ela me deu um sorriso largo. — Eu os acompanharei até a porta.

— Você não merecia aquilo — disse Vida, do banco do passageiro, enquanto nós nos dirigíamos pelas montanhas Wicklow de volta para a autoestrada.

Foi a primeira coisa que ele disse nos quinze minutos em que estávamos no carro; na verdade, fora a primeira coisa que qualquer um de nós tinha dito desde que entramos no carro. Ele não tinha nem tentado ligar o rádio, o que apreciei, porque já havia bastante barulho dentro da minha cabeça. Era principalmente o som da voz de meu pai, suas palavras se repetindo, uma após outra, e eu sabia que não voltaria mais ali. Ele tinha dito tudo o que disse, sem dificuldade, sem emoção; e, com certeza, não tinha raiva, aquilo não foi impulsionado por mágoa, pois a mágoa o levaria a dizer coisas que não queria dizer. Ele quis dizer cada palavra e eu apostava que ele não voltaria atrás até o dia em que morresse. Não tinha como voltar atrás, não queria que Vida voltasse comigo, mas ele insistiu e eu queria sair de lá tão urgentemente que não me importaria se houvesse um tigre de Bengala no banco de trás.

— Tive o que merecia, contei uma mentira.

— Quero dizer que você não merecia o que seu pai disse.

Não respondi.

— Para onde vai?

— Não estou no clima para uma conversa psicológica profunda, por favor.

— Que tal geográfica, então? Você perdeu o retorno para a autoestrada.

— Ah...

— Eu suponho que nós estamos indo para Wexford agora?

— Não, vamos para casa.

— O que aconteceu com o encontro com o amor de sua vida?

— A realidade aconteceu.

— O que quer dizer...

— Ele mudou e eu também preciso mudar.

— Então, você vai ligar para Don?

— Não.

— Ah, então agora você não é boa o suficiente para ninguém.

Não respondi, mas estava gritando: “Sim!!!” em minha cabeça.

— O que seu pai disse não é verdade, você sabe.

Não disse nada.

— OK, então eu posso ter perdido a paciência com você antes e também posso ter dito algumas coisas injustas.

Olhei para ele.

— OK, definitivamente disse algumas coisas injustas, mas quis fazê-lo.

— Que tipo de desculpa é essa?

— Não é uma desculpa. Só estou dizendo que você não deveria ter deixado seu emprego antes de ter conseguido outro, mas é isso, qualquer coisa a mais que seu pai tenha dito não é verdade.

— Eu não posso pagar meu aluguel. Nem sei se tenho dinheiro suficiente para nos levar a Wexford neste carro de merda, mesmo se quisesse ir. Não tenho dinheiro suficiente para pagar Don, o que certamente vou fazer. Deveria ter

ficado no trabalho pela estabilidade financeira. Deveria ter procurado outro trabalho enquanto estava nesse trabalho. É o que deveria ter feito. Teria sido a coisa responsável a se fazer.

Vida ficou em silêncio, o que significava que concordava. Não estava prestando atenção na estrada, por isso peguei um retorno errado e me encontrei em uma estrada que não reconhecia. Fiz uma meia-volta e peguei a próxima à direita. Mais uma vez, era um território desconhecido. Virei na garagem de alguém, voltei para a estrada. Olhei para a esquerda e para a direita. Descansei a cabeça no volante.

— Estou perdida.

Senti a mão de Vida sobre minha cabeça.

— Não se preocupe, Lucy, você encontrará o caminho certo, estou aqui para ajudá-la.

— Bem, você tem um mapa? Porque quero dizer que, geograficamente, estou perdida.

Ele rapidamente tirou a mão da minha cabeça e olhou para a esquerda e a direita.

— Ah! — Então olhou para mim. — Você parece cansada.

— Estou. Não dormi muito na noite passada.

— Informação demais. Deixe que eu dirija.

— Não.

— Posso dirigir. Você se deita no banco de trás e eu levo a gente para casa.

— Eu não posso nem esticar meu braço no banco de trás, quem dirá me deitar.

— Você sabe o que quero dizer, descanse. Desligue a mente por um momento.

— Você sabe dirigir?

Ele enfiou a mão no bolso interno e pegou mais papelada. Ofereceu-me. Nem

quis olhar, estava cansada demais para ler.

— Isso me permite dirigir qualquer veículo, desde que esteja de acordo com a assistência e o desenvolvimento de sua vida.

— Qualquer veículo?

— Qualquer um.

— Até motos?

— Até motos.

— Tratores?

— Até tratores.

— Quadriciclos?

— Até quadriciclos.

— E barcos, você pode dirigir barcos?

Ele olhou para mim com exaustão, então, desisti.

— Ótimo. Ele é todo seu. — Saí do carro e tentei me encaixar no banco de trás.

E, assim, Vida assumiu o assento do motorista.

Acordei com torcicolo, a cabeça doendo onde tinha sido pressionada e batido várias vezes contra o vidro frio e duro com os solavancos na estrada, e meu pescoço estava ardendo onde o cinto de segurança havia se esfregado continuamente contra minha pele. Levei um tempo para perceber onde estava. No carro, com Vida ao volante, que estava cantando com Justin Bieber em uma voz tão aguda que rivalizava com qualquer menino de 6 anos de idade que tivesse sido socado nas bolas.

Estava escuro lá fora, o que não era estranho, já que havíamos deixado Glendalough às 8 horas e, apesar de um carro normal, sem problemas psicológicos, levar menos de uma hora para chegar ao meu apartamento, custaria

um pouco mais para o complexo Sebastian. Em uma noite de verão de junho, não ficaria escuro antes das 10, então, estava esperando certa quantidade de trevas, mas não aquela. Estava muito escuro, o que significava que tínhamos viajado muito mais do que uma hora, e eu não via nenhuma luz, exceto uma luz oval em uma varanda ou um quadrado de luz de uma janela distante, o que significava que não estávamos em Dublin. Então, paramos de nos mover, mas o motor continuou funcionando. Havíamos chegado a algum lugar, embora não estivéssemos em lugar nenhum. Olhei para Vida, que tirara seu iPhone do painel e estava olhando para o GPS. O alarme soou. Parecendo satisfeito, ele deu seta a ninguém, porque não havia ninguém na estrada, o carro avançou de novo e manteve uma velocidade constante. Inclinei-me e falei ao ouvido de Vida.

— Onde estamos?

— Jesus! — gritou, assustado, e perdeu, momentaneamente, o controle do volante, quando se virou para ver quem estava gritando com ele. O carro foi desviando para a esquerda e ele rapidamente agarrou o volante e girou para a direita, impedindo que caíssemos em uma vala no último segundo; mas ele puxou muito para a direita e nos mandou voando para o lado oposto da estrada. Apesar do cinto de segurança, fui lançada para a esquerda, como uma boneca de pano, depois fui empurrada contra o banco da frente e despencamos na vala.

Então, paramos e tudo ficou em silêncio, exceto Justin Bieber, que estava cantando sobre sua “Baby, baby, baby”.

— U-huu! — Vida disse.

— U-huu... — repeti, puxando o cinto de segurança para longe do meu corpo, para que ele não ameaçasse mais me amputar. — U-huu? Estamos presos numa vala, no meio do nada. Que diabos você pensa que está fazendo?

— Você me deu um susto! — disse com o orgulho ferido. — E, de qualquer maneira, não estamos no meio do nada, estamos no meio de Wexford. — Ele se virou para mim. — Surpresa! Estou ajudando você a seguir seu sonho.

— Estamos presos em uma vala.

— Irônico, não é?

Lutei contra o cinto de segurança para tentar me libertar daquela posição inclinada, mas estava preso.

— Você pode dar ré para sairmos daqui? — perguntei, cheia de frustração. O cinto, finalmente, clicou e, despreparada, fui de cara contra o encosto de cabeça na minha frente, meu nariz esguichando. Olhei pela janela. A única coisa que indicava nossa posição era uma casa ao longe e eu conseguia ver, também, algumas janelas iluminadas.

— Você não pode dar ré para sair de uma vala. Pelo menos não neste carro. Acho que o problema foi que saí da autoestrada muito cedo. Agora, deixe eu ver... — murmurou para si mesmo, enquanto se atrapalhava com o navegador por satélite.

Abri a porta. Ela abriu em uma fenda pequena, mas alguma coisa atrás dela a impedia de se abrir totalmente. Estava tão escuro que não enxergava através da janela, por isso abaixei e enfiei a cabeça para fora. Era uma árvore que havia caído e agora estava ali, uma pilha emaranhada de galhos e folhas mortas bloqueando meu caminho. Agarrei o teto e saí do carro pela janela. Então, tentei descobrir como tirar o resto de meu corpo para fora. Tentei me retorcer e tirar uma perna para fora, mas foi complicado. Tirei uma das mãos do teto para ajudar a pressionar minha perna dobrada para fora da janela aberta. Não foi uma boa ideia, porque perdi o controle e caí para trás, saindo do carro e caindo direto na árvore, o que doeu muito mais do que qualquer dor que tinha sentido nos últimos tempos. Os Silchester não choram, mas amaldiçoam e gritam para os altos céus. Ouvi uma porta de carro ser fechada com estrondo e, daí, Vida estava sobre mim, me olhando do alto da vala. Ele estendeu a mão.

— Você está bem?

— Não — resmunguei. — Como você conseguiu sair do carro?

— Pela outra porta.

— Ah.... — Não tinha pensado nessa hipótese. Estendi a mão e Vida me tirou

da vala.

— Você quebrou alguma coisa? — perguntou, verificando minhas costas. — Além da árvore, mais nada?

Balancei um pouco, me estiquei, testei todas as articulações.

— Acho que não.

— Se você consegue fazer isso, confie em mim, está bem. Fisicamente, pelo menos. Examinou o carro com as mãos no quadril. — Nós não estamos muito longe da pousada, pelo que registrei; poderíamos andar até lá.

— Andar? Com esses sapatos? E não podemos deixar o carro aqui na vala.

— Vou chamar o socorro na volta para casa.

— Não vamos pedir ajuda, podemos fazer isso nós mesmos. Você e eu. Vamos. — Eu o empurrei à ação e logo eu estava ao volante do carro, enquanto ele tentava nos empurrar. Então, quando vi que não estava funcionando, ele ficou ao volante do carro e eu empurrei. Quando isso também não deu certo, nós dois empurramos. Quando isso também não funcionou, pegamos nossas malas e nos arrastamos pela estrada seguindo o GPS do iPhone de Vida. Quando digo "estrada", uso o termo generalista, era mais uma faixa de terra ou uma trilha, uma superfície para animais de fazenda e tratores viajarem, mas não para uma mulher calçando anabela e vestido envelope, com dor nas costas e galhos no cabelo. Caminhamos por 45 minutos antes de encontrarmos a pousada, que estava ofuscada por um motel na autoestrada. Vida me olhou pedindo desculpas. A pousada era um bangalô, com tapetes e papel de parede fora de moda e cheiro de odorizador, antigo, mas limpo. Como eu não tivera nenhum jantar de micro-ondas e comera apenas algumas colheres da sopa de ervilha e abobrinha, ainda que estivesse demasiadamente atordoada para saborear enquanto meu pai gritava insultos para mim, estava faminta. A dona da casa tostou alguns sanduíches de presunto, trouxe um bule de chá que caiu perfeito e um prato de biscoitos do tipo que eu não comia desde que tinha 10 anos. Sentei-me na cama e tentei ajeitar os cabelos. As palavras que meu pai dissera não se calavam em minha cabeça, que

estava oca e vazia, um lugar estéril apropriado para que palavras ecoassem por toda a eternidade.

— Pare de pensar em seu pai — Vida disse.

— Você lê mentes? — perguntei.

— Não.

— É porque, às vezes, você diz exatamente o que eu estou pensando. — Olhei para ele. — Como faz isso?

— Acho que pego o que você está sentindo. Mas é óbvio que estaria pensando em seu papai. Ele disse coisas duras.

— Pai — eu o corrigi.

— Você quer falar sobre isso?

— Não.

— Então, seus pais são ricos — Vida disse, falando sobre isso de qualquer maneira.

— Afortunados — disse automaticamente, sem pensar, pois era uma resposta automática.

— Perdão?

— Eles não são ricos, são afortunados.

— Quem lhe disse para dizer isso?

— Mamãe. Fui a um acampamento de verão quando tinha 8 anos e as outras crianças diziam que eu era rica porque tinham me visto saindo de um BMW, ou o carro que tivéssemos na época. Nunca havia pensado naquilo antes, o dinheiro nunca fora um problema, nunca fora uma preocupação.

— Porque você o tinha.

— Talvez. Mas acabei usando a palavra no nosso café da manhã anual de solstício de inverno com os Maguire. Disse que éramos ricos e os meus pais

olharam para mim de tal forma que soube que nunca mais deveria usar tal palavra. É como se tivesse cometido uma injúria, ou algo do tipo. É uma expressão suja: ser rico.

— Que outras regras eles colocaram em sua cabeça?

— Um monte.

— Como...

— Não colocar os cotovelos na mesa, não dar de ombros ou apontar com a cabeça... Não beber poitín com nove homens em um celeiro. — Ele olhou para mim. — É uma longa lista. Sem queixas. Sem emoção alguma, nenhuma expressão de si mesmo. Você sabe, o hábito.

— Você seguiu todas elas?

— Não.

— Você quebrou todas elas?

Eu pensei na regra sobre chorar, que nunca foi, tecnicamente, uma regra, apenas um hábito aprendido. Nunca os vi chorar, nem mesmo quando os pais deles morreram; eles permaneceram estoicos e apropriados, como sempre.

— Apenas as mais importantes — respondi. — Nunca vou desistir de meu direito dado por Deus de beber com nove homens em um celeiro.

O telefone de Vida tocou.

Ele leu, sorriu, e mandou uma mensagem de volta imediatamente.

— Estou nervosa com amanhã — revelei.

Seu telefone tocou novamente e ele voou para ver, ignorando minha grande revelação. Sorriu de novo, mandou outra mensagem de volta, imediatamente.

— Quem é? — perguntei, me sentindo estranhamente enciumada por não ter toda sua atenção pela primeira vez.

— Don — disse, concentrando-se nas mensagens de texto.

— Don? Meu Don?

— Se você quer ser “psicoticamente” possessiva sobre outro ser humano, então, sim. Seu Don.

— Isso não é ser psicótica, eu o conheci primeiro — bufei. — Mas, então, o que ele está dizendo? — Tentei ver a tela de seu telefone, mas ele o moveu para longe de mim.

— Não é da sua conta.

— Por que você está enviando mensagens?

— Porque nós nos damos bem e tenho um monte de tempo para ele. Nós vamos sair para beber alguma coisa amanhã à noite.

— Amanhã à noite? Você não pode, ainda estaremos longe e, mesmo assim, o que está pensando? Isso não é um conflito de interesses?

— Se você está se referindo a Blake, não tenho interesse nele, então não, não há conflito.

Estudei-o. Sua linguagem corporal havia mudado: ele enrijeceu a coluna e foi para longe de mim.

— Você realmente não gosta dele, não é?

Ele deu de ombros.

— O que acontecerá se ele e eu, você sabe, voltarmos a ficar juntos? — O simples pensamento fez meu estômago se agitar. Pensei em seus lábios perfeitos me beijando toda. — Como você se sente sobre isso?

Ele fez um bico e ficou pensando.

— Se você estivesse feliz, não me incomodaria, suponho.

— Você teria que estar feliz também, não? Porque quando estou feliz, você está feliz. Mas se eu estiver com ele e você não estiver feliz, pois bem, isso significaria que eu não o amo realmente, não é?

— Não significaria que você não o *ama*. Significaria que, de alguma forma, não é certo e não deveria acontecer.

— Estou nervosa. — Primeiro, estava nervosa por ver Blake novamente. Quero dizer, faz bastante tempo e, a não ser pela TV, não estive em nenhum lugar perto dele. Nunca passei por ele na rua, nunca cruzei com ele em um bar. Nunca ouvi sua voz ou, ah, meu Deus, e se ele não me quiser aqui? E se ele der uma olhada em mim e se afastar rindo da minha cara? E se ele realmente amar essa garota e quiser passar o resto de sua vida com ela? Olhei para Vida, chocada e aterrorizada com todos aqueles novos pensamentos. — E se depois de todo esse tempo, eu ainda não for boa o suficiente? — Meus olhos se encheram de lágrimas e as forcei a saírem novamente.

— Lucy — Vida disse gentilmente —, se não der certo, não é porque você não é boa o suficiente.

Achei difícil acreditar naquilo.

Capítulo 23



Não dormi muito aquela noite. Vida não estava roncando, mas fiquei acordada mesmo assim, me assombrando com perguntas, medos e pensamentos totalmente inúteis. Quando me levantei, havia chegado à conclusão de que, se tudo não corresse bem naquele dia, todas as acusações de meu pai seriam confirmadas de fato. Voltar a ficar com Blake, de alguma forma, tornou-se meu único caminho para consertar tudo. Perdê-lo foi o que me levou a derrapar na pista com a minha vida, então, se pudesse tê-lo de volta, entraria no rumo certo novamente. Blake não tinha um emprego formal, mas meu pai sempre gostara dele. Por mais estranho que pareça, ele até participou de alguns dos nossos jantares na fábrica de pão convertida em casa. Meu pai gostava da atitude positiva de Blake, de seu direcionamento, de sua ambição. Ele sabia que Blake estaria sempre interessado em algo e faria de tudo para ter sucesso. Apreciava o fato de ele ter objetivos, de escalar montanhas, de correr maratonas, de ser bem-sucedido quando o assunto eram os desafios físicos pessoais. É claro que, se Blake fosse médico, advogado ou físico nuclear, meu pai ia gostar ainda mais dele e ia me amar por eu estar com ele. Mas, então, Blake me dispensou e as coisas que meu pai adorava em mim acabaram, assim como seu amor.

Apesar de ter ficado acordada a maior parte da noite, fui a última a me levantar e tomar banho, e vaguei pelo corredor, seguindo as vozes. Na parte de trás da casa, em um conservatório luminoso e arejado que servia de sala de café da manhã, Vida estava sentado a uma mesa compartilhada com outras quatro pessoas, com um prato cheio de comida diante dele.

— Bom dia — disse olhando para mim, antes de enfiar uma colherada de feijão na boca.

— Opa! — falei e fiquei observando seu rosto.

Ele olhou para os outros antes de continuar a comer o resto do café da manhã. Havia duas porções de cada comida no prato dele.

Puxei uma cadeira, me sentei ao lado dele e cumprimentei a todos. Os três garotos e a garota pareciam estudantes universitários, não tinham mais de 20 anos nem menos de 17, estilo surfistas, os garotos tinham cabelos compridos e a garota, curtos. O bate-papo estava fluindo a mais de cem quilômetros por hora enquanto eles se provocavam e trocavam expressões ofensivas. Não havia mais de dez anos entre nós e me senti como se estivéssemos vivendo em planetas diferentes. Aproximei-me de Vida para que eles não me ouvissem.

— O que aconteceu com seu rosto?

Vida olhou para mim irritado e terminou de comer.

— Não é apenas meu rosto, é meu corpo inteiro! — Puxou a gola da sua camiseta nova para baixo e vi que as manchas vermelhas estavam por todo o peito dele.

— É brotoeja — respondeu.

— Que merda!

— Estresse. De você se revirar a noite toda, se convencendo de que tudo em seu mundo será definido a partir desse momento.

— Uau! — disse e olhei para ele. Além da mancha, ainda tinha aquela erupção enorme no queixo, desde que Don não ligou. — Uns pontinhos vermelhos têm outros pontinhos de cor púrpura.

— Você acha que eu não vi isso? — sussurrou. Seu rosto inteiro ficou momentaneamente ainda mais vermelho, como se estivesse prestes a sufocar.

— Tudo isso é por causa de Blake?

— Blake, seu trabalho, seu pai, sua família...

— Don?

— Don é a única pessoa que me anima e, como você o abandonou, estou me sentindo pior.

— Eu não o abandonei. — Quis dizer que não tínhamos nada para abandonar, mas Vida entendeu errado.

— Não, você acabou de colocá-lo em espera enquanto verifica a outra linha. Como se você fosse algum tipo de telefonista de 1950.

Fiz uma careta.

— Tudo bem, saia com Don então, se ele o faz se sentir tão feliz.

— E eu vou — retrucou. — Hoje à noite. Então, é melhor você falar rapidamente com Blake, pois não vou ficar à toa outra noite.

— Não se preocupe, posso tentar encobrir suas berebas com pó.

— Não estou falando disso — sussurrou novamente, seu rosto ficando roxo.

Ele estava mais parecido com o Vida que eu havia conhecido no primeiro dia; tragicamente, estávamos regredindo. A dona da casa me perguntou o que eu gostaria de comer. Olhei para o café da manhã de Vida.

— Algo saudável — disse criticamente. — Vou querer granola, por favor.

— De micro-ondas? — ele disse em voz alta, me lembrando o que eu comia todo santo dia.

— Vou começar a cozinhar de novo — disse em minha defesa. Ele bufou.

— Enchi sua geladeira com frutas e legumes frescos todos os dias; todos apodreceram e tive que jogá-los fora.

— Sério?

— Você nem os viu lá dentro! Você só abre o freezer!

— Vocês estão indo para o centro de aventuras também? — perguntou a moça que estava à mesa.

Vida, rudemente, a ignorou, sem vontade de falar com ninguém, a menos que

fosse para me atormentar.

— Sim — sorri, ansiosa por ver Blake. — Todos vocês estão indo para lá?

— É a segunda vez este mês, mas é a primeira de Harry.

Eu poderia dizer quem era Harry, pois o louro a meu lado ficou vermelho quando todos começaram a vaiá-lo e a empurrá-lo, bagunçando seus cabelos e o deixando ainda mais descabelado.

— Harry morre de medo de altura — explicou a garota para mim, com um sorriso largo. — Se ele saltar, Declan prometeu raspar as sobrancelhas.

— E as bolas — disse o ruivo, e foi a vez de Declan ficar um pouco envergonhado, quando todos o vaiaram.

— Você está fazendo aulas? — Era uma pergunta para Harry.

— Não, a mãe de Harry raspou as bolas dele toda a vida, então ele já sabe o que fazer — disse o ruivo atrevido e todos riram outra vez, inclusive Harry.

— Vamos fazer um salto duplo — a garota me respondeu.

— O que é isso? — Vida perguntou, comendo um *croissant* de chocolate. Cravei os olhos nele, mas ele colocou tudo na boca.

— Salto duplo é quando duas pessoas saltam ligadas a um único sistema de paraquedas — expliquei. — Você só precisa fazer vinte minutos de treinamento antes do salto.

Vida fez uma careta.

— Quem, em sã consciência, ia querer fazer isso?

Harry parecia concordar com Vida, mas não disse nada.

— Fazíamos isso o tempo todo. — Sorri para a lembrança de Blake e eu nos batendo juntos em direção à terra, querendo voltar para o alto logo que aterrissávamos.

— Que romântico! — Vida disse sarcasticamente. — É uma pena que o

paraquedas não deixou de abrir — disse isso e pegou um *muffin* de chocolate na cesta. Novamente, meu olhar não foi capaz de detê-lo. — O que que foi? Estou deprimido!

— Bem, você precisa sair dessa fossa porque vai precisar de toda a energia que tem para me ajudar.

— Você pode pegar uma carona com a gente, se quiser — disse a garota. — Nós viemos com a van da mãe de Declan. Há espaço de sobra.

— Ótimo, obrigada — me animei.

De carro, da pousada até o centro de aventuras, eram apenas cinco minutos. Meu estômago se retorcia a cada cinco segundos. Estava bastante inquieta e não era porque estava precariamente empoleirada numa pilha de pranchas de surf que ficava saltando e estava prestes a cair, apesar da condução muito cuidadosa de Declan. Harry estava sentado a meu lado, pálido, como não poderia deixar de estar.

— Vai ficar tudo bem. Isso vai ajudá-lo a superar o medo de altura.

Ele me olhou desconfiado. Então, quando os outros estavam ocupados com o jeito de conduzir de velho de Declan, ele me disse baixinho:

— E se eu passar mal no ar?

— Você não vai — disse, confiante. — Não há sensação de mal-estar. Skydiving é algo constante, por isso não faz seu estômago se sentir como se estivesse passando por uma lombada ou uma colina.

Ele assentiu com a cabeça e, um segundo depois, perguntou:

— E se o paraquedas não abrir?

— Vai abrir e, mesmo se um não abrir, há dois paraquedas que serão meticulosamente revisados por pessoas altamente qualificadas. Conheço o cara que cuida do lugar e ele é perfeito, quero dizer, ele é perfeccionista.

Ele pareceu um pouco mais aliviado, mas não completamente.

— Como você o conhece?

Pensei sobre aquilo e, então, disse com firmeza:

— Não o vejo há quase três anos, mas sou apaixonada por ele.

Harry olhou para mim como se eu fosse uma pessoa estranha e murmurou:

— Sim, bem, as pessoas podem mudar muito em três anos. — Ele me deixou pensando naquilo e se juntou aos outros dois, que estavam fingindo roncar enquanto Declan dirigia.

— Bem, essa situação disse tudo — falou Vida, sentado num *banana boat* meio inflado atrás de mim. Apesar do mau humor, ele estava bonito, de jeans novo, tênis esportivo e camisa polo. Conseguira disfarçar um pouco da vermelhidão do rosto com pó, mas ainda estava meio manchado. Parecia que ele queria dizer alguma coisa.

— Não entendi.

— Ah, nada!

— Vai, diz logo!

— É que o pobre Harry tem medo de avião e você acabou de dar a sua palavra de que Blake é “perfeito” — disse ironicamente e revirou os olhos.

— O quê? Blake é o cara mais perfeito que conheço.

— Ele também é um mentiroso. Pena que você não disse isso ao garoto.

Eu o ignorei o resto do caminho. O centro esportivo era um lugar bem simples.

— Isso é um banheiro químico? — Vida disse, saindo da van e se juntando a mim.

— Não é um banheiro químico — respondi, irritada, avaliando os novos negócios de Blake. Era mais do que uma construção modular. Na verdade, eram duas. Uma delas era claramente a recepção e a entrada, e a outra tinha banheiros e vestiários.

— Foi com isso que você sonhou?

Não foi, mas o ignorei. Pelo menos Blake tinha realmente feito algo que queria fazer, ao contrário da maioria das pessoas no mundo. Ao contrário de mim. O nervosismo ainda estava lá, mas estava animada; mantive na cabeça a imagem pausada de Blake e Jenna brindando em Marrocos e a segurei na mente. Era por isso que estava ali, para separá-los, para fazê-lo perceber que me amava. Eu mudara muito em nossos dois anos, 11 meses e 21 dias separados, e queria que ele visse isso.

Segui animada o Quarteto Fantástico (ou, pelo menos, os três caçadores de aventura e um Harry petrificado) até a cabine. Havia uma máquina de doces e de salgadinhos, garrafas de chá e café, e cadeiras de plástico encostadas nas paredes.

— Ah, talvez eu possa ver um médico e perguntar a ele sobre minhas manchas, né? — Vida ironizou o lugar mais uma vez.

As paredes estavam cobertas de fotografias emolduradas de Blake e algumas tinham sido ampliadas. Foram tiradas de seu programa de TV e ele estava parecido com o Ethan Hunt de *Missão Impossível*, congelado numa sequência de ação mostrando os músculos salientes, todos os bíceps e abdominais e bochechas sólidas como rochas: Blake saltando de aviões; Blake fazendo rafting em corredeiras; Blake escalando o Monte Kilimanjaro; os músculos de Blake estourando contra a pele enquanto subia as Montanhas Rochosas; Blake tomando banho numa cachoeira. Meus olhos se detiveram na última por um tempo, enquanto eu checava o corpo incrível dele junto a todas as jovens mulheres que estavam ali. Quando olhei para o resto da clientela, percebi que era formada, em sua maioria, por mulheres, principalmente jovens, principalmente bonitas, bronzeadas e lindas. Aquilo me desconcertou momentaneamente. Todas aquelas coisinhas jovens estavam ali para ver Blake, a estrela de TV. Ele provavelmente tinha aquele tipo de atenção o tempo todo, em cada bar, em cada vila e cidade, em cada país. Elas provavelmente se atiravam nele e ele poderia escolher, poderia tê-las todas de uma vez e, só para me atormentar, fiz uma imagem de

todos juntos, ele no meio de todas as jovens, seus corpos nus se contorcendo em cima dele. Então, pensei que ele era dez anos mais velho do que todas elas, mas costumava ter seu corpo nu se contorcendo em cima de mim também, sempre que queria, e isso me fez sentir melhor.

Eu estava examinando as paredes com as realizações de Blake quando a vi. Ela. Jenna. A vaca australiana. Estava sentada numa mesa improvisada, selecionando alguns formulários e identificações de candidatos, recebendo dinheiro e, de modo geral, tocando o lugar.

Eu me senti como o RoboCop, estudando suas estatísticas vitais, seus pontos fortes e fracos como ser humano e, pior ainda, como mulher. Cabelo: louro natural e trançado de uma maneira casual ao longo da linha do cabelo. Corpo: moreno, bronzeado, pernas longas, mas não tão longas quanto as minhas, ela era menor. Olhos: castanhos, grandes e honestos, como de um cachorrinho (todo homem gostaria de levá-la para casa), e uma pequena cicatriz no meio das sobrancelhas. Roupas: um colete branco, que destacava o bronzeado e o brilho dos dentes, jeans e tênis esportivos. Eu estava usando o mesmo, só que tinha escolhido um colete azul-bebê, porque estava usando essa cor quando nos conhecemos e ele comentou sobre o quanto a cor fazia meus olhos saltarem: a cor deles, não os olhos; isso só aconteceu quando comi mariscos.

— Tire uma foto, por que você não... — Vida me disse, de pé, a meu lado, abrindo ruidosamente um pacote de batatas fritas que pegou na máquina.

— É ela — eu disse.

— A garota do Marrocos?

— Sim — sussurrei.

— Sério? — Ele ficou surpreso. — Talvez haja alguma coisa que justifique suas tendências psicóticas e paranoicas.

— Chama-se instinto — eu disse, agora convicta de que, cada vez que estive paranoica sobre alguma coisa, incluindo o cara no meu prédio ser parte do programa de proteção a testemunhas dos Estados Unidos, estava completa e

absolutamente certa.

— Ainda assim, eles podem não estar juntos — rebateu, estalando uma batata em sua boca.

— Olhe para ela — eu disse amargamente, revoltada. — Ela é exatamente o tipo de Blake.

— E que tipo é esse?

Observei-a interagir com o grupo com um sorriso largo, bochechas com covinhas, rindo e brincando, mostrando atenção e ajudando os que estavam preocupados.

— O tipo legal — disse, amargamente. — Essa vaca...

Vida quase engasgou com a batata.

— Isso vai ser divertido.

Jenna levantou os olhos e, em seguida, como se seu radar interno a tivesse avisado sobre um inimigo por perto, olhou para mim. Seu sorriso não desapareceu, mas os olhos endureceram, perderam momentaneamente o brilho, e eu sabia que ela sabia por que eu estava ali. Sabia que ela nutria sentimentos por Blake, sabia desde o início, desde que nos conhecemos num bar de Londres, quando Blake assinou o contrato com a TV e ela perguntou a ele se queria gelo na bebida. Uma namorada sempre sabe, pode pegar as vibrações, e agora eu estava ali e ela era, provavelmente, a namorada.

— Lucy? — Ela veio em minha direção, os olhos piscando para Vida ao meu lado e parecendo relaxar um pouco. Ela não devia relaxar.

— Jenna, não é?

— Sim — respondeu com certa surpresa. — Eu não acredito que você se lembra de mim! Só nos encontramos uma vez.

— Em Londres.

— Sim. Uau!

— Você se lembrou de mim.

— Sim, bem, isso é porque ouvi falar bastante de você. — Sorriu.

Ouviu. Passado.

— Bem, seja bem-vinda — disse e olhou timidamente para Vida. Ela era meiga. Eu estava lá para destruí-la.

— Este é o meu amigo Cosmo.

— Cosmo, nome legal. Prazer em conhecê-lo! — Estendeu-lhe a mão e ele limpou os dedos gordurosos na calça jeans antes de cumprimentá-la.

— Blake está por aí hoje? — perguntei, olhando em volta.

— Está. Ele não sabia que você viria?

Tradução: isso foi arranjado? Vocês estão voltando? Deveria estar preocupada? Sorri docemente.

— Quis surpreendê-lo.

— Uau! Ótimo. Sim, tenho certeza de que ele vai ficar feliz em vê-la, mas está muito ocupado no momento. Está se preparando para treinar o primeiro grupo de saltadores. Vocês fazem parte desse grupo?

— Sim. Sim, claro.

Vida me olhou como se não houvesse a menor esperança no mundo de que ele saltasse comigo, mas fiquei grata por ele não ter dito nada.

— Há quanto tempo você está trabalhando aqui?

— Desde o mês passado, quando inaugurou. Blake foi muito gentil em me dar o trabalho. Nós trabalhamos juntos no programa de TV e, depois disso, eu simplesmente não queria mais ir para casa, entende? Amo isso aqui.

— É bem longe de sua casa.

— Sim, é — disse, triste. — Mas vamos ver...

— Nós vamos ver?

— Quero dizer que vamos ver o que acontece. Certo, bem, é melhor eu pegar esse grupo pronto e levar um café para Blake, ele gosta de tomar um cafezinho antes de qualquer coisa.

Eu poderia lhe dizer uma coisa ou duas sobre o que mais ele gostava de fazer primeiro. Sorri cinicamente e fiquei a observando: ela bateu palmas chamando a atenção de todos, para, então, emitir algumas ordens educadas, fazer uma piada engraçada e, em seguida, depois de ter agrupado todos nas posições corretas e de todos saberem o que deveriam fazer, correu do escritório com um café fumegante num copo de isopor.

— Agora você está sozinha, querida — Vida disse, enchendo a boca com outra porção de batata.

— Você tem medo de saltar?

— Claro que tenho! — ele disse. — Especialmente se ela preparar seu paraquedas. — Então ele riu e foi para fora, para não ter mais que olhar para as fotos de Blake.

Garanti ao Vida que ele não tinha que saltar, mas, para eu ver Blake, precisava participar da programação do dia. Ele me orientara a batalhar por algumas coisas, então sabia que seu papel era seguir o fluxo. Eu não queria ficar horas à toa esperando por Blake, como uma perseguidora faria, porque, é lógico, eu não era uma.

Eu não era!

Vida e eu seguimos o grupo até uma área gramada. Ainda eram 10 horas da manhã, mas já estava quente. Diante de nós, havia dois quilômetros de pista e, à direita, estava o hangar. Tão básico como todo o resto. Eu estava orgulhosa por Blake seguir seu sonho e alcançá-lo. Sentia uma sensação agridoce por ter sido sem mim, por não ser eu a estar prestes a dar o treinamento, por não ser eu sentada na cabine, selecionando aplicações e recebendo os clientes. Ele tinha tomado meus sonhos, nossos sonhos, e seguira em frente sem mim. Lá estava eu em pé, mera espectadora, entre um bando de garotas esperando para vê-lo como

se ele fosse uma estrela, o que ele era, pelo menos eu e mais muitas jovenzinhas achávamos isso. Havia nove pessoas no total. Os quatro da pousada, três fãs de Blake, Vida e eu.

— Onde ele está? — uma loura perguntou à sua amiga, e as duas se entreolharam e riram.

— Você vai pedir um autógrafo para ele?

— Não — respondeu —, vou perguntar se posso ser a mãe de seus filhos. — As duas cacarejaram novamente.

Vida olhou para mim, rindo com os olhos. Desde que tinha ido ao "banheiro químico", ele parecia ter recuperado sua centelha de vida, mas eu não tinha certeza se era pelas razões certas. A porta do hangar fez um som bem alto quando se destravou e começou a se abrir. Deslizou para trás lentamente, revelando o plano interior. Quando a porta estava meio aberta, lá estava Blake na frente do avião, vestido com um macacão laranja, a parte de cima aberta e caindo em torno de sua cintura, mostrando uma camiseta branca apertada. Eu estava muito longe para ver o rosto, mas o corpo, sua boa forma, era reconhecível até do espaço. Parecia bombado e pronto para a ação, e estava incrível. Então, lentamente, ele começou a caminhar em nossa direção, como uma cena de *Armagedom*. Seu paraquedas estava preso à cintura e ele o puxava atrás dele; era tão pesado que parecia que caminhava contra a força de um vendaval. Às vezes, o paraquedas pegava o vento e se inflava um pouco por trás dele, se levantando levemente e, então, caía no chão novamente.

— Ah. Meu. Deus! — disse Vida, finalmente parando de comer a batata.

Senti orgulho de Blake e orgulho de que Vida pudesse vê-lo assim. As pessoas ficavam atraídas por ele, ele tinha uma aura, e aquele era um exemplo perfeito disso.

— Que fanfarrão de merda! — Vida disse, jogou a cabeça para trás e riu.

Olhei para ele, surpresa. Então, os três rapazes e a garota da van começaram a rir e eu fiquei com raiva.

Harry olhou para mim, incrédulo.

— É este o cara?

Eu o ignorei. As outras mulheres do grupo estavam vibrando, gritando e batendo palmas, encantadas com a abertura do show. Juntei-me a elas com um aplauso educado, vibrando por dentro. Blake sorriu e olhou para o chão, timidamente, de um jeito “que fofo”, “gênio”, “caramba”, “puxa, cara”. Então, soltou o paraquedas e andou o resto do caminho para o grupo com a pélvis embrulhada numa armadura como se estivesse embrulhando para presente sua considerável masculinidade. Finalmente, chegou até o grupo.

— Obrigado, pessoal — disse, sorrindo e levantando as mãos para acalmar os aplausos. Conseguiu o efeito desejado.

Vida escolheu aquele momento para terminar de comer a batata e amassou o pacote. Blake se voltou para Vida quando ele enfiou ruidosamente o saco de batata frita no bolso da calça jeans. Blake olhou para ele e depois para mim. Então seu rosto se abriu num grande sorriso. Meu estômago deu um salto triplo, a multidão gritou e avancei até a primeira posição no pódio, aceitei as flores, reclinei a cabeça para a medalha de ouro e ouvi o hino nacional enquanto o segundo e o terceiro lugares faziam uma careta e bolavam maneiras de quebrar minhas pernas.

— Lucy Silchester — ele sorriu e depois olhou para o grupo de curiosos. — Senhoras e senhores, apresento o amor da minha vida.

Capítulo 24



Pelo canto do olho, vi Jenna ir para dentro da cabine. Possivelmente, foi o momento mais feliz da minha vida e teria dado um soco no ar com prazer se não fosse uma coisa ridiculamente triste de se fazer. Blake lhes disse para aguardarem um minuto e se aproximou de mim de braços abertos, prontos para um abraço. Caí em seus braços, minha cabeça se amparou em seu peito, minha bochecha direita apoiada contra ele, me abraçando apertado quando beijou o alto da minha cabeça. Foi igual era antes, tudo era exatamente igual a antes, nós dois encaixados como um quebra-cabeça. Dois anos, 11 meses e 21 dias desde que o vira, desde que me sentara, depois de fazermos amor na noite anterior, e dissera que estava me deixando.

Uma imensa raiva súbita correu em meu corpo enquanto eu me lembrava de como ele me trouxera café na cama, sentara-se a meus pés e explicara sua mente complicada e turbulenta. Ele estava tão desajeitado, tão desconfortável, tão incapaz de olhar nos meus olhos, que pensei que estivesse prestes a me pedir em casamento. Tive medo disso, mas, quando terminou o discurso de rompimento, teria feito qualquer coisa para ele ter pedido a minha mão. E então, enquanto estava deitada na cama com uma bandeja de café descansando sobre as coxas, ele estava diante do guarda-roupa coçando a nuca, tentando descobrir que roupas deveria levar para sua vida de solteiro. Isso se estivesse mesmo indo para uma vida de solteiro, se ele não estivesse vendo Jenna pelas minhas costas, nas primeiras semanas de filmagem do programa de viagens. E depois, no mesmo dia em que eu tinha perdido meu namorado, fiquei bêbada, perdi minha carreira e a carteira de motorista, e, pouco depois, minha casa, quando a colocamos à venda.

Abraçou-me apertado dois anos, 11 meses e 21 dias mais tarde, e todo o amor que eu tinha sentido por ele todos os dias até aquele instante desapareceu e foi substituído por raiva. Meus olhos se abriram de repente e vi Vida olhando para mim. Ele estava sorrindo, apreciando a vista. Confusa com minha súbita mudança emocional, deixei Blake se afastar e me mantive distante.

— Não acredito, você por aqui! — disse, enquanto segurava meus braços firmemente. — Você está linda, isso é ótimo. — Riu e deixei a ira ser apaziguada.

— Blake, quero que você conheça um amigo meu, ele é muito especial.

Blake foi lento em se afastar de mim, parecia um pouco desligado.

— Sim, claro. Ei, como vai você? — Apertou rapidamente a mão de Vida, como se estivesse fazendo um favor a nós, e voltou seu olhar para mim. — Estou tão feliz por você estar aqui!

— Eu também. — Ri.

— Quanto tempo vai ficar?

— Só apareci para dizer oi. Queria ver o sonho realizado.

— Fique e salte com a gente.

— OK. Nós adoraríamos.

Ele pareceu confuso pelo nós, então olhou outra vez para Vida, voltou-se para mim e disse:

— Ah, sim, com certeza. — Então, se virou em direção ao pessoal na grama e começou a aula sobre como posicionar o corpo quando em queda livre. Eu era especialista naquilo.

— Desculpe por isso — disse para Vida, quando o observei fazendo as posições.

— Sem problema — ele disse. — Ele pareceu muito feliz em ver você. Isso é ótimo, Lucy.

— Sim, é — disse, nervosa. — Então você vai saltar?

— Não — respondeu enquanto mudava de posição. — Apenas gosto da vista daqui.

À frente dele estava a garota loura, bonita, com ar de vagabunda. Revirei os olhos.

— Suba no avião, pelo menos.

— De jeito nenhum.

— Você tem medo de voar também?

— Não... Ser empurrado de volta ao chão a uma velocidade astronômica é o que me apavora.

— Você não tem que saltar. Sério, suba com a gente, quero que você veja. É um voo de vinte minutos, a vista será linda e então você pode voltar para baixo com o piloto do jeito normal.

Olhou para o céu para tomar sua decisão.

— Tá bom.

Segui Blake até o hangar para ajudar a recolher o equipamento.

— Sua namorada não salta também? — perguntei a ele, tentando manter o tom casual quando, na verdade, a minha sanidade e a felicidade de toda uma vida dependiam dessa resposta.

— Namorada? — disse e olhou para mim, confuso. — Que namorada?

Eu quase fiz uma dancinha de alegria.

— A garota que estava cuidando da papelada no escritório — disse, sem querer mencionar o nome dela por medo de que ele pensasse que eu era uma perseguidora, a despeito do fato de que nós duas tínhamos nos falado menos de uma hora atrás. — A garota que trabalha no seu programa. Lá está ela.

Olhamos para longe e vimos Jenna levando todos para outra área. Ela era só

sorriso e disse algo que fez todo mundo rir, inclusive minha vida, o que me incomodou.

— Ah, ela! É Jen.

Jen, não Jenna. Eu a odiava ainda mais.

— Por que você achou que ela era minha namorada?

— Não sei. Parecia seu tipo.

— Jen? Você acha? — disse e a observou pensativo. Não gostei do que ele estava pensando. Tentei chamar sua atenção de novo, mas, exceto estalar meus dedos na frente de seu rosto, não sabia o que mais poderia fazer. Andei adiante dele e me coloquei casualmente de lado para bloquear sua visão, o que funcionou, porque ele olhou para o lado e se concentrou no equipamento. Ficamos em silêncio por um tempo. Só desejava que ele não estivesse pensando em Jenna. Tentei, desesperadamente, pensar em algo a dizer para fazê-lo mudar os pensamentos, mas ele fez isso primeiro.

— Então ele é seu namorado?

— Ele? Não. — Ri. — É a coisa mais estranha, na verdade. — Tinha que lhe dizer a verdade, estava animada em lhe dizer a verdade. — Você vai amar isso, é muito sua cara. Recebi uma carta dele algumas semanas atrás, da Agência Vida, você já ouviu falar dela?

— Sim. — Parou de trabalhar com o equipamento e olhou para mim. — Eu li um artigo quando estava no dentista sobre uma mulher que tinha se encontrado com sua vida.

— Ela estava em pé ao lado de um vaso cheio de limas e limões? — perguntei animada.

— Não sei.

— Bem, de qualquer maneira, ele é a minha vida. Não é legal?

Esperava que ele se impressionasse, ele costumava ser tão ligado nesse tipo de

coisa, lendo livro após livro sobre autodesenvolvimento, poder pessoal, autoanálise. Costumava falar sobre diferentes teorias religiosas, reencarnação, vida após a morte, tantos trabalhos de pesquisa exploratória sobre a alma humana, que eu sabia que ele acharia aquilo o máximo. Encontrar Vida ao vivo; tinha certeza de que ele jamais havia pensado que veria o dia em que eu chegaria a tal profundidade. Estava tão certa de que ele ficaria entusiasmado que falei com mais paixão sobre aquilo do que sobre qualquer outra coisa, porque aquilo era a cara dele, porque queria que ele soubesse que eu também tinha mudado muito, que tinha novas profundidades que ele nem sequer conhecia, que ele poderia me amar.

— Ele é a sua vida?

— Sim.

— E por que está aqui?

Por fazer perguntas, ele poderia até parecer interessado, mas, acredite em mim, ele não estava. Aquilo soou mais como: “Ele é a sua vida? Diz outra vez, por que ele está aqui?”.

Engoli em seco, querendo recuar, mas não podia. Senti que seria desrespeitoso com Vida não o apresentar devidamente, depois de ele ter me conduzido até ali para uma surpresa e ter apoiado a minha aventura e determinação de “ter Blake de volta”.

— A ideia é passarmos algum tempo juntos para conhecer melhor um ao outro. Quando as pessoas estão ocupadas com trabalho, amigos e outras distrações, às vezes perdem as coisas importantes de vista. Aparentemente, eu havia me perdido de vista. — Dei de ombros. — Não mais. Ele está em todos os lugares, mas ele é engraçado. Você vai gostar dele.

Ele assentiu uma vez, depois voltou a seu equipamento.

— Você sabia que vou fazer um livro de receitas?

Aquela foi uma mudança de assunto incomum, mas segui com ele.

— Sério? Isso é ótimo.

— Sim. — Se iluminou. — A ideia surgiu por causa do programa que faço. A propósito, você já o assistiu? Lucy, é como um passeio e é a melhor coisa que já fiz. De qualquer forma, nós estávamos indo para tantos lugares diferentes, experimentando tantas culturas e os gostos e cheiros e sons eram tão inspiradores que, sempre que voltava para casa depois de viajar, queria reproduzir o que havia experimentado.

— Isso é ótimo, você sempre amou cozinhar.

— Sim. E não apenas reproduzo, esta é a ideia do livro; dou meu toque pessoal. O “toque Blake” ou o “gosto Blake”. Acho que é assim que vamos chamá-lo. O gosto Blake. Os editores amaram, disseram que podem, até mesmo, transferir para a tela, assim eu poderia ter outro programa baseado apenas no que como quando viajo. — Ele havia se iluminado, seu rosto estava animado, suas palavras voavam a cem quilômetros por minuto e ele estava tão excitado que mal conseguia pronunciá-las na ordem correta. Eu o observava, fascinada por vê-lo em carne e osso, por ele não ter mudado nada, por ainda ser o homem lindo, apaixonado e cheio de energia que sempre fora. — Eu adoraria que você provasse algumas de minhas receitas, Lucy.

— Uau, obrigada, eu adoraria! — disse e fiquei radiante.

— Sério?

— Claro, Blake, eu realmente adoraria. Gostaria de voltar a cozinhar também, na verdade. Eu parei um pouco. Acho que perdi o hábito. Me mudei para um lugar menor, a cozinha não é tão boa como a que nós...

— Ah, cara, aquela cozinha! — ele assentiu. — Ela até que era boa, mas você precisa ver a que tenho agora. Estou usando aquele forno incrível; é um forno embutido multifunções em aço inoxidável. Oferece quarenta programas diferentes para alimentos frescos e congelados, e basta digitar o peso do alimento e o forno seleciona automaticamente a melhor configuração, e ainda controla...

— O tempo de cozimento e desliga quando a refeição está pronta, utilizando o calor residual para economizar energia — interrompi.

Sua boca caiu.

— Como você sabe?

— Eu escrevi isso — disse, com orgulho.

— Não entendi, você escreveu o quê?

— O manual de instruções. Trabalho na Mantic. Ou pelo menos trabalhava até ontem. Traduzi os manuais.

Ele continuou a olhar para mim de maneira tão incomum que tive que olhar ao redor para me certificar de que era para mim que ele estava olhando.

— O que foi?

— O que aconteceu com Quinn e Downing?

— Não trabalho lá há anos. — Ri. Então, embora tentasse manter a conversa casual, adicionei um tom mais a sério. — Adam não lhe contou nada sobre mim nesses anos? — Quis dizer aquilo. Pensei que tudo que eu fazia era dito para Blake, pensei que ele soubesse tudo sobre mim e que eu não soubesse nada sobre ele. Tomei decisões e criei mentiras nos últimos anos pensando que tudo estaria chegando até ele, e ele nem sabia o que tinha acontecido no primeiro dia, o dia em que ele me deixou e que perdi meu emprego.

— Adam? Não — disse, confuso, e então sorriu e seu rosto se iluminou de novo. — Então, me deixe falar sobre essa torta marroquina...

— Ele acha que eu traí você — interrompi a receita. Não queria dizer aquilo, nunca em todos os meus pensamentos e planejamentos e pré-planos mais calculados; só que as palavras vieram voando para fora da minha boca.

— Ahn? — Ele estava prestes a falar de açafrão e aquilo colocou uma chave inglesa entre as engrenagens.

— Todos eles acham. — Tentei não permitir que minha voz tremesse, não por

nervosismo, mas por raiva, que estava crescendo novamente e eu lutava arduamente para mantê-la guardada.

— Blake — chamou um cara que enfiou a cabeça pela porta. — Temos que começar.

— Já vou — Blake respondeu e pegou o equipamento. — Vamos. — Sorriu forçadamente. Minha raiva mais uma vez se dissipou e me vi com um sorriso tolo no rosto.

O avião levava seis pessoas, que perfaziam três grupos. Harry estava amarrado a Blake, e a jovem fértil que queria ter os filhos de Blake estava amarrada a outro instrutor, chamado Jeremy, aquele cuja oportuna chegada havia me impedido de explodir na sala de equipamentos, e olhava Harry com inveja por ele ter puxado o palito mais curto. Vida estava vestindo um macacão laranja com óculos de proteção; estava sentado no chão, entre as minhas pernas, com as costas contra meu peito e, de vez em quando, me olhava com desgosto e absoluto terror. Virou-se novamente quando decolamos.

— “A vista será linda” — sussurrou para mim.

— É uma bela vista — sorri calmamente.

— “E você pode pousar com o piloto” — disse com raiva. — Você me enganou. Você mentiu para mim. Esta é uma grande mentira — disse com veneno na voz.

— Você não tem que saltar — eu disse, tentando parecer relaxada, mas estava realmente preocupada. Não podia permitir que Vida contasse uma verdade enorme. Não ali, não agora, não com Blake tão perto que os nossos pés estavam se tocando.

— Então, por que estou preso a você por um cordão umbilical?

— Você pode fingir um ataque de pânico. Podemos voltar para baixo, se você quiser. Eu só queria, você sabe, passar mais tempo com ele.

— Fingir? Não preciso nem fingir — disse, e então olhou para frente

novamente e me ignorou o resto da viagem. Harry estava totalmente aterrorizado e o seu rosto estava verde; podia ver o corpo dele tremendo. Nossos olhos se encontraram.

— Você vai amar. Apenas imagine Declan sem sobrancelhas.

Ele sorriu, fechou os olhos e respirou fundo. Blake e eu olhávamos um para o outro quando o avião decolou e fomos em direção ao céu. Não paramos de sorrir; ele assentiu novamente em descrença por eu estar ali. Subimos 200 pés. Voamos por vinte minutos e, finalmente, estávamos prontos para a ação. Blake abriu a porta e o vento soprou no interior enquanto os campos abaixo se revelavam como uma colcha de retalhos. Vida proferiu um discurso inflamado de palavrões impossíveis de serem repetidos.

— As damas primeiro — Blake gritou, se colocando de lado para Vida e eu saltarmos.

— Não, não, vá em frente — disse com firmeza. — Nós vamos por último. — Tentei dar um olhar de alerta para Blake a fim de lhe indicar que Vida estava com medo, mas Vida havia se virado novamente para me fitar.

— Não, insisto — disse Blake. — Como nos velhos tempos.

— Eu adoraria, mas... Ele está um pouco nervoso, acho que será melhor se observarmos primeiro. OK?

Vida estava enfurecido.

— Nervoso? Não estou nervoso. Vamos lá, vamos! — Começou a se arrastar até a ponta do avião. Fiquei espantada, mas não discuti. Verifiquei se o cinto e o paraquedas estavam seguramente apertados e ajustados, e nos movemos para a borda do avião. Não estava acreditando que Vida estava fazendo aquilo, estava esperando que fôssemos descer com o piloto. Fiquei decepcionada durante toda a subida e agora estava pronta, com a adrenalina bombando.

— Você está pronto? — gritei.

— Eu odeio você! — gritou de volta, com voz estridente.

Fiz a contagem regressiva. No “três” cruzamos a porta, em queda livre pelo céu, a uma velocidade de 200 quilômetros por hora em apenas dez segundos. Vida estava gritando alto, um grito longo de terror por todo o caminho, enquanto eu me sentia viva. Urrei feliz para que ele soubesse que estava tudo bem, que aquilo não era um erro, que deveríamos estar rodopiando como flocos de neve, sem saber para que direção estávamos indo. Então, finalmente, adotamos a posição de queda livre, e flutuamos e caímos por um total de 25 segundos, experimentando a corrida final. O vento em nossos ouvidos, em nosso cabelo, em toda parte, barulhento e frio e maravilhosamente assustador. Quando chegamos a 1500 metros, acionei o paraquedas principal e, quando ele se abriu, de repente, o desespero e a pressa do vento nos nossos ouvidos desapareceram. Tudo estava calmo, tudo era feliz e maravilhoso.

— Ah, meu Deus! — Vida disse, sem fôlego e rouco, depois de sua tempestade de gritos.

— Você está bem?

— Bem? Quase tive um ataque cardíaco. Mas isso — e ele olhou ao redor —, isso é incrível!

— Eu disse para você... — falei suavemente, muito satisfeita por estar compartilhando aquele momento com a minha vida. Estava tão feliz que estava a ponto de explodir; nós dois pendurados no ar, suspensos como as duas almas mais livres no universo.

— Não queria dizer que a odiava.

— Que bom. Porque eu o amo — eu disse, do nada. Ele se virou.

— Eu também a amo, Lucy — sorriu. — Agora cale a boca, você está estragando minha experiência.

Eu ri.

— Você quer conduzir?

Vida assumiu o controle e voamos como um pássaro, observamos o mundo,

nos sentimos felizes, vivos, unidos e completos. Nosso momento perfeito e feliz. O voo durou quatro minutos e assumi o controle novamente para o pouso. Adotamos a posição de aterrissagem, pernas e pés para cima, joelhos unidos. Reduzi a velocidade do paraquedas e tocamos o solo em uma aterrissagem suave.

Vida caiu no chão com um ataque de riso eufórico. Livre do paraquedas e de mim, ele deu um pulo e correu em círculos como se estivesse bêbado, gritando e rindo.

— Foi absolutamente incrível! Quero ir de novo, vamos fazer isso de novo, podemos fazer de novo?

Eu ri.

— Não acredito que você fez isso!

— E deixá-lo ver que eu era fraco? Você está brincando?

— Do que você está falando?

— Blake. Quem mais? Não quero que aquele idiota me veja desistindo de coisa alguma. Quero que ele saiba que não me importo com o que ele pensa de mim, sou mais do que ele pensa.

— O quê? Não estou entendendo. Por que você está tentando criar uma batalha com ele?

— Eu não estou criando nada, Lucy. É problema dele. Sempre foi.

— Do que você está falando...

— Ah, não importa! — disse, sorrindo de novo e fazendo uma dança de celebração. — U-huuuuu!

Sentindo-me feliz com a alegria de Vida, mas confusa quanto ao que dizia, observei-o com uma mistura de emoções. Certamente, para que meu amor recém-reavivado por Blake desse certo, tanto Vida quanto eu deveríamos estar na mesma página quando se tratava dos nossos sentimentos. Queria que todos

nos déssemos bem, e não que Vida estivesse preocupado em travar uma batalha, mas talvez este fosse o curso natural das coisas. Blake tinha me ferido, feriu a minha vida, e embora estivesse caminhando para perdoá-lo e fosse capaz de aceitar minha responsabilidade no fracasso da relação, Vida precisava de mais tempo. Mas o que isso significava? O que isso significava para Blake e para mim? Normalmente, depois de saltos de paraquedas, eu me sentia estimulada, assim como Vida estava, e tudo ficava claro; mas, de repente, minha dor de cabeça tinha voltado, aquela que me acometia quando tinha pensamentos profundos sobre questões emocionais que preferia varrer para debaixo do tapete da minha mente. Um jipe se dirigia até nós cruzando o campo. Era uma mulher solitária, sentada atrás do volante e, à medida que se aproximava, o rosto de Jenna apareceu. Meu coração se contorceu da mesma maneira que costumava fazer quando pensava nela, embora soubesse com certeza, sem dúvida, que eles não tinham um relacionamento.

— Parece que você quer matar alguém — Vida disse sem fôlego, finalmente parando a algazarra e se posicionando a meu lado.

— Engraçado isso — eu disse, observando Jenna chegar mais perto, com as duas mãos segurando o volante, me olhando fixamente. Fiquei me perguntando se ela pararia o carro.

— Tenha cuidado, Lucy, ela é uma garota legal. E pensei que você tinha dito que eles não estavam juntos.

— Eles não estão.

— Então por que você ainda a odeia?

— Por hábito, suponho.

— Exatamente como o ama — Vida disse, olhando para o céu. Então, ele me deixou sozinha para ver Blake flutuando para baixo, como um perfeito anjo musculoso, e para eu refletir sobre aqueles músculos.

Capítulo 25



Blake e eu estávamos frente a frente no jipe. Ele estava de costas para a minha vida, que decidiu se sentar no banco do carona, e então persistiu em tagarelar animadamente com Jenna, que estava ao volante. Ocasionalmente, Jenna se desligava da atenção total da minha vida para verificar pelo espelho retrovisor se eu não estava me comportando mal. Cada vez que ela bancava a mãe condutora, os nossos olhos se encontravam e ela, rapidamente, desviava o olhar. Ela sabia, e eu sabia, e nós duas sabíamos que nós duas sabíamos: uma ex-namorada e uma namorada em espera; éramos como dois falcões circundando a presa, cautelosos um com o outro, se perguntando quem seria o primeiro a atacar. Harry, o não-mais-com-cara-verde, e a garota que queria ser mãe dos filhos de Blake estavam absortos na própria festinha de adrenalina, falando a mil por hora sobre a experiência que tinham acabado de ter, repassando cada segundo do salto, cada um seguindo a descrição do outro com um superentusiamado “Eu também!”. Senti que Blake acabara de perder a chance para um substituto, isso se, de fato, algum dia ele quisera ter um. Jeremy, o segundo instrutor, estava olhando pela janela, frio e desinteressado de tudo por ali, mas, fora ele, todos estavam animados. Meu coração? Disparou. Minha adrenalina bombava por razões diferentes das dos outros; ela bombava porque eu estava apaixonada, mas, em vez de desfrutar disso, estava tendo um debate inteiro em minha mente sobre se era um hábito ou não. Esses momentos com Blake eram preciosos e cruciais, havia esperado muito tempo para estar tão perto física e emocionalmente, e estava destruindo o momento desenvolvendo novos pensamentos, os quais tive tempo mais que suficiente para criar quando não estava com ele. Tantas horas sozinha no sofá com Senhor Pan; tantas ocasiões num clube, bar, restaurante ou com a família para refletir sobre os fundamentos e a autenticidade de meu amor,

e ainda assim escolhera agora (agora, droga!) para ter uma crise mental. Aquilo era frustrante, eu era o ser humano mais frustrado do planeta.

Blake e eu nos olhávamos, havia um sorriso em seu rosto tão brilhante quanto a minha nova lâmpada do banheiro, o que, num primeiro momento, parece uma similaridade tosca e pouco romântica; mas, quando se está mergulhado na escuridão há um ano, ainda que seja só no banheiro, uma lâmpada nova é algo muito acolhedor e revelador de se ter, sem mencionar sua utilidade. Jenna disse algo no banco da frente, Vida uivou às gargalhadas e, enquanto Blake estava diante de mim sorrindo, prometendo um milhão de amanhãs ou, pelo menos, uma noite que eu adoraria ter já que não era tão exigente, a ligação entre os dois, cada vez mais intensa nos últimos cinco minutos, acabou me incomodando até me distrair. A erupção nojenta de Vida havia sumido, ele delirava de felicidade e, embora tentasse a todo custo convencer a mim mesma de que era Blake quem estava causando aquilo, não era essa a realidade. Ele se livrou daquilo por causa da Jenna e não do amor da minha vida, e não foi porque ele não tentou. Tinha visto em primeira mão, no primeiro dia em que nos conhecemos, como Vida poderia ter recebido Blake. Ele poderia muito bem ter sido um idiota e estava muito agradecida por Blake não ter visto esse lado dele. Que possibilidade de futuro juntos poderíamos ter se Blake odiasse minha vida? E quem eu escolheria? Um novo pensamento me assustou. Queria bater no meu rosto. Pare de pensar, Lucy, isso nunca fez bem a ninguém!

— Como nos velhos tempos — Blake disse de repente.

Algo no que ele disse me irritou. Analisei como se Vida tivesse me programado para sentir aquilo e não fosse Blake quem me incomodava. Não era nem sua expressão nem seu tom, era o mero sentimento em si. Sim, me senti como nos velhos tempos, mas havia uma montanha que nos separava: tudo o que não tinha sido dito e que fora varrido para debaixo do tapete. E eu não queria colocar o tapete de lado, não queria regredir, mandando nossos problemas do passado para a reciclagem. Queria ficar no carro, no hangar, com tudo o que não tinha sido dito e ainda estava suspenso no tempo, onde tudo estava calmo,

silencioso e feliz, como se estivéssemos flutuando para baixo com um paraquedas bem grande que nos mantinha amarrados juntos.

— Você vai ficar aí?

Eu não sabia se ele estava me pedindo para ficar lá ou me perguntando se eu planejava ficar; havia uma diferença. Segui pelo mais seguro.

— Tenho que voltar hoje. Ele tem que se encontrar com alguém mais tarde.

— Com quem?

— Com um cara chamado Don — respondi, confusa pela pergunta, mas, então, percebi que ele tinha se esquecido da presença de minha vida novamente. — Minha vida — disse com firmeza, o que o trouxe de volta. — Minha vida vai se encontrar com alguém chamado Don.

— Mas você pode ficar, não pode? — Me lançou um sorriso maroto, um de seus melhores, mas não consegui responder nada, minha alma estava embrutecida. — Vamos lá. — Ele riu, se inclinando para mim e apertando minha coxa bem onde sabia que eu tinha cócegas.

Jenna olhou pelo espelho retrovisor. Nossos olhos se encontraram. Não pude deixar de rir, não por causa dela, o que ela poderia ter assumido, mas porque os dedos de Blake estavam apertando uma região sensível da minha coxa e eu não conseguia manter uma cara séria.

— Jeremy fará um brinde hoje à noite. — Continuou fazendo cócegas enquanto eu lutava para me livrar dele, rindo. — Ele está fazendo 30.

— Assim espero — Jeremy disse, sorrindo, ainda olhando pela janela.

— Feliz aniversário! — eu disse, mas ele não olhou para mim. Ele era uma daquelas pessoas que fazia você se sentir como se não existisse e se, em algum momento, ele desse uma dica de ter reconhecido sua existência, significava que você ganhara pontos. E se, vinte anos depois, ele lhe dissesse que tivera uma quedinha por você e você dissesse: “O quê? Nada disso, você nem me via”, ele diria: “Você está louca, nunca soube bem como dizer...”.

Pelo menos foi o que aconteceu com Christian Byrne, o cara mais legal no nosso campo de tênis quando eu tinha 15 anos. Ele se dava bem com todos, beijou praticamente todas as garotas no dormitório exceto eu, mas me confessou essa paixão adolescente num bar, há quatro meses. E depois de todo aquele tempo e da confissão, ainda não pude beijá-lo porque ele tinha engravidado uma garota e eles iam se casar, porque ele sentiu que era o certo a fazer, mesmo que isso o tivesse levado a acabar o dia num suspeito clube de strip na Leeson Street, às 4 horas da manhã, e confessado seu amor a uma garota que não via há quinze anos. Eu estava no clube com Melanie, caso algumas mentes questionadoras queiram saber.

— Nós adoraríamos ir, se você não se importar — disse para Jeremy.

Jeremy não reagiu. Jeremy não sabia, ou não se importava, que eu estava falando com ele. Ele me amava secretamente, descobriria isso em breve, mas aí já seria tarde demais, pois eu já teria voltado com Blake. A amizade deles acabaria porque ele não seria capaz de ver seu melhor amigo com a mulher que amava, por isso teria que largar o emprego e se mudar, tentar encontrar outro amor... Mas nunca conseguiria superar a história e acabaria por encontrar alguém, mas não seria seu único e verdadeiro amor; se casaria e teria filhos, mas cada vez que ele e a sua esposa terminassem de fazer amor e ela adormecesse, ficaria acordado até tarde da noite, pensando na mulher que deixara para trás, em Bastardstown, município de Wexford.

— É claro que ele não se importa — Blake respondeu no seu lugar. — É no Bodhrán, às 6 horas. Vamos logo que sairmos daqui. Venha — disse, mexendo nas minhas pernas novamente, uma cutucada a cada palavra. — Vem, vem, vem.

— OK, OK. — Ri, usando todas as minhas forças para pegar os dedos dele para que parasse de me fazer cócegas, mas ele era mais forte e segurou minhas mãos, nós as fechamos e ficamos daquele jeito, inclinados um para o outro, fitando um ao outro. — Eu vou — disse enfim.

— Pode apostar que vai — brincou calmamente e meu coração, na verdade, teve um acesso de raiva.

— Não podemos ir — Vida disse, quando nos deitamos no chão na parte de trás da van, olhando para o céu azul perfeito de onde havíamos caído há apenas alguns momentos. A van ainda estava no estacionamento e ficamos esperando os outros para se juntarem a nós depois que Declan, Annie e Josh terminassem o salto. Harry estava em algum lugar usando um jogo de palavras inteligentes para descobrir o caminho até a calcinha da garota que queria os bebês de Blake.

— Por que não podemos ir?

— Don!

— Dane-se Don! — disse e imediatamente me senti culpada, mas estava muito frustrada pela reação da minha vida.

— Você já o mandou se danar.

— Mas Blake me convidou para sair, e esta é a razão de estarmos aqui. Você não pode, pelo menos, estar feliz por mim?

Ele ficou pensando.

— Você está certa. Estou muito feliz por você. Desde domingo à noite isso é exatamente o que você queria, então fique aqui e se traia com Blake, o homem que quebrou seu coração, e eu vou voltar para Dublin para me encontrar com Don, o cara agradável com quem você só dormiu uma vez, e que me convidou para um drinque.

— Por que vocês dois não ficam e chegam logo aos finalmentes? — rebati.

— Isso foi muito maduro — disse calmamente —, mas, novamente, você já cuidou disso. Estou interessado apenas na amizade. Estaremos no Barge, às 8 horas dessa noite, que é onde vou estar caso o Senhor Pastor decida deixá-la de escanteio enquanto vai em busca de pastos mais verdes novamente.

— Você não acredita em nós — disse com tristeza.

— Não é verdade. Não acredito nele, mas quem sou eu para impedi-la? — Fingiu pensar naquilo. — Ah, pois é, sou sua vida. Você acha que a maioria das pessoas em uma crise pessoal ouviria sua vida ou faria como você, sairia se

arrastando de cidade em cidade à procura do território da felicidade?

— O que significa isso? Território da felicidade?

— A maioria das pessoas procura a realização e a felicidade dentro de si mesma; você, por outro lado, se desloca para outra cidade pensando que isso vai ajudar a resolver seus problemas.

— Aquela mulher comeu, amou e rezou por três continentes e conseguiu ser feliz — rebati novamente e, então, suspirei, me acalmando. — Eu só quero que você veja o que amo nele.

— Tenho visto o que você ama nele amarrado num suporte atlético bem apertado.

— Sério, por favor, só uma vez.

— Sério? Já vi o que você ama nele e vou me encontrar com Don para tomar um drinque.

Queria tentar mais uma vez.

— Eu só acho que há problemas entre você e ele que não compreendo inteiramente. Ele a machucou, a destruiu e agora você está tentando se proteger, mas pelo menos lhe dê uma chance. Se não fizer isso, estará sempre se perguntando se ele era quem me traria a felicidade eterna e, por sua vez, que lhe traria a felicidade eterna.

— Não acredito em felicidade eterna, apenas em surtos ocasionais.

— Sei que você não quer deixar Don para baixo, mas ele é adulto, vai entender. — Vida parecia um pouco convencido, mas, apenas para ter certeza de que adicionei o último prego no caixão... — Além disso, Sebastian está deitado numa vala e Deus sabe quanto tempo vai levar para consertá-lo. Não há como voltar para casa.

— OK — disse, resignado à sua sorte. — Vou ficar. Vou ligar para Don, mas o que vai acontecer é o seguinte: ele sabe onde estou, vai pensar que escolhi Blake e nunca mais vai querer me ver novamente.

Dei-lhe um tapinha nas costas por simpatia. Ele permaneceu ali e ficamos olhando, pelo teto solar, para as nuvens passando pelo céu perfeitamente azul. E então as portas se escancararam e Declan desfilou suas partes consideravelmente carecas depois da aposta perdida.

O bodhrán é um tambor irlandês, recoberto com couro de cabra, de um lado, e aberto do outro, de forma que uma mão possa segurá-lo e controlar o ritmo e o timbre enquanto a outra bate do outro lado, com uma baqueta. O Bodhrán, neste caso, era um pub a cinco minutos da pousada, que, mesmo às 7 horas da noite, estava lotado e havia uma sessão ao vivo de música tradicional irlandesa. Chegamos tarde porque Declan teve uma alergia nas regiões inferiores, que coçava tanto que ele insistiu em dirigir até a farmácia mais próxima para comprar uma loção e um talco; ele derrubou ambos pelo alto das suas calças e depois girou os quadris em todas as direções para se certificar de que havia atingido as regiões corretas.

Harry, vencedor da aposta, devia ter ficado feliz com os problemas do recém-tosquiado amigo, mas estava irritado porque estava se encontrando com a garota que queria ter filhos com Blake e tinha medo de que alguém chegasse lá primeiro. Ri de sua impaciência imatura, por pensar que apenas vinte minutos de atraso arruinariam suas chances, mas depois pensei em Jenna e me juntei a eles no *bullying* contra Declan, para que ele pisasse fundo e mostrasse a Wexford do que aquela van era capaz. A irritação de Harry passou para mim, que, por sua vez, passou para a minha vida, que não ficou nada satisfeito com a necessidade de desmarcar o encontro com Don. Sua brotoeja nojenta tinha voltado, e ele e Declan estavam se revezando, passando o talco para frente e para trás enquanto Annie e eu nos revezávamos passando a sidra para frente e para trás. Josh estava deitado atrás de nós fumando haxixe e soprando anéis de fumaça. Eu não bebia sidra desde que tinha a idade deles, mas passar esse tempo com eles me deu novo sopro de vida, embora tenha dado ao Vida nova brotoeja. Acho que aquela era a primeira vez, em muito tempo, que eu não precisava me preocupar em tropeçar numa mentira que dissera. Eles não sabiam nada sobre mim, não se importavam, e eu podia ser eu mesma. Não era eu mesma há tempos.

Quando chegamos ao pub, ainda era uma bela noite de verão e as mesas e os bancos de madeira de fora estavam lotados. Rapidamente esquadrinhei o lugar procurando Blake; Harry rapidamente o esquadrinhou procurando a garota com quem ele queria ter bebês e concluiu que ambos estavam lá dentro. Ele assumiu a liderança e eu o segui. Ele não precisava ter se preocupado porque ela tinha reservado um lugar a seu lado; a amiga dela a avisou quando nos viu e, apesar de ter batido na perna com força para alertá-la da nossa presença, a garota se iluminou ao vê-lo. Olhei ao redor das mesas procurando por Blake. A banda estava cantando "'Til Tell My Ma", todo mundo estava gritando e aplaudindo, portanto, precisei abrir caminho por entre os corpos em movimento para encontrá-lo. Vi Jenna sentada à mesa, ao lado de Harry e seu amor, e havia um assento vazio ao seu lado. Meu coração bateu forte, esperando que não fosse para ele, mesmo sabendo que não estavam juntos. Era apenas... um hábito. Meus olhos o encontraram no bar, cercado por um bando de rapazes, contando uma piada, o centro da atenção, como de costume. Ele sabia tudo de cor, tinha cativado a todos, eu o assistia, Vida o assistia, e então ele chegou ao clímax e todo mundo explodiu em gargalhadas. Eu não me contive e Vida também não. Esfreguei aquilo na cara dele e disse:

— Vê?

Blake me viu em seguida, desculpou-se e correu em minha direção. Jenna nos observava.

— Ei, você veio — disse, me abraçando e beijando o alto da minha cabeça novamente.

— Claro que vim. — Sorri radiante, sem querer olhar para Jenna, mas esperando que ela tivesse visto tudo. — Você se lembra da minha vida... — disse, me afastando para que eles pudessem ficar cara a cara.

— Sim, claro — disse Blake.

— Ei — Vida disse casualmente. — Sei que isso deve ser muito estranho para você — continuou, me surpreendendo com sua maturidade. — Então, deixe eu pagar uma bebida para você.

Blake olhou-o cautelosamente, depois olhou para mim, depois de volta para Vida.

— Para quebrar o gelo — Vida acrescentou.

Blake demorou a se decidir, o que realmente me incomodou. Não conseguia entender qual era o problema. Don tinha tomado café da manhã na cama comigo e com a minha vida de bumbum de fora; Vida tinha até encontrado a cueca para ele, com a qual o Senhor Pan, não sei, tinha forrado o cestão dele. Ele tinha até tomado o café da manhã com Vida, que fez o café da manhã enquanto eu tomava banho. Não estava comparando Don ao Blake, não estava, simplesmente as reações deles eram contrastantes. Em defesa de Blake, porque tinha que tentar justificar seu comportamento, havia uma história entre ele e minha vida, mais emoções, mais complexidade do que a simplicidade de uma noite. Tivemos um caso de amor de cinco anos, é claro que ele estaria desconfortável. Ou... Não deveria ser o contrário?

— Sim, está bem — Blake finalmente cedeu a qualquer batalha que estivesse travando. — Vamos tomá-la aqui. — Guiou-nos para longe do resto da turma, para uma parte mais calma do bar, atrás de uma divisória de vidro colorido.

— Bem, aqui é agradável — eu disse, nervosa, olhando para Vida, que estava claramente insultado e começava a se coçar novamente. — Pelo menos podemos ter privacidade.

— Então, que bebida você deseja? — Vida perguntou a Blake.

— Guinness.

Não, por favor. Olhei de um homem para outro: nitidamente havia algo que eu estava perdendo.

— Blake, você sabe que ele é a minha vida, não é? — perguntei tranquilamente quando Vida estava distraído no bar.

— Sim, sei — Blake disse defensivamente.

— Ele não é um namorado, ou um ex-namorado, ou alguém por quem deva se

sentir ameaçado.

— Ameaçado? Não me sinto ameaçado.

— Que bom, mas você está agindo de maneira estranha. — Suspirei. — O que está acontecendo?

— Como as pessoas costumam reagir a isso?

— Com interesse — disse imediatamente. — Normalmente as pessoas que me amam estão interessadas na minha vida. Elas estão felizes, animadas em conhecê-lo. Elas costumam me ignorar para que possam falar com ele, sabia? A não ser com meu pai, é assim que acontece.

Ele se iluminou.

— Ei, como vai seu pai?

Outra mudança inadequada de assunto, mas segui com ele.

— Meu pai e eu não nos falamos.

— Por que não? O que aconteceu? Vocês eram tão próximos.

Então, muita coisa havia mudado.

— Nós nunca fomos próximos, mas o que aconteceu foi que eu mudei e ele não gostou. Ele não mudou e eu não gostei.

— Você realmente mudou? — Blake questionou, me observando.

Engoli em seco. Em parte, porque a minha resposta dependia se ele queria que eu tivesse mudado ou não, mas, principalmente, porque não sabia a resposta. Tinha mudado desde que conhecera minha vida, com certeza. Mas ele tinha me ajudado a me tornar a pessoa que era antes de Blake me conhecer ou havia me ajudado a seguir adiante da pessoa que ficara atolada na lama depois de Blake, fazendo de mim uma pessoa totalmente nova? Estava confusa e quase me vi sair correndo para conferir a resposta com Vida. Mas não podia, porque aquilo seria um comportamento estranho e porque os lábios de Blake estavam quase tocando os meus e não queria, jamais, ter de me afastar dali.

— Porque tudo parece igual — ele disse. — Tudo parece certo. — Nossos lábios estavam quase se roçando. Meu corpo formigava todo. Então, senti algo frio em meu peito, olhei para baixo e vi uma caneca de Guinness na mão de Vida.

— Sua bebida — Vida disse a Blake. — Aproveite.

Nosso momento tinha sido roubado por minha vida.

— Então... — Vida disse, me entregando um copo de vinho branco e segurando uma garrafa de cerveja na mão.

Ninguém aproveitou o início de conversa lançado, então ele tentou novamente.

— Hoje foi realmente incrível — Vida disse com entusiasmo, realmente se esforçando. — Eu nunca tinha experimentado nada parecido. A sensação é a mesma toda vez que você faz isso?

— Sim, pode ser — Blake acenou com a cabeça.

— Mas você saltou quantas vezes hoje?

— Três vezes. Tivemos três grupos.

— Uau! Adoraria fazer aquilo de novo, com certeza — disse Vida. — Eu recomendo a qualquer um.

— Ótimo. Bom, obrigado. Deixe eu dar isso para você — Blake caçou algo no bolso — no caso de você querer recomendar o clube a alguém. — Entregou seu cartão a Vida. Tinha uma foto dele. Vida estudou o cartão, com um sorrisinho brincando nos lábios, e cruzei meus dedos e torci para que ele não dissesse nada malicioso. Em vez disso, ele olhou para mim e sorriu. Blake percebeu o sorriso. Estava tudo tão estranho entre nós, queria que aquilo acabasse. Já era o bastante. Tentei arduamente pensar em algo para dizer, mas todos os pensamentos me escapavam, o que era ridículo, já que tudo o que eu tivera, durante o dia todo, foram pensamentos. Pensamentos atrás de pensamentos e, agora, não tinha nenhum. Todos nós ficamos em silêncio nesse triângulo, buscando algo a dizer

em nossos cérebros. Nada. Nós não tínhamos nada.

— Você quer que o apresente a algumas pessoas? — Blake perguntou a Vida, enfim.

— Não, está tudo bem, há algumas pessoas que reconheço de hoje cedo. — Vida aproveitou a oportunidade para fugir. — Lucy, se precisar de mim, estarei aqui.

— OK — disse, irritada e desconfortável ao mesmo tempo.

Em seguida, o volume da música subiu e quando "Whisky in the Jar" começou, todo mundo se animou um pouco e o ruído subiu para um nível em que conversar era impossível.

— Vamos lá — disse Blake, tomando minha mão e me levando para o meio da multidão. Vi Jenna olhando para nós com uma expressão tão desesperada que uma parte minúscula em mim se sentiu um pouquinho culpada. Bem pouco. O barulho diminuía à medida que ele me conduzia em meio à multidão; a multidão diminuía em tamanho e em estatura, conforme nos movíamos para onde os homens velhos e magros estavam escorados, no bar, olhando os novatos. Passamos pelos banheiros fedidos, fomos para a parte de trás do bar onde os ladrilhos de padrão xadrez vermelho e preto estavam esmaecidos e pegajosos de bebidas derramadas, e saímos pela saída de incêndio mantida aberta por um barril de cerveja. Segui-o e, então, quando estávamos do lado de fora, olhei em volta para o *beer garden*.

— Ei, este não é... — Mas não consegui terminar porque os lábios dele estavam sobre os meus; tirou o copo da minha mão e, em seguida, suas mãos estavam em mim novamente, no meu quadril, na minha cintura, subindo para meu peito e para meu pescoço e para meu cabelo. Minhas mãos, imediatamente, foram para seu peito, a camisa dele tinha quatro botões abertos e revelava o tórax de um belo homem; minhas mãos repousaram ali, como sempre fizeram, sentindo a pele lisa e encerada. Foi perfeito, tudo o que fantasiei nos devaneios das manhãs de sábado e domingo até à 1 hora tarde. Podia saborear a cerveja em sua língua, sentia o cheiro do sabonete na pele dele, conseguia me lembrar de

tudo o que era bom em nosso relacionamento. Então, a gente finalmente se afastou para tomar fôlego.

— Hummmm — ele disse.

— Será que ainda tenho isso?

— Nós ainda temos isso — murmurou, e me beijou novamente. — O que estávamos fazendo todo esse tempo em que ficamos separados? — disse e beijou meu pescoço; eu congelei.

Todo esse tempo. Queria dizer algo, mas cada frase que correu pela minha mente soou amarga e irritada, então fechei a boca e esperei que a raiva passasse. Ele parou de me beijar, me levou para a grama e nos sentamos. Nós rimos, não sobre nada em particular, mas por estarmos ali, juntos depois de todo aquele tempo.

— Por que você veio? — Blake perguntou, tirando o cabelo do meu rosto e colocando-o atrás de minha orelha.

— Para vê-lo.

— Estou feliz que você tenha vindo.

— Eu também.

Nós nos beijamos novamente, mas bem aquém do recorde de beijo mais prolongado que tive com Don e, mentalmente, me pus de castigo por compará-los.

— Sobre o que estávamos falando mais cedo mesmo? — perguntou.

Finalmente, tinha chegado o momento de falar sobre aquilo. Tomei um gole do vinho e me preparei.

— Ah, sim... — ele disse, se lembrando. — Da minha torta marroquina. O gosto Blake.

Pensei que estivesse brincando, mas não estava. Ele começou a explicar a receita e, em seguida, entrou em mais detalhes sobre como a modificara. Fiquei

tão chocada que nem ouvia o que dizia, nem pensava no que dizer. Pelo menos cinco minutos se passaram sem que eu tivesse dito algo, e ele havia mudado para outra receita, descrevendo, em detalhes, como ele marinava, temperava e refogava as coisas por 40 dias e 40 noites, ou pelo menos parecia esse tempo todo.

— Então você pega o cominho e...

— Por que você me deixou?

Ele estava tão absorto em seu mundinho que foi apanhado completamente de surpresa.

— Lucy, que é isso? — Ficou na defensiva. — Por que você tem que falar sobre isso?

— Porque parece apropriado — disse, com a voz tremendo e esperando que ele não percebesse, embora fosse óbvio. — Já se passaram quase três anos. — Ele assentiu e fingiu que não acreditava que tinha sido há tanto tempo. — Eu não ouvi nada sobre você e aqui estamos, como nos velhos tempos. Acho que deveríamos falar sobre isso. Preciso falar sobre isso.

Ele olhou ao redor para garantir que ninguém estivesse ao alcance da voz.

— OK. O que você quer falar?

— Por que você me deixou? Ainda não entendo. Não sei o que fiz de errado.

— Você não fez nada de errado, Lucy, fui eu. Sei que soa piegas, mas só precisava fazer as minhas coisas.

— Que coisas?

— Você sabe... As minhas coisas. Viajar e conhecer lugares e...

— Ter relações sexuais com outras pessoas?

— O quê? Não, não foi por isso que fui embora.

— Mas eu estava viajando com você para todos os lugares o tempo todo. Nunca disse que você não poderia fazer o que queria fazer ou ser quem você

quisesse ser. Nunca, nem uma vez. — Estava lutando para manter a calma; se ficasse emotiva demais, ele não conseguiria lidar com aquilo.

— Não era nada disso — disse. — Era apenas... Eu, sabe? Algo que eu precisava fazer. Você e eu estávamos tão sérios e éramos tão jovens! Nós tínhamos o apartamento, os, você sabe, cinco anos... — continuou falando coisas sem sentido para qualquer outro ouvido humano, mas com todo o sentido para os meus.

— Você queria ficar sozinho — disse.

— Sim.

— Não havia mais ninguém.

— Não, nossa, não! Lucy...

— E o que dizer agora? — perguntei, aterrorizada com a resposta. — Você ainda precisa ficar sozinho?

— Ah, Lucy! — disse e desviou o olhar. — Minha vida é complicada, você sabe. Não para mim, para mim é bem simples, mas para outras pessoas ela é...

Os alarmes soaram em minha cabeça. Afastei-me fisicamente dele, não tanto que ele pudesse perceber, mas o suficiente para que eu percebesse. Afastei-me de outras formas também.

— ... espontânea, emocionante e cheia de aventuras, e gosto de me manter em movimento e de experimentar coisas novas. Você sabe — se animou —, teve aquela semana quando fui para Papua-Nova Guiné... — E ele havia se desligado da conversa novamente.

Por dez minutos eu o ouvi falar sobre sua vida e, quando ele estava chegando ao fim, sabia por que estava aqui. Estava sentada na grama, ao lado dele, ouvindo aquele homem familiar parecendo um perfeito desconhecido e, em questão de minutos, estava me sentindo completamente diferente a respeito dele. Estava vendo-o como alguém, menos como deus e mais como amigo, um amigo um pouco bobo, que tinha se perdido em seu caminho e encontrava-se obcecado

com sua vida, com sua vida e não com a de qualquer outra pessoa, e, certamente, não com a minha, porque a minha estava lá dentro, bebendo cerveja e ouvindo música tradicional irlandesa, sozinha, depois que eu a arrastara até lá. De repente, queria deixar Blake e ir lá para dentro com Vida. Mas não podia, não até depois de ter feito o que eu tinha ido fazer ali. Ele terminou de falar e eu sorri, calma e serena, um pouco triste, mas me sentindo em paz, finalmente.

— Estou muito feliz por você, Blake — disse. — Estou feliz que você esteja feliz com sua vida e orgulhosa por tudo o que conseguiu.

Ele pareceu um pouco confuso, mas satisfeito, e olhou em volta.

— Você tem que ir agora ou algo assim?

— Por que você pergunta?

— Isso soou como palavras de despedida.

Sorri novamente.

— Talvez sejam.

— Não — gemeu. — Nós estávamos indo tão bem... — Ele se moveu para perto de mim outra vez, tentando me beijar.

— Isso não vai funcionar, Blake.

— Ah, Lucy, não!

— Não, não, me escute. Não é culpa de ninguém. Não é minha culpa. Não fiz nada de errado, sei disso agora, é apenas a maneira como as coisas são. Às vezes, elas simplesmente não funcionam. Você e eu, nós funcionamos pelo tempo em que funcionamos, e daí não funcionamos mais. Não podemos voltar atrás e, francamente, nem posso imaginar o que poderíamos nos tornar. Eu mudei.

— Ele fez isso com você? — disse, olhando em direção ao pub.

— Não. Você fez. Quando foi embora.

— Mas estou aqui agora e nós estamos tão bem juntos! — respondeu,

estendendo a mão para mim.

— Estamos. — Ri. — Estamos tão bem juntos quando não estamos falando sobre o que importa, e a minha vida importa, Blake, a minha vida é importante para mim.

— Eu sei disso.

— Sabe? Porque ele está lá, tomando cerveja sozinho, e acho que você não está nem um pouco interessado nele. Você não fez nem uma pergunta sobre mim desde que nos vimos, nem uma.

Ele franziu a testa enquanto pensava sobre aquilo.

— Isso pode ser bom para outra pessoa, foi bom para mim por um tempo, mas não, não é mais.

— Então você está me deixando.

— Não, não. — Ri. — Não me venha com essa! Ninguém está deixando ninguém, apenas não estamos começando nada. — Houve um silêncio e, antes que ele fizesse algum movimento para sair e sumisse para sempre num mundo ao qual eu não tinha acesso, falei novamente. — Mas estou feliz que você falou sobre isso, porque é por isso que estou aqui.

— Como assim, por que você está aqui?

Inspirei profundamente.

— Você precisa dizer aos nossos amigos que você me deixou.

Capítulo 26



— Sinto muito, preciso fazer o quê?

Do jeito que estava olhando para mim, sabia que ele tinha ouvido exatamente o que eu dissera. Não estava sendo solicitada a repetir para que ele ouvisse, mas para que eu soubesse que, por nada desse mundo, aquilo aconteceria. Foi quando nosso rompimento amigável, ou nosso momento voltando-a-ficarmos-juntos, tornou-se algo bem menor.

— Gostaria que eles soubessem que não terminei com você — eu disse suavemente, tentando manter o tom casual, mas firme, de modo que pudesse ser tão “não conflitante” quanto possível.

— Então você só quer que eu chame a todos e diga: “Oi, a propósito...” — e terminou a frase na cabeça, encenando-a. — De jeito nenhum! — Mudou de posição desconfortavelmente na grama.

— Você não tem que chamar todos e fazer uma grande apresentação com música e dança, Blake; na verdade, você não tem que dizer coisa alguma, eu vou dizer a eles. Meu aniversário de 30 anos é daqui a dois dias e vamos sair para jantar. Eu posso simplesmente contar para eles, sem grandes problemas, sem fogos de artifício, somente contar para eles e, em seguida, se eles não acreditarem em mim e ligarem para você, preciso que você confirme a verdade.

— Não — disse imediatamente, com olhos fixos. — Isso foi há anos, é história, vamos deixar isso para lá. Acredite em mim, ninguém se importa. Não sei por que você quer trazer tudo de volta.

— Por mim. É importante para mim. Blake, todos eles pensam que traí você, eles...

— Eu digo para eles que não, isso é ridículo! — disse de maneira protetora. — Quem disse isso?

— Todos eles, exceto Jamie, mas esse não é o ponto.

Seu maxilar se definiu quando pensou na possibilidade de eu tê-lo traído.

— Você não fez isso, não é?

— O quê? De jeito nenhum! Blake, me escute, eles pensam que eu sou o cara mau da história, que parti seu coração, que arruinei sua vida e...

— Você quer que eu seja o bandido, então — disse, irritado.

— Não, claro que não, só quero que eles saibam a verdade. É como se eles me culpassem por todas as mudanças em nossa vida. Nem todos, mas especialmente Adam...

— Não se preocupe com Adam — Blake disse, se acalmando. — Ele é meu melhor amigo, é o ser humano mais leal do planeta, mas, você sabe, ele é intenso. Vou dizer para ele deixar você em paz.

— Ele faz comentários o tempo todo. Há sempre um clima ruim entre mim e ele. Ele torna as coisas difíceis para mim. Se apenas soubesse que estava mal informado, ele pararia. Poderia até pedir desculpas.

— Você quer um pedido de desculpas? Então é disso que se trata. Vou falar com ele, vou dizer para ele se acalmar, parar de ser tão intenso, que as coisas entre nós apenas acabaram naturalmente e você foi a única forte o bastante para apontar isso e acabar com tudo, que estou bem a despeito de tudo, que...

— Não, não, não... — o cortei, não querendo ser sugada para outra história. — Não! Quero que eles saibam a verdade. Nós não temos que lhes dizer por que dissemos o que dissemos, vamos lhes dizer que não queremos falar sobre isso nunca mais. Mas, pelo menos, eles saberão. Você entende?

— Não — disse com firmeza e se levantou, limpando a grama do seu jeans. — Não sei o que você veio fazer aqui. Quer que eu me torne uma espécie de vilão aos olhos de nossos amigos, mas não estou caindo nessa. Não estou.

Passado é passado, você estava certa, não há nenhum razão em revisitá-lo.

Levantei-me também.

— Espere, Blake! O que quer que ache que isso seja, você está errado. Não é algum tipo de sabotagem, é o oposto, na verdade. Quero consertar as coisas, mais especificamente, quero consertar a minha vida. Pensei que isso significasse encontrar você e, de certa forma, eu estava certa, mas não exatamente do jeito que pensei que deveria ser. Olha — inspirei profundamente —, é tão simples! Alguns anos atrás, nós dissemos uma mentira. O que pensávamos ser uma mentirinha, mas não era. Tudo bem para você, porque você está longe o tempo todo, está viajando pelo mundo e não tem que conviver com ela. Tenho que conviver com ela dia após dia. Por que me afastei de algo que era perfeito? Eles me perguntam o tempo todo. Mas não o fiz. A verdade é que algo que achava que era perfeito foi tirado de mim e eu nunca mais quis aquela perfeição. Queria o meio do caminho, me cercar de coisas com as quais não me importava, pois, assim, não poderia perder nada que eu amasse de verdade novamente. Não posso mais viver com a mentira. Não posso. Preciso seguir em frente, mas, para fazer isso, preciso que você me ajude. Eu poderia contar para eles sozinha, mas isso precisa vir de nós dois. Por favor, Blake, preciso que você me ajude a fazer isso!

Ele pensou profundamente, olhando para uma pilha de barris com a mandíbula rígida e apertada, e os olhos intensos. Então, se inclinou, pegou a cerveja da grama e olhou para mim, mas só por um segundo.

— Desculpe, Lucy, não posso. Somente siga adiante, OK? — disse isso e desapareceu como em um buraco negro no pub, engolido pelas músicas e gritos de lá de dentro.

Caí para trás, exausta, na encosta gramada onde tínhamos deitado alguns minutos antes, e repassei toda a conversa na minha cabeça repetidas vezes. Não havia nada que poderia ter dito de forma diferente. Tinha anoitecido, quando as formas e sombras costumam me ameaçar. Estremeci. Ouvi passos próximos à esquina, vindos da direção do animado jardim da cerveja. Vida apareceu e parou quando me viu sozinha, apoiou o ombro contra a parede e não se aproximou

mais. Olhei, melancolicamente, para ele.

— Podemos pegar uma carona de volta para a pousada em cinco minutos, se quiser.

— O quê? E não ficar até o final? Você não me ensinou nada mesmo!

Ele sorriu, um incentivo pelo esforço.

— Jenna está voltando para a casa de campo dela. Ela está pensando em ir embora.

— Da casa de campo? Bom para ela.

— Não. Ir embora da Irlanda. Está indo para casa. Para a Austrália.

— Por quê?

— Acho que as coisas não aconteceram do jeito que ela esperava. — Olhou para mim com conhecimento de causa.

— Ótimo. Estarei pronta em cinco minutos.

Ele caminhou até mim e gemeu como um velho quando abaixou o corpo na minha altura. Brindou a garrafa com meu copo.

— Saúde — disse e, em seguida, se voltou para as estrelas. Tivemos um momento de silêncio enquanto as palavras de Blake ainda ressoavam na minha cabeça. Não tinha nenhuma razão em pensar numa segunda tentativa, sabia que ele não poderia ser mudado. Olhei para Vida; ele tinha um sorriso no rosto enquanto olhava as estrelas.

— Que foi?

— Nada. — E sorriu ainda mais.

— Vamos, me diga.

— Não. Nada. — Tentou parar de sorrir.

Dei-lhe uma cutucada nas costelas.

— Ai! — Dobrou-se sobre o estômago e se sentou a meu lado. — É só que ele

tem uma foto dele no cartão de visita — disse isso e riu como uma garota.

Aquilo me irritou no começo, mas, quanto mais ele ria, mais queria me juntar a ele, até que, finalmente, o fiz.

— É... — Finalmente respirei. — É um pouco triste, não é?

Ele bufou parecendo um porco, o que nos causou um novo ataque de riso.

Vida saltou na parte de trás do jipe, me forçando a me sentar no banco da frente, ao lado de Jenna. Ela estava subjugada, não tinha o grande sorriso com que nos recebera naquela manhã, mas não foi rude. Eu duvidava que houvesse alguma coisa rude nela.

— Foi um longo dia, não foi? — Vida perguntou, captando o humor no jipe e quebrando o silêncio.

— Sim — dissemos simultaneamente, num tom cansado. Rapidamente nos entreolhamos e, em seguida, mais uma vez.

— Ouvi algo sobre você e Jeremy no pub? Rumores de um romance? — Vida atiçou.

As bochechas de Jenna ganharam um tom rosado.

— Ah, houve uma festa... Não foi nada, bem, foi algo, mas agora não é nada. Ele não é... — E se calou, engoliu em seco. — Não é o que quero... mais.

Isso explicava sua mudança de *status* no Facebook. Nós fizemos o resto da viagem em silêncio. Ela parou na calçada da pousada e nós agradecemos enquanto saltávamos do veículo. Ela virou o carro e ficamos ali a lhe acenar.

Vida me encarou.

— O quê?

— Diga alguma coisa — ele disse, impaciente.

Suspirei, olhei para ela, uma coisinha loura pequena num jipe grande, e então corri e bati na janela. Ela freou e baixou a janela. Parecia cansada.

— Ouvi dizer que você está voltando para casa.

— Sim, estou — disse e desviou o olhar. — Como você disse, é um longo caminho.

Assenti.

— Estou indo para casa de manhã.

Levantou os olhos, de repente, ansiosa por ouvir mais.

— É?

— É.

— Isso é muito ruim. — Ela era educada demais para dizer aquilo com cinismo, mas não foi totalmente convincente.

— Não estou... — Me esforcei para pensar em como montar a frase. — Não vamos voltar — disse simplesmente. Ela me estudou, tentando entender o que eu tinha dito. Então, terminei: — Só pensei que você deveria saber.

— Certo — Me deu um sorriso, lutando para que ele não dominasse seu rosto. — Obrigada! — Fez uma pausa. — Obrigada por me deixar saber.

Afastei-me do carro.

— Obrigada pela carona!

Voltei-me para Vida e ouvi as rodas no cascalho. Virei para trás uma vez, vi a janela se fechar, o sorriso no rosto dela, e o jipe seguiu de volta pela estrada da pousada. Parou na saída e ela deu seta para a direita, de volta para o caminho pelo qual viemos.

Segurei a respiração todo aquele tempo e, tão logo ela fez a curva, soltei todo o ar. Meu coração se retorceu novamente e, por um momento, entrei em pânico. Queria chamá-la de volta, voltar para lá, queria ir até Blake, voltar para ele, viver da maneira que sempre vivemos juntos. Mas então me lembrei. Hábito.

Capítulo 27



Acordei com Vida já vestido e me olhando de uma poltrona, o que era assustador, para dizer o mínimo. Parecia preocupado.

— Tenho más notícias.

— Estamos aqui reunidos hoje para lamentar a perda de Sebastian — Vida disse, enquanto estávamos em um ferro-velho, olhando para meu pobre carro, que tinha sido trazido até ali pelos médicos.

— Há quanto tempo você sabia disso?

— Desde ontem, mas não quis dizer. Não parecia certo.

— Será que ele realmente tem que ir? Não podemos mantê-lo vivo por um pouco mais de tempo?

— Temo que não. Uma equipe de mecânicos não poderia trazê-lo de volta. Além disso, você se sairia melhor comprando um carro novo com todo o dinheiro que gastaria para consertá-lo.

— Sou uma pessoa fiel.

— Eu sei.

Fizemos um momento de silêncio e, então, dei um tapinha no teto de Sebastian.

— Obrigada por me levar a todos os lugares que queria ir e por me levar para longe deles novamente! Adeus, Sebastian, você me serviu muito bem.

Vida me passou um punhado de terra. Peguei-o e joguei sobre o teto. Demos um passo para trás, o guindaste baixou, e logo Sebastian foi levantado para os

céus. Então, prontamente, foi jogado e esmagado. A buzina do carro invadiu meus pensamentos e nos viramos para ver Harry colocar a cabeça para fora da janela da van.

— O “bolas de castanhas” aqui está louco para partir. A mãe dele está tendo um chilique e precisa da van para algum parceiro de dança irlandesa.

Permaneci calada no caminho para casa, assim como Harry. Ele estava a meu lado, mandando mensagens de texto o tempo todo, e enquanto estava esperando a próxima resposta, lia as anteriores.

— Harry está apaixonado — Annie brincou.

— Parabéns.

Suas bochechas ficaram vermelhas, mas ainda sorriu.

— Então, o que aconteceu com o seu homem?

— Ah, não. Nada.

— Eu disse que as pessoas podem mudar muito em três anos.

Não queria que um garoto estudante pensasse que sabia mais sobre a evolução da espécie humana do que eu, então sorri para ele e falei um pouco condescendente.

— Mas ele não mudou, estava exatamente igual.

Ele torceu o nariz com aquilo, desgostoso de que a pequena entrada triunfal de Blake, ontem, fosse o normal e não o resultado de alguma batida na cabeça que ele recebera nos últimos três anos em que não o vira.

— Então foi você que mudou — disse com naturalidade e depois se voltou para o telefone, para continuar trocando mensagens com a garota com quem queria ter seus bebês.

Fiquei ainda mais silenciosa depois dessa conversa, pois tinha muito em que pensar. Vida era todo prosa, mas, finalmente, percebeu, depois das minhas respostas monossilábicas, que eu não queria falar e me deixou quieta. Tinha

perdido muito naquela viagem: não apenas o amor que pensei que tinha e meu carro amado, como também a esperança de que pudesse me redimir; meu sonho de parar de viver numa teia de mentiras tecida inteiramente por mim parecia ser algo irreal ou, pelo menos, significaria uma batalha maior do que pensara. Senti como se não tivesse nada, ou, pior ainda, senti que não tinha nada: sem emprego, sem carro, sem amor, um relacionamento em ruínas com minha família e meus amigos, e, de maneira mais preocupante, com minha melhor amiga. Tudo o que tinha era meu estúdio alugado, com uma vizinha que, provavelmente, nunca mais ia querer falar comigo e um gato que tinha deixado sozinho por duas noites.

Olhei por outro ângulo. Eu tinha minha vida.

Vida falou ao motorista logo que chegamos ao centro da cidade.

— Pode nos deixar saltar aqui?

— Por que aqui?

Tínhamos saído na Bond Street, o coração das Liberdades, em Dublin, uma das áreas mais centrais e históricas da cidade, onde a maioria das ruas originais, incluindo aquela onde nos encontrávamos, ainda era de pedras. Atrás dos portões negros da Guinness Brewery, a fumaça era jogada para o ar enquanto os cientistas de jalecos brancos, lá dentro, fabricavam nossa maior exportação.

— Siga-me. — Sorriu com orgulho. Eu o segui pela rua com calçada de pedra, as antigas muralhas ao nosso lado se erguendo sobre nós enquanto escondiam fábricas trabalhando, lado a lado, e prédios abandonados e paredes com janelas em arco, fechadas com tijolos. Então, quando pensei que estávamos no meio de uma lição do coração, mais ou menos como falar de todos os problemas que tinham afligido as pessoas que viveram naquelas ruas e como elas tinham se recuperado, talvez selando as janelas com algum tipo de massa de secagem rápida, e que ouvir essa história faria com que eu me sentisse melhor comigo mesma de alguma forma, pois bem, quando eu pensava na lição que viria, ele tirou um molho de chaves e caminhou até uma porta aleatória em uma parede cheia de janelas fechadas com tijolos.

— O que você está fazendo? O que tem aí? — Olhei em volta, esperando que alguém nos parasse.

— Quero mostrar uma coisa para você. O que acha que tenho feito o tempo todo que estive atuando por aí, escondido de você?

Fiz uma careta, e então fiz uma imagem de Vida me traindo com uma versão mais jovem e mais bonita de mim, desfilando como vida dela para se aproximar dela, se sentando com a família dela em almoços de domingo, tentando continuar com as histórias dela sob os olhos redondos de seu pai possessivo, tendo que agir como se já os conhecesse a todos, enquanto se sentia culpado por fingir para a mulher bem-ajustada que agora estava questionando a si mesma sobre precisar ou não de uma intervenção da vida, mas, também, se sentindo dilacerado pelo que estava fazendo comigo, exausto com sua mentira dupla. Vida estava me encarando.

— Você está com raiva. No que está pensando?

Dei de ombros.

— Nada. Então, o que é este lugar?

Era um armazém convertido, um grande espaço aberto com teto alto e tijolos à vista, empoeirado pelas novas reformas. Entramos num elevador e esperei que fôssemos catapultados através do teto e voássemos para o céu sobre os telhados, enquanto Vida Willy Wonka me mostrava tudo o que era meu. Mas isso não aconteceu. Fomos ao sétimo andar e Vida me levou ao fundo do corredor, para uma sala quadrada toda iluminada, com caixas espalhadas pelo chão e uma janela que dava para a cidade: apartamentos e casas geminadas dominavam a visão imediatamente abaixo, a Catedral de São Patrício e as Quatro Cortes eram visíveis a distância, com o telhado e a cúpula, respectivamente, feitos de cobre verde e brilhante, e, em direção à Baía de Dublin, os guindastes de construção dominavam o céu, junto com as chaminés de 200 metros de altura, listradas de vermelho e branco. Então, esperei pela lição. Mas não veio.

— Bem-vinda a meu novo escritório! — sorriu. Parecia tão feliz, tão distante

do homem que eu havia conhecido há duas semanas, que era difícil de acreditar que fosse a mesma pessoa.

Olhei para as caixas desordenadas pelo chão, a maioria das quais ainda estava lacrada, mas outras foram meio esvaziadas, revelando os arquivos dentro. O marcador preto, na parte externa das caixas, declarava “Mentiras 1981-2011”; “Verdades 1981-2011”; “Namorados 1989-2011”; “Laços da Família Silchester”. Havia uma caixa para “Amigos da Lucy”, com arquivos divididos em etiquetas individualizadas para “Escola”, “Faculdade”, “MBA”, “Diversos” e um arquivo para cada um de meus empregos anteriores, não que tivesse feito ou mantido muitos amigos nesses lugares. Havia uma caixa marcada “Feriados”, com compartimentos separados por data para cada viagem que tinha feito. Examinei o chão, as datas e os momentos aleatórios pulando sobre mim e desencadeando memórias que já havia perdido. Estas caixas continham toda a minha vida em papel, todas as minhas relações com cada pessoa que conheci; Vida manteve relatórios de todas elas, analisando-os para ver se a vítima de *bullying* no pátio da escola teve alguma coisa a ver com um relacionamento fracassado, vinte anos depois, ou se foi o contrário; um dia bem-sucedido no trabalho; e se uma fatura não paga teve alguma coisa a ver com uma bebida jogada na minha cara num clube de Dublin, o que menciono porque, no final, revelou-se que tinham absolutamente tudo a ver uma com outra. Imaginei-o, então, como uma espécie de cientista e o escritório dele, como seu laboratório, onde passara os dias antes de eu conhecê-lo, e continuaria a passar o resto de meus dias me analisando, me experimentando com filosofias e teorias sobre como tudo saiu do jeito que saíra porque cometi erros, porque tomei boas decisões, porque consegui e porque titubeei. Minha vida, o trabalho de sua vida.

— A Sra. Morgan acha que deveria me livrar de tudo isso e ter tudo apenas naqueles pequenos USBs, mas não sei, sou antiquado, gosto de meus relatórios escritos. Traz caráter a eles.

— Sra. Morgan? — perguntei, em transe.

— Você se lembra da mulher americana para quem você deu a barra de

chocolate? Ela se ofereceu para me ajudar a colocar tudo no computador, mas a agência não vai desembolsar nem um centavo para isso, então vou ter que conseguir tempo para fazê-lo. Não é como se eu não tivesse mais nada para fazer. — Sorriu. — Como você provavelmente se lembra do nosso primeiro encontro, já tenho um monte de coisas importantes no computador. Ah, e você vai ficar feliz em saber que tenho um novo — ele disse, dando um tapinha num PC novinho em folha sobre a mesa.

— Mas, mas, mas...

— Esse é um ponto muito bom, Lucy, e um que levantei inúmeras vezes. — Sorriu suavemente. — Isso está ficando estranho para você agora?

— Não, mas acho que estou apenas entendendo, eu realmente sou o seu trabalho? Só eu?

— Você quer dizer, se eu faço bicos com a vida de outras pessoas? — Riu. — Não, Lucy. Sou sua alma gêmea, sua outra metade, se você preferir. Você conhece aquela teoria antiquada de que há outra parte de você em algum lugar...? Esse sou eu. — E acenou desajeitadamente. — Oi.

Não sei por que estava achando tudo tão estranho agora, tinha lido tudo na revista, além de ela nos dar um cronograma de sua nova dieta e exercícios de tonificação, exibidos em uma caixa separada cheia de fotos de alimentos (para aqueles que ainda não estavam familiarizados com os tipos de alimentos) e os mínimos detalhes sobre como todo o sistema de vida funcionava. Então eu conhecia, não tinha nenhum motivo para estar surpresa, mas, vendo tudo acontecendo ali, num escritório, de forma tão comum, parecia ter tirado toda a magia, não que eu acreditasse em mágica, graças às declarações supersimpáticas de meu tio Harold que dizia ter roubado meu nariz, quando eu tinha 5 anos de idade, e parecia ser a única capaz de ver que aquilo entre os dedos dele era seu polegar amarelado e gordo, e que não se parecia em nada com meu nariz, pois meu nariz não tinha a unha suja nem cheiro de cigarro.

— Como você sabe que sou a pessoa certa para você? — continuei. — E se houver algum homem deprimido, chamado Bob, sentado agora no sofá comendo

sanduíches de presunto e se perguntando em que lugar do mundo estaria a sua vida, e a vida dele é você, mas em vez de estar lá, você está aqui, comigo, e tudo isso é apenas um grande erro e...?

— Eu sei — disse simplesmente. — Você não tem o mesmo sentimento?

Olhei para ele, então, com olhos de peixe morto, e imediatamente suavizei meu tom. Eu sabia. Como eu sabia quando olhei para Blake, por cinco anos. Havia uma ligação. Toda vez que olhava para Vida numa sala lotada, onde nada, nem ninguém fazia sentido para mim, sabia que ele estava pensando exatamente a mesma coisa que eu. Eu sabia. Apenas sabia.

— E sobre sua própria vida? — perguntei para ele.

— Está ficando melhor desde que nos conhecemos.

— Sério?

— Meus amigos não acreditam em minha mudança. Eles continuam a pensar que vamos casar, mesmo que eu esteja sempre lhes dizendo que não é assim que funciona. — Riu e então houve um enorme momento estranho enquanto me senti, infelizmente, devo admitir, como se tivesse acabado de ser mandada embora.

Desviei o olhar, por não querer que ele captasse meus sentimentos confusos, mas acabei me sentindo tonta quando a minha vida, literalmente, passou como um *flash* diante de meus olhos.

— Lucy e Samuel, 1986-1996. — Era um arquivo bastante fino. Meu pai e eu tivemos uma relação relativamente normal, se você considerar normal vê-lo uma vez por mês para o almoço de domingo quando voltava para casa do colégio interno. Os arquivos dos anos seguintes eram um pouco mais espessos: quando tinha 15 anos de idade, com uma cabeça tão teimosa quanto a dele, começamos a nos chocar. Em seguida, em algum lugar no início dos meus 20 e poucos anos, voltaram a ficar mais finos, mas estive ausente por um longo tempo, estudando na universidade, o que lhe agradou. O arquivo dos últimos três anos era mais grosso do que qualquer outro. Havia um arquivo para o relacionamento que tinha

com cada membro de minha família. Não estava nem um pouco intrigada em ver o que havia dentro deles. Tinha vivido aquilo, sabia o que havia acontecido, preferia me lembrar deles com aquele certo preconceito e má interpretação que o tempo, a idade e a visão em retrospecto me trouxeram. Vida continuou falando normalmente, ainda animado e orgulhoso da sua realização e sem perceber meu desconforto.

— Quero manter todos esses papéis, mesmo quando tiver colocado tudo no computador. Tenho certo apego a eles. Então, o que você acha? — Sorriu outra vez, encantado com o que alcançara.

— Estou muito feliz por você. — Sorri, sentindo tristeza. — Estou muito feliz por tudo estar funcionando para você.

Seu sorriso diminuiu depois que percebeu meu humor, mas não queria que ele tivesse percebido. Não queria transformar egoisticamente aquele momento especial para ele em algo sobre mim.

— Ah, Lucy...

— Não, não. Está tudo bem. Estou bem. — Iluminei-me e colei um sorriso falso no rosto. Sabia que parecia falso e sabia que soava falso, mas era melhor do que a verdade. — Estou muito feliz por você, você percorreu um longo caminho, mas, se não se importa, tenho que ir agora. Tenho... ahn... um encontro com uma garota que conheci no ginásio e que... — Suspirei, não podia mentir, não mais. — ... Na verdade, não, não tenho um compromisso, mas tenho que ir. Só tenho que ir.

Ele acenou com a cabeça, perdendo a empolgação e a vivacidade que tinha até poucos minutos atrás.

— Entendo.

De repente, me senti estranha.

— Talvez você possa se encontrar com Don ou algo assim hoje à noite? — perguntei, mais esperançosa do que pensava, mas o rosto de Vida desabou.

— Não, não acho que seja uma boa ideia.

— Por que não?

— Não depois de ontem à noite.

— Você só perdeu um drinque, nada demais.

— Era demais para ele — disse, falando sério. — Você escolheu Blake, Lucy. Ele sabe disso. Não era apenas um copo de bebida. Foi uma decisão que você teve que tomar. Você sabe disso.

Engoli em seco.

— Realmente, não vejo a situação dessa forma.

Vida deu de ombros.

— Não importa. Ele vê.

— Mas isso não significa que você e ele não possam ser amigos.

— Não significa? Por que ele desejaria passar mais tempo comigo quando é você que ele quer? Blake experimentou o oposto, ele queria você, não sua vida. E Don, Don só pode ter sua vida, mas não você. Irônico, não é?

— Sim. — Sorri fracamente. — Bem, é melhor eu ir. Parabéns, sério, estou muito feliz por você! — Não conseguia esconder a tristeza e as palavras soaram muito vazias. Então, saí.

Comprei uma lata de comida de gato e uma torta de queijo cottage para micro-ondas na loja da esquina, perto de minha casa. Assim que saí do elevador, no meu andar, congelei e quis voltar para dentro dele. Mamãe estava em frente à minha porta, de costas para mim e com a cabeça apoiada na porta; parecia que estava ali há um tempão. Como disse, meu primeiro instinto foi voltar para o elevador, mas, logo depois, pensei que algo estava terrivelmente errado. Corri em sua direção.

— Mamãe! — Ela se voltou para mim e, tão logo vi seu rosto, me senti mal. — Mamãe, o que aconteceu?

Seu rosto estava amassado e ela estendeu os braços para mim. Abracei-a e a confortei, pensando que era tudo de que ela precisava, mas então ouvi uma fungada, depois outra, depois um grito e um gemido, e percebi que ela estava chorando.

— É sobre o pai, não é?

Gemeu ainda mais.

— Ele está morto, não está? — Entrei em pânico.

— Morto? — Parou de chorar e me olhou alarmada. — O que você ouviu?

— Ouvir? Nada. Estou apenas supondo. Você está chorando e você nunca chora.

— Ah, ele não está morto. — Ela escarafunchou o bolso e tirou um lenço de papel nojento. — Mas está acabado. A coisa toda está acabada. — E começou a chorar novamente.

Em estado de choque, coloquei um braço em volta de seus ombros e mexi na minha bolsa com a outra mão, à procura das chaves. Levei-a para o apartamento. Havia um odor de limpeza vindo do carpete e fiquei muito agradecida pelo trabalho que tinha feito e por ter trocado a lâmpada. Senhor Pan, que já tinha ouvido nossas vozes à porta, estava esperando ansiosamente; corria por dentro e por fora de minhas pernas, cheio de emoção, incapaz de se conter.

— Ele é absolutamente insuportável — mamãe chorou. Ela entrou no apartamento e foi só então que percebi que ela tinha uma bolsa imensa nas mãos. Ela mal olhou em volta, apenas se sentou num banco junto ao balcão e levou as mãos à cabeça. Senhor Pan pulou no sofá, depois para o balcão e se rastejou lentamente em sua direção. Ela estendeu a mão e começou a afagá-lo sem pensar.

— Assim, o casamento acabou? — perguntei a ela, tentando observar aquele alienígena que invadira o corpo de mamãe.

— Não, não — mamãe disse com desdém. — A cerimônia do casamento está

acabada.

— Mas o casamento está bem?

— Claro — disse ela, de olhos arregalados, surpresa por eu ter mencionado tal coisa.

— OK, deixe-me entender isso direito. — Sentei-me ao lado dela. — Ele é tão insuportável que você não vai renovar os votos, mas vai ficar casada com ele?

— Poderia casar com aquele homem uma vez, mas jamais poderia me casar com ele duas vezes! — declarou com confiança e, então, gemeu e se desmanchou sobre o balcão. De repente, ergueu a cabeça novamente. — Lucy, você tem um gato.

— Sim. Este é o Senhor Pan.

— Senhor Pan. — Sorriu. — Olá, lindo. — Ele estava no céu sob seu toque. — Há quanto tempo você o tem?

— Dois anos.

— Dois anos? Por que diabos nunca nos disse isso?

Dei de ombros, esfreguei os olhos e resmunguei.

— Fazia sentido na época.

— Ah, querida, deixe eu fazer um pouco de chá para você — ela disse, sentindo um problema.

— Não, você continua sentada. Eu vou fazer isso. O sofá é mais confortável, vá se sentar lá.

Ela olhou para o grande sofá de camurça marrom em forma de L que tomava a sala inteira.

— Eu me lembro dele — ela disse, enquanto olhava em volta e prestava atenção no resto da sala como se, de repente, percebesse que estava lá dentro pela primeira vez. Preparei-me, mas ela se virou para mim com um sorriso. — Que acolhedor! Você está absolutamente certa. Seu pai e eu estamos nos batendo

naquela casa enorme como bolinhas de gude.

— Obrigada. — Enchi a chaleira. Seu telefone começou a tocar; ela segurou a bolsa e fechou-a ainda mais apertado para silenciá-lo.

— É ele. Ele é implacável.

— Será que ele sabe onde você está? — Tentei esconder meu divertimento.

— Não, não sabe, e você nem pense em lhe dizer.

Caminhou até a janela tentando descobrir como dar a volta no sofá, mas ao ver que ele estava empurrado contra o parapeito da janela, voltou e tomou outra direção, procurando uma maneira de se sentar.

— Mamãe, por Deus, o que aconteceu?

Uma vez no outro extremo do sofá, ela descobriu que ele estava travado contra o balcão da cozinha. Então, fez o que qualquer pessoa normal, exceto mamãe, faria: levantou a perna e pulou o encosto do sofá.

— Casei com uma besta egoísta, é o que aconteceu. Vá em frente e ria, sei que você acha que somos dois peidos velhos, mas ainda há vida nessa velha. — Sentou-se confortavelmente no sofá, tirando os seus scarpins pretos e cruzando as pernas como um gênio.

— Estou sem leite — disse, culpada. Normalmente mamãe me servia chá numa bandeja de prata, com sua melhor porcelana. Aquilo não era adequado.

— Chá preto está bom — ela disse, acenando para que eu lhe passasse a caneca de chá.

Subi no sofá com as canecas na mão e me sentei na parte oposta do L. Coloquei meus pés em cima da mesa de café. Nunca nós duas havíamos nos sentado juntas daquela forma antes.

— Pois bem, me diga o que aconteceu.

Ela suspirou e soprou o chá.

— Não foi uma coisa, foram muitas e muitas coisas, mas o comportamento

dele com você foi a gota que fez o copo transbordar — disse, irritada. — Como ele ousa falar com minha filha daquela forma? Como ousa falar com seu convidado daquela forma? Eu disse a ele.

— Mãe, ele sempre fala assim comigo.

— Não gosto disso. Não gosto disso. — Voltou-se para mim com raiva no olhar. — Até então ele estava sendo o idiota de sempre — minha boca caiu — e com isso eu podia lidar, mas então, não, aquilo foi demais. É este casamento maldito. Quis organizá-lo para nos unir, para que pudéssemos ficar mais perto. Quis que ele pensasse um pouco nos últimos 35 anos de nosso casamento e ajudasse a comemorá-lo comigo. Em vez disso, a festa se transformou em uma fanfarra ostensiva cheia de pessoas que, sinceramente, eu nem mesmo gosto.

Engoli em seco novamente. Era uma revelação após a outra, e a mente de mamãe me intrigava muito mais do que o estado do casamento dela, com o qual não me preocupava muito. Eles eram adultos, foi ridículo da minha parte pensar que havia sido um mar de rosas para eles ao longo dos últimos 35 anos.

— E a mãe dele — suas mãos voaram para seu cabelo e ela os puxava comicamente —, essa mulher é pior agora do que no dia do nosso casamento. Ela dá valor a cada pequeno detalhe, o que, francamente, significa merda nenhuma para mim.

Merda nenhuma?

— Honestamente, Lucy, ela é tão rude e você é tão engraçada com ela! — Inclinou-se e colocou a mão em meu joelho. — Gostaria de ser capaz de pensar as coisas que você diz para ela. — Riu. — O que foi aquilo sobre o aleitamento materno, meu Deus, aquela foi a melhor de todas, pensei que a dentadura dela fosse cair. — Então ficou séria novamente. — Disse, depois de meu casamento, que nunca organizaria nada de novo — ela colocou as patas em todos os detalhes daquele dia, tal como mamãe fizera —, mas este casamento queria que fosse meu. Todo meu. Uma recordação adorável para compartilhar com minhas crianças. — Olhou delicadamente para mim e segurou minha mão novamente. — Minha adorável filha! Ah, Lucy, sinto muito, estou descarregando tudo isso

em você.

— Imagina, mamãe. Continue descarregando, estou gostando muito realmente.

Ela pareceu surpresa.

— Quero dizer, não posso acreditar que você esteja dizendo tudo isso. Você geralmente é tão composta!

— Eu sei. — Ela mordeu o lábio e pareceu culpada. — Eu sei — sussurrou, quase com medo e derrubou a cabeça entre as mãos. Em seguida, ficou em pé num disparo sobre o sofá e disse firmemente: — Eu sei. E isso é exatamente o que preciso ser de agora em diante. O contrário de mim. Eu fui como sou por toda minha vida. Quero ser mais como você, Lucy.

— Você o quê?

— Você é tão entusiasmada! — Socou o ar. — Você sabe o que quer fazer e não se importa com o que alguém diz ou pensa. Sempre foi assim, mesmo quando era uma criança, e preciso ser mais assim. Você entende, nunca soube o que queria ser, ainda não sei. Tudo o que sabia era que devia casar e ter filhos, e, como mamãe fez e minhas irmãs fizeram, queria fazer aquilo. Conheci seu pai e me tornei a esposa dele, era isso o que eu era. Então, tive os filhos. — Estendeu a mão para mim novamente e presumi que não me ofenderia com o que ela estava dizendo. — E então me tornei mãe. Era isso o que eu era. Uma esposa e mãe, mas não sei se tinha ou se tenho qualquer valor. Você e os garotos estão todos crescidos, então, o que sou agora?

— Sempre preciso de você — protestei.

— Isso é adorável — ela disse, esfregando meu rosto carinhosamente. — Mas não é verdade.

— E você agora é uma avó maravilhosa também.

Ela revirou os olhos e pareceu culpada novamente.

— Sim, claro, e isso é maravilhoso, acredite em mim. Mas isso significa que,

eu fazendo coisas e sendo coisas para outras pessoas, sou a avó de Jackson, Lucas e Jemima, sou sua mamãe, de Riley e de Philip, sou esposa de Samuel, mas quem sou eu para mim? Algumas pessoas sempre souberam que são boas em alguma coisa. Minha amiga Ann sempre soube que queria ensinar, e foi isso o que ela fez, mudou-se para a Espanha e conheceu um homem, e agora eles bebem vinho, fazem churrasco, assistem ao pôr do sol e ensinam todos os dias. — Suspirou. — Nunca soube o que queria fazer, em que era boa. Ainda não sei.

— Não fale assim. Você é maravilhosa!

Sorriu tristemente.

— Sem querer ofender, minha querida, mas quero ser mais. — Em seguida, assentiu para si mesma como se de acordo com um pensamento silencioso.

— Você está com raiva agora — disse suavemente. — Compreensivamente. Eu não poderia passar três minutos com o pai, quem diria 35 anos. Mas talvez, quando você tiver a chance de esfriar a cabeça, fique animada com a cerimônia.

— Não — disse com firmeza. — Isso está acabado. Garanto que sim.

— Mas falta apenas um mês para acontecer. Os convites já foram enviados. Tudo foi reservado.

— E todos eles podem ser cancelados. Há tempo de sobra. Haverá uma pequena taxa por alguns deles, sempre é bom ter novos vestidos, e os meninos sempre podem aproveitar ternos elegantes. Não me importo. Vou mandar uma nota pessoal a todos para que saibam que está cancelado. Não vou me casar com o seu pai pela segunda vez. Uma vez é suficiente. Fiz o que as pessoas queriam que eu fizesse por toda a minha vida. Fui responsável e respeitosa e adequada em todos os momentos e em todas as ocasiões, mas, para celebrar minha vida, 35 anos de casamento com três filhos lindos, não quero um evento na Câmara Municipal lotada com todas as pessoas do mundo da lei. Não é adequado. Não representa o que realizei em minha vida, mas apenas o que ele realizou em sua profissão.

— O que você gostaria, então?

Ela me olhou com surpresa, mas não respondeu.

— Você não sabe?

— Não é isso, é só que ninguém nunca me perguntou.

— Lamento não ter ajudado você. Fui tão egoísta!

— Nem um pouco. Você teve uma aventura emocionante com a sua vida. Isso é importante, acredite — ela disse, pensativa. — Como está sendo, a propósito?

— Ah... — suspirei — ... não sei.

Ela se voltou para mim e, depois de tudo o que disse sobre não se sentir uma boa mãe, não consegui me segurar.

— Perdi meu emprego, meu carro foi para o desmanche, feri um ótimo cara, Melanie não está falando comigo, nem os outros, minha vizinha pensa que sou má, fui para Wexford dizer a Blake que o amava e que o queria de volta, mas, quando cheguei lá, percebi que não, e agora a minha vida está seguindo adiante sem mim. Então, esta é a minha vida em poucas palavras.

Mamãe colocou os dedos delicados sobre os lábios. Os cantos da sua boca se contorceram. Ela soltou um gritinho um pouco agudo:

— Ah! — E começou a rir. — Ah, querida, Lucy! — E não conseguia mais parar.

— Estou contente que a minha vida a divirta. — Sorri, vendo-a cair no sofá, rindo histericamente.

Mamãe insistiu em passar a noite comigo, em parte porque meu aniversário estava próximo, mas principalmente porque não queria incomodar Riley e o namorado dele, não importava o quanto eu lhe dissesse que ele não era gay. Enquanto ela tomava banho, escondi o Senhor Pan numa bolsa grande e o levei para o parque, do outro lado da avenida. Diziam que o ar fresco ajudava e assim rezei para que o vento arrancasse e destruísse os pensamentos de minha cabeça. Minha vizinha, Claire, estava sentada num banco no parque infantil, com o carrinho de bebê ao lado dela.

— Se importa se me juntar a você?

Ela assentiu. Sentei-me a seu lado, com Senhor Pan no joelho. Claire olhou para ele.

— Perdoe-me, pensei que você estivesse...

— Eu sei — interrompi. — Está tudo bem.

Ele começou a se agitar e então o deixei livre para vagar.

Ficamos sentadas em silêncio.

— Ele adora os balanços — disse finalmente, observando-os. — Nunca o ouvi rir tanto como quando está brincando neles.

— Eu costumava adorar os balanços também — falei, e voltamos a ficar em silêncio. — Como ele está?

— Perdão? — Ela saiu de seu transe.

— Conor. Ontem você disse que ele estava doente, como está agora?

— Não está melhorando — disse distante.

— Você o levou a um médico?

— Não.

— Talvez você devesse.

— Você acha?

— Se ele não está bem.

— É só que... odeio médicos. Odeio hospitais ainda mais que mamãe, mas com ela doente, tenho que ir. Não tenho ido desde que... — Ela parou de falar, parecendo momentaneamente confusa. Mais alguns minutos se passaram antes que ela falasse de novo. — Mamãe está melhorando.

— Isso é uma grande notícia.

— Sim. — Sorriu.— É engraçado, foi preciso ela passar por tudo isso para

nos unirmos novamente.

— No meu apartamento outro dia, aquele era seu marido?

Ela assentiu com a cabeça.

— Nós não estamos juntos, mas...

— Nunca se sabe — terminei por ela.

Ela assentiu.

— Ele não está realmente doente.

— Seu marido?

— Não, Conor. Ele não está doente, está apenas diferente.

— De que maneira?

— Está mais silencioso. — Virou para mim, e seus olhos arregalados e preocupados estavam cheios de lágrima. — Ele está muito mais silencioso. Não o ouço muito ultimamente.

Voltamos o olhar para o balanço imóvel e pensei em Blake, nos sons de nossas memórias que estavam se tornando mais silenciosos e nos sentimentos que tinha por ele, os quais eu percebia cada vez mais longe de meu coração.

— Talvez isso não seja uma coisa tão ruim, Claire.

— Ele amava balanços — disse novamente.

— Sim — respondi, observando seu uso do tempo passado. — Eu adorava balanços também.

Capítulo 28



— Mamãe, você está acordada?

Era meia-noite. Mamãe estava na minha cama e eu estava no sofá, bem acordada.

— Sim, querida — respondeu de imediato, bem acordada também. Acendemos a luz do abajur e nos sentamos.

— Por que você não faz uma festa no jardim, em casa? Convide amigos próximos e familiares, mantenha as flores que você encomendou e o bufê que você reservou.

Mamãe pensou naquilo, bateu palmas e sorriu.

— Lucy, que ideia maravilhosa! — Então seu sorriso desapareceu. — O problema é que tenho que me casar com seu pai de novo.

— Bem lembrado. Bom, com isso não posso ajudá-la.

Ela apagou a luz e nos deitamos em silêncio, as nossas mentes fazendo hora extra. Peguei meu celular da mesa de café e olhei para o protetor de tela. Os olhos de Don ainda dominavam o espaço do telão. Não conseguia parar de pensar nele. Queria entrar em contato para pedir desculpa, mas não sabia o que dizer. Eu o tinha desrespeitado demais e claramente escolhido Blake. Então, me encolhi e me esquivei de lidar com aquilo, deixando essa história correr até que minha vida lhe dissesse. Coloquei o telefone de volta na mesa, mas, como se lesse minha mente, mamãe perguntou do nada:

— O que aconteceu com seu namorado?

— Blake?

— Não, não ele, o jovem que veio para jantar na segunda-feira.

— Ah, Don. Não era exatamente meu namorado.

— Não era? Vocês tinham tanta química! E adorei como ele a defendeu na frente de seu pai. Foi ótimo.

— É, foi — disse baixinho. — O que quer dizer com “tinham” química?

— O jeito que olhavam um para o outro, pareciam enfeitiçados.

Meu coração deu saltos.

— Seu pai e eu costumávamos ser assim, pelo menos era o que as pessoas diziam. Você sabe, nós nos encontramos numa das festas de papai. Ainda estava na escola e seu pai estava fazendo um estágio com papai.

— Eu sei, você me contou.

— Sim, mas nunca lhe disse como ele me paquerou.

— O pai paquerou você?

— Claro! Eu havia levado uma amiga comigo para a festa, mas ela foi ao banheiro e, assim que fiquei sozinha, aquele jovem de bigode, austero e de aparência séria, aproximou-se de mim. Tinha um copo de água na mão e me disse: “Parece que está sozinha, gostaria de companhia?”.

— Foi essa a cantada dele? — Sorri.

— Sim — Riu. — Mas funcionou, pois logo que ele se sentou a meu lado, nunca mais fiquei sozinha.

Engoli em seco e meus olhos se encheram de lágrimas. Virei de lado novamente, peguei o telefone para olhar nos olhos de Don e, imediatamente, soube o que tinha de fazer. Era hora de dizer algumas verdades.

Vida chegou mais tarde do que o habitual no dia seguinte, entrando com a própria chave, na hora do almoço, perdido atrás de um pacote de balões multicoloridos de “Feliz Aniversário”.

— Que diabos está acontecendo neste edifício, está cheirando... Ah, meu Deus! — Parou e olhou em volta.

Não parei de fazer o que estava fazendo, ou seja, abrindo a massa. Meus braços estavam cansados e haviam brotado muitas gotas de suor na minha testa, mas as coisas nunca estiveram mais claras em minha cabeça. Tudo em minha vida estava transparente como água, e eu sabia o que tinha que fazer. Quanto mais a massa abria, mais conhecia meu destino.

— Você está tendo um colapso nervoso? — Vida perguntou, com falsa preocupação. — Porque, se você estiver, vou ter de voltar para o escritório e preencher alguns documentos. Puxa, e tinha acabado de arquivar as suas crises nervosas. Típico de você! — bufou.

— Não, ao contrário, na verdade. Estou no meio de um momento de iluminação — disse, ainda ocupada com a massa.

— Você tem lido livros de novo? Eu disse para você não fazer isso. Eles lhe dão ideias.

Continuei trabalhando.

— Bem, feliz trigésimo aniversário! — disse e beijou minha cabeça. — Comprei balões para você, mas meu verdadeiro presente foi lhe dar a manhã longe de mim. Simplesmente impagável!

— Obrigada! — Admirei brevemente os balões e voltei a trabalhar.

— Você já fez alguma pausa, senhora louca? — perguntou, colocando um prato de bolinhos no chão e se sentando no balcão.

Finalmente, parei por um instante para apreciar a cena e vi que ele tinha alguma razão. Cada superfície disponível no apartamento estava cheia de doces e tortas. No fogão, borbulhavam ruibarbo e maçã. Havia feito *muffins* de mirtilo, torta de maçã e noz pecã e tortinhas de caramelo. Depois de passar a noite enviando mensagens de texto para espalhar a notícia, tinha ido ao supermercado de manhã cedo para comprar comida para mamãe. Fazia alguns anos desde que

fora ao supermercado, num de verdade, não num quiosque disfarçado que atendera meu apetite por um jantar-para-uma-pessoa nos últimos dois anos. Havia passado pela seção de comida pronta e fui puxada diretamente para a seção dos “crus”. Uma vez lá, minha mente revivera, como se tivesse estado adormecida por algum tempo, e houve uma explosão de pensamentos. Não só de ideias, sempre as tive, mas de decisões concretas. Decidi fazer um bolo de biscoito de chocolate de aniversário para mim, mas tão logo comecei a fazê-lo, não consegui parar, era como se o fermento fosse terapia e as coisas foram ficando mais claras em minha cabeça.

— Quanto mais amasso, mais entendo do que preciso — disse para Vida, enquanto trabalhava freneticamente com a massa. — Preciso amassar! — Ri.

Vida olhou para mim com ar divertido.

— Mas também preciso falar com meus amigos, preciso falar com Don, preciso arrumar um emprego. Um bom trabalho, um trabalho de que eu goste, um trabalho que esteja qualificada a fazer, preciso disso para, finalmente, seguir em frente.

Empurrei uma torta de amora e as maçãs desmoronaram sobre ele, então verifiquei meu celular. Todo mundo tinha retornado minha mensagem, mas ainda não havia nenhuma resposta de Don.

— Uau! Iluminação é eufemismo. Então você está pronta para fazer mudanças?

— Pronta é meu nome do meio. — Continuei a trabalhar a massa, como uma mulher numa missão.

— Na verdade é Caroline, mas entendi o que você quer dizer. — Apoiou o queixo na mão e ficou me olhando preguiçosamente, no entanto, poderia dizer que ele estava tão animado quanto eu. Havia uma mudança em mim, as coisas estavam finalmente em movimento.

— Recebi sua mensagem de texto à meia-noite.

— Que bom! — disse, levantando a massa do balcão, colocando-a num prato e delicadamente a alisando para preencher a fôrma.

— Acho que você enviou uma mensagem semelhante a todos os seus amigos.

— Sim.

— Será que eles sabem que hoje é seu aniversário? Por que eles não planejaram algo para você?

— Eles queriam planejar meses atrás, mas eu lhes disse que não. Disse que estaria em Paris com mamãe.

— Todo mundo vai a esse jantar de aniversário para o pronunciamento surpresa?

— É. Até agora todo mundo, exceto Don.

— E você vai me adiantar o que será esse pequeno pronunciamento?

— Não.

Vida não pareceu se importar.

— Bom, e o que você pretende fazer com toda essa comida?

— Posso dar um pouco para os vizinhos.

Ele ficou em silêncio.

— Você assistiu ao filme ontem à noite, não foi?

— Que filme? — Tentei parecer confusa.

— Lucy — ele se levantou do banco, perdendo a paciência —, o que você vai fazer: abrir uma loja de cupcakes como a garota no filme?

Fiquei vermelha.

— Por que não? Funcionou com ela.

— Porque é um filme, Lucy, eles tomam decisões de mudança de vida em montagens de vinte segundos. Esta é sua vida. Você não tem a menor ideia sobre

como iniciar um negócio, não tem dinheiro, perspicácia financeira e nenhum banco lhe daria o dinheiro inicial, pois você só gosta de ficar bundando com glacê cor-de-rosa.

Bufei infantilmente.

— Você disse bunda.

Ele revirou os olhos.

— Bem, talvez eu vá vendê-los no mercado ao longo do canal hoje — disse como se fosse um pensamento novo, mas, realmente, fora a adrenalina da clareza me instando a fazer isso, senti a emoção de vendê-los no mercado em algum cantinho da minha mente. Estava sendo proativa, criando trabalho para mim mesma quando não tinha nenhum, é o que todo mundo estava me dizendo para fazer naqueles dias, com certeza Vida ficaria orgulhoso.

— Isso é uma grande ideia! — Iluminou-se, e imediatamente senti o sarcasmo. — Você tem autorização para trabalhar como comerciante? Você já se inscreveu como uma empresa do setor alimentício e cumpriu com os padrões exigidos? — Olhou ao redor do apartamento. — Humm. Acho que não. Você tem sua própria banca? Reservou um lugar para exibir seus produtos?

— Não — disse baixinho.

Ele abriu a bolsa e, em seguida, jogou um jornal sobre o balcão.

— Volte à realidade, leia isso. — Estava aberto na página de empregos, mas só vi que o canto da página havia caído no creme. Então, ele mergulhou o dedo dentro da tigela de glacê e o lambeu. Seus olhos se iluminaram. — Humm. Talvez você pudesse abrir uma loja de cupcakes, afinal.

— Sério? — Me animei, esperançosa.

— Não — ele disse e fez uma careta para mim. — Mas estou levando isso comigo. — Pegou uma bandeja de biscoitos e os levou para o sofá. Não pude deixar de sorrir.

— Ah, a propósito, Don ligou para você?

— Não, sinto muito — disse suavemente.

— OK. Não é sua culpa. — Voltei a trabalhar.

Vida estava se empanturrando de biscoito e gritando para o Jeremy Kyle Show quando alguém bateu na porta. Abri-a e imediatamente a fechei novamente. Vida pausou a televisão e me olhou alarmado.

— O que há de errado?

Entrei em pânico, tentando dizer “o senhorio” em linguagem gestual. Ele não captou, e então corri pelo apartamento tentando pegar o Senhor Pan, que pensava que era uma brincadeira, enquanto as batidas do senhorio se tornaram murros. Finalmente, o peguei e o tranquei no banheiro. Vida me olhou com um biscoito parado na metade do caminho até sua boca.

— Sou o próximo? Se você quer um pouco de tempo sozinha, é só dizer.

— Não — sibilei. Atendi meu senhorio à porta, que estava com o rosto vermelho de raiva por ter sido ignorado.

— Charlie — disse alegrinha e sorri. — Desculpe a demora, tinha que pôr algumas coisas em ordem. Coisas pessoais de natureza pessoal.

Seus olhos se estreitaram, suspeitos.

— Posso entrar?

— Por quê?

— É o meu apartamento.

— Sim, mas você não pode simplesmente invadir aqui sem aviso prévio. Moro aqui. Tenho direitos.

— Ouvi relatos de que você tem um gato.

— Um gato? Eu? Não! Sou completamente alérgica a gatos, fico cheia de manchas e berebas nos braços e eu os odeio. Os gatos, não os meus braços; tenho trabalhado nestes há anos. — Mostrei-lhe os meus músculos.

— Lucy — disse em um tom de aviso.

— O quê?

— Deixe-me entrar para que possa dar uma olhada.

Hesitei e, em seguida, lentamente abri mais a porta.

— OK, mas você não pode ir para o banheiro.

— Por que não? — Entrou e olhou em volta como criança brincando de pega-pega.

— A mãe dela está com diarreia — Vida disse, se ajoelhando no sofá. — Ela não acharia muito gentil você interromper e entrar.

— Não estou interrompendo e entrando, sou o senhorio. Quem é você?

— Não sou um gato. Sou a vida dela.

Charlie olhou para ele com desconfiança.

Felizmente, os assados haviam livrado o apartamento do cheiro do gato, o qual eu nunca percebia porque já estava acostumada, mas o apanhador de gatos farejaria em um instante. Então, me lembrei da cama do Senhor Pan e da caixa de areia.

— O que está acontecendo aqui? — Charlie perguntou, observando as fôrmas de assados que dominavam o balcão.

— Ah, isso? Estou apenas assando algumas coisas, por que você não prova? — Guiei-o para o ponto mais afastado da sala, onde ficaria de costas para mim, e entreguei-lhe uma colher. Em seguida, corri para chutar a cama do Senhor Pan para debaixo da minha. Ele se virou exatamente quando eu havia terminado. Estreitou os olhos, desconfiado, e apontou o garfo para mim.

— Você está planejando algo?

— Como o quê?

— Você tem uma licença para fazer isso?

— Por que preciso de uma? Estou apenas assando umas coisas.

— Há uma enorme quantidade de comida aqui. Para quem você vai dar tudo isso?

— Ela quer abrir uma loja de cupcakes — Vida disse. Os olhos de Charlie se estreitaram.

— Vi isso em um filme ontem à noite. Foi em Nova York e nunca funcionaria aqui. E se o cara realmente a quisesse de volta, deveria ter feito isso antes que ela que se tornasse um sucesso, em vez de irromper na loja, na frente de todos os clientes. Eu não confiaria nas motivações dele.

— Sério? — Sentei no sofá, feliz pelo debate. — Porque os achei perfeitos um para o outro, e o fato de que os amigos deles ficaram juntos também mostrou que realmente... — Senhor Pan começou a miar no banheiro. E então mamãe entrou em casa, pela porta aberta, e eu soube que estava realmente ferrada.

— Que cheiro maravilhoso é este? Ah, Lucy, que fantástico! Se um dia eu finalmente decidir me casar com seu maldito pai, por favor, faça o meu bolo? Não seria maravilhoso? — Então notou Charlie e, pensando que estava sendo recebida em meu mundo de segredos e amigos, estendeu-lhe a mão. — Ah, olá, sou a mamãe de Lucy. É um prazer conhecê-lo.

Ele me olhou com interesse.

— Então, quem está lá dentro?

Mamãe tomou de volta sua mão, como se tivesse sido picada.

— Onde?

— No banheiro?

— Ah... é... — Não podia mentir na frente da minha vida. Ele devia, pelo menos, três verdades naquele momento, mas não precisei pensar em algo porque o Senhor Pan miou novamente, em tom alto e de forma perfeitamente audível.

— É o Senhor Pan! — Mamãe disse, surpresa. — Como conseguiu entrar lá?

— É um amigo da família — Vida disse casualmente, dando outra mordida num biscoito.

— Na verdade, olha o que trouxe para ele hoje — Mamãe enfiou o braço numa das sacolas de compra e tirou um tutu cor-de-rosa de lá. — Ele parece fêmea, está sempre sentado nos seus sapatos.

— Um amigo muito pequeno da família — Vida acrescentou.

— Então você tem um gato — Charlie disse, pegando mais torta.

— Ai... — mamãe disse, percebendo o que tinha feito.

Eu desisti.

— Livre-se dele, Lucy — Charlie disse. — Animais não são permitidos neste edifício, você sabe disso. Recebi queixas.

— Não posso me livrar dele — choraminguei. — É meu amigo.

— Não ligo para o que você acha que ele é, ele é um gato. Livre-se dele ou então saia. Prazer em conhecer você, senhora Silchester, e... — Olhou para Vida. Então para mim. — Você — e me deu um último olhar de advertência. — Estarei de volta em breve para verificar — disse e saiu.

— Bem, feliz aniversário para mim! — disse com tristeza.

Mamãe me olhou pedindo desculpas. Abri a porta do banheiro e, finalmente, liberei Senhor Pan. Ele olhava de um rosto para outro, sabendo que algo de ruim tinha acontecido.

— Sem trabalho, sem namorado, sem amigos e sem lugar para viver. Você realmente fez maravilhas por mim — disse para Vida.

— Apenas pensei em um pouco de reorganização para você — respondeu ele, em seguida, e voltou a assistir Jeremy Kyle. — Ele fala com eles como se fossem imbecis. Eu deveria anotar esse estilo.

— Você não tem que perder a sua casa linda — disse mamãe. — Vou levar Senhor Pan, adoraria tê-lo na casa. Imagine todo o espaço que ele terá.

— Mas eu sentiria falta dele! — Tomei-o e o abracei. Ele pulou dos meus braços, revoltado com o gesto de amor.

— Mais uma razão para me visitar — mamãe disse alegremente.

— Você não a está convencendo, Sheila — Vida falou. — E como você poderia deixar tudo isso para trás? — Encarou Senhor Pan.

— Amo meu apartamento — bufei. — Por dois anos e sete meses consegui manter Senhor Pan em segredo.

Mamãe parecia se sentir ainda mais culpada.

— Hoje é, obviamente, o dia para acabar com todos os segredos — Vida disse, sério, pela primeira vez. Mamãe bateu palmas com entusiasmo.

— Vamos nos preparar!

Mamãe vestiu-se no banheiro, para proteger sua modéstia, enquanto eu me despia na frente da minha vida.

— O que você vai vestir? — perguntou ele.

Examinei o varão da cortina.

— Aquele?

Ele franziu o nariz.

— O rosa?

Assentiu.

— O preto?

Encolheu os ombros.

— Experimente.

Levantei-me no parapeito da janela só de lingerie e peguei o vestido.

— Então, como você se sente aos 30?

— O mesmo que sentia ontem, quando tinha 29.

— Isso não é verdade.

— Não, não é verdade — concordei. — Tive uma epifania na noite passada, que foi alimentada esta manhã no supermercado. Realmente deveria ir lá mais vezes, sabe. No momento em que estava olhando para as passas, soube exatamente o que tinha que fazer. Mas não tinha nada a ver com chegar aos 30.

— Não, tinha tudo a ver com o supermercado mágico.

— Talvez seja a maneira como tudo esteja disposto em alas. Tão estruturado. Tão decisivo, tão racional, tão frutas aqui e vegetais lá, e, ei, sorvete, você é frio, você vai lá para a geladeira com outro frio...

— Lucy — me interrompeu.

— Sim.

— Esse vestido faz você ficar gorda.

— Ah... — tirei-o.

Vida estava deitado na cama, em um terno fino para o dia, apoiado nos meus travesseiros e com os braços atrás da cabeça. Tentei outro vestido.

— Sua mãe parece entusiasmada com esta noite.

— Sei. — Fiz uma careta. — Acho que ela pensa que vou admitir que ganhei uma medalha olímpica ou algo assim. Não acho que ela imagine o que vou revelar.

— O que vai dizer a ela?

— O mesmo que a todos os outros.

— Que você gostaria de convidar todo mundo para uma celebração da verdade — disse ele, lendo meu texto em seu telefone cheio de grandiloquência. — E “P.S.: se você está pensando em comprar um presente para mim, por favor, dê-me o dinheiro, com amor, Lucy”. — Ele ergueu a sobrancelha. — Encantador.

— Bem, não há nenhum espaço para rodeios, não é? Preciso de dinheiro.

— Esta é realmente uma versão completamente nova de você. Dá para ver seus mamilos — ele comentou.

— Acredite ou não, alguns homens realmente querem ver os meus mamilos — bufei, mas coloquei outra roupa.

— Não este homem.

— Você deve ser gay — disse, e nós rimos.

— Falando em gay, como você acha que Blake vai se sentir a respeito dessa reuniãozinha?

— Acho que, no momento em que Blake souber o que aconteceu, vai ficar muito chateado — eu disse, frustrada, enquanto me atrapalhava com o vestido.

Finalmente, com a cabeça presa no interior, puxei o zíper pelas costas e o vestido caiu sobre meu corpo. Meu cabelo estava uma bagunça estática, tive que deslocar os braços para fechar o vestido até o alto.

— Deixe-me ajudar — Vida disse, finalmente levantando da cama. Fechou o zíper. Alisou meu cabelo, arrumou a frente do vestido, me deu uma geral. Esperei que fosse me dizer para investir em alguma das cirurgias plásticas de Philip ou algo assim. — Linda — disse, o que me fez sorrir. — Vamos. — Bateu na minha bunda. — A verdade vos libertará.

Pela primeira vez em dois anos, 11 meses e 23 dias, cheguei primeiro à mesa de jantar, no Wine Bistro. Vida se sentou a meu lado e havia um lugar vazio do outro lado, porque eu o esperava. Apenas o esperava. Mamãe sentou ao lado da cadeira vazia. Riley foi o próximo a chegar e trouxe um buquê de flores, um capacho, uma salada de três feijões e um envelope. Ri com o gesto, então fui direto para o envelope e sequer li o cartão antes de sacudi-lo e contar 200 euros em quatro notas de 50. Gritei. Vida revirou os olhos.

— Você é tão óbvia.

— E daí? Estou quebrada, não sou orgulhosa.

Riley saudou Vida se curvando a seus pés e beijando sua mão.

— Mamãe, não sabia que você viria — ele disse, cumprimentando-a na sequência e indo para a cadeira vazia a meu lado.

— Estou esperando alguém — eu disse, colocando a salada de três feijões sobre a cadeira.

— Estou ficando na Lucy — mamãe disse alegremente, puxando uma cadeira para ele do outro lado dela.

— Ah, sim! — Riley riu, pensando que era uma piada.

— Seu pai é um idiota — mamãe disse, tomando sua vodca com soda e lima com o canudo.

Riley olhou para ela em estado de choque e, depois, para mim, acusadoramente.

— Você fez uma lavagem cerebral nela?

Balancei a cabeça.

— Então devo entender que ele não virá?

Mamãe bufou.

— E Philip?

— Está fazendo uma cirurgia de reconstrução de emergência num menininho que estava em um acidente — eu disse, entediada.

— Ah, não... — Mamãe acenou com a mão no ar. — Não vamos mais fingir que não sei que Philip está trabalhando com mamas.

Nós dois olhamos surpresos para ela. Vida riu, curtindo tudo.

— Quem é você e o que você fez com mamãe? — Riley perguntou.

— Sua mamãe está em uma pausa muito necessária. Sheila, porém, está de volta ao serviço — disse cheia de energia, riu e se inclinou para mim. — Você gostou disso?

— Brilhante, mamãe.

Jamie e Melanie chegaram e me levantei para cumprimentá-los. Melanie recuou um pouco, então, abracei Jamie primeiro.

— Feliz aniversário! — Ele me abraçou apertado, esmagando minhas costelas. — Melanie está com meu presente para você, nós rachamos; a empresa atual não estava indo bem, então nós fundimos.

— Você esqueceu, não é?

— Completamente.

— Desculpe não retornar sua chamada na semana passada.

— Ei, tudo bem, não era grande coisa, só queria ver se você estava bem. Ei, Melanie me disse que aquele cara é a sua vida! — Os olhos de Jamie estavam arregalados. — Isso é loucura. Li sobre isso numa revista uma vez. Espere até que Adam saiba quem ele é. É por isso que estamos aqui, não é? — perguntou ele, mas não esperou uma resposta, afastando-se antes. — Onde é que me sento? A seu lado, Senhora Silchester?

Ouvi mamãe rindo atrás de mim.

Foi a vez de os olhos de Melanie se arregalarem.

— Sua mamãe está aqui?

— Muita coisa aconteceu desde que a vi pela última vez.

— Desculpe não ter entrado em contato.

— Não, eu mereci. Está tudo bem. Melanie, eu realmente sinto muito.

Ela apenas assentiu seu perdão.

— Desculpe-me por ter dito a Jamie que ele é sua vida, você sabe como sou com segredos. Ah, meu Deus, falando em segredos, Jamie me disse que ainda está apaixonado por Lisa! Merda, acabei de fazer merda de novo. — E pressionou a mão na boca.

Mal tive tempo para prestar atenção àquilo e Lisa e David entraram na sequência, Lisa bamboleando, a apenas algumas semanas da data do parto. As

pessoas tinham que puxar as cadeiras para que ela pudesse manobrar pelo restaurante apertado, a barriga imensa batendo contra a nuca das pessoas conforme ela passava de lado, o que era realmente uma tarefa inútil, porque ela seria mais estreita se caminhasse de frente. Ambos estavam estranhos depois de nosso último encontro, mas dei um abraço caloroso em Lisa e gritei, sem fazer som algum, quando ela me entregou um envelope lacrado. Ele trazia promessas de tesouros em seu interior.

David se juntou à mesa e se sentou ao lado de Jamie. Jamie se levantou.

— Uau, Lisa, você está maravilhosa! — David olhou para ele, Melanie fingiu se engasgar e eles voltaram a atenção para ela, batendo em suas costas. Ela parou quando sugeri a manobra de Heimlich. Então, Chantelle chegou com um homem estranho a reboque ou, pelo menos, um estranho para nós, pois não sabia do que ela gostava de fazer em seu tempo livre.

— Ei, garota aniversariante! — Ela me deu um beijo e me entregou um envelope, provavelmente sem nem mesmo se lembrar de nosso último encontro. — Pessoal — disse tão alto que todo o restaurante poderia ouvir —, este é Andrew. Andrew, este é o pessoal.

As bochechas de Andrew brilharam de vermelho, a mesma cor do cabelo dele, e acenou de uma forma estranha para a mesa. Chantelle, com sua voz alta e autocentrada, começou a disparar nomes como se ele tivesse problemas de audição, nomes que ele nunca conseguiria se lembrar por causa da reunião de tantos rostos novos de uma vez só. Então, finalmente, Adam e Mary chegaram. Mary, taciturna e vestida de preto, Adam me olhando como se sentisse que cada acusação que já tinha atirado sobre mim estivesse prestes a ser confirmada. Eu mal podia esperar, ainda que revelar que mentira praticamente sobre tudo nos últimos anos dificilmente seria uma vitória para mim. Eles me entregaram um envelope e um vaso de plantas, e eu sequer fingi estar feliz com aquilo; podia adivinhar que o cartão não continha nada além de palavras de cortesia e nenhuma nota à vista. Lembrei-me do bolo que tinha trazido comigo e fui levá-lo para o falso garçom francês.

— Oi. — Sorri.

Ele mal olhou para mim.

— É meu aniversário, hoje.

— Hum-humm.

— E trouxe este bolo para mim. Na verdade, eu o fiz. — Nenhuma resposta. Limpei a garganta. — Poderia, por favor, levá-lo para a cozinha, para que possamos tê-lo para a sobremesa? — Fez sons de desaprovação e o tirou de mim, girando nos calcanhares. — Sinto muito! — gritei, ele parou e se virou novamente. — Sinto muito por todas as coisas que tenho lhe dito. Em francês. Elas nunca foram ruins, por sinal, apenas aleatórias, e eu sabia que você não entendia.

— Sou francês — disse ameaçadoramente, no caso de alguém mais estar ouvindo.

— Não se preocupe, não vou contar a ninguém. Não sou perfeita, na verdade já disse mentiras. Muitas mentiras. Mas hoje vou dizer a verdade.

Ele olhou para o grupo e depois de volta para mim, e falou baixinho com sotaque irlandês.

— Somente falantes de francês podiam se candidatar, dizia o anúncio.

— Entendo.

— Precisava do emprego.

— Entendo completamente. Preciso de um emprego também e falo francês. Há alguma vaga?

— Agora você está tentando roubar meu emprego? — Olhou horrorizado.

— Não, não, não, de forma alguma, não estou tentando fazer isso. Quero dizer, poderia trabalhar com você.

Olhou para mim como se preferisse que eu cravasse adagas em seu corpo.

Caminhei até a mesa e as conversas morreram de repente. O assento a meu lado ainda estava vazio, olhei para o relógio; ainda havia tempo. Sentei-me à cabeceira da mesa e todos os olhos estavam em mim. Não os culpei, havia lhes chamado ali com um texto dramático sobre a verdade e um pedido dramático de dinheiro, portanto, a luz vermelha estava acesa. Hora da ação. O garçom chegou à mesa e, lentamente, começou a servir água. Esperaria até que ele saísse, mas ele estava se movendo tão lentamente que tive a sensação de que ele não se mexeria até que ouvisse o que eu tinha para dizer.

— OK, obrigada por terem vindo. Não é nada de mais, mas é uma grande questão para mim. Algo aconteceu e isso mudou o curso atual de minha vida, que está tomando outro rumo. — Chantelle ficou confusa. Andrew, que nunca me encontrara antes, parecia desconfortável, como se não devesse estar lá, mas Mary assentiu como se compreendesse completamente. — E para seguir em frente, preciso compartilhar isso com vocês. — Inspirei profundamente. — Então...

No mesmo instante, a porta do restaurante se abriu e meu coração se agitou, esperando, esperando, esperando... mas foi Blake quem entrou apressadamente.

Capítulo 29



— Blake... — Minha voz mal era um sussurro, mas todos eles me ouviram e se viraram para olhar para ele. Blake olhou ao redor e seus olhos caíram sobre nossa mesa, e depois sobre mim. Nós compartilhamos um olhar: o dele era raivoso, o meu estava pedindo compreensão.

— Então o assento é para ele! — Melanie gritou. — Vocês estão juntos novamente?

Houve murmúrios de surpresa, emoção e intriga, mas depois a porta se abriu novamente e Jenna entrou no restaurante, e todos se viraram para mim, confusos. Olhei com raiva para Adam, assumindo que fora ele quem convidara Blake sem me dizer, mas ele estava tão chocado quanto eu. Seu amigo o tinha surpreendido muito. Todo mundo se levantou para cumprimentar Blake; o herói tinha chegado.

— Você não me disse que viria — disse Adam, dando um forte aperto de mão, parecendo deslocado.

— Só decidi essa noite. Adam, essa é Jenna — disse Blake, dando um passo para o lado e empurrando Jenna aos holofotes. Ela parecia arrasada por tudo aquilo e incrivelmente envergonhada de estar na minha comemoração de 30 anos, e deveria estar mesmo. Lançou-me um olhar meio se desculpando e meio cheio de júbilo quando me desejou feliz aniversário e pediu desculpas por não ter trazido um presente.

— Sinto muito — disse, a voz um sussurro. — Pensei que ele viesse apenas para dizer olá a alguém.

— Sim. — Colei um sorriso no rosto, apesar de verdadeiramente sentir pena dela. — Ele faz isso. — Tão logo ela se moveu para cumprimentar os outros,

senti a mão dele no meu braço.

— Não faça isso — disse Blake, em voz baixa.

— Blake, você nem sabe o que estou tentando fazer.

— Sei que você está procurando alguns fãs e precisa de um cara mau. Sei exatamente o que você está fazendo. Apenas me escute, não faça isso. Podemos descobrir outra maneira de resolver as coisas com eles.

— Blake, não é sobre eles — disse entredentes. — Trata-se de mim!

— E estou envolvido nisto, então, acho que é justo que eu tenha uma palavra a dizer, não é?

Suspirei.

— Parece que precisamos de mais duas cadeiras — disse Riley, tentando manter o astral elevado.

Olhei para a cadeira vazia a meu lado e olhei para o relógio. Estava com meia hora de atraso, Don não viria.

— Não — disse com tristeza —, apenas mais uma cadeira, ele pode ficar com essa. — Todo mundo mudou um lugar e mamãe ficou a meu lado.

Blake se sentou à cabeceira da mesa, de frente para mim, com Jenna ao lado dele. Ela estava na quina ao lado de Andrew, e eles eram como duas ferramentas de reposição colocadas juntas e que compreendiam uma a outra.

— Bem, olhe para isso — Chantelle explodiu —, como nos velhos tempos. Exceto por ele — referiu-se a Andrew. — Estava namorando Derek naquela época. — Fingiu vomitar. Andrew ficou roxo novamente.

— Então, o que perdi? — Blake perguntou à mesa, mas olhou para mim.

— Nada ainda — disse David, entediado.

— Lucy estava prestes a compartilhar algo importante com todos — Vida disse, olhando incisivamente para Blake. — Algo que significa muito para ela.

— Não, está tudo bem — eu disse baixinho. — Esqueça isso.

— OK — Blake saltou —, porque tenho algumas notícias importantes. — Todas as cabeças rapidamente se voltaram para ele, como se fosse uma partida de tênis. — Acabei de saber que meu negócio vai virar um livro de receitas e um novo programa de TV.

Houve uma alegria geral entre a maioria de nossos amigos; a minha família e a minha vida não estavam excessivamente entusiasmadas, porém, eram educadas, exceto Vida, que vaiou, mas só eu ouvi. Não houve um entusiasmo do resto da turma também, no entanto, não tenho certeza se Blake notou e, se o fez, ignorou os sinais para calar a boca e começou a falar de um prato de sardinhas que havia elaborado e que tinha comido na Espanha, era cozido sobre uma pedra quente, debaixo de um Sol escaldante de verão. Adam estava parecendo um pouco preocupado com a interrupção de Blake, porque pareceu ter sido proposital. Jenna era a única pessoa aparentemente absorta; todo mundo escutava educadamente, menos Lisa, que parecia prestes a estourar. Não sei se era devido a seu desconforto pessoal ou porque Blake falava incessantemente sobre si mesmo. Jamie havia desistido de ouvir e, em vez disso, olhava cobiçosamente para os seios de melancia de Lisa.

— Minha vez. — Mamãe se virou para mim e disse baixinho: — Ele não mudou nem um pouco, não? — Pela maneira que ela falou, entendi que ela não quis dizer “de uma maneira boa” e fiquei surpresa, porque sempre achei que ela fosse fascinada por ele e suas histórias. Talvez tivesse sido apenas educada e atenciosa. Panelinhas de conversa começaram a se formar ao redor da mesa, à medida que as pessoas se desligavam das histórias de Blake (cada uma parecia conduzir perfeitamente para outra) até que ele estava falando apenas com Lisa, e Lisa não estava a fim de ser tragada por aquela conversa. Finalmente, ela bocejou.

— Blake — levantou a mão —, sinto muito, você pode parar, por favor? — Todas as outras conversas morreram para ouvi-la. — Não quero ser rude, mas não me importo mais. Estou desconfortável, acho que estou repugnante, não

tenho paciência e só vou dizer o que penso. Antes que você chegasse, Lucy estava prestes a nos dizer algo, algo importante e com que todos nós nos importamos, porque Lucy nunca nos diz algo importante. Não mais. Sem querer ofender, Lucy, mas você não diz. Você sequer nos disse sobre o maluco no seu escritório que apontou uma arma para sua cabeça; tive que ouvir isso de Belinda Cara de Mulher da Vida que mora na esquina da minha rua, você se lembra dela? Ela é mãe solteira, com três filhos de três pais diferentes, e tem cara de mamilo ressecado, o que lhe cai bem. Não olhe para mim desse jeito, Sra. Silchester, ela merece, honestamente, se você soubesse as coisas que ela costumava fazer para nós quando estávamos na escola. Enfim, ela me disse que você teve uma arma apontada para sua cabeça e eu fiquei mortificada porque nem sabia, e não é apenas isso. — Lisa olhou para Blake novamente. — Ela não nos diz nada. Nada.

— Era uma pistola de água — eu disse, tentando acalmá-los, quando começaram a se queixar comigo por não contar nada a eles. Então, passaram a despejar todos os fatos que tinham ouvido sobre minha vida por outras pessoas e que nunca lhes havia contado. Blake ouvia a todos, fascinado.

— Silêncio! — Lisa finalmente gritou e, novamente, o restaurante ficou silencioso e olhou para ela. — Não vocês, só eles. — E apontou para nós. — Deixem Lucy falar.

O garçom voltou para encher meu copo com água e me deu um sorriso presunçoso. Ficou lá por um tempo e foi encher outro copo. Fitei-o de cima a baixo e, finalmente, ele deixou o jarro sobre a mesa e se afastou.

— OK, tudo bem. Blake, posso, por favor?

— Você não precisa pedir permissão — Chantelle rebateu. — Nós já ouvimos o suficiente sobre sardinhas para uma noite.

Jamie sorriu, afetado.

Blake cruzou os braços, parecendo nervoso sob o exterior robusto.

— Só quero dizer que isso é por mim, não é para tornar ninguém o vilão da

história. Blake teve um papel nisso, mas assumo total responsabilidade pelo resto. Foi o que eu fiz, não ele.

Blake pareceu satisfeito por isso.

— Portanto, não ataquem Blake — pedi. Então, fiz uma pausa. — Eu não — avancei lentamente — rompi com Blake. Ele me deixou.

Bocas caíram, abertas. Olharam para mim em silêncio, em choque, e depois os rostos chocados se tornaram carrancas, e então essas carrancas se afastaram de mim e se voltaram para Blake.

— Ei, ei, ei, não foi culpa dele, lembra?

Com os dentes cerrados, todos olharam para mim. Com exceção de Adam, que olhava, interrogativamente, para Blake e, quando Blake não pôde encontrar seu olhar, viu aquilo como uma admissão e seu olhar se transformou em raiva.

— Fui muito feliz em nosso relacionamento. Estava completamente apaixonada. Não sentia que tínhamos qualquer problema, mas, obviamente, não estava prestando atenção o suficiente, pois Blake não estava feliz. Ele terminou o relacionamento, tinha suas próprias razões e tinha todo o direito de o fazer — disse forçosamente, tentando esmagar a revolta.

— Por que você disse que ela deixou você? — Melanie perguntou para Blake.

— Nós decidimos dizer isso porque eu estava envergonhada — respondi. — Porque estava confusa e preocupada com o que as pessoas pensariam e porque não tinha nenhuma resposta e pensei que, se dissesse que não estava feliz e decidira deixá-lo, tudo seria muito mais fácil. Blake estava me ajudando. Estava tentando tornar as coisas mais fáceis para mim.

Blake teve a decência de parecer envergonhado.

— E de quem foi essa ideia? — Jamie perguntou.

— Não sei — disse com desdém. — Isso não é importante. O ponto é que desencadeou uma sequência de acontecimentos na minha vida que...

— Mas quem sugeriu, primeiro, essa ideia? — Mary interrompeu.

— Não importa. Trata-se de mim agora — disse de forma egoísta. — Senti que seria mais fácil de lidar, só não foi porque todos vocês guardaram isso contra mim e pensaram que eu o havia traído. — Olhei para Adam. — Garanto a você, não o traí, de forma alguma.

— E você? — Melanie perguntou para Blake, irada.

— Ei, disse para não atacá-lo, isso é sobre mim. — Mas ninguém me ouvia.

— Você se lembra de quem pensou nisso primeiro? — Jamie perguntou para Blake.

— Veja — Blake suspirou e se inclinou para frente, com os cotovelos sobre a mesa e as mãos entrelaçadas. — Pode ter sido minha ideia, mas não foi para afastar qualquer culpa, foi realmente para tornar as coisas mais fáceis para Lucy.

— E para você — mamãe disse.

— Mamãe, por favor! — disse baixinho, envergonhada por tudo estar saindo como Blake temia.

— Então, foi ideia sua? — Riley confirmou.

Blake suspirou.

— Acho que sim.

— Lucy, continue — disse Riley, e esse ponto foi fechado.

— Bem, no dia em que ele, em que nós terminamos, dissemos a todos vocês que eu o havia deixado e eu estava muito confusa. Fiquei muito triste e muito confusa. Tirei um dia de folga porque... Blake, lembra que iríamos colher morangos com sua sobrinha e... — Olhei para Blake e ele parecia, sinceramente, triste. — De qualquer forma — mudei de assunto —, eu bebi um pouco em casa. Um pouco.

— Como deveria — Lisa disse, olhando para Blake com raiva.

— E o trabalho me telefonou e me disse para pegar um cliente no aeroporto. E

eu fui.

Mamãe parecia chocada.

— O pai sabe disso, a propósito. É por isso que tivemos aquela discussão. E Riley, o que você ouviu Gavin falar sobre esse dia está correto. E, só para deixar registrado, ele não está traindo a esposa com um homem. Perdi meu emprego e perdi minha carta de habilitação, mas não podia dizer a ninguém.

— Por que não? — Melanie perguntou.

— Porque... Bem, eu tentei. Chantelle, você se lembra?

Chantelle parecia um cachorro com o olhar travado nos faróis.

— Não?

— Eu liguei para você e disse que havia ficado muito bêbada no dia anterior e você me perguntou por quê. Disse que era porque eu estava chateada, e você disse por que diabos eu deveria estar chateada, se era eu que tinha deixado Blake.

As mãos de Chantelle voaram para a boca.

— Lucy, você sabe melhor do ninguém que nunca deve me dar ouvidos. Então, isso é culpa minha?

— Não! — neguei. — Claro que não, mas me fez perceber que estava presa a esta mentira e teria de levá-la adiante. Vendi o carro, comecei a andar de bicicleta e precisava, desesperadamente, de um emprego porque precisava do dinheiro, e o único que encontrei foi na Mantic, mas tinha que falar espanhol para conseguir a vaga, por isso, fingi que sabia. O que era uma pequena mentira numa sucessão de tantas outras maiores? Mas, então, precisei que Mariza me ajudasse ou perderia meu emprego, e não poderia contar isso a ninguém. Então, aluguei um estúdio do tamanho dessa mesa e nenhum de vocês nunca foi lá porque eu tinha vergonha de que tudo tivesse desmoronado e que a minha vida estava uma porcaria, enquanto a de todos vocês estava indo tão bem. Fiquei envergonhada, isso é tudo, mas depois voltei a gostar da minha vida e era só eu

naquela redoma, em que apenas eu conhecia a verdade. Mas então a minha vida entrou em contato comigo, este homem à minha direita, e me ajudou a ver que eu estava amarrada num grande nó e que a única maneira de sair dele e seguir em frente era dizer a verdade, porque está tudo ligado: cada pequena verdade ligada a uma grande mentira e, para lhes contar uma, tenho que lhes contar todas elas, e eu não podia, então não o fiz; portanto, ou eu não contava nada ou contava uma mentira, e sinto muito por isso. Realmente sinto muito. E Blake, me desculpe por arrastá-lo para isso, mas tinha que fazê-lo. Não era sobre você ou para transformá-lo no vilão, era sobre mim e para transformar tudo no que tudo deveria ser.

Ele assentiu com a cabeça, cheio de compreensão, parecendo pesaroso e triste ao mesmo tempo.

— Eu não tinha ideia, Lucy, sinto muito. Pensei, sinceramente, na época, que era a melhor coisa.

— Para você — mamãe repetiu.

— Mamãe! — disse, irritada.

— Mais alguma coisa? — Vida perguntou e pensei um pouco.

— Não gosto de queijo de cabra.

Lisa engasgou.

— Eu sei, sinto muito, Lisa.

— Mas eu lhe perguntei cinco vezes! — Ela se referia a um jantar que tinha preparado dois meses atrás. — Por que você simplesmente não me disse?

Acho que todo mundo na mesa entendeu por que eu não dissera, até mesmo uma cabra teria comido aquele queijo e Lisa teria me comido se eu não o tivesse comido. Mesmo assim, não expliquei por que pedi o queijo na maioria das vezes em que tínhamos comido fora, num esforço de provar que realmente gostava do queijo e falara a verdade, e, como resultado, o odiava ainda mais.

— Mais alguma coisa? — Vida perguntou novamente.

Pensei bastante.

— Fui babá do bebê invisível da minha vizinha? É isso? Não? Ah. Ah, sim, e tenho um gato. Tive por dois anos e meio. Seu nome é Senhor Pan, mas prefere Julia ou Mary.

Vida finalmente pareceu satisfeito, mas os outros me encaravam com expressões chocadas, tentando digerir toda a história. Houve um longo silêncio.

— Então é isso, pessoal, minha vida em poucas palavras. O que vocês acham? — perguntei, nervosa, esperando que eles se levantassem, saíssem tempestivamente ou jogassem bebida na minha cara.

Adam se virou para Blake e disse com raiva:

— Então você deixou Lucy?

Suspirei e empurrei minha salada; o apetite havia desaparecido.

— O que há de errado? — Melanie perguntou, com os olhos arregalados. — Você mentiu sobre gostar de salada também? — Sorri, e nós duas tivemos uma risada privada enquanto todos se viraram para Blake e lhe ofereceram os maus-tratos que vinham me dando há quase três anos.

— Sinto muito, vocês poderiam, por favor, ficar quietos! — Jamie finalmente falou, e todos silenciaram. — Acho que, embora isso esteja claro mesmo sem dizer, eu deveria dizer assim mesmo. Acho que posso falar em nome de todo mundo, bem, de quase todo mundo — e olhou para Andrew — porque acho que está claro que você nunca gostou de Lucy — e rimos quando Andrew ficou vermelho novamente. — Não acredito, Lucy, que você sentiu que não poderia nos contar nada disso antes. Isso nunca teria mudado nossa opinião sobre você, sempre soubemos que você é um desastre, não importa em quê.

Todo mundo riu.

— Não, sério, Lucy, nós teríamos sido seus amigos, sem nos importarmos com que trabalho ridículo você tivesse ou com sua casa. Você nos conhece o suficiente para não pensar que nos preocuparíamos com qualquer dessas merdas.

— Ele parecia genuinamente insultado.

— Acho que sabia disso, mas a mentira se tornou muito grande e, então, fiquei com medo de perder todos vocês quando descobrissem que eu era uma aberração mentirosa e psicótica.

— E isso é um ponto muito válido — disse Jamie sombriamente. — Mas não vai acontecer.

— Estou com ele — acrescentou Melanie, e todos os outros se juntaram a eles, exceto Andrew, Jenna e Blake, é claro, que estava muito ocupado sentindo o maior incômodo que já sentira na vida. Vida ficou em silêncio enquanto observava tudo, fazendo anotações mentais para o próximo arquivo no seu novo escritório. Captei seu olhar e ele piscou. E então, pela primeira vez em dois anos, 11 meses e 23 dias, eu finalmente relaxei.

— Agora vamos às coisas importantes — disse Riley. — Será que ninguém mais ouviu o que eu ouvi? Lucy, você disse que tem uma vizinha que tem um bebê invisível? Por acaso é aquela...

— Não importa quem — Lisa o cortou. — Ela odeia queijo de cabra!

E dispostos a enfrentar quaisquer punições que se seguissem, todos começaram a rir. Depois do que pareceu se arrastar no tempo, Lisa juntou-se a eles.

Riley levou mamãe para Glendalough; ela tinha bebido demais durante o jantar e havia dado um telefonema toda emocional e bêbada para meu pai. Ele queria que ela voltasse para casa, imediatamente, em parte porque sentia falta dela, mas, principalmente, porque estava envergonhado por ela estar em público naquele estado e, especialmente, comigo. Os outros insistiram em me levar ao clube de Melanie para comemorar meu aniversário e a verdade, mas estava esgotada, drenada pelas revelações, e que só queria ir para casa e passar um tempo com minha vida e com meu gato. Quando anunciei aquilo, Melanie deixou escapar:

— Ah, você não pode mesmo ficar até o final de sua própria festa de

aniversário! — E isso me mostrou que ela, definitivamente, ainda tinha problemas com minha síndrome de Cinderela. Blake tinha saído de fininho antes da sobremesa, levando uma Jenna aliviada com ele, por isso estava nas mãos de Vida levar a aniversariante para casa.

Pensei que ficaria até a metade da noite analisando tudo sobre a grande revelação. Aquilo estivera nos meus pensamentos por anos e, agora que tudo tinha acabado e sido liquidado, quase não sabia o que fazer com o buraco enorme na cabeça em que o estresse estivera certa vez. Quando me libertei das mentiras, percebi que estava andando sozinha e que Vida tinha parado de repente sob o poste de iluminação de meu bloco de apartamento. Voltei-me para ele, sentindo que aquele buraco na minha cabeça estava sendo rapidamente substituído por uma nova preocupação. Ele enfiou as mãos nos bolsos. Seu comportamento tinha todos os ingredientes de uma despedida e, de repente, meu coração batia tanto que doía. Não havia pensado em não estar com ele depois que tudo fosse consertado, em parte porque nunca pensei que corrigiria alguma coisa, mas, principalmente, porque não podia suportar pensar em passar um dia sem ele.

— Você não vai entrar? — perguntei, tentando tirar o tom estridente de minha voz.

— Não — sorriu —, vou lhe dar uma pausa.

— Eu, de verdade, não preciso de pausa, entre. Tenho cerca de vinte bolos que preciso de ajuda para comer.

Ele sorriu.

— Você não precisa de mim, Lucy.

— Claro que preciso de você. Você não espera que eu os coma sozinha — disse, deliberadamente interpretando-o errado.

— Não foi isso que quis dizer — falou suavemente e me deu aquele olhar. Aquele olhar. Aquele olhar “Adeus, meu melhor amigo, estou triste, mas vamos fingir que estamos felizes”.

Senti o nó na garganta crescer num tamanho astronômico, mas tinha que manter minhas lágrimas guardadas. Mesmo que mamãe houvesse quebrado as regras Silchester, eu não estava pronta para começar a ignorá-las, ou todos nós cairíamos como dominós e o mundo precisava de pessoas emocionalmente contidas, era imperativo para nosso ciclo de vida.

— De todas as pessoas, preciso de você.

Vida sentiu meu desespero e fez algo honroso: desviou o olhar para me dar um momento para me recompor. Olhou para o céu e inspirou lentamente, depois exalou.

— Está uma noite bonita, não está?

Não tinha notado, se me dissesse que era dia, teria acreditado nele. Estudei-o e me surpreendi como ele era lindo, forte e atraente, confiante e seguro como sempre me fizera sentir, sempre ali por mim, não importava para quê. Tive um impulso irresistível de beijá-lo. Levantei meu queixo e me inclinei para ele.

— Não — ele disse, de repente, se virando para mim e colocando um dedo nos meus lábios.

— Não ia fazer nada. — Recuei, envergonhada.

Ficamos em silêncio.

— Quero dizer, tudo bem, eu ia, mas é só porque você está tão bonito e tem sido tão bom para mim e... — Tomei uma respiração profunda. — Realmente amo você.

Ele sorriu, formando covinhas em ambas as faces.

— Lembra-se do dia em que nos encontramos pela primeira vez?

Fiz uma careta e assenti.

— Você me odiava de verdade, não é?

— Mais do que qualquer pessoa que já havia conhecido. Você era nojento.

— Então, eu a conquistei, missão cumprida. Você não podia suportar ficar

sozinha no mesmo lugar que sua própria vida, e agora você realmente gosta de mim.

— Disse que o amo.

— E eu a amo — ele disse e meu coração disparou. — Então, devemos comemorar.

— Mas estou perdendo você.

— Você acaba de me encontrar.

Eu sabia que ele estava certo, sabia que estava sentindo que ele era meu tudo ali mesmo. Não era romântico, não era físico e simplesmente não era possível, porque, senão, eu daria uma entrevista completamente diferente à revista.

— Vou ver você de novo?

— Sim, claro, da próxima vez que fizer uma bagunça. O que, conhecendo você, não vai demorar muito.

— Ei!

— Só estou brincando. Vou verificar você de vez em quando, se não se importar.

Assenti apenas, não conseguia falar.

— E você sabe onde fica meu escritório, não sabe? Então, pode me visitar sempre que quiser.

Assenti novamente. Apertei os lábios, sentia as lágrimas quase chegando, quase chegando....

— Vim aqui para ajudar e ajudei. Agora, se ficar, vou atrapalhar seu caminho.

— Você não ficaria no caminho — resmunguei.

— Ficaria — disse suavemente. — Só há espaço suficiente para você e para o sofá naquele apartamento.

Tentei rir, mas não consegui.

— Obrigado, Lucy! Você ajudou a me consertar também, você sabe.

Somente assenti, porque não conseguia olhar para ele. Olhar para ele significaria lágrimas caindo, e lágrimas eram ruins. Em vez disso, me concentrei em seus sapatos. Seus sapatos novos e engraxados não correspondiam ao homem que conheci.

— OK, então não é um adeus. Nunca é adeus.

Beijou-me no alto da cabeça. Foi um beijo longo e então descansei minha cabeça no peito dele, sentindo seus batimentos acelerando tão rápido quanto os meus.

— Não vou sair até que você esteja em segurança, lá dentro. Vá em frente.

Virei-me e fui embora, cada passo soando alto no silêncio da noite. Não podia me virar na porta, tinha que me manter olhando para a frente, as lágrimas estavam vindo, elas estavam vindo.

Senhor Pan olhou para mim, de sua cama, todo grogue, me reconheceu e, depois, voltou a dormir; mas me ocorreu que este era o fim da vida que tinha vivido com ele ali, em nossa bolha. Ou ele tinha que partir, ou nós dois teríamos. Isso me deixou triste também, mas ele era um gato e eu não ia chorar por um gato, por isso me firmei e me senti bem por ter impedido as lágrimas. Eu era mais forte do que elas, tudo o que elas queriam dizer era que você sentia pena de si mesmo, e eu não sentia pena de mim. Tudo o que queria fazer era me enterrar debaixo do edredom e não pensar em nada que acontecera naquela noite, mas não podia, porque não conseguia alcançar o zíper na parte de trás de meu vestido. Não tinha conseguido fechá-lo antes; Vida fizera isso por mim. Eu simplesmente não conseguia colocar meus braços para trás o suficiente para alcançar o zíper, em qualquer ângulo que tentasse. Contorci meu corpo em diferentes direções tentando alcançá-lo, mas nada funcionou. Estava suada e ofegante, irritada além do imaginável por não poder tirar aquele vestido estúpido. Olhei ao redor do apartamento à procura de algo para me ajudar. Nada. Ninguém. Foi então que percebi que estava bem e, verdadeiramente, sozinha.

Fui para a cama ainda com o vestido. E chorei.

Capítulo 30



Fiquei de cama por uma semana ou, pelo menos, pareceu uma semana, mas provavelmente não foram mais do que quatro dias, o que, ainda assim, foi um bom tempo. Na manhã depois de meu aniversário, finalmente esperei até ouvir sons no apartamento de Claire para bater em sua porta e pedir ajuda com meu vestido. Fui atendida por seu marido, usando boxers e com os cabelos despenteados, o que já me disse o suficiente; ela havia, finalmente, aberto mão de algo também e, agora, a memória de Conor estava livre para ser celebrada.

Não houve interrupções de Vida chegando sem avisar em momentos inapropriados, nem envelopes aterrissando no carpete recentemente limpo. Houve muitas mensagens de meus amigos me chamando para sair, marcando encontros, se desculpando, tentando compensar o tempo perdido, tentando tirar proveito de minha verdade recém-descoberta, e eu não os ignorei, mas também não os encontrei e, certamente, não menti. Disse a eles que queria, e que precisava, ficar sozinha; queria desfrutar a vida em minha pequena bolha um pouquinho mais e, pela primeira vez na vida, não era mentira. Mamãe tinha levado Senhor Pan para Glendalough e, embora eu sentisse falta dele, sabia que ele estava num lugar muito melhor; não era justo ficar com ele enfiado aqui e, ou era viver com mamãe, ou era morar comigo em uma caixa de papelão debaixo de uma ponte, e eu duvidava que meu sofá de camurça marrom coubesse num carrinho de compras com o resto de nossas posses. A escolha não foi difícil, no final.

Em algum momento, o retiro de hibernação de quatro dias acabou. Foi quando tive que comprar comida de verdade, que precisava ser preparada e cozida. Como estava sem prática, tinha que me lembrar de que alimento de verdade

exigia organização e devia ser preparado antes que batesse a fome. Havia o problema de ter que limpar a lama de três anos de minhas botas do festival de verão em Wellington, mas, se eu colecionasse cupons suficientes no supermercado, eu ganharia uma limpeza de carpete gratuita. Isso me custaria um ano de compras de alimentos de verdade, mas era um incentivo para continuar voltando. Comprei limas e limões, e enchi um pequeno vaso em minha homenagem, como na revista. Preferia nunca ter de trabalhar de novo, ainda não tinha encontrado uma paixão por algo, aquela palavra nauseante que eu continuava ouvindo as pessoas me dizerem, e embora não tivesse ideia do que queria fazer da vida, exceto o sonho irreal de uma loja de cupcakes, estava começando a pensar da maneira certa. Gostaria de encontrar algo que me interessasse pelo menos um pouco e que pagasse as contas. Progresso. No entanto, meu dinheiro de aniversário não duraria para sempre, na verdade só pagaria o aluguel do próximo mês, então precisava de um emprego rapidamente. Tomei banho, me vesti e me certifiquei de que estava com uma xícara de café enquanto me sentava no balcão para ler o jornal que Vida havia atirado em mim, no meu aniversário. Não tinha olhado, realmente, para o jornal desde que Vida o jogara sobre o balcão; fiquei um tempo distraída pela bolha de creme que o canto da página havia levantado do bolo, mas assim que comecei a ler, fiquei perdida. Circulado em vermelho, no que presumi que fosse um trabalho responsável sugerido no meio da página de empregos, estava de fato um anúncio de alguém querendo dividir apartamento, na seção de propriedades. Fiquei chateada que Vida estivesse sugerindo que eu deixasse o apartamento, o qual, ele sabia, eu amava mais do que a maioria das coisas em minha vida. Estava prestes a amassar a página e jogá-la fora quando um pensamento me ocorreu. Ele não me pediria para sair do apartamento. Li novamente. E mais uma vez. E então, quando percebi o que era, um sorriso se formou em meus lábios e quis dar um grande beijo em Vida. Rasguei a página e pulei do banquinho.

Saltei do ônibus cheia de vivacidade, mas logo estava murcha. Momentaneamente perdida, finalmente encontrei meu rumo quando vi o luminoso de Don, um tapete mágico vermelho brilhante no topo da van da Magic

Carpet Cleaners. Aquilo me fez sorrir: o carro do super-herói. Peguei meu espelho de bolso e comecei a trabalhar; então, pressionei o interfone.

— Sim? — Don respondeu, sem fôlego.

— Olá — disse, disfarçando a voz. — Estou aqui para a entrevista.

— Que entrevista?

— A entrevista para colega de apartamento.

— Uh. Espere um pouco... eu não... quem é você?

— Falamos ao telefone.

— Quando foi isso?

Eu podia ouvir ruído de papel.

— Na semana passada.

— Talvez seja o Tom. Você falou com alguém chamado Tom? — Tentei não rir quando o ouvi reclamando de Tom mentalmente.

— Ele é o cara que vai morar com a namorada?

— É, sim — disse ele, irritado. — Você disse que seu nome é como, mesmo?

Sorri.

— Gertrude.

Houve uma longa pausa.

— Gertrude o quê?

— Guinness.

— Gertrude Guinness — respondeu ele. — Não consigo vê-la na tela.

— Você não consegue? Estou olhando diretamente para ela — falei, mantendo a palma da mão sobre a câmera do interfone.

Ele fez outra pausa.

— OK. Tome o elevador para o terceiro andar. — Houve um zumbido e a porta principal se destrancou.

No espelho do elevador, coloquei meu tapa-olho e me certifiquei de que todos os meus dentes, excetuando os da frente, tanto os de cima como os de baixo, estivessem disfarçados. Então, respirei fundo, pensando: aqui vai... As portas do elevador se abriram e lá estava ele, de pé com a porta aberta, encostado no batente, de braços cruzados. Quando ele me viu, percebi, me achou completamente louca, mas eu não podia fazer nada. Ele sorriu e então jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— Olá, Gertrude — disse ele.

— Olá, Don.

— Você deve ser a horrível mulher desdentada, com um tapa-olho e dez filhos com quem falei ao telefone.

— Esta sou eu.

— Você é louca — disse suavemente.

— Por você — completei de maneira brega, e ele sorriu de novo. Então o sorriso desapareceu.

— Fui levado a acreditar que você e Blake haviam voltado. Isso é verdade?

Neguei com a cabeça.

— Você não recebeu minha mensagem sobre o jantar na semana passada? Queria falar com você.

— Recebi. Mas... — disse e engoliu em seco. — Disse que não queria ser a segunda escolha, Lucy. Se ele não quis você de volta, então...

— Ele me quis de volta — interrompi. — Mas percebi que não era o que eu queria. Ele não era quem eu queria.

— É verdade?

— Não minto. Não mais. Para citar uma das frases mais bonitas que já me

disseram: “eu não o amo”. — Ele sorriu e, me sentindo encorajada, continuei. — Mas acho que poderia amá-lo facilmente e, provavelmente, muito rapidamente. Embora não possa prometer nada. Possivelmente, tudo pode acabar em lágrimas.

— Isso é tão romântico!

Nós rimos.

— Desculpe por ter feito um caos com você, Don. Foi a primeira e provavelmente será a última vez que farei isso.

— Provavelmente?

— A vida é louca. — Dei de ombros, e ele riu.

— Então, você realmente está aqui para uma entrevista como colega de apartamento? — Ele parecia desconfortável.

— Sim — disse sombriamente. — Nós nos encontramos três vezes e dormimos juntos uma vez, acho que é tempo de entrarmos de cabeça nessa relação e morarmos juntos.

Ele empalideceu ligeiramente.

— Claro que não, Don, amo minha casinha e continuo assim. Estou longe de ser emocionalmente segura para viver com outro ser humano.

Ele pareceu aliviado.

— Estou aqui por você.

Fingiu pensar naquilo ou, pelo menos, eu esperava que fosse fingimento.

— Vem cá. — Pegou as minhas mãos e me puxou para perto. Me deu um beijo demorado, que deixou sua boca coberta com o delineador que havia usado para escurecer os dentes. Não contei a ele, era mais divertido assim. — Você sabe, na verdade, nós ficamos juntos duas vezes — ele me corrigiu. — O que é um número horrível. — E torceu o nariz com desdém. — Dois.

— Eca! — Entrei na brincadeira.

— Mas três — se animou —, três é um número que eu gosto. E quatro? Quatro é um ótimo número.

Eu ri, enquanto ele tentava tirar meu tapa-olho.

— Não, eu gosto disso, estou usando constantemente.

— Você está louca — disse calorosamente, me beijando novamente. — Ótimo. Com uma condição.

— Qual é?

— Você tira tudo, exceto o tapa-olho.

— Concordo.

Nós nos beijamos novamente. Então, ele me puxou para dentro e chutou a porta.

Epílogo



Sábado, 6 de agosto, estava um dia impressionante em Glendalough, como os meteorologistas haviam previsto. Uma centena de membros da família e amigos próximos de nossos pais circulavam pela grama com champanhe na mão, curtindo o Sol na pele enquanto conversavam alegremente e esperavam que tudo começasse. O gramado, atrás da casa de meus pais, havia sido transformado para a cerimônia de renovação de votos, com cem lugares separados por um corredor branco, que levava a um arco entrelaçado e adornado com hortênsias brancas. Próximo dali, havia uma marquise com dez mesas de dez lugares, para as quais as dezenas de tons de verde da montanha forneciam o pano de fundo. Uma única rosa branca repousava em um vaso alto no centro de cada mesa e, no alto da instalação, havia uma fotografia ampliada do dia em que os votos foram ditos pela primeira vez, há 35 anos, antes que Riley, Philip e eu houvéssemos nos unido a eles.

Enquanto caminhava ao lado da marquise, avistei meu pai, vestido adequadamente para a recepção de verão num terno de linho branco, falando com Philip. Escondi-me atrás de uma moita de hortênsias azuis e cor-de-rosa para escutar, pensando, momentaneamente, que pai e filho pudessem estar tendo um momento comovente, mas depois me lembrei de que aquela era a vida real e não o filme sobre a garota com a loja de cupcakes, que tinha se reunido com seu pai. Ao mesmo tempo em que tive essa lembrança, Philip se afastou de meu pai, ruborizado e com raiva, e saiu tempestivamente em minha direção. Nosso pai nem mesmo se incomodou ao vê-lo se afastar; em vez disso, tomou um gole de seu copo de vinho branco, que segurava firmemente entre o polegar e o indicador, pela haste, e assistiu a distância. Quando Philip passou pela moita, agarrei o braço dele e o puxei para os arbustos.

— Ai, Jesus, Lucy, o que você está fazendo? — perguntou com raiva e, então, quando se acalmou, começou a rir. — Por que você está se escondendo atrás de uma moita?

— Estava tentando testemunhar um momento de ligação entre pai e filho.

Philip bufou.

— Acabei de ser informado que trouxe constrangimento para a família.

— O quê? Você também?

Ele assentiu sem acreditar e teve o bom senso de, finalmente, rir daquilo.

— É sobre as mamas?

Ele riu.

— Sim, é sobre as mamas.

— Acho que Majella, com aquele vestido, entregou você.

Philip riu e estendeu a mão até meu cabelo, a fim de remover uma folha.

— Sim, mas valeu a pena.

— O presente que agrada a quem deu — disse, e ele riu alto. Soquei o braço dele e ele tampou a boca com as mãos. Senti como se fôssemos crianças outra vez, nos escondendo de um dia em família por acontecer num museu ou na casa dos amigos de nossos pais, onde seríamos ignorados e teríamos que nos sentar, educadamente, ao lado dos adultos, sendo vistos e não ouvidos. Nós dois fitamos nosso pai olhando a distância, longe da multidão de pessoas que havia se reunido ali por ele.

— Ele não quis dizer aquilo, você sabe — falei, tentando fazer com que Philip se sentisse melhor.

— Sim, quis. Quis dizer cada palavra e você sabe disso. Faz parte do que ele é: ser miserável e julgar a todos.

Olhei para ele com surpresa.

— Pensei que esse papel era só para mim.

— Não pense tanto de si mesma, Lucy. Nasci antes de você, tenho dado a ele, pelo menos, alguns anos a mais de decepção do que você.

Tentei recordar de algum momento em que havia testemunhado meu pai caindo em cima de Philip, mas não consegui.

— Ele está bem quando você está fazendo o que ele quer, mas se você se desviar de algum modo... — Suspirou cheio de resignação. — Ele quer o melhor para nós, simplesmente não tem ideia de que o melhor para nós, aos seus olhos, e o melhor para nós, na realidade, não são a mesma coisa.

— Então, Riley ainda é a criança de ouro — disse, aborrecida. — Nós vamos ter que destroná-lo.

— Já fiz isso. Disse ao pai que ele é gay.

— O que há com você e mamãe? Riley não é gay!

— Eu sei disso. — Ele riu. — Mas vai ser divertido ver Riley sair dessa.

— Eu já fiz uma aposta com ele de que ele não é capaz de dizer “elefante transcendente” em seu discurso. Ele não está tendo um bom dia.

Nós rimos.

— Ele vai se sair bem dessa, sempre consegue — disse Philip, bem-humorado; então, saiu de trás da moita e voltou para o caminho. — Você não deveria ir até mamãe agora? — Olhou para o relógio.

Olhei para meu pai novamente.

— Vou em um minuto.

— Boa sorte! — ele disse, hesitante.

Deliberadamente, tornei minha presença conhecida, para que meu pai não se assustasse quando apareci.

— Já tinha visto você nos arbustos — ele disse, sem se virar.

— Ah...

— Embora não vá perguntar o que você estava fazendo ali. Deus sabe, ali você não vai encontrar uma profissão.

— Sim, sobre isso... — comecei, sentindo a adrenalina da raiva fluindo por meu corpo novamente. Tentei controlá-la. Fui direto ao ponto. — Me perdoe, menti para vocês sobre como deixei meu emprego.

— Você quer dizer sobre como você foi demitida? — Olhou para mim através dos óculos na ponta do nariz.

— Sim — cerrei os dentes. — Fiquei envergonhada.

— E deveria. Seu comportamento foi desprezível. Você poderia ter sido presa. E eles estariam certos em fazê-lo, você sabe. — Fez uma longa pausa depois de cada frase, como se cada uma delas fosse um pensamento novo e não tivesse absolutamente nada a ver com o anterior. — E não haveria nada que eu pudesse fazer a esse respeito.

Assenti e contei até cinco, mantendo minha raiva contida.

— No entanto, isso não é realmente sobre beber e dirigir, não é? — disse finalmente. — É sobre mim. Você tem um problema comigo.

— Problema, que problema? — murmurou, irritado por eu ter apontado uma fraqueza nele. — Não tenho nenhum problema, Lucy, só quero que você enfrente o desafio, mostre responsabilidade e faça algo por si mesma, em vez desta... ociosidade... Este nada que você tanto deseja ser.

— Não quero ser nada.

— Bem, você está fazendo um maldito de um bom trabalho nesse sentido, apesar de tudo.

— Pai, não percebe que não importa o que eu faça você não ficará feliz? Por que você quer que eu seja o que você quer que eu seja, e não necessariamente o que preciso ser para mim? — Engoli em seco.

— De que diabos você está falando? Quero que você seja um ser humano decente — retrucou.

— Sou — disse baixinho.

— Alguém que oferece algo para a sociedade — continuou, como se não tivesse me ouvido, e continuou com um discurso retórico sobre a responsabilidade e o dever, cada frase começando com “alguém que...”.

Contei até dez silenciosamente, em minha cabeça, e funcionou; minha raiva e minha dor haviam diminuído e, naquele dia, depois da conversa que tivera com Philip, não me sentia tão tensa com sua falta de aprovação como normalmente me sentia. Embora acreditasse no autodesenvolvimento e na evolução para todos da raça humana, sabia que nunca seria capaz de mudá-lo, ou mesmo de mudar suas opiniões sobre mim, e como nunca tentaria agradá-lo, uma eternidade de choques frontais se afigurava em nosso futuro. No entanto, tentativas deliberadas de lhe desagradar já não estariam em minha lista de coisas a fazer, pelo menos não intencionalmente, mas nunca se pode prever como o subconsciente funcionará. De repente, me senti leve, a última mentira para mim mesma estava desfeita; meu pai e eu nunca seríamos amigos. Voltei a ouvir seu discurso:

— ... Então, se você não tem nada mais a acrescentar, devemos acabar com esta conversa imediatamente.

— Não tenho nada mais a acrescentar. — Sorri.

Ele se dirigiu até tio Harold, a quem ele desprezava e que não tirava os olhos dos peitos de Majella. Mamãe estava se preparando em seu quarto quando bati na porta e entrei. Ela se voltou do espelho de corpo inteiro.

— Uau, mamãe, você está maravilhosa!

— Ah! — Os olhos dela flutuaram. — Estou sendo tão boba, Lucy, estou nervosa. — E riu enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. — Quero dizer, tenho que me preocupar com o quê? Não é como se ele não fosse aparecer!

Nós duas rimos.

— Você está linda — ela disse.

— Obrigada! — Sorri. — Amei o vestido. É perfeito.

— Ah, você provavelmente está dizendo isso só para agradar a velha noiva exigente — disse e se sentou à penteadeira.

Tirei um lenço de papel e gentilmente enxuguei os cantos dos olhos dela, onde as lágrimas haviam borrado a maquiagem.

— Acredite em mim, mamãe, não minto mais.

— Don está aqui?

— Está lá fora, falando com tio Marvin, que me perguntou, na frente de meu pai, se ele tinha mesmo me visto em um informe comercial para a Magic Carpet Cleaners. Pai quase caiu morto.

— Foi seu melhor trabalho — mamãe disse com falso orgulho.

— Tem sido meu único trabalho — falei, preocupada.

— Você vai encontrar algo.

Fiz uma pausa.

— Don me pediu para trabalhar com ele.

— Limpando carpetes?

— Seu pai está tendo problemas de coluna. Don tem feito todo o trabalho sozinho nas últimas duas semanas e precisa de ajuda.

Mamãe pareceu preocupada de início, o antigo adágio Silchester de respeitabilidade, o primeiro pensamento em sua mente, mas seus novos pensamentos pularam na frente e ela sorriu em apoio.

— Bem, isso vai ser útil, não é? Ter uma filha que pode limpar tudo ela mesma depois de uma mudança. Você vai assumir o cargo?

— Meu pai não vai ficar feliz com isso.

— Quando foi que você fez alguma coisa para agradá-lo? — Mamãe olhou

para fora da janela. — Olhe para ele. É melhor tirá-lo de sua solidão e descermos já.

— Nada, deixe-o mais dez minutos, deixe-o suar.

Mamãe assentiu.

— Vocês dois... — Então se levantou e respirou fundo.

— Antes de você descer, só queria lhe dar um presente; um presente adequado para esse momento. Lembra que você disse que nunca sentiu que era boa em alguma coisa, que nunca soube o que deveria fazer?

Mamãe pareceu envergonhada, mas então se resignou ao fato.

— Sim. Lembro.

— Bem, isso me fez pensar. Além de ser a melhor mamãe do mundo, e a melhor fabricante de pão, lembrei como você costumava desenhar imagens para que nós as coloríssemos. Você se lembra disso?

O rosto de Mamãe se iluminou.

— Você se lembra disso?

— Claro que sim! Nós tínhamos livros para colorir, onde quer que fôssemos, graças a você. Você era muito boa nisso. Então, bom... — corri até o corredor e voltei com um cavalete e acessórios, tudo embrulhado em um laço vermelho — ... trouxe isso para você. Você é um monte de coisas para muita gente, mamãe, e, quando era criança, sempre pensei que você fosse uma artista. Então, pinte.

Os olhos de mamãe se encheram novamente.

— Não, você vai estragar a maquiagem. Preferia quando você não chorava. — Peguei outro lenço e enxuguei os olhos dela.

— Obrigada, Lucy! — disse, reprimindo o choro. Riley bateu à porta.

— As madames estão prontas?

— Por enquanto, e pelos próximos 35 anos. — Ela sorriu. — Vamos.

Caminhando pelo corredor atrás de mamãe, que estava de braço dado com Riley, pensei que aquele era o dia mais carregado emocionalmente, de forma positiva, de minha vida. Os dois caminharam na minha frente, em direção a um garboso Philip e a meu pai, com a aparência mais orgulhosa que eu já tinha visto, e pude ver o jovem aprendiz desajeitado, que havia prometido à mamãe que ela nunca ficaria sozinha novamente, no homem mais velho, que nunca quebrara uma promessa.

Melanie piscou, dos bancos, para mim, e, a seu lado, Don fez uma careta para me fazer rir e, para minha surpresa e deleite, quando olhei para frente, ao lado de minha avó, que estava checando mamãe da cabeça aos pés, vi Vida na fileira da frente, saudável, arrumado, bonito, mas, acima de tudo, indubitavelmente feliz. Sorriu para mim com orgulho e fiquei muito animada e comovida em vê-lo ali. Fazia pouco mais de um mês desde que nós nos despedíramos e, mesmo com a companhia do Don, sentia falta dele todos os dias. Enquanto os votos eram ditos, não podia fazer outra coisa senão olhar para minha vida e sorrir, como se estivéssemos dizendo os votos, mentalmente, um para o outro, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte nos separasse.

Enquanto você está por aí, sua vida também está. Assim como você derrama amor, carinho e atenção sobre seu marido, sua esposa, seus pais, filhos e amigos que o cercam, tem que fazê-lo igualmente com sua vida, porque ela é sua, é você, e está sempre lá dando força para você, torcendo por você, mesmo quando você se sente fraco. Desisti da minha vida por um tempo, mas o que aprendi é que, mesmo quando isso acontece, e especialmente quando isso acontece, a vida nunca, jamais, desiste de você. A minha não desistiu. E nós estaremos ali, um pelo outro, até os momentos finais, quando vamos nos olhar e dizer: “Obrigado por ter ficado até o fim!”.

E esta é a verdade.

Agradecimentos



Agradeço a você, David, por seu apoio inabalável e sua crença em mim, sem os quais não poderia ter escrito este livro com alegria e tanto amor. Robin, você é uma delícia e adoro você; este é o livro que vou permitir que rabisque, aproveite a chance. Para Mimmie, Terry, pai, Georgina, Nicky, Rocco e Jay, obrigada pelo amor e apoio.

Agradeço à minha agente, Marianne Gunn O'Connor, por sua orientação e encorajamento; você tem parte da culpa por fazer minha vida tão excitante. Agradeço à minha editora, Lynne Drew, por seu conselho e habilidade de tornar cada história ainda melhor. Agradeço a HarperCollins, uma máquina enorme feita de pessoas fantásticas e trabalhadoras. Sinto-me honrada por estar trabalhando com vocês. Um grande agradecimento à Pat Lynch e Vicki Satlow. Agradeço ao Aslan por me permitir usar a letra de "Down on Me".

Gostaria de agradecer às minhas amigas. Para proteger a paz mundial, vocês todas devem permanecer anônimas, mas obrigada pela amizade e, o mais importante, por partilhar as histórias pessoais até tarde da noite e nas primeiras horas da manhã; todas foram uma fonte inesgotável de inspiração para este livro. Relaxem, estou brincando... nunca ouvi nada, juro.

E, finalmente, gostaria de agradecer à minha Vida. Tem sido muito bom conhecê-la. Por favor, fique por perto.

Notas



[1] Destilado de cevada maltada ou batata, muito comum na Irlanda (N. E.).

[2] Coquetel feito com meia parte de Baileys e meia parte de licor de anis (N. E.).

[3] Bebida de alto teor alcoólico com sabor de anis (N. E.).

[4] Um tipo de jogo que exige memória e suposição. No Brasil, sua versão mais conhecida é a do jogo chamado Senha (N. E.).

[5] Pão indiano, arredondado e crocante (N. E.).

[6] *Souks* (ou *souqs*) é uma palavra árabe que significa “área de comércio, mercado ou feira”, como o bazar no Brasil (N. E.).